

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director: J. B. MAGALHÃES — Secretario: HUMBERTO CASTELLO BRANCO — Gerente: A. CHAVES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XVI

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1929

N. 182

Edição de 72 páginas

SUMMARIO

EDITORIAL

Pag.

O serviço militar e os que o combatem..... 3

COLLABORAÇÃO

Lembre-se da guerra — Dr. A. R. Carvalho de Brito.....	6
Política Organica — Pandiá Calogeras.....	9
Como organizar e o que é um Plano de Guerra — Cap. F. Saboia B. de Mello	24
Assumptos Navaes — Aviação — Comt. Muniz Barreto.....	27
Do Exame Medico em Educação Physica — Dr. Virgilio Alves Bastos.....	29
Organização e funcionamento da Observação nos corpos de tropa — Ten. Cel. Pauchaud.....	33
Estudos do Destacamento — Cap. Heitor Bustamante.....	38
Tres Conferencias — Ten. Cel. Barrand.....	42
Notas sobre a Instrucção de Conjunto no R C — Major Colin.....	48
O tiro na Artilharia de Costa — Cap. Ary L. M. Silveira.....	53
Parallelismo na linha de fogo — 1º Ten. Olivio Bastos.....	60
A Gymnastica funcional no App. Locomotor — 1º Ten. Castro Fretz.....	61
O fogo na defensiva — 1º Ten. Nilo Guerreiro.....	62
Subsídio para os Quadros de Reserva — Engenharia — Major A. Pamphiro..	64
Combate de Infantaria — Cap. Tristão Araripe.....	64

DA REDACÇÃO

Os novos aspirantes a oficial.....	20	A Importância das manobras de cavalaria.....	58
Como se fazem os Exercitos Eficientes.....	21	Bibliographia.....	67
Aviação Militar Franceza.....	28	Expediente.....	70
Em torno da lei do ensino.....	55		

Aos nossos collaboradores

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados
collaboradores o seguinte:

- apresentar os originaes sempre legiveis e,
se possivel, dactylographados;
- só escrever em uma das paginas das fo-
lhas do papel que utilizem;
- se se tratar de assumpto technico usar só-
mente as abreviaturas regulamentares e não esque-
cer as demais *regras prescriptas pelo R. S. C.* (qual-
quer edição) a respeito da graphia dos nomes de
localidades e estradas, orientação, etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de fa-
cilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das
vezes têm que soffrer completa remodelação, e
para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus
autores não tomam a si, como de direito, a tarefa
de apresental-os em condições.

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

J. B. Magalhães, Humberto Castello Branco, Alexandre Chaves (Directores) — Muniz Barreto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) — A. Pamphiro, Mario Travassos, Sayão Cardoso, Verissimo, Carnaúba, Bina Machado, Fernando Saboya (da Red.) — Toscano, Lage Sayão (da Adm.)

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

Q. G. 1^a R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D.G. — 1^o Ten. Quintella.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. G. I. G. — Cap. Raymundo S. Barros.
Dir. Av. — Cap. Aguialdo Caiado de Castro.
Ars. Guerra — 1^o Ten. Antonio A. Borges.
Ars. Guerra — Ten. Antonio A. Borges.
Fabr. Cartuc. — 1^o Ten. Sebastião M. Barreto.
M.M.F. — 1^o Ten. Jorge B. Guimarães.
S. G. M. — Cap. Heraldo.
E.E.M. — 1^o Ten. Franklin de Moraes.
E.A.O. — Cap. Octavio Paranhos.
E. P. L. — 1^o Ten. Pletz Espindola.
E. Av. M. — Cap. Dubois.
E. M. — Cap. Luiz Procopio.
Alumno João Bina Machado.
E. Int. — 2^o Ten. Ferich.
C.M. — 1^o Ten. Berzelius.
E.S.I. — 1^o Ten. Ignacio Rolin.
2^o R.I. — 2^o Ten. Fabio de Castro.
3^o R. I. — 1^o Ten. Aristoteles Ribeiro.
1^o R.C.D. — 2^o Ten. Alfredo A. Silva.

15^o R. C. I. — 1^o Ten. Pletz Espindola.
1^o G.A.Mth. — 1^o Ten. Virgilio de Carvalho.
1^o R.A.M. — 2^o Ten. Antonio H. A. Moraes.
2^o R.A.M. — 2^o Ten. Antonio Maráu.
1^o G.I.A.P. — 1^o Ten. João M. Lebrão.
Forte Copacabana — 1^o Ten. Geraldo de Almeida.
Fortaleza Santa Cruz — 1^o Ten. Faustino.
Forte Vigia — Cap. F. Fonseca.
Forte Lage — 1^o Ten. Couto Ramos.
1^o B.E. — Cap. Adalberto Albuquerque.
1^o Cia. F. Viaria — 1^o Ten. Nylson.
C.C.C. — 1^o Ten. Adalberto Coelho.
1^o Cia. E. — 1^o Ten. Carneiro da Cunha.
F.S.D. — 2^o Ten. Waldemar Fretz.
1^o Cia. Adms. — 2^o Ten. Otton Barbosa.
Regimento Naval — Cmt. Santa Cruz.
Av. Naval — Cmt. Appel Netto.
Flot. Sls. — Cmt. Christiano de Figueiredo.
P. M. D. F — Cap. Souto Mayor.
Club Off.Res. — Cap. Valença.
C. P. O. R. 1^o R. M. — 1^o Ten. João M. Lebrão.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2^a D. I — São Paulo — 1^o Ten. Costa Leite.
Q. G. 3^a D. I. — P. Alegre — Cel. Amilcar Magalhães.
Q. G. 4^a D. I. — Juiz de Fóra — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 5^a R. M. — Curityba — Cap. Aché.
Q. G. 6^a R. M. — Bahia — Cap. Nobrega Filho.
Q. G. 7^a R. M. — Recife — Ten. João Facó.
Q. G. 8^a R. M. — Pará —
Q. G. Circums. M. — Campo Grande — Cap. Alcêdo.
Fab. de Polvora — Estrella —
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C.M. — Porto Alegre — 1^o Ten. Nestor Souto.
C.M. — Ceará — 1^o Ten. Tullio Belleza.
4^o R.I. — Quitaúna — Cap. Augusto J. Souza.
6^o R.I. — Caçapava — 1^o Ten. Arlindo Nunes.
7^o R.I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Botelho.

8^o R. I. — Ten. Cicero Marques.
9^o R.I. — Rio Grande — 1^o Ten. Edgard Buxbaunn.
10^o R.I. — Juiz de Fóra — 1^o Ten. Armando B. Moraes.
11^o R.I. — S. João d'El-Rey — 2^o Ten. Hugo Faria.
13^o R.I. — Ponta Grossa — Cap. Raymundo Fontinelli.
1^o B.C. — Petropolis — 1^o Ten. Bonorino.
2^o B.C. — S. Gonçalo — 2^o Ten. Francisco P. Quedes.
3^o B.C. — Victoria — Cap. Amadeu Bahia.
4^o B.C. — S. Paulo — 1^o Ten. Saboya.
6^o B.C. — Ipamery — Ten. João C. Gross.
7^o B.C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
8^o B. C. — S. Leopoldo — 2^o Ten. A. Vianna.
9^o B. C. — Caxias — 2^o Ten. Aveline.

(Continua)

- 10º B.C. — Ouro-Preto — Cap. Mariano Chaves.
 13º B.C. — Joinville — Cap. Cesar Gonçalves.
 15º B.C. — Curityba — Ten. Domingues dos Santos.
 16º B.C. — Cuyabá — 2º Ten. Alves de Lima.
 17º B.C. — Corumbá — 2º Ten. A. Xavier.
 19º B.C. — Bahia — 2º Ten. Joaquim Monteiro.
 21º B.C. — Recife — 1º Ten. Oliveira Leite.
 22º B.C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisbôa.
 24º B.C. — S. Luiz — 2º Ten. José Maria Rodrigues.
 25º B.C. — Therezina — 2º Ten. Isidoro de Freitas — Cap. Salgado dos Santos.
 27º B.C. — Manáos — Cap. Salgado dos Santos.
 28º B.C. — Aracajú — 1º Ten. Isaias.
 2º R.C.D. — Pirassununga — Cap. Alcides Lauriódó.
 3º R.C.D. — Jaguarão — Cap. Aureliano.
 4º R.C.D. — Tres Corações — 1º Ten. Goulart Bueno.
 1º R.C.I. — Boqueirão — 1º Ten. Ortega Novaes.
 2º R.C.I. — S. Borja — 2º Ten. Anaurelino.
 3º R.C.I. — São Luiz — 1º Ten. Steliano da Costa.
 4º R.C.I. — Sto. Angelo — Maj. Soares da Silva.
 5º R.C.I. — Uruguayanna —
 6º R.C.I. — Alegrete —
 8º R.C.I. — Rosario — Cap. Achilles Coutinho.
 10º R.C.I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
 11º R.C.I. — Ponta Porã — 2º Ten. Henrique Rodrigues.
 12º R.C.I. — Bagé — 2º Ten. Emilio Medici.
 14º R.C.I. — D. Pedrito — Ten. Hercio Lemos.
 R.A.Mixto — Campo Grande — Ten. Cid. Oliveira.
 4º R.A.M. — Itú — Cap. Manoel Nobrega.
 Ten. Sylvio Flemig.
 5º R.A.M. — Santa Maria — Cap. Léo Cavalcanti.
 6º R.A.M. — Cruz Alta — 1º Ten. Frederico Droumond.
- 8º R.A.M. — Pouso Alegre — 2º Ten. Clovis S. Barros.
 9º R.A.M. — Curityba — 1º Ten. Oscar G. Amaral.
 2º G.I.A.P. — Quitaúna — Ten. Horacio Gonçalves.
 3º G.I.A.P. — Cachoeira — 1º Ten. Orlando Geisel.
 5º G.A.Mth. — Valença — Cap. Hermes de M. Portella.
 1º G.A.Cav. — Itaqui — Cap. Euclides Sarmiento.
 2º G.A.Cav. — Alegrete — Cap. Fabricio.
 3º G.A.Cav. — Bagé — 2º Ten. Balthazar.
 5º G.A.Cav. — Sta. Anna do Liv. — Cap. Americano Freire.
 4º B.E. — Itajubá — Ten. Abreu Sobrinho.
 1º B.F.Viaro — Sto. Angelo — Ten. Paulo Leite.
Forte de Itaipús — 2º Ten. Abelardo Marcondes.
Guarnição de Bello Horizonte — Ten. Coelho dos Reis.
Guarnição de Florianopolis — 2º Ten. Orlando Gomes.
Guarnição de São Gabriel — Cap. Geraldo Da Camino.
Força Publica — São Paulo — Cap. José M. dos Santos.
Força Publica — Pernambuco — Cap. José A. Figueiredo.
Força Publica — R. de Janeiro — Cap. Collares Moreira.
Brigada Militar — R. G. do Sul — 1º Ten. Alcindo Nunes Pereira.
 1º Batalhão da B.M. — Porto Alegre — Acácio F. Oliveira.
Força Estadual — Ceará — 1º Ten. R. Jourdan.
Força Estadual — Sta. Catharina — 2º Ten. João Walheimer.
Força Estadual — Matto Grosso — Major Aristides Prado.
 C.P.O.R. 3º R.M. — Porto Alegre — Cap. Salvador Obino.

Director de publicidade Odilon de Queiroz Jucá

ATTENÇÃO

Mudou a côr da capa

Lembramos aos nossos prezados representantes e assinantes:

- a) Este é o ultimo numero que enviamos aos assinantes que ainda não pagaram o 1º semestre do corrente anno.
- b) Não basta pagar, mas é preciso **PAGAR ADEANTADO** e a remessa das importâncias à The-souraria da Revista deve ser feita com a **INDISPEN- VEL OPPORTUNIDADE**;
- c) Seremos obrigados, pelos encargos assumidos, a considerar **SEM LIGAÇÃO** qualquer assinatura que **SE NÃO TENHA QUITADO ATÉ O MEZ DE FEVEREIRO** (incl.), suspendendo, em consequencia, a remessa da Revista.
- d) A Direcção não se responsabilisa pelas faltas resultantes na não participação em tempo, da mudança de endereço por parte dos assinantes.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Diretor — J. B. Magalhães Secretario — Humberto Castello Branco Gerente — A. Chaves
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DO OUVIDOR, 164

ANNO XVI

RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1929

N. 182

EDITORIAL

O serviço militar e os que o combatem

Campanha de imprensa recente e que ameaça recrudescer oppõe-se ao serviço militar obrigatorio e faz-lhe a contra propaganda sob fórmas varias e diversos aspectos, no momento mesmo em que as autoridades confessam sua fallencia abrindo o voluntariado para preencher os nossos escassissimos effectivos de paz.

Ha, portanto, uma crise grave que é preciso conjurar quanto antes e tanto mais quanto os empenhados na campanha contraria denunciam, uns suas intenções francamente revolucionarias e outros a de explorar a crise em proveito meramente pessoal.

Uns, moldados por velha demagogia revolucionaria lançam argumentos cuja força unica, e evidente esperança de vencer, repousa na confiança das impressões do escandalo pela insultuosa linguagem que usam. Outros, apegando-se á erros ou falhas de uma praticagem imperfeita, pretendem encontrar na fórmula mesmo do serviço militar motivos de degradação humana, sem reflectir que no Exercito como alhures são sempre as mesmas leis que presidem aos agrupamentos humanos cujos membros devem agir num destino communum, para alcançar um mesmo objectivo.

Alem destes, outros ha que vizam apenas obter lucros materiaes, sem levar em conta o mal que fazem ao interesse geral, sacrificando tudo aos successos de livraria que procuram.

A estes também se filiam até funcionários publicos e da justiça esquecidos que bem melhores serviços prestariam á comunidade, e ateis seriam, apontando os vicios da justiça e das praticas das repartições onde a corrente voz publica encontra razões para graves queixas, que interpretando incompletamente e ao seu sabor certos factos e generalisando erros e insufficiencias evidentemente restrictos e facilmente corrigiveis.

Os primeiros muitas vezes movidos por um sentimento pacifista sincero e por credos que, embora revolucionarios apresentam a bôa intensão de pretenderem propugnar pelo bem publico, têm seu mais grave defeito em serem

absolutistas, considerarem-se de summo valor intellectual e negarem aos outros valor intellectual e intenções honestas; estes merecem alguma consideração.

Os ultimos que consideração podem merecer se nem mesmo se escudam em presumivel sinceridade ?

Em todos, quer descutam de bôa ou de má fé, ha graves infracções de logica. Elles põem de lado a questão principal a que não atendem: as necessidades da guerra moderna. Logicos são apenas os que negam a Patria e a consideram uma "estupidez humana" e em consequencia combatem o serviço militar cujo unico objectivo é claramente o serviço dessa "estupida concepção".

Mas, mesmo estes, forçados a dar satisfação a evidencias que não podem negar — a guerra ainda existe e é preciso estar preparado para fazê-la — pretendem substituir o serviço obrigatorio pelo scotismo ou instituições congeneres sem reflectir que assim querem substituir o serviço militar por si mesmo. De facto, se a instrucção do escoteiro satisfizesse as necessidades da guerra e si todos os cidadãos recebessem esta instrucção que necessidade haveria de outro serviço militar ?

Tal erro se origina da incomprehensão das forças armadas olhadas ainda sob aspectos absoletos, do tempo em que eram instrumentos de grandes senhores. A discussão assim orientada nada constroe de real, de util, de positivo.

* * *

A guerra é hoje detestada em todo mundo e por toda a gente, mesmo pelos militares. Os que accusam ver nos militares apologistas da guerra ou não são sinceros ou ignoram o que se passa na actualidade deixando-se ficar atrazados varias decadas, pelo menos. Os ultimos propagadores das virtudes e da necessidades da guerra parece terem desapparecido definitivamente com a Alemanha imperialista.

Mas o mundo não achou ainda meios de eliminar as guerras.

A politica está atrazada e insufficiente e não sabe prescindir della. E' perigoso, portanto, para qualquer paiz descurar a hypothese de se ver lançado nella. E a menos que renuncie decisivamente á lucta, á sua liberdade collectiva e se predisponha a aceitar o jugo de qualquer outro povo ou governo, é sensato constituir-se os meios de oppor-se a qualquer acto de força. Taes meios, em quanto não houver uma **vigilante polícia internacional** só podem ser a força, a força maxima de que é capaz a nação.

Que os armamentos sejam um mal, porque pesam directamente na economia nacional ninguém contesta. Entretanto tendo em vista o estado da civilização, o que se passa na sociedade internacional, as nações honestas devem consideral-os como um premio de seguro de vida, com a particularidade aqui notavel de poder exercer uma accão preventiva.

Quem estuda o que se passa no mundo actualmente, particularmente na America e mais particularmente ainda na America do Sul, vê a previsão de uma guerra claramente em fóco.

Alem da disputa americano-inglez pela supremacia naval, ha a considerar não só o entrechoque de correntes que incidem sobre a America do Sul (capitaes, immigrações e tudo que lhes é correlacto) a situação particular desta em relação ao mundo com seu desequilibrio economico e suas theories e sentimentos egoistas, como os sonhos que imperam em certas regiões, onde cerca de 30 annos de trabalhos continuos, systematicos e bem orientados, conseguem realizar um poder militar relativamente consideravel e absolutamente preponderante no continente.

Só no Brasil os interesses da defesa nacional se discutem ainda em pontos primaciaes e elementares e não conseguem ter satisfação normalmente orientada.

Deante um tal espectaculo só aquelles que desprezam a "estupida idéa de patria", como dizem, podem ficar tranquillos e combater instituições como o serviço militar obrigatorio.

O espectaculo das uniões nacionaes casando todos credos philosophicos, politicos e religiosos nos campos de batalha de 1914, deverá ao menos despertar a idéa de que a estupidez da concepção da patria é alguma cousa mais que abstração... Deante da aggressão, aquelles mesmos que combateram as medidas de previsão vão voluntariamente á guerra inflamados pelos brios collectivos, mas, então bem mais consideraveis são os sacrificios...



E' positivamente uma attitude inconveniente querer invalidar instituições quaequer pelo facto de serem falhos seus resultados pra-

ticos quando não são elles praticadas. Em tal caso o que cumpre é executal-as com rigor e só condemnal-as quando ficar constatado que as falhas provêm realmente d'ellas e não da insufficiente intelligencia ou moralidade dos homens incumbidos de as realizar.

Não se pode argumentar contra o serviço militar no Brasil cousa alguma porque não foi executado esse serviço. Em primeiro logar, o Exercito mal estava preparado, para receber donde resultam falhas, que podem ser facilmente corrigidas. Em segundo logar, não são sinceros os dirigentes quaequer da sociedade brasileira, mal acostumados a cumprir e fazer cumprir as lei e a Nação não tinha cultura sufficiente, para exercer um serviço nacional dessa natureza sem a isso ser seriamente compellida.

Mesmo assim, balanceados os resultados geraes nenhuma duvida temos de que os resultados são favoraveis ao ensaio de serviço feito entre nós na época pre-revolucionaria ante do grande periodo critico por que vimos de passar.

Mesmo assim não chegou a dar os resultados que poderia ter dado se as nossas camadas directoras de toda ordem tivessem outros habitos e outra educação em relação ao respeito e cumprimento das leis publicas.

Bem executado, seus resultados, dadas as condições peculiares ao nosso paiz, têm de ser necessarios e fortemente lucrativos; **Lucros de ordem intellectual** por que os analphabetos na caserna aprendem a ler e os letrados encotram excellente campo de observação e estudo; **Lucros de ordem physica** porque a educação physica é regulamentada com rigor scientifico deve ser systematicamente executada; **Lucros de ordem social** porque ha de haver na caserna o contacto em igualdade de condicções das diversas camadas sociaes, num trabalho de objectivos communs, contanto que o serviço seja honestamente praticado; **Lucros de ordem moral** porque nessa accão conjunta todos os resultados dependem de disciplina, solidariedade, subordinação voluntaria, postas em maximas evidencia na instrucción guerreira, virtudes estas necessarias e utilissimas a vida social do homem, mesmo comunista.

Alem disso, para o Brasil, paiz novo, ma povoado, de immigração intensa e multiforme o serviço militar é um factor energico pr cohesão nacional.

A argumentação contraria ao serviço militar porque este desvia o homem do campo para a cidade, é um erro de observação. Aquel phemoneno dá-se facilmente, e pode ser facilmente constatado, em relação ao voluntariado. As levas que este atrahe, notadamente do Norte do paiz, são de fugitivos ou fracassados, que depois não querem mais abandonar os centros onde encontram relativo conforto e meios facil de viver.

Tal phemoneno nunca foi observado nos estados que têm vida de campo organisada,

onde o serviço militar foi melhor praticado, notadamente Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catharina, São Paulo.

Seja, porém, como fôr, se aqui o serviço militar não der resultados positivos não se deve condenal-o sem examinar as causas do insucesso: ou o Exercito, os quadros permanentes são incompetentes e é preciso corrigil-os, regenerar-los expurgando-os dos maus elementos, instruir-los ou educal-los, ou os dirigentes nacionaes não cumprem e não fazem cumprir as leis republicanas que regem o serviço.

Num caso ou n'outro nunca a acção pode ser inutilizar a capacidade guerreira da nação, em vista das condições de tempo e dos meios de combater da guerra moderna, combatendo uma instituição de importancia capital.

* * *

O serviço militar tem um objectivo principal a cumprir: habilitar a massa dos cidadãos validos a combater. Seja qual for a forma de sua realização si attingir os resultados visados, ensinar o cidadão a combater, nada mais é preciso dar. Os outros resultados são-lhes accessórios e derivados das circunstancias em que elle é praticado: o essencial é a habilitação ao combate.

Até ha pouco tempo, a capacidade de atirar ao alvo e a capacidade de esforço, quasi que bastavam a grande massa dos cidadãos, como preparação para a acção em combate, sendo relativamente facil enquadrar-los e derigil-los apôs uma simples instrucción subsidiaria. Com a condição, porém, que os cidadãos tivessem consciencia de seus deveres civicos. Hoje não basta isso. Hontem o fuzil era a arma do combate. Hoje o fuzil é arma de acção individual, a arma do combate é a arma automatica, o fuzil metralhador a metralhadora leve e pesada; o engenho de acompanhamento; as granadas. Cada um destes elementos tem sua technica especial e condições especias de emprego e todos elles devem agir, na offensiva ou na defensiva, em combinação.

Bastam estas considerações para ver quão longe andam da realidade os que querem ver somentes no serviço militar as aprendizagens formalisticas, a aquisição do habito de efectuar movimentos marcados a rufos de tambor e toques de cornetas.

Hontem o campo de batalha era épico e theatrical; hoje é a tempestade de ferro e fogo sobre os campos onde a vida não aparece. O campo de batalha de hoje representa o vacuo, como imagem, aos combatentes...

Não basta portanto, uma preparação sumaria.

* * *

Os paizes que mais ricos são e que não podem dispor de effectivos relativamente grandes que permittam a incorporação ao Exercito de classes inteiras de cidadãos validos, têm no momento actual na Alemanha, um modelo a

seguir. O Exercito destina-se a preparar os chefes de todos grãos e os graduados necessarios ao enquadramento de toda a nação mobilisavel

A elle devem ser incorporados, então, não a escoria ou os mais incapazes como aqui se quer, mas justamente os mais meritosos ou mais capazes de dirigir e commandar. Alguns cidadãos ha que por suas funcções de paz podem prestar serviços de guerra com uma aprendizagem supplementar facil'ma de adquirir, estes ficam naturalmente isentos de incorporação.

Para que o serviço militar, porém, não possa ser arguido de uma injustica social preciso é que todos os cidadãos sejam a elle sujeitos: ou pela incorporação directa ao exercito activo durante determinado tempo ou pela obrigação de receber a instrucción que é possível ser ministrada sem a incorporação directa.

Esta ultima teria fante de ser reduzida a questão elementar. altura physica, conhecimento do armamento e seu emprego inclusive a pratica do tiro das diversas armas; e poderá ser ministrada em instituições subsidiarias onde seria banida a idéa falsa do **paradismo** ou nas proprias casernas. Todos os cidadãos da classe annual seriam obrigados a comparecer e a instruir-se desse modo, mesmo sem serem incorporados. Essa instrucción elementar que recebessem seria depois completada pela incorporação para manobras annuas.

Com tal regimen desapparecia o caracter odioso que pode ter o sorteio nos paizes de fracos effectivos.

Conscientemente praticado, seriamente executado a comprehensão da necessidade do serviço militar seria generalizada e enquanto houvesse possibilidade de guerra, não admittiria contestação, porque os cidadãos saberiam ou far'am uma idéa mais justa do que é necessário para fazê-la.

Seja, porém, qual fôr a forma do serviço militar, mal executado sua acção torna-se desmoralizadora, sua necessidade natural e logicamente incomprehendida.

A responsabilidade dos militares no assunto restringe-se a especie de instrucción que ministrarem. Si o cidadão saiu da caserna sem ter uma idéa do combate, idéa justa, sua falta é consideravel e imperdoável.

A responsabilidade do resto cabe aos outros elementos da nação porque inclusive tem elles meios de corrigir as insufficiencias dos militares se estes não satisfazem aos seus deveres. O contrôle não demanda technica especial, constata-se pelas resultados visiveis a quaesquer olhos racionaes e os erros se corrigem pelas grandes medidas de carácter geral. Sem instrucción militar é que não se faz a guerra. Não se a evita por falta de capacidade para fazê-la.

Antes por tais meios convida-se a ella os que têm meios e objectivos a realizar mesmo injustos e retrogados...

Lembræ-vos da Guerra

(Pelo DR. ANTONIO RAMOS CARVALHO DE BRITO)

Significação desta expressão — A necessidade da guerra — Seus elementos — Defesa Nacional — Constitucionalidade — Caracter e objecto da defesa nacional — Critica — O Conselho de Defesa Nacional.

Esta inscrição que "A Defesa Nacional" applica como aspas ou orla para enfeixar e guarnecer a sua materia illustrativa, não é certamente um adorno literario. Tem uma, tem mais, tem funcções; é uma expressão designativa do seu programma, uma formula synthetica do fim da sua actividade; é um pharol, cuja luz se incumbe de atear, para annunciar á desplicencia patriotica o perigo, que corre a vida social, pelo abandono do assumpto tão relevante que symboliza.

Pedimol-a de emprestimo para epigraphar a série de considerações do conjunto destas linhas, por suppormos, o objecto tratado, enquadrado na intenção do seu sentido.

"Lembræ-vos da Guerra" não é um impeto de alarme, um incitamento bellico, nem o prenuncio de guerra; mas o estimulo do preparo, no que respeita ao acondicionamento da Nação á contingencia de uma luta armada.

A guerra, como as catastrophes, as epidemias, as erupções vulcanicas, não têm data; irrompem sem prenúcio.

As sociedades já foram comparadas aos mares que, na sua calmaria escondem os abrolhos e neste mesmo estado se agitam em convulsões repentinhas supportando a passividade de effeitos de causas exteriores ou a repercussão de phenomenos estranhos.

Nas sociedades, tambem, dentro da sua normalidade se sacodem revoluções oriundas de questões sociaes latentes, assim como no seu cultivo pacifismo se reflectem as expansões de phenomenos alheios.

As dissensões, as rivalidades, a ambição, a intensidade de sentimentos diversos, todo genero de causas geradoras de guerra, podem actuar na propria mantida harmonia, e o momento surge inesperado em que uma Nação se vê envolta numa contenda, servindo de alvo á hostilidade imprevista, impondo-lhe o sacrificio á luta armada.

Si bem que se vão desapparecendo do quadro internacional os casos que faziam a preocupação de outr'ora, para justificar o assarilhamento das armas, como a conquista, as religiões e as paixões individuaes das realezas, erigidas a razões de Estado, e em theoria se tenha limitado os fundamentos das guerras á conservação territorial, á integridade de soberania e ao predominio da independencia, ainda assim as susceptibilidades internacionaes podem converter em ataques a estes predicados qualquer acto inintencional, agitando a resolução de guerra em desafogo, encobrindo a insidie com a intenção diferente attribuida.

Além disso as competições de fundo economico, ou simplesmente a expansão commercial e todas as direcções fundadas em interesses ma-

teriales impulsionam a luta armada.

E achado o pretexto é fatal a guerra em defesa do ataque, a contragosto da mais pacifica das Nações.

* * *

O espirito internacional actual, ainda influenciado pelo cataclisma da guerra europea preoccupa-se em banir o emprego da força nas delendas internacionaes, tal como fizeram as sociedades civilizadas nas suas organizações, estabelecendo uma ordem identica a estas instituidas para as soluções dos litigios internos.

Mas estas sociedades têm como modo de garantia a propria força legalizada, como meio de coerção e obediencia.

E a adopção desta mesma garantia, internacionalmente, redundará na instituição da guerra.

Assim o estabelecimento de um *forum* para o direito das gentes labora um circulo vicioso.

A sancção internacional não pôde fugir do mesmo sistema de decisão de duvidas e litigios; não existe outro meio de obrigar nest'ordem senão a propria guerra.

Apenas, adianta um passo, o conhecimento internacional officialmente das causas justificativas, e de antemão a quem pertence a justiça do procedimento.

De modo que os tentamens, por mais bem orientados que sejam neste sentido, não obstante a reconhecida conveniencia universal, ceder à contingencia inevitável da impossibilidade de ser substituida a guerra por outro meio suassor ou contencioso, porque não existe outro meio coercitivo.

Si assim é, cada Nação tem, como corollario da sua existencia que se constitue de território soberania e independencia, o dever de se premunir contra a eventual possibilidade de luta em tempo indeterminado e occasião imprevista.

* * *

A necessidade immanente relativa era no direito internacional caracterizada na maxima vis *pacem para bellum*.

Nella se attendia ao lado pratico de manutenção de forças, abastecimento de material bellico e de todos os elementos necessarios á guerra em permanencia, e ao moral do respeito que impunha o aparelhamento previdente, conhecido e ostentado.

No momento actual de progresso material e evolução social, as nações não podem abster-se a esta preoccupação, nem mesmo para poderem suppor-se satisfeitas em completo, porque o maior que seja o seu contingente armado, nunca poderão attingir ao grão de superioridade na competição hegemonica.

A guerra não tem a sua victoria em relação com a força material, mas no desenvolvimento da estratégia, nas circumvoluções da intelligencia armada.

O pregar de guerra não é acumular, fundir e guardar canhões, porque todos estes instrumentos são diariamente innovados; a industria não pára, acompanha o espirito que não desceansa, tudo é novo em cada guerra.

São multiplos e varios os objectos que prendem a attenção; um turbilhão de outros elementos se congregam em torno da guerra, de carácter diferente do desta materialidade, com ella relativos e que exigem maior solicitude.

A esta classe é que se relaciona o "Lembrae-vos da Guerra".

São elles o principio de correlação da sociedade com a guerra; a efficiencia moral da Nação, a adaptação intellectualmente dirigida.

E' todo um efecto consistente no pregar e disposição da sociedade no modo como deve contribuir para a guerra, de modo proveitoso, sem prejudicar a sua vida e o seu movimento, antes, durante e após a guerra; é a defesa nacional.

A defesa nacional não se titula a acção de apresto militar ou a absorção da economia pública no emprego de instrumentos e utensílios que dêem capacidade, pelo menos apparentemente, e estagnar forças a tornar invencível; mas a disposição social na proporcionalidade e cultura á interviro na luta, ou o acondicionamento da normalidade social á previsão, e dentro da anormalidade que a guerra suggera.

O seu fim é prevenir o equilíbrio social ou colligir a adaptação dos elementos sociaes em cooperação, sem ser perturbada a sociedade pela luta.

* * *

Não é certamente no estado de guerra, nem sob os auspicios dos seus dirigentes que se deva dar pratica coherente á defesa nacional.

Constatar como cada elemento social pôde e deve, sem perder a sua natureza e efficiencia contribuir para a guerra, dispõ-lo nessa direcção que é conservar-se na sua actividade propria, mas relacionada com a acção necessaria daquelle, não faz parte da função militar.

A função militar é de instrução, de adaptação absoluta e não relativa; de technica de guerra e não de administração social.

Não faz parte do seu papel procurar na sociedade os elementos de que necessita, mas de recebel-os para applicar.

A defesa nacional, tem como fim directo a sociedade e indirecto a guerra.

A sua natureza é assim administrativa; acha-se, portanto comprehendida na acção politico-social.

* * *

Sob o ponto de vista constitucional se acha comprehendida implicitamente no art. 14 da Constituição Federal.

Ahi se dispõe:

As forças de terra e mar são instituições nacionaes permanentes destinadas á defesa da patria no exterior e a manutenção das leis no interior.

Esta disposição constitucional suscitou uma censura que a taxou de impropria e excessiva,

por isso que não se conciliava com a materia politica do corpo em que se a collocou; como, competindo ás forças armadas estas funcções pela propria natureza da sua instituição, a qualidate que se lhe investira do caracter politico, derivado, dava-lhe a conformação de um poder extraordinario, independente, ao lado dos Poderes do Estado.

Entretanto esta disposição constitucional é simplesmente declarativa de uma transição.

No regimen anterior á sua promulgação as forças armadas transpareciam orgãos da autocracia, com a função primordial de servir ao throno.

A Constituição teve em vista dissipar este aspecto e precisar-lhes, no regimen novamente constituído, a verdadeira natureza de orgãos da Nação, e ao mesmo tempo definir-lhes a qualidate de federal, por isso que só a União tem o poder de constituir forças desta ordem.

Esta foi a intenção constitucional; tanto que como complemento desta disposição, para annullar a autonomia das forças, o texto apparentemente declarava, a seguir, o seguinte:

A força armada é essencialmente obediente, dentro dos limites da lei, aos seus superiores hierarchicos, e obrigada a sustentar as instituições nacionaes.

A disposição inteira determina explicitamente que as forças armadas são destinadas á defesa da patria e garantia das leis pelo modo como devem obedecer aos seus superiores hierarchicos.

Embora sem a primeira nitidez, pelo modo objectivo que se orientou, esta disposição constitucional comprehende os dois elementos, o material e o normal ou intellectuai, da função da força armada. O material, objecto exclusivo militar, o que concerne á defesa da patria e manutenção das leis, e o moral da iniciativa peculiar de competencia dos superiores hierarchicos, isto é, dos Poderes do Estado.

Ora, não só porque as forças armadas se acham sob esta dependencia, como porque *ao poder de exigir obediencia se colliga o dever de fornecer os elementos proprios ao acto exigido, deprehende-se como correlata á esta obediencia o fornecimento dos meios para o cumprimento respectivo.*

De facto quem habilita as forças armadas com os meios materiaes para agir é o governo, ou a administração publica geral.

Mas a acção das forças armadas, a guerra, que é a principal, não exige apenas a *contribuição de meios materiaes*, exige uma *cooperação da sociedade*. Ha elementos sociaes que lhe interessam e os quaes devem preencher necessidades da guerra e, que sendo sociaes, servem-lhe por adaptação *ad rem*.

Esta ultima classe de elementos originada de uma relação da sociedade com a guerra e que constitue em principio o objecto da defesa nacional é assim implicitamente contida na Constituição Federal como estranha á função militar.

* * *

A função militar é technica, é toda de applicação dos elementos directos ou adoptados á guerra. Mas a conveniencia e aptidão, a dis-

posição de propriedade e o modo como devem satisfazer á necessidade relativa, sem detimento da função social, lhe é excedente, e é propriamente o que constitue o objecto da defesa nacional.

A esfera de atribuições propriamente militares constitue uma situação definida. Sabe-se o que comprehende e ao que se extende. Tem a sua escola.

Mas o tocante á defesa nacional propriamente tudo está por estabelecer-se a começar por ser classificado o seu objecto específico e determinar a competencia a que se deve subordinar. Desenvolve-se sob os auspícios da função militar, pois, pela correlação de objecto do que pela homogeneidade; o que a torna falha, porque a acção militar submette os meios ao fim que tem em vista sem medir as consequencias, senão derivados da sua acção para produção deste fim.

O objecto da defesa nacional pôde, porém, ser classificado como o conjunto de condições sociaes que se interessam na guerra, os quaes devem ser determinados na paz pela administração geral do paiz.

Estas condições podem em geral ser classificadas em tres ordens: moral, social e militar.

A moral consiste na educação do povo, exercitando do seu patriotismo a necessidade de concurso espontaneo ás injunções da guerra.

A social na disposição proporcionada do homem e das industrias, principalmente fabris, agricolas e de transporte, no que se relacionam com a guerra.

E a militar na applicação de todos estes elementos ou a mobilização que constitue o intrito da guerra.

O homem e as industrias não são elementos propriamente militares, mas civis.

A função militar lhes é accidental.

A sua applicação no caso de guerra não lhes faz perder a sua natureza nem lhes pôde absorver a actividade que deve ser precipua em estado de guerra, e como objecto da defesa nacional a administração qual é que deve contrabalançar a actividade de modo que não seja a sociedade perturbada com a falta.

O serviço militar exige, por exemplo, homens de compleição robusta. Mas não se pôde observar esta necessidade em absoluto, nem excludentemente.

Existem dentro da sociedade certos serviços que não podem, por sua natureza especial, ser praticados senão por homens desta natureza, como outros pela sua especialidade não podem ser delas retirados.

Assim tambem esta necessidade não exclui os homens fracos, que podem ser applicados a serviços de guerra como auxiliares robustecendo indirectamente o activo militar.

Assim tambem existe na sociedade o instituto da desapropriação por utilidade publica e na mesma lei se estabelece a desapropriação no estado de guerra por um modo especial; constróem-se estradas de ferro para o transporte ordinario, mas dispondo-as á necessidade estratégica eventual, predispõem-se navios mercantes pelo seu apparelhamento a servir em caso de guerra, e dá-se instrucção de serviço militar ao civil que se reintegra á sociedade sob a condição de reverter ao mesmo no caso de guerra.

Estes casos de congregação da vida social com a militar assim indeterminadamente instituídos devem ser generalizados a todos os objectos sociaes que entretêm ou devem entreter relações com a guerra, num sistema de coordenação do que a pratica insinua. Assim por exemplo o serviço de guerra, exigia em certos mistérios a contribuição feminina, principalmente no serviço de hospitaes de sangue.

Na guerra de 1914 este serviço ampliou-se e a mulher tomou a iniciativa de substituir o homem nas suas occupações sociaes. A adaptação e efficiencia estimulou o feminismo.

E a mulher que vinha agindo nesta propaganda encontrou no facto o fundamento á colaboração de modo a instituir a pratica da sua actividade em geral, o que sob este aspecto é um caso de defesa nacional.

Todas estas circunstancias que constituem a relatividade do estado social com o de guerra não podem ser relegados ao estado desta, nem á função militar.

Devem ser methodizados num trabalho preambular em vista da conservação social.

* * *

A defesa nacional é assim um assumpto tendente á instituição como uma teoria de guerra, como preparo intellectual da sociedade de mais merecida attenção que o proprio abastecimento de munições.

O fuzil e o canhão, os materiaes bellicos, fabricam-se, adquirem-se no momento preciso, mas a disposição destes elementos sociaes implicados na luta não estão no mercado, nem se improvisam.

O seu descurramento ou a imperfeição de discernimento pôde suscitar mal maior do que os proprios intuítos da guerra. Entende-se com o anniquilamento e desorganização social que podem reverter em victoria contraproducente.

O facto característico de Pyrrho, rei de Epiro, que teve na sua imprevidencia a neutralização ou efecto reversivo da sua victoria na luta com os romanos, é um exemplo, como o é o succedido na Russia na guerra de 1914, que, por não prever, fez surgir dentro do seu territorio uma calamidade maior do que se tivesse sido vencida na guerra em que collaborou.

* * *

A importancia do assumpto já chamou a attenção dos nossos governantes e esta se manifestou na criação de um corpo incumbido da orientação sob o titulo de Conselho da Defesa Nacional.

Mas apesar de instituido por mais de um anno, nada promoveu que por sua vez manifestasse o reconhecimento da necessidade da sua função.

Existe assim apenas o instituto encarregado desta missão ainda não regulamentada nem activada, o que se não coaduna com a imperiosa necessidade de dar pratica uniforme á defesa nacional.

Assim o clamor incessante d'A Defesa Nacional pelo "Lembrae-vos da Guerra", é uma sua notável expansão patriótica, o clangor de uma trombeta neste campo superior ao em que se travam as batalhas, em que se chama, não ás armas, mas á defesa social, a defesa nacional.

Política orgânica

PROBLEMAS DE GOVERNO

Por PANDIA' CALOGERAS

"Grave erro tende a generalizar-se no Brasil. As tristes deficiencias moraes de alguns depositarios do poder publico são injustamente attribuidas ao conjunto desses funcionários. Ao invés de lutar e sanear o ambiente pelo exemplo, pelo esforço e pelo sacrificio, preferem muitos, por egoismo commodo, deixar de lado a esteril agitação governativa, subsidial-a mesmo, toleral-a como calamidade ineluctável e fazer vida a parte de labor e progresso."

N. R. — Para o conceito da defesa nacional, as vistos de conjunto sobre os problemas nacionaes têm uma importancia maxima, absolutamente dominante. E nenhuma questão poderá ser dada como solucionada si, tomada isoladamente, não se levarem em conta suas relações directas, e até indirectas, como o volume das outr questões que formam o complexo dos interesses nacionaes. E' obvio. Aquelas mais avultam, e sobre as quaes pôde dizer-se assentam todas as outras, são as questões economicas, muito notadamente quando se considera a nação em guerra, onde elles tomam um relevo despótico. Desde as razões ou cuses de guerra até as modalidades de sua execução e as finalidades que se procura tirar ás guerras, uma vez desencadeadas, os problemas economicos aparecem sempre fortemente vinculados e influentes em todas as decisões.

De resto, nenhuma guerra pôde ser victoriosa, tenha ella intuitos offensivos ou defensivos, sem que se assegure a situação economica. Por isso se crê, desde muito tempo, que o dinheiro é o nervo da guerra. E o dinheiro, nervo da guerra, nada mais é que o saldo do balanço economico da nação.

Pesquisadas, as guerras são sempre no fundo provocadas e excitadas por causas economicas e seu desenrolar segue sempre, preso e amarrado, nitidamente aos recursos de toda especie de que a nação pôde dispor. A conducta das operações, quer estrategicas quer tacticas, depende muito desses recursos, que influem nas modalidades de execução que as intenções do governo, ou do alto commando das forças em luta, comportam. Os conhecimentos, pois, tão exactos quanto possiveis de tudo que constitue a situação economica do paiz e ainda o das possibilidades e capacidade maxima de producção, em cultura intensiva, interessam de modo accentuado áquelle que têm responsabilidades na organização da defesa militar da nação. Esses conhecimentos lhes dão uma medida do que podem emprehender com segurança.

Em bôa regra, os valores economicos só satisfazem de modo pleno ás necessidades de uma guerra quando a nação pôde prescindir do estrangeiro PARA VIVER e COMBATER.

E só em tal caso a defesa nacional pôde realizar-se independentemente de aliados e de accordos ou da bôa vontade dos neutros.

Sem esta independencia economica, que varia certamente em gráo de realização, não ha, tanto na vida de paz como, com mais forte razão, em tempo de guerra, completa independencia nas directivas politicas, sendo que em tempo de guerra a premencia em satisfazer ás necessidades torna mais evidente a subordinação a outros povos.

No ponto de vista das illimitadas necessidades da guerra, que hoje impõem aos povos o maximo desenvolvimento de suas forças, para assegurar e abreviar o successo, industrias ha cuja influencia é inilludivel e a cujos productos não se podem dar succedaneos. Em tal classe figuram aquelles com que se constroem os armamentos e as munições, notadamente.

Si se podem tomar as questões economicas como fundamentaes para o desenvolvimento do progresso e realização da força de uma nação, preciso é reconhecer que acima dellas ha outros factores, de que elles mesmas dependem. São o moral do povo, sua cultura intellectual, suas energias physicas, os que mais influem na formação de todos os valores nacionaes, porque definem o homem em torno de quem tudo gira.

* * *

O livro "Problemas de Governo", que a Empresa Graphica Rossetti Lta. de S. Paulo vem de editar, da autoria de Pandia Calogeras, é dessas utilissimas publicações que uma pleiade de brasileiros illustres, numa reacção animadora de intelligencia, senso pratico e patriotismo sadio, vem emprehendendo com relativa e confortante intensidade, de ha pouco tempo a esta parte.

Reune elle conferencias feitas em S. Paulo, um dos principaes centros propulsores de nosso progresso, em que se estudam diversos problemas que no momento se apresentam requerendo solução, para que nosso progresso se accommetta sem tropeços, sem retardos e em segurança.

Do exemplar que nos foi gentilmente offerecido pelo autor, pedimos venia para com os nossos agradecimentos, transcrever alguns trechos que muito dizem do valor da obra nova e muito fazem crer nos grandiosos e proximos destinos desta grande Patria, desde que os problemas do governo sejam encarados sufficientemente.

Em todo livro o assumpto muito interessa aos militares e tanto mais quanto ha nelle um aspecto que encanta, e raro de constatar-se: não ficam inteiramente esquecidos os interesses da defesa militar nacional, tendo quasi todos os assumptos encarada sua projecção nesse sentido, ou pelo menos, referencia logica.

Os estudos comprehendidos em "Problemas de Governo" formam um ciclo completo desde o papel do Ministerio do Interior (problemas de educação e instrução, hygiene etc., cousas que tratam do homem) até as "Classes Armadas" e Directivas Internacionaes, tendo no volume relevo conveniente o trato dos problemas economicos propriamente ditos.

Os trechos, que vamos transcrever, muito dizem do valor do trabalho, afagando nossas esperanças e mais exaltam nossos desejos patrioticos e profissionaes. Tomaremos, no que se refere ao ferro o novo processo de reducção Smith, cujas experiencias em Detroit parecem indicar um successo garantido, por ser este o problema que, uma vez resolvido, mais influirá para a solução de quasi todos os outros que empolgam a economia nacional, que permitirá a criação vantajosa das industrias militares. Tomaremos, no que se refere ás fontes de energia, o do combustivel que no ponto de vista utilitario, corre parelhas com o do ferro, escolhendo o excellentestudo sobre o nosso problema político do carvão.

Em remate natural, consequencia do ferro e da energia, apresentaremos as vistas do leitor o que Pandiá Calogerias diz sobre o problema das communicações, que propõe uma solução facil e logica para ter execução no decurso de um decenio.

Para que no livro esta questão possa ser considerada plenamente satisfatória sob o ponto de vista militar, ao qual attende de um modo intelligent e raramente entrevisto em nosso paiz, falta apenas a determinação de uma ordem de urgência conveniente aos trabalhos a executar.

A solução proposta, pratica, viavel, facil, dependendo apenas de capacidade organizadora e vontade, tanto satisfaz aos interesses militares propriamente ditos como aos economicos e aos da politica da nacionalidade. E confirma de algum modo ao que sempre havemos dito: "as grandes linhas de communicações, nos paizes novos, traçadas obedecendo a uma necessidade real de ordem militar, terão sempre valor economico, desde que uma politica sabia e patriotica predomine. O inverso, nem sempre se verifica com a mesma intensidade".

Eis, portanto, uma grande razão para que neste assumpto, pelo menos, a conducta directora se oriente antes pelas necessidades da defesa nacional. E é tambem uma razão fortissima, num paiz de fracos recursos para que os ministerios, que tratam de communicações, trabalhem sempre intimamente ligados ao da Guerra.

Aliás, sobre todos os aspectos, o trabalho, em torno das questões da defesa nacional, oferece coordenação facil e necessaria ao trato de todos os demais problemas. Nem pôde deixar de ser assim, em vista do caracter da guerra moderna que empenha tudo que representa força num povo.

Não se deprehenda do que dissemos que os militares ambicionam dirigir a nação. Elles se consideram, apenas, uma classe especializada para cuidar da guerra eventual. Querem, para poder cumplir suas missões, que os que lhes dão essas missões não nas desconheçam e não lhes neguem os meios necessarios. Nada mais.

Para terminar este registro de "Problemas de Governo", de um ponto assignamos discordar do autor.

No capitulo feito em 1926, sobre o problema das communicações, Pandiá Calogerias, tratando da aviação, combate a criação da 5ª arma, allegando a insuficiencia de meios para sua organização e accusando os prejuizos fataes, inclusive mortaes, resultantes de promoções sem razão de ser, em que praticamente se verifica a reduzir toda reforma.

A criação da 5ª arma era imprescindivel ao desenvolvimento da aviação, melhor, á sua instituição entre nós. Prova bastante temos no formidável trabalho desenvolvido no Campo dos Affonsos de 1927 para cá, desconhecido portanto o autor. Reforma que faz apenas promoções de officiaes sem funções justas, quando promete organizar armas, não só é innocua como immoral. Na organização da 5ª arma resalvou-se, porém, este importante aspecto, por isso que as promoções só devem fazer havendo meios para organizar unidades.

Verdade é que a realização dos actos, que devem vir formar a 5ª arma, parece denunciar uma incoherencia practica com o principio acima que a propria lei establece. E' que o credito de 35.000 contos, estimado como necessario para que tives-

semos aviação militar, isto é, elementos que pudessem receber dignamente este nome, não tem sido consumido conforme o programma estabelecido.

Dahi resulta que houve promoções innocuas na 5^a arma, não obstante as resalvas da lei. Apesar disso, porém, pelo que já tem produzido, pode ser considerada oportunamente e útil.

Fontes de energia

O CARVÃO

Citam-se os dois casos para evidenciar o influxo da competencia pessoal no exame e na solução dos problemas que se propõem ao governo, no sentido de trabalhar com auxilios financeiros directos por esse fornecidos. Com o carvão e o ferro, haveria observações análogas ou semelhantes a dizer.

Não foi errado constituir-se vias-ferreas de acesso ás jazidas de combustivel. Em qualquer hypothese, seriam facilidades de transporte concedidas á produção de todo genero. Mas foi desacerto combinar concessões, como no sul de SANTA CATHARINA, formando um bloco de minas, estrada de ferro e porto, combinação que pode impedir concorrencias e matar aos demais productores.

Outro erro, foi exigir do carvão mais do que pode dar. Já se começa a conhecer melhor nossas camadas carboníferas. São mais extensas do que se supunha a principio; mas a espessura total não se compara, nem de longe, com a das regiões hulheiras da Europa ou da Asia. Será, para o que se conhece, uma exploração extensiva, enquanto, nesses paizes, o meollo é intensivo, em sentido vertical. Além disso, poder colorifico e pureza deixam a desejar, e não se pode estabelecer paralelo com os typos metallurgicos correntes na Europa. Finalmente, só algumas camadas, em SANTA CATHARINA, podem dar coke metallurgico, após prévio beneficiamento. Nessas bases se deve solver o problema e não nas fantasias de generalizações apressadas e erroneas.

Ainda assim, esse é o combustivel que possuímos, e que temos de utilizar. Dizer, como se tem feito nas rodas de importadores de carvão estrangeiro, com o apoio directo e indirecto de elementos existentes nas proprias administrações de estradas federaes, que a hulha riograndense não presta, é um não-senso. Não presta em machinas construidas para Cardiff ou Pocahontas. Exijam-se fornalhas proprias, como o governo riograndense fez para a sua rede ferro-viaria, nas locomotivas "Mikado" que adquiriu, e está solvido o caso.

Utilize-se o carvão pulverizado, como na Central se fez a esforços de Arrojado Lisbôa e Assis Ribeiro, e nova solução estará dada. Tanto que, despeitados os fornecedores de carvão ingles e americano pela diminuição de seu negocio, conseguiram que outras administrações paralissem a expansão do melhoramento introduzido por aquelles distintos profissionaes. Mas, para generalizar-se, ha uma série de medidas a tomar no regimen dos portos sulinos, afim de que a exportação barata do combustivel se possa fazer, e não fique seu consumo limitado ao mercado local.

Por outro lado, de resultados meraamente experimentaes, como os que decorrem da missão de 1920-1922, na Europa, intelligentemente desempenhada por Domingos Fleury da Rocha, querer fazer base de generalizações, para fundar siderurgia sobre coke de SANTA CATHARINA, é, por enquanto, aventura em que não pode demorar espirito reflectido.

Tudo isso, entretanto, tem sido feito, por falta de preparo especial nos incumbidos de solver tais problemas.

COMBUSTIVEIS MINERAES

Temos, portanto, voltar os olhos para os diversos combustiveis de origem mineral: hulha e seus derivados, petroleo e seus derivados. Mais tarde veremos os succedaneos possíveis.

Pelas estatísticas alfandegarias, o valor notado abrange o custo, conforme a factura consular, o frete e o seguro. Não é, pois, a somma paga pelo consumidor, que ainda tem de saldar despesas de descargas, direitos e commissões, o que não deve representar menos de 50 % das cifras mencionadas nas estatísticas. Nessa base, não há exagero em dizer que o Brasil paga annualmente uns 400.000 contos de importação desse genero.

Note-se que, pelo elevado preço pago, pesa sobre a industria enorme restrição de consumo, o qual facilmente dobraria, a nível mais baixo de custo. Obvia, pois, a importancia do assumpto para a economia nacional.

Alvo de sempre renascente surpresa, em quem reflecte um pouco, é a indifferença ou a ignorancia revelada por nossos homens publicos em sua immensa maioria, ao encolherem desdenhosamente os hombros quando se fala em carvão nacional. Olvidam, apenas, esses honrados patricios, que ahi está uma das pedras de alicerce da futura grandeza nossa.

Começa, tão, sómente, a ser estudado o problema, e, mesmo assim, já se corrigiram muitos erros que corriam mundo com visos de verdade. Já se sabe que o terreno carbonifero, ou antes, o permo-carbonifero, sobre largas areas do Brasil, e, nelle, os andares que contêm carvão foram reconhecidos em trechos consideraveis no Rio Grande, em Santa Catharina, no Paraná, em S. Paulo. Suspeita-se que se prolonguem em Matto Grosso.

Caracteristicas das Jazidas ainda são poucas, pois raras minas têm sido abertas. Sabe-se, em geral, que o combustivel está intimamente entremeiado de schistos betuminosos, o que dá à massa elevado theor em cinzas, e que nelle existem nucleos lenticulares de pyrites.

Como limites a tais impurezas, tem-se para cinzas, de 26 a 33%, e para o enxofre, de 3 a 15%. O problema principal não reside na eliminação da pyrite, e sim no diminuir a proporção de cinzas.

Pensava-se que nossa hulha não dava coke. Está verificado agora que as camadas de certas bacias de Santa Catharina fornecem esse material, embora com theor em cinzas excedente dos limites aceitos na exigente Inglaterra; ainda assim constitue um combustivel denso, agglomerado, fundido e aceitável mesmo para certos fins metallurgicos.

Temos estudos brasileiros sobre este ponto. Em 1920-22, o professor Fleury da Rocha, da Escola de Ouro Preto, teve a incumbencia de examinar a questão, recorrendo a laboratorios especiaes na Europa, bem como a especialistas reputados. Pela mesma época, o commandante Coelho Rodrigues recebeu missão analoga por parte da Marinha, e investigou o caso nos Estados Unidos e na Europa. Interessantes ambos os relatorios, as informações se complementam. Do do professor mineiro, de Janeiro de 1925, por longo tempo inedito, apesar de seu valor, extrahimos alguns dados interessantissimos. De modo geral, foram confirmadas e tornadas mais precisas as conclusões da commissão White, de 1904-06. Ficou, mais uma vez, demonstrado serem nossos carvões susceptiveis de beneficiamento, indispensavel para sua mais larga utilização. Pôde-se, por lavagem, reduzir o enxofre a 1%, no maximo; pelos processos correntes de enriquecimento, podem-se obter de 70 a 75 % do carvão bruto, com 20 a 22 % de cinzas. Querendo-se um material mais puro deve triturar mais finamente a hulha e usar apparelhos especiaes, dahi resultando tres categorias de productos: um terço com 15 % de cinzas; outro terço, com 22 a 28% de cinzas; o restante constituindo o refugo no qual se acha a pyrite quasi toda, e sendo esta aproveitável.

Mas aparecem conclusões novas e valiosas. Os carvões conhecidos do Rio Grande do Sul não dão coke, mas os de Santa Catharina podem fornecer-o com menos de 1 % de enxofre, e 0,2 % de phosphoro no maximo; em cinzas, darão de 18 a 28 % si o carvão correspondente tiver sido beneficiado a 14-18 %; a distillação dá rendimentos altos em gazes e em sub-productos.

Outras conclusões ha sobre a possível utilização desse coke para fins metallurgicos. Caberá estudal-as, comtudo, em outra conferencia especial.

Vê-se que se alarga o horizonte das possibilidades economicas de nossas hulhas, como elemento calorifero. Reservemos o prognostico quanto á siderurgia.

Convém acrescentar que trabalhos recentes, que se divulgaram em meados do anno passado, levam a restringir a noção de combustiveis que não dão coke. Resultam de investigações sobre material asiatico e das Ilhas da Sonda e Bornée, e foram levados a termo pela conhecida firma Groppel e sua filial de Bochum, a Erz-und Kohle-Flotation Geselleschaft, m. b. H. Na base do processo preconizado estão: diminuir o theor em cinzas; remover os compostos que impedem a cokeificação. Assim se obtém um producto, capaz de dar pela carbonização um material fundido e resistente.

Attribue-se á produçao excessiva de gazes, no destillar o carvão, o impecilho em formar-se

o coke, e a causa está, para as hulhas de chama longa, no theor demasiado alto em betume; retirando-se este, não é mais perturbada a operação carbonizadora. Nos combustiveis pobres, como lignitos e turfás, o phenomeno é o inverso do precedente: falta betume e ha excesso de compostos humicos; retirar estes é o problema, que parece estar em vias de solução.

Comunicações vindas de Essen, sem detalharem o assumpto, acrescentam palavras que nos interessam no mais alto grão: "Parece que muito se apressam os movimentos migratorios dos polos da produção, e que se deve considerar seriamente o descentralizar da industria (do ferro e do aço)". Assim fala a Deutsche Bergwerks Zeitung de Fevereiro de 1927, referindo-se ás Indias Britannicas e Neerlandezas e ao Brasil.

Como se vê, ainda é obra em inicio. Mas, por ella, já se pôde afirmar o futuro industrial do combustivel brasileiro.

Pena é que haja na historia de nosso carvão, de seu estudo e dos esforços por utilizar-o, tanta falta de sequencia. Agora, apenas, systematizou-se um pouco a pesquisa. A obra dos industriaes, tão essencial para se fundar e desenvolver semelhante tentamen, valia pouca teve entre nós.

O ambiente para tal conseguir é o da normalidade dos factores de produçao. O industrial não pôde nem deve ser jogador. E um dos maiores obstaculos ao desabrochar e florescer das minas de carvão foi, e ainda é, terem sido propriedade de especuladores, que não cuidavam tanto de as explorar altas e baixas sucessivas e ficticias dos titulos das companhias, afim de ganharem as diferenças nas margens. Ideal de jogador não de industrial.

O mal assim feito attingiu e desmoralizou toda a actividade carbonifera. Além disso creou-se, para apreciar o phenomeno ambiente erroneo, e foi inadequado o modo de julgar accepto.

Quizeram comprar nossa hulha com os melhores typos ingleses, quando evidentemente é ella menos perfeita, e argumentam que, estando nós habituados ao material de primeira ordem, o inferior não se poderia empregar. Finalmente, na oposição de certas grandes administrações publicas, o elemento preponderante era e ainda é inconfessavel, ligado a interesses em continuar com os mesmos fornecedores o abastecimento de carvão, inglez ou americano. Conjunção, como se vê, de erros de apreciação, e de appetites subalternos.

Agora, começa a reacção: ainda fraca, incompleta e desamparada.

Intelligentemente, comprehenderam alguns que, bom ou máo, esse era o elemento que tinhamos, e que, por isso mesmo, deveria ser aproveitado, afim de se evitarem crises como a de 1914-1928, e a que actualmente está desorganizando a Central.

Ao invés de reeitar o carvão Rio Grandense por termos machinas calculadas para Cardiff ou Pocahontas, adoptar machinas e apparelhos e processos de queima utilizando combustivel nosso.

Ainda é uma minoria que assim pensa e age, pois a rotina favonéa ou quieta non move, e as commissões excusas interessam a muita

gente, que por elles, não querem abandonar fornecedores de hulha estrangeira. Mas é minoria activa, energica e convencida de que trabalho pelo bem do paiz. Tem a seu lado a expiração patriotica e o conselho da sciencia. Quem vencerá com o tempo e como os esclarecimentos dos espíritos. O bom senso é paciente e sofre esperar, por que sabe que o decorrer dos dias lhe dará victoria segura.

Já no Rio Grande, o Estado teve bôa iniciativa de adquirir para sua rede Ferroviaria machinas poderosas, tipo Mikado, aptas a consumirem carvão local. Grelhas proprias foram adoptadas nas machinas fixas de inumeras usinas da região. Pouco a pouco a infiltração está sendo feita, e dentro em breve silenciarão os oponentes.

A Central, faz pouco, seguiu o exemplo que lhe vinha do S.

Não quer isto dizer, claro está, que, como vem da mina, possa o carvão nosso substituir os de primeira categoria que nos vem do estrangeiro. Não. Significa que um grande esforço se deve fazer para adaptar nossos apparelhos ao uso do combustivel que possuímos: a principio, misturando-o em proporções crescentes com o Inglez e o Americano; estudando-o a condução do fogo e as manobras especiaes bem como as mudanças precisas para uma bôa vaporização, até que, feita a experienca e adoptados os correctivos indispensaveis possamos marchar só com hulha nacional. Exige, ainda, se obtenha material mais rico, mais puro, mais concentrado para machinas mais sensíveis a natureza do carvão e o relatorio Fleury da Rocha evidencia a marcha a seguir para tal progresso.

Ponto ha sobre o qual se não discute mais: a superioridade da pulverização, como methodo de aproveitar os combustiveis nas fornalhas, especialmente os mais carregados de cinzas. Estranho é que a Central, onde ha installação para este fim, tenha abandonado tal aperfeiçoamento. Cumpre haver energia em exigir a volta ao processo experimentado em 1916.

Não ha argumentos limpos a invocar se não em favor dessa solução. E a economia, nem só no methodo, como no curso do combustivel, será a prova pratica final para tapar a boca aos scepticos e a os descontentes. Importa isto em largo programma de ação para solver a difficultade especial dos transportes das minas até o rio.

Por outro lado, para attender as pequenas installações, para consumo domestico, para a Navegação Oceanica Estrangeira e a Nacional, torna-se indispensavel fabricar agglomerados, briquettes de baixo theor em cinzas. Para esta industria, possuímos os elementos necessarios.

Outra iniciativa sensata está na gazeificação dos typos inferiores, e na criação de grandes centraes electricas nas proprias minas. Breve dará prova de efficacia desse processo a usina que se está terminando em S. Jeronymo; para fornecer corrente electrica a Porto Alegre.

Nem se pense que é plano por demais ambicioso querer enfrentar todas as soluções.

O Brasil deve convencer-se de que lhe é imperativo ter uma politica economica do carvão, nem só por motivo de ordem interna, como

até, e principalmente, por exigencia de caracter internacional. Bem se podem medir estas, reflectindo na hypothese de um bloqueio de nossa costa, a immobilizar toda a organização industrial baseada na hulha importada.

São preciosos capitais. E sempre possivel achal-os, desde que se saiba solicital-os e se lhes mostre o alcance do emprehendimento.

Seria a morte da industria carbonifera, porém, se ao grande esforço a exigir da iniciativa individual não correspondesse um auxilio official efficaz e prompto.

Longe de nós a idéa de premios ou subvenções. As unicas formas de collaboração viaveis, sadias, economicas, se realizariam mediante o apparelhamento das estradas de ferro: das minas, aos portos em aguas profundas; para as jazidas interiores afastadas do litoral, as linhas anastomozando-se ás rôdes existentes; nestas, os melhoramentos systemáticos dos perfis, do material e do methodo dos técnicos de exploração, com o fito de ser criado um transporte verdadeiramente economico. Além disso, contractos longos de fornecimentos, a preços que seriam vistos de tres em tres meses, ou de seis em seis, para acompanharem o mercado.

Não pôde, ademas, ser diferente ao Brasil ter seu litoral dotado de estações carvoeiras.

Liminarmente, é corollario imprescindivel da existencia de bases Navaes para sua esquadra. Do ponto de vista economico, saltam aos olhos as vantagens de possuir portos onde a Navegação Oceanica estrangeira, de linhas regulares, venha normalmente abastecer-se. Quanto aos tramps, a possibilidade de refrescar e de fazer carvão em condições vantajosas é tambem incentivo a que frequentem tales paragens. Resultado: fundarem-se industrias consequentes á vida de um grande centro naval, as trocas oriundas dahi, maior abundancia e, portanto, maior concurrencia dos fretes a provocar seu abaixamento.

Rio Grande, Florianopolis, Santos, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Pará estão desde já indicados pela configuração de nossa costa para o desempenho de tal missão. Si não fôr possivel apparelhar os immediatamente com esse proposito, nada impede a distribuição por varios exercícios, dez ou doze, dos creditos ou das operações indispensaveis.

O que é inadmissivel e intoleravel é a ataxia vigente no tocante a tal assumpto, de alcance sem par em nossa economia e para nossa defesa.

Mineralugia em S. Paulo

O FORNO WILLIAM H. SMITH

Já hoje, talvez seja outro, e 1928 pôde vir a ser para o Brasil a data de sua redempção, do ponto de vista da utilização de seus minérios.

De facto, a se realizarem as esperanças despertadas pela redução, pelos gases no forno do professor William H. Smith, da "General Reduction Corporation", de Detroit, Michigan, o problema da siderurgia nossa estará definitivamente sorvido. Pôde-se mesmo ir além, e quasi dar tal perspectiva como realizada, pois a mais de anno uma installação desse genero funciona

normalmente, sem o menor contratempo, dando cem toneladas diárias de metal.

Convém expor o processo, para lhe compreender o immenso alcance em nosso caso.

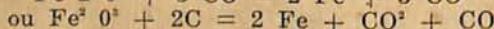
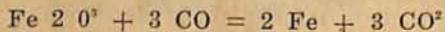
Até hoje, a fusão reductora dos minérios exigia temperaturas altas, para fundir minério e leito de fusão, escorificar as impurezas e dar fluidez suficiente aos produtos, para que pudessem correr nas ligoteiras por méra gravidade. Não se havia conseguido, industrialmente, evitar o immenso desperdício de energia térmica no aquecimento de tanta matéria estéril. O mínimo de consumo de coke, nas instalações mais perfeitas, era de 700 kilogrammas por tonelada de gusa, e, entretanto, para o sesquioxido de ferro as fórmulas de composição e as reações químicas indicam cerca de 350 kilogrammas como o bastante. Dobra-se o consumo para aquecer o estéril e as massas acrescidas do leito de fusão a temperatura de fusão exigida pelo processo do alto forno; e para obter aço e ferro doce, novas porções eram necessárias para o refino, mais uns 500 kilogrammas por tonelada.

Os laboratórios, entretanto, conheciam meios de obter a redução gáspora dos minérios, evitando o gasto de calor da fusão do metal e das impurezas, e dando como produto — esponja de ferro.

Na analyse quantitativa dos oxídos ferrosos, a corrente reductora de hidrogênio começa a agir por 300° centígrados e prossegue até 1.000°; na barquinha de porcellana em que se põem os oxídos, o resíduo é esponja de ferro.

Na prática industrial, visando obter a mesma esponja pura, nunca se obtivera produto com mais de 60% de metal; era impossível manter nos aparelhos uma atmosfera rigorosamente reductora, vedando voltas de ar e da humidade, que tornavam a oxidar partículas já reduzidas.

Conseguiu o professor William H. Smith, construir um forno em que a vedação do ar se mantém de modo absoluto, de sorte que a operação se dá como na analyse docimásica. O reductor é o oxído de carbono, e a reação pode aproximadamente explicar-se pelas equações químicas, conforme a natureza dos gases resíduas:



Isto é a oxidação do carbono se faz à custa do oxigênio total do minério, ficando livre o metal. Reação exotérmica, que economiza o combustível suplementar a consumir para fornecer a temperatura precisa para a redução. Esta começa a 3000°C, e atinge de 900 a 1000°C, no caso da magnetita evita assim subir aos altos valores da temperatura de fusão do ferro (1530°C) e da formação das escórias (1350°C). Os produtos finais são sólidos, frios e o rendimento em metal vai de 95 a 100% do teor do minério; esta última percentagem obtém-se com cerca de uma hora de permanência na zona reductora. A separação do ferro dos demais resíduos da operação é facilíssima, por meio de eletroimanes.

O aspecto do metal varia conforme as dimensões dos fragmentos introduzidos no forno, desde o de uma limalha de ferro, até o de grãos menores de um centímetro; sua coesão é fraca,

esfarela-se sob a pressão dos dedos; pode ser prensado sem aglutinante, formando blocos duros, porosos, de esponja metálica. Estes blocos constituem matéria prima para operações ulteriores de fusão, refino e formação de ligas químicas.

Todas essas operações complementares são feitas electricamente, e a fusão não exige mais de 400 KWH por tonelada.

Os fornos, que relembram as retortas verticais de fabrico de coke, podem associar-se em massões com um número indefinido de elementos unitários. Essa elasticidade permite trabalhar com igual economia 100 unidades ou 500. O espaço ocupado é pequeno, e a extensibilidade das baterias é méra questão de juxtaposição. Os gases de escapamento, parcialmente queimados, ainda podem ser utilizados, pois são suscetíveis de dar trezentas unidades térmicas britânicas (300 BTU). Quaisquer impurezas existentes na esponja se eliminam pelo refino elétrico ordinário, com banhos convenientemente dosados de escórias ou de calcário.

Tais informações decorrem, não já de laboratórios experimentais, mas de uma instalação funcionando há cerca de doze meses, sem perturbações, fornecendo diariamente 100 toneladas de esponja de ferro.

A se manterem as características desse forno, não será exagero afirmar que representa uma revolução na siderurgia, maior do que a invenção da retorta Bessemer ou a do aproveitamento dos minérios fosforosos pelo processo Thomas-Gilchrist.

Para o Brasil, vale pela invenção completa de nossas condições econômicas: antes dela, antes de 1927 portanto, a siderurgia nacional se apresentava mais do que precária; depois dessa data, podemos ser os maiores produtores de ferro do mundo.

PERSPECTIVAS NOVAS

Examinemos os novos aspectos criados, para nós, pelo forno William H. Smith.

Liberta-nos do obstáculo, ainda hoje irremovível, do coke metallúrgico. Qualquer fonte de carbono servirá: hulhas impuras, lignitos, turfa, carvão vegetal, madeira, serragem, etc. A quantidade a consumir ficará limitada ao que a redução do minério exigir, e toda a parte do combustível destinada ao aquecimento do forno para ser atingida a temperatura das operações, poderá ser substituída por electricidade, tal seja o preço do Kilowatt-hora.

No caso da hulha nossa, sua prévia despiritação permitirá trabalhar com oxído de carbono puro, e fornecerá um resíduo de pirite aproveitável em dois sentidos: para a indústria do enxofre e do ácido sulfúrico, com suas consequências infinitas; para utilização, como minério, do sesquioxido de ferro resultante da usinação.

No caso de lignitos e de turfa, a tarefa é ainda mais simples pela pureza da fonte de carbono. Na eventualidade de substâncias vegetais, madeira ou carvão, as vantagens econômicas a diminuição das quantidades a empregar, mais ou menos o terço do que hoje exigem os altos-

fornos mineiros; além disso, tudo presta para os gazogenios, inclusive a rama secca.

A acção do forno Smith independente da natureza do oxydo. Si se tratar de minério puro e pulverulento (as jacutingas de Minas ou de Goyaz), a reducção é mais prompta, ultima-se em temperatura mais moderada (950°C) e com menor gasto de carbono, pois, com a magnetita 1050°C devem ser attingidos e o prazo excede um pouco de uma hora. A experiência já foi feita com itabiritos e jacutingas brasileiras; não foi com magnetitas compactas.

Salvo a diferença no preço de custo dos materiaes dessas duas proveniencias, das operações de quebramento dos nodulos de oxydos magnéticos, não ha razão teórica para prever qualquer inexequibilidade no ultimo caso. Não havendo formação escoria, o inconveniente do titânio é eliminado. Isso fica na ganga sem se misturar com o ferro metálico, e este é facilmente separável pelos electro-imanes. Se estiver essa impureza, ou qualquer outra, misturada ou em combinação com o proprio ferro, será depurada no refino eléctrico por uma escorificação adequada.

Claro que, em qualquer igualdade de circunstâncias, a superioridade dos minérios sedimentares se manterá integralmente, e que, na grande siderurgia, a vencedora será a industria baseada nas hematitas, quer pulverulentas quer massicas.

Mas elementos locaes intervirão também, com força desconhecida até agora. Por exemplo: se a distribuição geográfica fôr tal, que estejam próximas as jazidas de combustível e as de ferro, poderá a diminuição das despesas de transporte de matérias primas ser de ordem a compensar, ao menos para o consumo próximo, os onus supplementares do custo do processo para minérios inferiores.

A consequencia é immediata e evidente: Santa Catharina possue magnetitas e hulhas aproveitáveis, situadas a pequena distanciaumas das outras: São Paulo, no valle da Ribeira, tem magnetitas em Jacupirangas em meios das matas virgens importantes da Serra do Mar, e, cedo ou tarde, será ligada a zona com as jazidas carboníferas do rio das Cinzas, no Paraná, (é mais um argumento em prol dos prolongamentos da "Southern S. Paulo Railway" e da Sorocabana); talvez Ypanema se torne igualmente explorável com a hulha paranaense. Cumpre ainda lembrar os recursos do reflorestamento de que S. Paulo está cuidando a sério.

Com as hematitas mineiras, o centro principal da produção será o valle do rio Doce, devido as mattas da região e à possibilidade de ahi se descobrirem lignitos e turfas. Será, entretanto, problema a resolver, ante os factores económicos de cada caso, se convirá exportar pela Victoria os productos acabados, ou transportar sómente a esponja pela "Leopoldina Railway" ou pela Central devidamente prolongada e aparelhada, como matéria prima para grandes usinas centraes de elaboração, mais próximas dos mercados consumidores do Rio e de S. Paulo. E ahi novamente, a região de Entre Rios á Barra do Pirahy e suas imediações vem em foco.

Do mesmo modo, toda a margem Oeste e Sul da área ferrífera do Centro de Minas — de Bello Horizonte a Congonhas do Campo, Ouro Preto e Marianna — terá de ver elaborados seus minérios fóra do Estado. Por algum tempo, haverá possibilidades de trabalhar com lignito que o ha em certa quantidade no Gandarela; uns dois milhões de toneladas, podendo pelo processo Smith reduzir o dobro, ou quatro milhões de toneladas de ferro. Será questão de dinheiro e de tempo. Admittido se chegue a produzir 300.000 toneladas em média por anno, são recursos apenas para uns onze ou doze annos. Daria tempo, talvez, para reflorestar a zona com essências de crescimento rápido e permitir continuar a industria com carvão vegetal.

Não longe da Barra do Pirahy ha turfa, em Bom Jardim e lignito em Caçapava e Taubaté, combustíveis excellentes para o forno de redução que citamos. Além do que, si algum dia se solver economicamente o problema da utilização dos schistos que darem óleo, será nova fonte abastecedora de carbono.

Por este processo, o consumo de lenha ou de carvão vegetal baixa á metade, ou mesmo á terça parte, do que se dá no alto-forno.

Inda assim, para ser considerado tal uso como normal, cumpre associá-lo ao reflorestamento e ao corte methodico das árvores.

Quanto á força motora, a electricidade a fornecerá. Todo o valle encachoeirado do Parahyba está em condições de receber barragens. Se Entre Rios fôr o ponto escolhido, já duas estações productoras existem na zona, na Ilha dos Pombos e em Alberto Torres.

Da natureza desta redução gaseosa dos minérios decorre grande elasticidade no localizar usinas; a descentralização as espalhará de Minas a Santa Catharina.

Os preços de custo variarão com as condições de cada caso: talvez se possa prejulgar como limites de 130 a 150 réis por kilogramma de esponja de ferro, ou 150 a 170 réis por kilogramma de metal refinado electricamente, ferro doce ou aço. Ora os preços "cif." de material analogo importado andam por quatro ou cinco vezes isso.

Mais uma vez repetimos: exactas que sejam tais informações, a siderurgia do Brasil pôde considerar-se problema resolvido, dependendo apenas de realização prática.

Os meios de Comunicação no Brasil

O DESENVOLVIMENTO DAS LINHAS NA EUROPA E ENTRE NÓS

Inventada a locomotiva e associada aos trilhos, se apurou o immenso decahir do rendimento util á proporção que as condições técnicas se afastavam do nível e das curvas de grande raio. Dali decorreu, logicamente, o transformar e melhorar as antigas rôdes e criar novos meios de viação de tipo económico quanto ao tráfego. Foi verdadeira adaptação dos tipos antigos á experiência moderna, mas só possível por preexistirem as estradas do passado. Até certo pon-

to, tal remodelação foi imposta pelos novos motores, automóveis — e pela concorrência mais intensa da produção.

No Brasil, porém, tal phase preparatoria não existiu. Até meado do seculo XIX, nenhum estrada possuímos, e só havia circulação pelos atalhos mais ou menos alargados pelo uso, que datavam da colonia, muitos até que provinhiam de periodo anterior á conquista.

Paiz pobre, tambem, não tinhamos reservas para cuidar simultaneamente dos caminhos carroçaveis e outros e das vias ferreas, nem havia, a bem dizer, creações anteriores a aperfeiçoar. Dahi irmos empregando os escassos recursos de que podíamos dispor para construir desde logo o instrumento mais perfeito, a estrada mecanica, em contraposição flagrante á successão notada nesses phenomenos no Velho Mundo.

Explica isto a diferença profunda observada no desenvolvimento das linhas entre nós, e o mesmo facto na Europa. Nesta, centros de produção e de trocas preexistiam e se mantinham pelas rôdes viatorias. No Brasil, o isolamento de taes centros era a regra, como ainda é hoje para o interior do Paiz; via-ferrea tinha, pois, de ir buscar as regiões productoras, e, por sua presença, creava o trafego. Quem conhece o historico de nossa economia sabe quanto tal conflito de conceitos basilares difficultou a obtenção de captaes, na Inglaterra e na França, para se construirem meios de transporte.

Não comprehendiam se fizesse estrada para o deserto e só aos poucos, com o exemplo norte-americano do "Far-West", e com o nosso proprio, foram se acostumando á noção, tão banal hoje em dia, de um orgam a crear a função, de uma via-ferrea a crear a produção.

Depois, é que se revelaram os detalhes esenciaes do phemoneno: energia latentes ou adormecidas, despertadas e postas em acção pela excitação externa do escoamento dos productos previseiveis.

Inicia-se a reacção inversa: a estrada de rodagem, completamente indispensavel dos trilhos, como affluent de trafego, e deno das regiões que ainda não conportam a via-ferrea, vai desenvolvendo esse elemento essencial de cultura e de riqueza que é o turismo. Já o dissemos alhures: a conjugação de taes factores vale por inaugurar verdadeira revolução económica, para a qual nos devemos preparar.

Comprehende-se, portanto, quanto para evoluer de nossas comunicações, deve preponderar a clara visão dos alvos collimados, dos meios de os realizar, das exigencias a satisfazer.

Quem olha para um mappa do Brasil, não pôde deixar de reconhecer o puro regionalismo dos systemas de transporte. Exceptuemos a Central, a Leopoldina Railway, que se distribuem por tres Estados e pelo Distrito Federal, completemos a lista com Mogyana e seus ramaes, a Noroeste e a Sorocabana a ligarem Minas, Goyaz, S. Paulo e Matto Grosso, e ainda a S. Paulo-Rio Grande a unir Paraná, Santa Catharina a São Paulo e ao Rio Grande do Sul. O mais, são linhas estaduaes como traçados e exigencias, e só excepcionalmente satisfazem a fins verdadeiramente nacionaes.

AS CONDIÇÕES DO TEMPO DA INDEPENDENCIA

Em escala menor, é certo, reproduzem-se as condições dos tempos da Independencia, nos quais era tal a falta de laços, que só a energia de D. Pedro I, de José Bonifacio e de Cochran pôde manter a unidade do Paiz. O Norte, quais a partir da Bahia, evoluia todo para Lisboa. Ainda hoje é mais facil á Europa do que á Amazonas.

Não ha duvida que as relações creadas pelo Imperio amparavam e davam alento á formação de alma commun em todas as provincias, e que os progressos mecanicos permittiram approximar, no tempo de viagem, as extremas septentrionaes, da Capital Federal. Mesmo assim exigem-se de oito a dez dias para chegar a Belém e mais uma semana para attingir Manáos.

Por uma circumstancia qualquer, admittesse a suspensão do trafego maritimo ao longo da costa: ficariam isolados os Estados, da Bahia até o Amazonas. Enunciar o facto, não será sublinhar-lhe a extrema gravidade e exigir uma solução?

Os proprios Estados não estão ligados entre si por meios rapidos de transporte, a não ser os dois grupos — Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte. — Não pôde perdurar tal situação.

Para fazer cessar bastam uns doze mil kilómetros novos, aproveitando as linhas actuales e prolongando-as de modo a se fôrmar uma rede unica de Maranhão ao Rio Grande do Sul.

As maiores extensões novas seriam uns dois mil kilometros neste ultimo Estado; uns dois mil e quinhentos a distribuir quasi igualmente pelas Santa Catharina, Paraná e S. Paulo; uns mil em Minas; dois mil e trezentos na Bahia e cerca de cinco mil no rio S. Francisco para o Norte (1)

Salvo variantes que os estudos fixariam, os traçados seriam approximadamente, do Maranhão para o Sul, duas linhas vindas respectivamente de Therezina e de Piracuruca e unindo-se em Valença; dahi, por Picos e Jaicós, se ligariam por Ouricury e na região de Belmonte, em Pernambuco ás rôdes seguintes: por Barbalha e Jardim, á do Ceará; por Triunpho, Flores, Ingazeira e S. José, á da Parahyba, na linha a construir de Campina-Grande a S. João; por Villa Bella e Barão do Rio Branco, á de Pernambuco; por Salgueiro e Floresta e Jatobá, estrada de Jatobá e piranhas e, prolongando esta até Palmeira, á linha de Maceió. De Jaicós a ferro-via viria a Rajada no prolongamento da estrada da Bahia ao Joazeiro e Petrolina. Por outro lado, de Maceió saharia novo leito que iria a Triunpho e se uniria ao ramal de Propriá.

Na Bahia, estendendo os trilhos de França a Andarahy e Itaeté, iria a ligação até Ituassu no ramal de Machado Portella e dahi até Mon-

(1) As linhas que indicamos são mero rumos: não podem significar pontos definitivamente fixados; só os existem no terreno os designarão. Assim, é possível que surjam traçados melhores: de França a Itaberaba na Bahia, por exemplo, em vez do de França-Andarahy. Ha ligações necessarias menos urgentes entretanto, que não citamos, taes Ibiapina Castello (no Piauhy) Pombal-Paios-Campina Grande, Parahyba, e outras que taes.

tes Claros, em Minas. Na estrada da Bahia ao Joazeiro, se ligaria Serrinha, por Irará á Feira de Sant'Anna; tambem se construiria uma transversal de Castro Alves a S. Miguel, perto de Amargosa, e esta ultima via-ferrea se prolongaria de Jaguáquara, por Jequié, a Agua Preta; aproveitando-se iam os trilhos existentes até Tabuna, e dahi seguiria o rumo para Arassuahy, em Minas.

Desta sorte, duas linhas independentes serviriam a cada um destes nove Estados e os ligaria tambem por duas direcções diferentes á Capital Federal, pelas linhas de Montes Claros e de Arassuahy e Theophilo Ottoni.

Esta ultima teria de se anastomosar com a de Victoria a Minas. Pelo traçado de Theophilo Ottoni á Figueira, e assim ficaria soldada ao complexo de linhas da Central e da Leopoldina, pelos trechos ora parcialmente em construção de Sá, valho a S. José da Lagôa, Itabira, Saude a S. José da Lagôa, e dahi a Santa Barbara bem como de Ponte Nova a Marianna.

Terminaria o assentamento dos trilhos entre Bom Jardim, Lima Duarte e Valladares e entre Ibiá e Uberaba. De Garças a Piumby e Passos haveria uma nova linha, assim tambem entre Alfenas e Poços de Caldas, de Lavras a Cachoeira, de Tres Corações a Campanha e Pouso Alegre, de Paraisópolis a Cambuhy, Jaguary, Santa Rita da Extrema e Vargem, destinadas estas vias-ferreas a estreitarem e intensificarem as relações entre Minas e S. Paulo.

Em S. Paulo, os élos a construir para unir as rôdes são: um de Ibitinga á região de Albuquerque Lins ou Promissão; outro, de Porto João Alfredo a Porto Martins; terceiro, de Salto do Itú a Porto Feliz; quarto, de Faxina, por Apiahy á Ribeira; finalmente, quinto, de Sete Barras á mesma Ribeira.

No Paraná, da Ribeira a Serra Azul e Assunguy, os trilhos levariam a Curytyba. De Thomazina, por Arthur Bernardes, iriam ao Tibagy e Guarapuava, que se ligaria, por Iraty, a Palmeira.

A RÊDE QUE SATISFAZ OS NOSSOS ACTUAES PROBLEMAS POLITICOS

Em Santa Catharina, de Florianópolis, sahiriam duas estradas. A do Norte, por Brusque, alcançaria Blumenau; a via-ferrea, dahi a Hansa, seria prolongada de modo a se unir á principal, que viria de Rio Preto e, pelo melhor traçado, procuraria a fronteira riograndense, rumo de Alfredo Chaves, e não Caxias. A estrada do Sul, pelo rio Una, iria da velha Desterra soldar-se á linha de Imbituba a Laguna e Araranguá. Seria prolongada até a região do Porto de Torres.

No Rio Grande do Sul, o traçado vindo desse ponto iria fundir-se no ramal de Taquára. O que viesse do Rio Preto, em busca de Alfredo Chaves, se uniria ahi á rôde riograndense, e Alfredo Chaves é preferivel a Caxias, pois ahi já está vencido o grave obstaculo da transposição do valle do rio das Antas, fosso de 600 metros de fundo; facilita ainda a necessaria ligação de Alfredo Chaves a Passo Fundo. A região de Porto Alegre urge que se una, por

irradiações, ás zonas de Pelotas de um lado, á de Encruzilhada, Candiota ou Santa Rosa por outro; Cachoeira deve estar em comunicação directa com S. Sebastião do Alto, e assim tambem Alegrete a S. Luiz e Santo Angelo, bem como a zona Itaquy-S. Borja á de Jaguary, no ramal de S. Pedro. Este ramal, para Sueste, deve ser prolongado por S. Sepé e Caçapava, a região das minas de cobre do Camaquam até Pelotas. Outra ligação, na mesma area do cobre, do wolframio e da industria pastoril, sahiria de Santa Maria ou de Cachoeira para Encruzilhada.

Tal conjunto de construções solveria, por duas linhas independentes, no minimo, a necessidade de ligar entre si todos os Estados do Brasil, com excepção de Pará e Amazonas, e mesmo, quanto ao primeiro bastaria ligar um ponto conveniente de S. Luiz a Caxias a outro ponto da estrada de Pragança atravessando o Gurupy, para reduzir a excepção ao Amazonas tão sómente.

São doze mil kilometros que exigiriam um dispêndio de um milhão e meio de contos. Programma facil de executar em um decennio, talvez menos, até, recorrendo-se á economia nacional e a empréstimos externos. Voltaremos a esse ponto.

Todos os problemas politicos actuaes de nossa terra ficam satisfeitos com tal rede: união mais intima das diferentes zonas; continuidade de comunicações de Norte a Sul; traçadas em sua maior parte por faixas povoadas e produtoras; linhas commerciaes em todos os Estados, affluentes de trafego dos troncos que levam ao litoral os productos quer exportaveis, quer de consumo interno; rumos que, nas fronteiras, estreitam os laços de união com os países vizinhos

AS GRANDES ARTERIAS INTERNACIONAIS

Resta examinar as grandes arterias internacionaes, transcontinentaes.

A configuração geographica da Sul-America e o traçado das fronteiras politicas não permitem, por hora, pensar em estradas dessa natureza a Norte de Corumbá, com excepção unica da linha de Porto Velho a Santo Antonio do Madeira. Nessa região, os meios de comunicação são fluviaes tão sómente, quasi marítimos, diríamos, tal o volume das aguas dos rios em que fluctuam os proprios navios de vehiculação oceanica.

Temos, pois, limitado o campo a investigar: ligação com a Bolivia, com o Paraguay e com a Argentina. Com esta ultima e com o Uruguay, as comunicações serão servidas pelas mesmas linhas estudadas anteriormente, pois as condições dessas futuras Repúblicas em relação ao Brasil as situa a Sul e a Sudoeste, enquanto as transcontinentaes se locam approximadamente segundo paralelos.

O trecho do litoral onde começariam as grandes transversaes vai de Santos até S. Francisco do Sul. Disputam primasias nessa extensão os portos de Santos, Paranaguá e de São Francisco. Provavelmente, no futuro, todos elles

servirão de escoadouro ao "hinterland" de Misiones, Paraguay e Bolivia Central, quanto a passageiros e a mercadorias de valor concentrado. Actualmente, porém, Santos está na deanteira.

Nem só se acha melhor apparelhado do ponto de vista portuario, e com instalações mais amplas em perspectiva, como possue organização bancaria e commercial mais perfeita do que os outros. Acresce que as linhas já se estendem até o rio Paraná, quanto ao ramal da Sorocabana para o porto Presidente Epitacio, e quasi a fronteira boliviana, quanto ao complexo São Paulo-Porto Esperança, no rio Paraguay. Pequeno esforço mais, e os trilhos irão a Corumbá e Puerto Suarez, na divisa.

Essa directriz deverá ser, por sua localização geographica e pelo adeantado da construção, a do primeiro transcontinental. Irá ligar-se á E. F. Pan-Americana, e por ella formará sistema com toda rede ferro-viaria dos dois continentes. Um dos problemas que o Ministerio das Relações Exteriores está estudando, e terá de solver, é o da linha Corumbá-Santa Cruz de la Sierra, na Bolivia. E' assumpto vital para as duas Republicas amigas e vizinhas.

Convém notar que ella solve apenas o caso boliviano. Pôde, entretanto, servir de tronco para outras ligações em Matto Grosso. Dois ramaes para Sul, partindo de Campo Grande para Ponta Porã e Nhuvirá, e de Miranda para Bella Vista, poriam em contacto ferro-viario com o atlantico todo o Norte do Paraguay e as estradas dahi para Sul e para Oeste.

Do mesmo modo, o prolongamento da linha Sorocabana, no ramal de Paranapanema, além de Presidente Epitacio, nem só drenaria a região entre Paraná e Serra de Maracujá como attingiria o lindo nas imediações de Ponta Porã e se soldaria ahi com os trilhos vindos de Campo Grande e se prolongaria pelas estradas paraguayas vindas de villa Concepcion. Seria a solução para todo o Norte da Republica.

Não assim, para o centro e para o Sul.

OS TRAÇADOS PARA AS ZONAS DO CENTRO E DO SUL

A saída natural para estas zonas é o trecho do rio Paraná entre Sete Quêdas e a foz do Iguassú. Tres traçados apresentam-se, com largos trechos já construídos. De Norte para Sul, temos o prolongamento da Sorocabana, do salto do Paranapanema para o valle do Tibagy, do Ivahy e do Pequiry; este foi o preferido pela comissão technica incumbida de estudar as ligações por trilhos com a fronteira. Em segundo lugar, vem a linha Paranaguá-Curityba-Serrinha, que se prolongará por Iraty-Guarapuava — divisor de aguas entre Iguassú e Pequiry, com dois sub-ramaes, um para Sete Quêdas e outro para salto do Iguassú. Terceiro seria a estrada de S. Francisco, Porto União, Salto do Iguassú.

Para o futuro, é certo que as duas primeiras se farão. Serão organizadas de forma tal, que tornem solidarios os tres portos já citados. Sua construção é mera questão de tempo e de metodo.

Desde logo se vê quanto importa para solver a crise de congestionamento de qualquer dos tres desembarcadouros, o ter cada um os dois

outros como auxiliares. Mas mostra também quão urgente é ficar independente um trafego de tanta monta, do exutorio unico que actualmente é a S. Paulo Railway.

Com o sistema adoptado por esta Companhia, e que no passado prestou serviços benemeritos, já não ha grande margem de desenvolvimento a esperar, e é preciso prever volumes e tonelagens formidaveis dentro em prazo relativamente estreito, tal a rapidez de crescimento da zona servida: São Paulo todo, Matto Grosso, Goyaz, Sul de Minas. Quando, da Bolivia e do Paraguay, exportações e importações dependrem, mesmo em parte, do litoral paulista, será critica a situação, si, com larga antecedencia, não tiver sido prevista e solvida.

O plano, apenaes em começo, do ramal da Central, é mero palliativo destinado a desafogar o Norte do Estado e o Sueste de Minas.

Não trará benefícios por si só. De facto, a capacidade de transporte por linha singela do ramal que vem de Barra do Pirahy não está muito longe de ser atingida; para se dar o allivio que a nova construção colima, será necessário executar logo programma de melhoramentos e de ampliações de grande importância, tanto na linha official como nos affluentes mineiros do trafego.

Desde já, portanto, convém fazer de Santos cabeça de linha de todo o sistema ferro-viario central, levando este até o porto devidamente apparelhado. Sorocabana e Mogiana devem ter ponto inicial no litoral. Não falemos mais na Central, já em estudos o caso, nem na Southern, que tem trechos em trafego obedecendo a essa orientação.

OS MEIOS PARA REALIZAR O PROJECTO

Surge, logo a indagação dos meios precisos para realizar tal projecto. E' um milhão e meio de contos a distribuir por uns dez exercícios financeiros. Ponhamos de lado, sem hesitar, os avelhantados e tão anti-económicos processos da garantia de juros e das subvenções kilometricas. Mencionemos a possibilidade de concessões de terras marginaes.

A maior parte dos recursos pôde ser obtida pelas obrigações ferro-viarias, como se tem feito até agora. Outra, sem dificuldade, proveria da revisão de alguns contractos vigentes. Um terceiro grupo especialmente no Rio Grande do Sul, encontraria, com sacrificio pequeno para os cofres publicos, quem construisse as linhas. Convém, também, desenvolver o metodo que, por ora, ainda não saiu da phase experimental, na organização militar do Brasil: a superintendência technica pelos grupos ferro-viarios do Exercito.

Cada vez mais se evidencia a importância em campanha dos transportes de todo genero, tropas, abastecimentos, além do material bellico. Claro, em tempos normaes não podemos ter regimentos mobilizados de trabalhadores: só após a declaração de guerra terão de aparecer. O essencial, entretanto, está em ter quadros competentes para tal genero de incumbencias. A solução consiste em possuir, e manter constantemente treinadas formações especiais, técnicas, adequadas para dirigirem os serviços. Temos apenas dois nucleos que urge desenvolver: a

Companhia ferro-viaria da Villa Militar, ou Batalhão ferro-viário, ora em Santo Angelo.

Pouquissimo. Uma semente apenas. Urge transformal-os em uma ou mais unidades, com secções aptas para, cada qual, dirigir o projecto, a locação e construcção de certo numero de kilómetros, digamos uns cincocenta. A cada qual se entregaria a realização de determinado programma constructivo. A mão de obra em periodo de paz seria a commum, recrutada como sóe ser pelas empresas civis. Rompendo hostilidades, seriam mobilizados regimentos de trabalhadores.

A estas formações, elásticas, devidamente orientadas e dirigidas, se entregariam trechos importantes das rôdes a crear.

Já é altamente tempo, tambem, de cuidar de outro aspecto do problema, a estandardização das linhas, do material e dos regulamentos de serviços.

Não falemos das estradas de rodagem neste capítulo, o impulso está dado e o movimento é auspicioso.

Felizmente, após a inevitável phrase primeira de remoques ignorantes e de faceis pilherias, já se comprehendem a vastidão e a importancia do assumpto.

OS TRANSPORTES MARITIMOS E FLUVIAES

Cuidemos antes dos transportes marítimos e fluviaes.

Ainda estão muito proximos do embryão. Sobre o Lloyd corre uma lenda que induz em erro. Sua administração é, sem favor, honesta, e tecnicamente competente. Sobre sua orientação commercial, ha reservas a fazer, como prova o recente caso de indemnizações avultadas a pagar. Não pôde fazer impossíveis, porém. A renda propriamente dos transportes vae em ascensão, não ha duvida, mas sem justificar os exageros de louvor que hoje se ouvem. A renda principal da empresa provém de commissões de compras, pois ella monopolizou as acquisitions de material no estrangeiro, e sobre ellas, commercialmente, cobra seu serviço. Si é conveniente tal regimen, é outra questão que se não pôde examinar aqui. Provavelmente a resposta não seria generica: cada caso teria de ser analysado de per si.

Mas quanto ao serviço de vehiculação propriamente dito, o crescimento que se nota, auspicioso embora, ainda é fraco, e sua renda pôde ser aumentada pela acção official.

Referimo-nos á lei de cabotagem, que urge seja reformada no sentido de minorar os onus impostos, quanto aos quadros de officiaes, ás tripulações e aos serviços sanitarios. Ha dois bons exemplos a seguir: o inglez, o alemão. Com as regras vigentes, paga-se mais nos transportes costeiros do que na navegação transatlantica.

Outro ponto a exigir exame, com o fito de intensificar as tonelagens vehiculadas é a questão dos "pools" oceanicos e dos nossos entendimentos com elles. Na costa influem tambem apesar do monopolio nacional da cabotagem, pois existem accordos tacitos ou pouco falados entre empresas estrangeiras de longo curso e companhias nacionaes.

Ora o Lloyd faz tambem navegação trans-

atlantica. Parece aconselhavel estudar-se um regimen, em que cessasse a luta movida contra elle pelos associados, confessos ou ocultos, dos convenios marítimos.

Talvez se achasse solução numa avença de qualquer genero, pela qual se estipulasse a entrega ao Lloyd de todas as cargas destinadas a costa, menos as directamente trazidas ás escala das navios estrangeiros, e uma fusão de interesses quanto ao transporte transatlantico. O exemplo da "United American Lines", que abrange norte-americanos e allemaes, deveria ser meditado, quiça seguido.

Onde grande impulso se torna necessário, contudo, é no aproveitamento dos rios navegáveis. Talvez seja cédo para iniciar grandes obras, difficéis e muitas vezes aleatorias, de melhoramentos de caudas. Mas já é tempo de estudar o problema, e enquanto se utilizam apenas os cursos das ríves navegáveis em seu estado natural. Isto nestes, no plexo amazonense por exemplo, na desobstruções que se impõem em certos affluentes do rio-mar.

Vae para vinte annos foi commettido um erro, não economico, mas politico, no modo de considerar as linhas fluviaes. Referimo-nos aos serviços do rio Paraguai. Mais activa do que se crê, exige barcos especializados pela natureza do leito, sua profundidade pequena em certos "passos". Navegal-o, da costa brasileira até Matto Grosso, sem quebrar carga em Montevideo, parece solução infeliz. Certo é que a linha foi sempre deficitaria. Foi suprida. O influxo fez-se logo e logo sentir. Naquellas aguas quasi só fluctua a bandeira argentina.

O mesmo, por abandono de nossa parte, no Paraná. Só agora, pequenas empresas paulistas e paranaenses começam a fazer transportes nos estiôres sem cachoeiras entre Porto Belo e as proximidades das Sete Quêdas, e de montante destas até o Rebojo do Jupiá, pouco abaixo da barra do Tietê.

Nesta zona fronteiriça, toda a attracção é exercida por Buenos Aires. Lingua, moeda, interesses economicos, são centrifugos quanto ao Brasil, e gravitam para o Sul.

Ahi se acha um grave problema político e nacional por solver.

A DIFFICULDADE-MÓR A VENCER

Quaesquer que sejam as comunicações estudadas, vias-ferreas, estradas de rodagem, navegações, correios e telegraphos, transportes aereos, na base dos meios de os realizar bem como de manter as industrias correlatas, se depara a questão mais grave de nossa terra: os elementos da força a utilizar.

Não cabe aqui conferencia especializada, indagar da interrogação.

Por si só, exige analyse peculiar.

Digamos logo, entretanto, o que salta a todos os espíritos que pensam: o problema essencial do Brasil, a difficultade-mór a vencer, é o estudo e a solução do aproveitamento de suas fontes de energia.

Solvido este ponto, os demais decorrem naturalmente e acham receitas adequadas, como dos theoremas decorrem os corollários.

(2) Esta conferencia, feita em Outubro de 1920, é anterior à criação, dos serviços aéreos do Kondor-Syndikat e da Compagnie Aero-postale.

Os Novos Aspirantes a Official

No dia 19 de Janeiro ultimo, uma turma de 111 novos aspirantes prestou compromisso de bem servir ao Exercito e à Republica, solennemente.

A significação de um tal acto, que annualmente se repete para revigorar os quadros do Exercito com injecção de novo sangue, toma no actual momento importancia accentuada. Essa importancia decorre sobretudo da phase reconstrutora porque passa o Exercito e torna consideravel a responsabilidade moral e patriotica que cabe aos jovens que assumem o imponente compromisso de bem servir.

Formados em situação ainda de crise para a defesa nacional, precisam dispôr de bastante intelligencia e, notadamente, de alevantados sentimentos, para que proporcionem á Patria o rendimento de trabalho que ella necessita e a que se comprometteram. **BEM SERVIR É' SERVIR DO QUE SE NECESSITA!**

Claro está que não se pode delles ainda exigir cultura sufficiente a todos os misteres, cultura que não é natural á sua pouca edade; que se não pode esperar delles uma actuação propria a um saber de experiencias feito porque agora, que vão ingressar na vida pratica, é que a experientia se lhes fará.

Mas, o que é lícito delles exigir, e ao que não podem faltar, é a sinceridade e a pujança de sentimentos que vão dedicar ao trabalho em prol do Exercito e da Patria.

+ + +

Os novos têm sempre uma grave missão a cumprir: substituir **MELHOR os velhos.**

Se não conseguem elles ser melhores que aquelles a quem substituem e em quem certamente notaram defeitos, não alcançam os grandes destinos da vida humana; e falham completamente, tornando-se inferiores na sua finalidade, si se deixam abastadar, ou degenerar o mecanismo do progresso que lhes recâe nas mãos.

+ + +

Para o exito em suas missões, o homem dispõe sempre de tres armas poderosas, de cujo trato jamais os novos devem descuidar: o carácter, o sentimento e a intelligencia.

Esses elementos, formadores da alma humana, nella existem sempre em grãos diversos mas em condições de equilibrio variaveis entre certos limites. A proporcionalidade entre estes elementos e o grão de existencia de cada um delles respeitados os limites e as condições de equilibrio, caracterisam as individualidades. A insuficiencia destas qualidades, ou o desequilibrio entre elles, forma as anormalidades, os individuos que se transviam da sociedade e quasi sempre contra elle abjuram.

Na vida humana, a intelligencia progride sempre, a bem dizer, enriquecida pelo exercicio e pela acquisição de novos meios, novos conhecimentos. O carácter treina-se em vencer as resistências e os attritos que a vida apresenta.

O coração, séde dos sentimentos, progride ou regredie conforme os sentimentos que nello se excitam e cultivam.

A accão que define o homem, que revela o seu modo de ser, surge sempre do sentimento, mas é a intelligencia que a dirige, e o carácter que a sustenta e lhe dá a intensidade e o vigor. O HOMEM QUE AGE denuncia, portanto, os sentimentos que possue, o grão de percepção, de assimilação, de comprehensão dos phenomenos e tambem as energias de que dispõe para proceder conforme sente e conforme julga.

A preocupação dos novos, constante e ininterrupta, deve ser então, para dignamente preencherem sua missão e se dignificarem cada vez mais, cultivar sem cessar as qualidades que definem o homem. Todo sucesso, em sua vida é consequencia de sua educação.

Attentos, porém, devem ser ao facto de que a mais efficaz, a unica fórmula efficaz de educar é a auto educação. E' pela attenção que a si mesmo presta, é pela meditação sobre o que o rodeia e sobre seu proprio procedimento e é pelo exercicio conscientemente dirigido e executado, que a auto educação se opera no homem. Mas, para que esta seja convenientemente orientada, uma preocupação constante calma energia e decisiva deve o homem ter — cumprir o seu dever, isto é, agir sempre com honra.

Cumpril-o, não fugir ás responsabilidades, não procurar justificar com argumentos sofisticos e idéas falsas, o que a propria intelligencia repugna, as fraquezas e insuficiencias de sua conducta; consultar sempre seu fôrntimo para comprehendêr nitidamente seu dever e se o cumpre como o deve cumprir: e o que é preciso, em todos as situações, que cada um faça para grandeza da Patria.

+ + +

A fórmula da solennidade do juramento deva calar no animo dos novos aspirantes. Ha ali uma significação profunda: accão, collectiva, movimentos uniformes e coodernados, cohesão de movimentos individuais obtida por uma direcção, disciplina... A essencia mesma da vida do Exercito...

Jurando bem servir ao Exercito e à Patria, fizeram-no diante da imagem symbolica da Patria, evocativa de glorias legitimas e dignas aspirações, unica na Terra em perfeição esthetic; fizeram-no em um ambiente que synthetisa tudo que o Exercito deve ser e tudo de que precisa para existir: — solidariedade, cohesão, uniformidade, direcção, disciplina, esportaneidade...

Que a impressão desta solennidade, que recordações do momento, que a nitida percepção do significado do ritual cumprido, e na sua acceptação passiva, façam nascer-lhe na alma a intelligencia clara e o sentimento viril do modo por que se devem conduzir

Como se fazem os Exercitos Efficientes

"O imponderavel governa o Mundo!"

FOCH — *"Une fois de plus, la distance est grande de la connaissance d'une vérité à l'usage qui en est fait".*

A. GAVET — *"Ne consentir pas par faiblesse à l'avancement d'un mauvais sujet".*

MACHIAVELLI — *"O verdadeiro laço de um exercito é a consideração que o general n'elle goza, a qual só deve a seu talento e a qual esperará em vão de seu nascimento ou de sua autoridade".*

"Os exercitos valem o que valem seus quadros".

CONSIDERAÇÕES SOBRE MÉTODOS DE ACESSO E PROCESSOS DE SELEÇÃO DOS QUADROS DOS EXERCITOS

V

Temos até aqui passado em revista, embora resumida e schematicamente, aos métodos de acesso e processos de seleção dos quadros, em voga em quatro tipos de exercitos, propriedade escolhidos para pôr em melhor evidência o que deve haver de essencial em tais processos e métodos. Pretendemos ter fornecido material suficiente à observação de nossos leitores, para que possam, por si mesmos, concluir o que ha a ser considerado como leis, princípios dominantes na questão. Não parece que tenhamos falhado e ao contrario, cremos ter alcançado nosso objectivo tomando como típicos um exercito aguerrido, tradicional, o Exercito Francez; dois exercitos não aguerridos, mas cuja evolução se acha terminada e se encontram prompts a marchar para a batalha, o Exercito Argentino e o Exercito Chileno; e um quarto, em plena evolução, não ainda terminada, mas que parece apercebido de suas necessidades e ter vontade de se apparelhar para o cumprimento de seus deveres patrióticos, o Uruguayo.

A primeira causa a sentir-se em todos elles, como primordial necessidade aos seus progressos, em vista das condições da guerra moderna, é a ausencia do feitio político, da intromissão do Exercito na politica corrente e da politica no Exercito.

A este respeito dois exemplos chamam a atenção: o Francez, em que o Exercito é o grande mudo e em cujo seio não conseguem penetrar nem as influencias sociaes, nem as da politica eleitoral, ou as regalias; e o Exercito Argentino até agora, e ha mais de 30

vida militar e, sobretudo, no seio do Exercito Brasileiro, em evolução!

Certo muito é preciso estudar e meditar, mas, acima de tudo é necessário agir! Agir conscientemente, "agir em segurança"...

O compromisso que a Pátria exige, e que foi feito, impõe o empenho d'alma nas ações, a paixão pelos deveres profissionaes, a abstração das considerações de ordem individual e pessoal em favor da idéa de uma missão a cumprir e da de um Grande ser a servir, Exercito, Pátria...

Não se conduzir assim, é fazer-se mediocre, Não conforta, não nobilita, não constrói....

anos, intangivel a estas causas deliquescentes das organizações militares.

O Exercito Chileno, conduzido pelas circunstancias a reagir contra políticos impatrióticos, cede á fatalidade mais manifesta-se em bloco e sem se decompor, reentrando rapidamente, conduzido por seus competentes chefes, no trato de seus deveres profissionaes.

Esses resultados são obtidos pela formação de uma mentalidade profissional, de uma disciplina consciente das missões de defesa nacional a cumprir, da percepção nitida dos deveres em face da guerra, nelles a unica preocupação collectiva.

Tal mentalidade reside nos quadros e são os chefes dos diversos grados que, logica e honestamente hierarchizados, a sustentam, fomentam-na.

Quando estes, em qualquer circunstancia, ficam aquem das necessidades, ha falhas no mecanismo do exercito, ha perturbação na ordem natural das cousas; e, conforme sejam as circunstancias, desaparece o controle geral, ha colapsos de impulsão, surge a indisciplina intellectual e de sentimentos, a ordem se perturba. E tudo isso são symptomas de decomposição dos organismos militares, cuja vida é mantida pela disciplina resultante de uma hierarchia real e logica.

E', então considerável, capital e fundamental a importancia dos métodos de acesso e dos processos de seleção nos quadros dos Exercitos em que nenhuma considerações estranhas ao proprio exercito, aos seus fins de applicação ás necessidades da guerra e de sua preparação,

Aqui, no momento actual, mais ardua é a tarefa. E' preciso saber vencer, apesar de tudo que entorpece. E' preciso ser forte, para não cair na condenação da propria consciencia e das proprias palavras de critica...

Ha insuficiencias alheias? Esforçemo-nos por neutralizá-las pelo trabalho!

Temos uma missão a cumprir, cumpramo-la!

Que nos importam as imperfeições e falhas alheias? O que nos importa é comprehender a missão e depois levá-la a cabo, com alma, vida, entusiasmo, coragem, firmeza, tenacidade!...

devem influir directa ou mesmo indirectamente.

E o exercito será tanto mais perfeito quanto mais rigorosamente forem observados tais preceitos.

* * *

Passando uma revista retrospectiva no que anteriormente, havemos publicado, facil será notar um certo numero de principios rigorosamente observados como criterio director de formação e selecção dos quadros, quaesquer que sejam as modalidades de applicação; e tambem, um certo numero de normas praticas, que formam a essencia dos processos de execução.

Evidentemente encontramos ahi um producto da experientia universal, que é perigoso desprezar e a que não se pode fugir sem risco de errar, de falhar aos objectivos que se tem em vista.

Em nosso modo de ver, podem ser deprehendidos dahi alguns principios essenciais:

1º — A ascensão na escala dos quadros de um exercito não é um direito do individuo e, sim, uma necessidade da organisação e funcionamento desse exercito;

2º — A promoção não é um justo titulo de recompensa a serviços prestados e, sim, uma selecção visando a capacidade maior de prestar serviços de ordem mais elevada;

(Nos exercitos bem organizados, a applicação deste principio não prejudica aos que tenham serviços prestados. Nelles a qualidade do serviço prestado tem importância mas é natural que estes serviços sejam prestados pelos que têm maior capacidade. Outros serviços especiais são recompensados por meios especiais: vantagens monetarias, condecorações, licenças, etc.).

3º — A hierarchia das funções militares sendo de generalidade crescente e da especialização decrescente, as selecções devem cada vez mais apurar os individuos mais capazes de idéas e acções de conjunto.

4º — Os diversos escalões da hierarchia constituem grupos essencialmente diferenciais (subalternos, capitães, officiaes superiores e generaes) necessitando cada grupo de uma cultura especial, devendo ser exigidos, portanto, para o exercicio de cada um delles, novos estudos e novas provas de capacidade.

5º — A preparação indispensavel para o exercicio dos diversos postos da hierarchia demandando a aquisição crescente de novos conhecimentos e experientia, devem ser exigidos estagios minimos em cada posto, effectivamente exercidos;

6 — As necessidades de vigor physico, vigor intellectual e vigor moral, proprias aos diversos escalões da hierarchia, conduzem os processos de formação dos quadros e methodos de selecção a regularem o recrutamento em cada posto e a constituição de seu quadro, de modo que nenhum official nesse perdure além de determinados limites de tempo.

7º — A necessidade de manter os quadros dos postos sempre plenamente efficientes conduz a que d'elles sejam eliminados os individuos tornados insufficentes, quer pela idade e

vigor physico quer por deficiencias de ordem intellectual ou moral.

8º — As promoções de um posto a outro em virtude da natureza das funções hierarchicas e da proporção numerica entre os quadros dos diversos postos, devem seleccionar os officiaes visando, de um lado, a capacidade para o exercicio do posto immediato e de outro lado, a capacidade manifestada para o exercicio dos postos mais elevados.

* * *

Qualquer que seja o processo para formação e selecção dos quadros, seu valor pratico depende do grau de observancia que consegue realizar destes principios.

Em primeiro lugar, em estudo retrospectivo sobre os exercitos estrangeiros organizados, observa-se a preocupação de evitar a possibilidade de influencias estranhas ao exercito intrumettendo-se nas promoções.

Depois, percebe-se a preocupação em interessar o maior numero de elementos capazes e proprios a influir na organisação das promoções, fugindo assim ao perigo do livre arbitrio e facilitando os julgamentos justos.

Esse caracter é accentuado ainda pelo facto das promoções serem feitas em épocas fixas e determinadas e mediante uma lista de acesso previamente estabelecida, dando tempo e possibilidades para uma justa apreciação dos valores positivos.

Em toda parte, esta apreciação dos meritos é feita pela analyse precisa de todas as manifestações da vida do official (instrucção, commando, administração, vida civil e militar, etc.); é regulada em documentos fixos, modelados e uniformes (fichas individuaes, fés de officios, etc.) e organizados em todos os escalões do commando.

Comprehende-se desde logo que a informação e o julgamento dos commandantes do official, TEM SEMPRE, QUALQUER que seja o processo de promoções, uma influencia inevitável. É racional, é lógico portanto fazê-llos influir directa e claramente no assumpto. São elles que mais de perto assistem as manifestações de capacidade do official. A ellas prestarão maior atenção se lhes tocar responsabilidade directa nas promoções.

Preciso é, porém, assegurar a existencia de um criterio uniforme nos julgamentos e o direito de reclamar contra uma referencia injusta que ao official seja feita.

O segredo da efficacia deste poderoso recurso para a selecção dos valores está em sua regulamentação. Ahi, nada deve ser vago, a especificação da materia a julgar deve ser tão completa quanto for possível e a expressão dos julgamentos feitos deve ser clara, precisa e facilmente apreciavel.

Para alcançar estes objectivos os exercitos, que têm largas tradições guerreiras e mentalidade indestructivel, recorrem ás insospitáveis expressões numericas.

Organizar uma escala numerica de valores (0 a 10 ou 0 a 20 por exemplo) e expressar os julgamentos por numeros é obra relativamente facil e segura.

Então, em resumo, podemos dizer que um processo de promoções para ser efficaz deve, pelo menos:

1 — estabelecer listas de acesso previamente organizadas e convenientemente estudadas;

2 — só fazer as promoções em épocas fixas e determinadas, convenientemente espaçadas, para que haja tempo sufficiente ao estudo dos candidatos;

3 — interessar todos os escalões do comando na classificação dos candidatos;

4 — permitir revisões sucessivas das classificações feitas;

5 — assegurar o controle pelos próprios officiaes, directamente interessados na promoção;

6 — assegurar aos julgamentos criterio fixo e uniforme recisando rigorosa e nitidamente a matéria, algada e traduzindo as apreciações dos valores por expressões numéricas.

* * *

Temos dess'arte matéria sufficiente para definir as bases para a organização de uma lei de promoções. Não devemos, porém, terminar este artigo sem afirmar que não relegamos para segundo plano a questão do recrutamento para o primeiro posto.

Ao contrario, atribuímos a isso a **maxima importância**, porque é esse recrutamento que vai fornecer a **materia prima** a ser trabalhada depois pelos processos de selecção, ou como mais commumente se diz, pela lei de promoções.

Mas, ainda aqui, se applicam princípios analogos e, nesse recrutamento, deve ser visado o mesmo objectivo: **material humano para a formação de instructores, commandos, chefes...**

As matriculas na Escola Militar, primeiro termo da preparação dos officiaes de carreira, devem merecer meticulosa atenção. Sera um erro irreparável de graves consequencias, descurá-las.

Mas se attentarmos a que os quadros se estrangulam, á proporção que se ascende na escala hierarchica, veremos que não é preciso que todos os officiaes dos primeiros postos tenham a mesma origem.

Si consideramos o numero considerável de elementos que constituem os primeiros postos, veremos que o recrutamento delles difficultemente terá solução por via exclusiva da Escola Militar, a menos que ahi se abram facilidades...

A solução está, portanto, como fazem os outros exercitos, em admittir outras fontes de recrutamento para o primeiro posto, mediante condições a preencher pelos candidatos, **rígurosamente estabelecidas**.

Aproveitando as escolas de sargentos, por exemplo, poderíamos ahi ter uma fonte de recrutamento subsidiaria para o primeiro posto. Os dessa origem preencheriam as insufficiencias de produção da Escola Militar e teriam sua carreira limitada ao posto de 1º Tenente, por exemplo, quando passariam para a reserva ou outros empregos militares, ainda

em bôas condições physicas. Dessa arte, não prejudicariam os concurrentes da Escola Militar e seriam evitados os claros de subalternos nos corpos, que nos conduzem á solução mixta de interinidade de cargos de official desempenhados por sargentos, sem nenhuma vantagem para o Exercito e para estes e, pelo contrario, com prejuizo para todos.

O exemplo que damos não constitue certamente solução unica. E' um puro exemplo. Aqui pretendemos fixar apenas idéas geraes, principaes.

Nesse capitulo da Escola Militar, o que é imprescindivel é jamais se abdicar das questões de qualidade por cousas perturbadoras, criundas da necessidade de um grande número. Mas isto é assumpto para ser tratado especialmente.

A lei e disciplina

"...Sr. Presidente, eu tive alguns annos de praça em tempos melhores do que estes. Nas recordações da moçidade, sob a carga dos annos e das molestias, ficaram-me ainda algumas reminiscências de camaradagem militar com as bôas lições da verdadeira disciplina. Apprendendo naquella escola o culto de dois sentimentos ás vezes exagerados, a tendência a proteger o fraco contra o forte e o excessivo amor do ponto de honra.

Não comprehende portanto o meu espirito; não acho moldes no coração, para attribuir ao exercito brasileiro, factos que a minha consciencia, antes de os repudiar como Senador do Imperio, já os repudiava como soldado..."

"Discursos — José Bonifacio, o Moço".

Idéa e acção

"A acção, antes de ser acção, é, foi e será sempre idéa. O braço não move a cabeça, e, enquanto a cabeça mover o braço, a idéa predominará sobre o gesto, seu escravo.

A vida é toda acção, energia e movimento. A realidade pratica e a acção constituem uma symbiose politica, desde que a arte de governar tomou o progresso por escopo. Mas proclamar que a acção prescinde do pensamento ou contenta-se com suas linhas elementares é um tal disparate que inspira apenas tompaixão. Muito vale o trabalho dos pontoneiros numa campanha militar. Mas muito mais o plano do Estado Maior que os dirige de longe, e que abrangendo todo movimento de tropas decide da batalha.

A idéa tem muitas vezes consequencias mais duradouras que as maiores batalhas. A questão é vel-as em tempo opportuno." (O Brasil e a Raça — Baptista Pereira).

Como organisar e o que é um plano de guerra

Pelo Cap. F. SABOIA B. DE MELLO

II — ESTABELECIMENTO DO PLANO DE GUERRA

Deante do quadro assim resumido e tendo em vista a guerra inevitável, num futuro mais ou menos remoto, que resta fazer?

Resta: 1.º Determinar os objectivos políticos que visaria o paiz recorrendo ás armas para impor ao adversário a sua vontade;

2.º Examinar as condições moraes, políticas, militares, materiais, financeiras, etc., em que se encontra o paiz para a luta, na eventualidade da guerra provável e deduzir portanto as suas possibilidades.

Estabelecer, em consequência, em todos os aspectos da actividade nacional, um plano de acção tendo em vista preparar o paiz para a guerra.

O conjunto dessas medidas constituirá o Plano de Guerra.

* * *

Comprehende-se, perfeitamente, que a determinação do objectivo político deva ser a primeira questão a resolver, nessa parte do estudo, pois, se na anterior reconhecemos a eventualidade de uma guerra, nessa, antes de mais, é mistério conhecer o "Porque" dessa guerra.

Ora, as razões que levam um paiz á guerra são de ordem política, provenientes de interesses nacionais, que um paiz não pôde sacrificar sem despréstigio de sua soberania.

Dest'arte, sómente o Governo poderá definil-os, porque, conhecedor da situação de conjunto de um paiz e único depositário dos interesses nacionais, a elle competirá aquilatar e decidir o que deve ser visado na política internacional.

Esta questão é de interesse capital, pois que a guerra é a continuação da política por outros meios; pois que é a base da organização militar do paiz, a qual deve estar em harmonia com a política internacional seguida; pois que della depende em grande parte as instruções que um Governo dará aos dois Estados Maiores, tendo em vista a elaboração dos planos de operações respectivas.

De que servirá, com efeito, visarmos objectivos políticos de qualquer natureza, si não dispuzermos de uma força armada em condições de garantir sua consecução, a despeito dos adversários prováveis?

De que maneira indicar aos Estados Maiores os elementos básicos de seus trabalhos, se forem desconhecidos os objectivos políticos a atingir pelas operações militares?

Não devemos, portanto, confundir o objectivo político da guerra com o pretexto que a desencadeará. O primeiro constitui a verdadeira razão do conflito, consequência que é de aspirações nacionais largamente evidenciadas pela conducta geral do paiz, durante o curso de sua existência; o segundo nada mais é que o fogo posto ao fornalho de polvora e que determina a sua explosão.

* * *

O estudo das condições em que se encontra o paiz para a luta se deve fazer após o reconhecimento do objectivo político da guerra.

Com efeito, nesta altura dos trabalhos, já se conhecem:

1.º o inimigo provável e seus aliados;

2.º os nossos aliados;

3.º os neutros e a sua atitude;

é mistério examinar, então, em que condições se encontra para a guerra.

Este exame deve abranger todos os aspectos da actividade nacional, o militar, o diplomático, o político, o financeiro, o económico, etc.

Mas, dessas questões, qual delas deve ser abordada em primeiro lugar? Qual a successão em que devem ser estudadas?

Para respondê-lo façamos a pergunta "De que se trata?"

Trata-se de estudar e de prever em seus menores detalhes, todas as medidas que, instantaneamente, devem ser postas em execução, no momento em que se declarar a guerra.

Ora, são as forças militares, exercito e marinha, que permitem dominar o adversário, pondo fôra de acção as suas forças combatentes. Em consequência, todas as medidas de previsão, seja do ponto de vista diplomático, político, económico ou financeiro, devem ter por base as possibilidades militares do paiz; em outras palavras tudo é função do que o paiz, ao ser declarada a guerra, pôde constituir como exercito e como esquadra.

Portanto, antes de mais nada, é indispensável conhecer a fundo e pormenoradamente os recursos do paiz, para, em seguida, deduzir as suas possibilidades militares, e preparar a sua utilização em tempo de guerra.

Nisto consiste, justamente, o Plano de Mobilização.

Este plano dispõe quanto: á utilização dos efectivos instruídos; á chamada de homens com a idade militar, mas não instruídos; á chamada antecipada das classes jovens; á formação de novas unidades com todas as consequências que

dahi decorrem: material, enquadramento, escolas para officiaes de reserva, campo de instrução; ás medidas que visam substituir por jovens, os reservistas edosos, incorporados no inicio das hostilidades nas unidades de primeira linha.

O plano de mobilização é a base de todos os outros planos, porque elle é que: de um lado, dá a conhecer as forças militares com que conta o paiz para a guerra; de outro, permite firmar de que maneira essas forças devem ser empregadas em sua defesa; finalmente que medidas devem ser previstas, para garantir a actuação dessas forças e a vida da nação, ou para aumentar as suas possibilidades de defesa por meio de allianças.

Com effeito, estabelecido o plano de mobilização, ou melhor conhecidas as forças militares do paiz, pôde o Governo dar as suas Directrizes para o emprego mesmas.

Nessas directrizes elle determinará os resultados que devem ser attingidos nos diversos teatros de operações; e, repartirá os meios e os recursos de toda especie, confiando-os aos Generaes nomeados para o commando nestes diversos teatros de operações.

Cabe, então, a esses Generaes estabelecerem, de accordo com as directrizes recebidas, os Planos de operações, naturalmente distintos para cada theatro.

Esses planos consistem nas disposições que adoptam para o desempenho de suas missões, e comportam a elaboração de tres documentos, a saber:

- 1.º o plano de concentração das tropas
- 2.º o plano de cobertura
- 3.º o plano de busca de informações

O plano de concentração, estabelece de que maneira as unidades do exercito devem ser inicialmente dispostas e agrupadas, no theatro de operações, tendo em vista opporem-se á invasão do territorio nacional, e executarem a manobra concebida pelo Commandande em Chefe.

O plano de cobertura, consta das disposições que se devem tomar para garantir, contra a vontade adversa, a realização do plano de concentração e da manobra inicial projectada.

O plano de busca de informações consiste no estudo das possibilidades do inimigo. Nelle ha duas partes: uma que se refere ao que desde o tempo de paz se sabe do inimigo; a outra que define o que, além disso, se quer saber do inimigo, tendo em mira o desenvolvimento da manobra projectada.

Mas, a concentração e a cobertura, aliás tambem a mobilização, dão logar a organização de numerosos transportes destinados a levar as unidades do exercito, das cidades onde estacionam no tempo de paz para as zonas do theatro de operações em que devem ser empenhadas.

E uma vez as unidades desembarcadas, nessas zonas, ha necessidade ainda de transportar tudo quanto necessitam, para viver e para combater: viveres, material sanitario, munição, etc.

Resulta, então, dahi, uma grande sobrecarga para os meios de transporte: ferroviarios, rodoviarios, maritimos e fluviaes.

Estes meios, portanto, indispensaveis á concentração, á cobertura e aos abastecimentos di-

versos, devem ser apparelhados de modo que satisfaçam ao fim a que se destinam.

As medidas previstas neste sentido, constituem o *Plano de Apparelhamento das Vias de Comunicações*. Dispõe esse plano, por consequente, quanto aos melhoramentos que devem ser introduzidos na rede ferroviaria existente: linhas novas a construir, estações a desenvolver ou a crear, instalações a effectuar, etc.; e quanto as questões analogas relativas ás estradas de rodagem, a via fluvial é á marítima.

* * *

Mas é preciso considerar que a declaração de guerra, altera profundamente as condições de vida de um paiz.

Desde o primeiro instante a mobilização dos reservistas, incorporados por milhares nos corpos de tropa, afasta da agricultura e da industria milhares de braços, e occasiona desta maneira profunda baixa na produção nacional.

A guerra difficulta as importações e as exportações, já por causa das proprias hostilidades, já pelo receio que inspiram aos neutros as represalias do inimigo, já pelo enfraquecimento do credito nacional.

Ella perturba o funcionamento dos meios de transportes difficultando as trocas commerciaes entre pontos do paiz, e dando lugar, assim, á alta dos preços, ao commercio clandestino, á especulação, ao panico do consumidor, etc.

E, no entanto, é justamente quando rebenta a guerra, que maior precisa ser a produção agricola do paiz para attender as necessidades das forças militares e do restante da nação; é justamente, neste momento que maior deve ser a produção industrial, porque o consumo do material de guerra (armamento, munição, material diverso) se faz em tão grandes quantidades, que as usinas, bellicas ou não, do tempo de paz, nem sempre podem fazer face ás necessidades da luta; finalmente, então é que o credito do paiz deveria melhorar para permitir solver os compromissos tomados com o estrangeiro, anterior ou posteriormente ao rompimento das hostilidades.

Estas considerações mostram claramente que, desde o tempo de paz, devem ser previstas as medidas que evite ou contrabalance todas essas causas de enfraquecimento economico, financeiro e, portanto, militar da nação.

As medidas adoptadas, darão logar a elaboração de tres planos, a saber:

- 1.º o *Plano de Reabastecimento Nacional*
- 2.º o *Plano de Mobilização Industrial e de Fabricações de guerra*
- 3.º o *Plano Financeiro*

O **PLANO DE REABASTECIMENTO NACIONAL**, destina-se a assegurar a vida material do exercito e da esquadra, e de toda a nação.

Dispõe, por conseguinte, quanto a utilização, transformação, reunião ou repartição dos recursos alimenticos nacionaes; quanto á mobilização civil para assegurar a continuação dos trabalhos agricolas, desfalcados dos reservistas incorporados nas fileiras; quanto ao alistamento de trabalhadores agricolas nos paizes neutros ou aliados; quanto as importações a fazer do estrangeiro, desde logo provendo para isto os mercados, porque é raro que um paiz, embora es-

sencialmente agricola esteja em condições de abastecer-se a si proprio.

O PLANO DE MOBILIZAÇÃO INDUSTRIAL E DE FABRICAÇÕES DE GUERRA, visa assegurar o suprimento do exercito de todo o material indispensavel á sua actuação em campanha.

Dispõe, portanto, quanto a utilização, transformação das usinas existentes ou construção de usinas novas; quando ao reforço do pessoal das usinas pela mobilização civil ou por operarios neutros ou aliados; quanto á importação das materias primas e das fabricações pedidas aos neutros e aos aliados.

Este ultimo ponto, como, aliás, aquelles relativos á importação de viveres mostra a importancia no mar, seja pelo facto da propria superioridade maritima, seja pelo concurso de seus aliados.

Se esta condição não fôr realizada o problema dos abastecimentos, de qualquer especie, torna-se extremamente difficult, no caso em que o bloqueio das costas seja efficaz, porque sómente será possivel contar com os recursos de que disponham ou com o contrabando que exercam, em nosso proveito, os vizinhos proximos, aliados ou neutros. Mas os recursos proprios dos vizinhos são forçosamente limitados, e pôde acontecer além disso que lhes faltem completamente as materias primas, indispensaveis para as fabricações de guerra.

O PLANO FINANCEIRO dispõe quanto as medidas a tomar para manter o cambio e o credito no estrangeiro; ou para fazer abrir, nos paizes aliados ou neutros, creditos destinados ao pagamento de compras effectuadas nestes paizes; e quanto aos emprestimos internos, a curto prazo, destinados a assegurar as necessidades do thesouro.

* * *

Não são essas, porém, as unicas questões que devem ser encaradas quando se trata de preparar o paiz para a guerra, porquanto elles se referem, principalmente, á parte material do problema, e visam até certo ponto preparar a guerra com os unicos recursos do paiz.

Importa, ainda, de um lado situar a luta no ambiente diplomatico em que se deve desenrolhar; de outro, fazer comprehender ao paiz os sacrificios impostos pelas necessidades militares; e finalmente, impedir a actuação do inimigo dentro do territorio nacional.

Destas considerações decorrem tres especies de planos:

- 1.º o Plano Diplomatico ou de Alianças
- 2.º o Plano de Propaganda
- 3.º o Plano de Segurança Interna

O PLANO DIPLOMATICICO OU DE ALLIANÇAS dispõe quanto: as medidas a empregar para atrair de nosso lado os Estados que hesitam tomar partido, ou, pelo menos, para conseguir a sua neutralidade benevolente e seu concurso economico e financeiro; e as medidas que visam manter na neutralidade os Estados cuja tendencia seja de alliar-se ao inimigo.

O PLANO DE PROPAGANDA é necessario para demonstrar a justica da propria causa e dispõe quanto a acção a exercer sobre a imprensa nacional, sobre a imprensa neutra, e eventualmente sobre a imprensa inimiga; e quanto as missões a enviar, para este fim, aos paizes neutros, etc.

O PLANO DE SEGURANÇA INTERNA dispõe quanto as medidas de policia; a internação e expulsão de subditos inimigos; a prisão de nacionais suspeitos; á censura da imprensa; a repressão da espionagem, etc.

* * *

São essas as questões que devem ser tratadas no estabelecimento de um Plano de Guerra e resalta do exposto, que esse plano compõe a elaboração de varios outros, a saber:

de Mobilização
de Operações
de Reabastecimento Nacional
de Mobilização Industrial e Fabricações de guerra

Financeiro
Diplomatico ou de allianças
de Propaganda
de Segurança Interna

Além disto a enumeração de todos esses planos faz resaltar a enorme complexidade do problema; e mostra que a natureza dos assumptos estudados affecta ora a um ora a outro dos Ministerios, e que os interesses em jogo exigem o maximo segredo; de sorte que cabe ao Governo a responsabilidade do estudo e da aplicação das medidas julgadas necessarias à Defesa Nacional.

Justifica-se, assim, plenamente a existencia do Conselho de Defesa Nacional.

Verifica-se, ainda, que o metodo proposto por nós para a solução do problema, não pode ser seguido rigidamente na pratica, porque as variadas e multiplas questões, que o Plano de Guerra suscita, reagem umas sobre as outras e difficultam o seu estudo successivo; mas que, de qualquer modo, serve pelo menos, para precisar as idéas e permitte fazer ressaltar que, de todos os planos, o de Operações é o unico cuja elaboração constitue apanágio exclusivo dos militares todos os outros competindo ou exigindo a colaboração do elemento civil.

Todavia é importante notar que o Plano de Operações influe na elaboração de todos os outros planos e é por isto, a parte mais importante do Plano de Guerra, pois todas as medidas que forem adoptadas e previstas nos demais aspectos da actividade nacional, têm por fim unico garantir a execução das operações militares, unica maneira pela qual, na guerra, dobrase a vontade do inimigo.

Para terminar esse estudo resta-nos sómente definir, a posteriori, o que é um Plano de Guerra.

"O Plano de guerra é o conjunto das medidas previstas, tendo em vista a guerra nos diversos dominios da actividade nacional: diplomacia, jogos das alianças, propaganda; repartição das forças militares e navares, entre os diversos theatros de operações e interior; directriz dadas aos comandantes em chefe nos diversos theatros de operações; reabastecimento nacional, mobilização industrial, fabricações de guerra; questões financeiras, segurança interna". (Gen. Gamelin).

Assumptos Navaes

A Aviação na Marinha de Guerra

(Conclusões norte-americanas)

Pelo Commandante E. W. MUNIZ BARRETO

Circulou, ha pouco, em rodas navaes, um ligeiro apanhado sobre o estado actual do problema da constituição independente da Aviação na Marinha americana, baseado no inquerito procedido nos meios technicos de terra e mar da grande republica do norte, e que é interessante divulgar, embora resumidamente.

Ha tres annos, nos Estados Unidos, foi designada uma missão de nove membros de indiscutivel a idade, para estudar o melhor meio de desenvolver a aviação. Convocou um grande numero de aviadores de terra e mar, pacientemente, durante mais de dois meses. Para bem dizer, todas as patentes elevadas do Exercito e da Marinha foram ouvidas: Congressistas, constructores de apparelhos e aviadores civis foram igualmente consultados.

A documentação completa dessas opiniões abrange quatro volumes em 1739 paginas. Fazemos aqui um breve resumo dos principaes argumentos invocados, uma vez que o relatorio é longo demais para ser reproduzido.

Entre as questões propostas, sobresahiam as seguintes:

(1) Dever-se-a formar um Ministerio de Aeronautica separado, em condições semelhantes ao Ministerio da Guerra e ao da Marinha?

— A resposta foi negativa.

(2) Deve a Aviação Naval constituir uma organização separada, dentro da Marinha?

A resposta foi: — Não. "A Aviação Naval não é um ramo separado da Marinha, como o serviço aereo é do Exercito. Seu pessoal e apparelhamento são organizados como uma parte integrante da Frota", disse ainda a comissão especial.

Não pôde haver operações aereas na Aviação Naval que não sejam operações navaes. O aeroplano é meramente uma nova arma da Esquadra, da mesma categoria que os submarinos, torpedeiros, canhões de grosso calibre, etc. O avião não é por si só um agente independente da defesa nacional. É uma arma auxiliar para ser usada pela Marinha ou pelo Exercito, conforme a situação o exigir. Nas operações navaes, os apparelhos de observação fazem a observação do tiro e enviam as correções aos navios atiradores; os apparelhos de esclarecimentos estendem o campo de visibilidade dos navios e comunicam os movimentos do inimigo; os de bombardeio transportam alto explosivo e bombardeiam os navios contrarios, desempenhando, portanto, o mesmo papel que os canhões de grande alcance; os aviões-torpedeiros lançam torpedos tornando-se, pois, um tubo com azas; os lançadores de fumaça fazem a mesma cortina que os destroyers; e o apparelho de combate empenha-se em abater aviões inimigos, tal

como fazem os canhões anti-aereos. Torna-se, portanto, bastante claro que a actividade aerea, no mar, é inteiramente auxiliar das outras actividades navaes. O campo de operações de um avião naval, no mar, é tão extenso quanto o da propria Marinha, e não mais amplo.

Seria possível desenvolver a aviação naval sob qualquer outro aspecto que não fosse o de parte integrante da Marinha? — Si assim fosse ella não seria "aviação naval".

Dizer-se que antes a aviação ser naval torna-se necessário que elle seja aerea, é o mesmo que afirmar que antes da artilharia ser naval é preciso que os canhões atirem. É claro que o aeroplano deve tornar-se capaz de voar afim de levar a effeito a sua missão, como também deve o submarino tornar-se capaz de mergulhar antes de poder cumprir a sua.

O material e os methodos da Aviação Naval formam uma parte integrante da Marinha, do mesmo modo que o material e os methodos da artilharia naval; ambos devem estar sob a direcção da Marinha, e o seu pessoal normal deve ser constituído de officiaes de Marinha que tenham sido educados a bordo dos navios e estejam familiarizados com as operações navaes.

A verdade é que para ser um aviador naval efficiente é preciso tambem ser um official da marinha. Não se pôde conceber que um aviador naval não seja um official com o tirocinio da Marinha. Se o serviço de aviação naval comprehendesse officiaes em outras condições, os seus aviões seriam de muito pouco auxilio à frota. Para uma cooperação intelligente, é necessário que o pessoal de aviação esteja familiarizado com os problemas navaes e claramente comprehenda o fim e o objectivo de todas as operações maritimas. O unico meio de se conseguir esse conhecimento é fazer-se parte integrante da esquadra e viver-se a bordo. Não se comprehende como tal possa prejudicar aos aviadores no seu preparo para a guerra. O simples facto de fazer voar um apparelho não tem grande valor se o observador não é um aviador naval devidamente educado. Um avião de esclarecimento, por exemplo, que é enviado para obter informações dos movimentos do inimigo, se o observador não estiver integrante da esquadra e viver-se a bordo, turas etc., como pôde elle dar uma informação intelligente?

O formidavel accumulo de assumptos com os quaes o aviador deve estar familiarizado, é illusoriamente apresentado para provar que elle não tem tempo, além dos seus estudos de aviação, para fazer serviço de quarto a bordo. Mas succede exactamente o mesmo com o especialista em artilharia, communicações, tor-

pedos etc.; e entretanto lhes resta ainda tempo para fazer o quarto.

Aviação Naval quer dizer aviação da Esquadra. Toda a actividade desenvolvida nos Centros e Bases sómente é necessária enquanto contribuir para a efficiencia das esquadrias aereas da Esquadra, e a Escola de Aviação apenas prepara officiaes para que elles possam ir nessas esquadrias completar o tirocínio necessário aos serviços a que serão chamados em tempo de guerra. O fim principal dos Centros de aviação é reparar os aviões da Esquadra, do mesmo modo que o de um Arsenal de Marinha é reparar os navios.

Um corpo á parte parece oferecer oportunidade de promoção rapida. Dar-se-á realmente esse facto? O que virá a acontecer com os aviadores quando attingirem ao posto de Cap'tão de Fragata, se pertencerem a um quadro independente. Não poderá haver lugar, nos postos altos, para mais de tres ou quatro officiaes superiores; os demais serão forçados á reforma. Seus dias de vôo estão terminados. Não sendo officiaes do quadro naval, não podem ser escalados para o commando de navios. Não terão mais futuro, pois a proporção de officiaes subalternos para a de officiaes superiores é muito maior na aviação do que nas outras especialidades. Assim consideram a questão os Norte-Americanos.

A Aviação Militar Francesa em 1928

A aviação militar francesa se constitue essencialmente de caça, informação, bombardeio, e aviação escola.

A aviação de caça organizada em grupos e regimentos dispõe actualmente dos apparelhos **Nieuport—Delage 42 ou 62 C 1, de Loire — Gourdu — les Seures e de Wibault 7 C 1.**

A velocidade dos **Wibault** (fabricação francesa) é de 220 Kms. e a dos outros apparelhos attinge a 250 Kms. a hora podendo ascender a 5000 ms. em 13 minutos e 5' segundos.

Acham-se em estudos os seguintes apparelhos tipo **Jockey** (avião leve de caça; **Amiot 110, Blériot Spad 91, Dervoitine 17, Nieuport 72 e Morane 221** que possuem uma velocidade de 300 Kms. e um plafond theórico de 10.000 mts; e os **Iuplaces** de caça **Avimont 88, Mureaux, Potez** (para dia) e **Villiers** (para noite) cuj características ainda são secretas.

A aviação de informação dispõe, nos seus regimentos de observação, de **Breguet 19 e Potez 25** que isoladamente desenvolvem diariamente velocidade de 200 Kms e 175 K quando em vôo grupado.

Deve entrar em serviço o multiplace **Blériot 127** que é considerado sem equivalente no estrangeiro tanto por sua qualidades aerodinâmicas, como por sua velocidade (230 Kms.).

A aviação de bombardeio tem seus regimentos armados ainda de **Breguet 14 e Far-**

E' interessante ainda reproduzir a opinião do Ministro da Marinha dos Estados Unidos apresentada á Comissão de Aeronautica:

— "As forças aereas em uma batalha naval de amanhã, constituirão elemento vital. O efecto das baterias dos nossos navios será quasi totalmente perdido se não houver o auxilio das forças aereas para tornar efficaz o fogo de artilharia, com o alcance dos canhões nos combates futuros. A força aerea constitue por si, um orgão complementar dessa artilharia".

"Além disso a força aerea é uma parte integrante da estructura da propria Marinha. Ela não pode ser organizada como um corpo separado. Qualquer tentativa nesse sentido consiste em amputar á propria Marinha uma parte do seu organismo. Não ha razão para collocar os homens que estão de um lado do canhão em uma organização separada naquelle em que estão os do outro lado desse canhão; — quer dizer, não ha razão para collocar os observadores em um corpo, e os atiradores em outro. As funcções de uns são tão importantes como as dos outros no tiro de grande alcance. O argumento apresentado por tantos aviadores navaes, jovens inexperientes, que desejam um corpo de aviação separado, é filho de illusão extrema e completa confusão de idéas".

man 60 mas entram em serviço os **Liore Olivier 20 e Amiot 160** que poderão transportar 1 tonelada de explosivo com a velocidade de 200 Kms. durante o dia e 2,5 toneladas durante a noite.

Tambem se estudam outros typos como **Dyle e Bacalan** para grandes cargas

A aviação escola utiliza-se de **Candren Mornane, Henriot**, tanto nas escolas civis como nas militares. Em caso de guerra estes apparelhos podem ser utilizados como aviões estafetas e alguns delles como o **Herviot 42** poderão ser utilizados como aviões sanitarios para transporte de feridos — (Extrahido do Memorial del Exercito do Chile).

ESCOLA MILITAR...

"O barateamento da entrada na Escola Militar dá em resultado que os elementos socialmente mais capazes; por uma lei natural; que Grestam fixou no terreno de economia política, para os phenomenos monetarios.

E' preciso reagir. Se ha profissão que exige o concurso dos elementos sociais mais capazes, de maior repercursão, de maior prestigio no meio em que vivem — é a das armas, na sua concepção moderna de instrumentos de educação.

Dr. Frederico Duarte."

Do exame medico em educação physica

B I O M E T R I A

Pelo Dr. VIRGILIO ALVES BASTOS

A vida com os crescentes aperfeiçoamentos, de conforto e bem-estar, vem gradativamente subtrahindo ao homem suas qualidades physicas primitivas, de destreza, força e vigor.

O homem moderno das cidades, pelo minimo exercicio que a civilização lhe permite, vae aos poucos ixando atrophiar suas principaes funções - seus grandes orgãos vão, de geração em geração, diminuindo o valor do seu funcionamento; a circulação vae se fazendo cada vez mais insufficiente; os musculos sem o desenvolvimento que o trabalho regular provoca pelas necessidades da vida perdem a riqueza primitiva.

Physiologistas, hygienistas e eugenistas, observando estes damnos nefastos para a raça, trazidos pela civilização, procuram de ha muito, meios para restituir ás gerações modernas as heranças de robustez dos nossos ancestraes.

A educação physica, meio adoptado pelos povos, desde antigas épocas, para augmentar o poder organico de seus cidadãos tem, com

o passar dos tempos, soffrido os melhores aperfeiçoamentos e mais variadas transformações.

A Grecia antiga attingiu o maximo de aperfeiçoamento technico na educação physica — provam os vestigios deixados na perfeita proporção dos seus athletas. Até os nossos tempos varios têm sido os methodos de educação imaginados — executados; todos dando melhor ou peor resultado, conforme o meio de administração.

Ninguem desconhece o grande numero de victimas do athletismo mal orientado: são communs as lesões cardiacas, aneurismas, tuberculoses, etc... produzidos pela gymnastica com apparelhos; sem numero são as victimas das competições.

A educação physica, passando do empirismo, ao methodo experimental, vem transformar-se numa verdadeira sciencia, ramo dos mais importantes da hygiene.

Actualmente, todo individuo que desejar



Gabinete de educação physica da Escola de Sargentos

praticar exercícios físicos deve sujeitar-se a um exame médico completo. Deste exame resultará o conhecimento de sua aptidão física e o controle posterior dos resultados obtidos com o exercício.

Vamos descrever com minúcia os diferentes exames aos quais se deve submeter todo indivíduo que pretenda desenvolver suas qualidades físicas.

A) — ALTURA — tomam-se:

- 1.º — A altura do indivíduo em pé.



Tomando a altura

- 2.º — Altura do tronco.

- 3.º — Comprimento dos membros.

- 4.º — Envergadura.

Para medirmos a altura do indivíduo em pé, ele deve estar em traje de educação física e sem sapatos, encontrando-se perfilado com a cabeça levantada, na haste vertical graduada do aparelho; o braço transversal então, colocado levemente sobre a cabeça indicará na régua graduada a altura do observado.

A educação física provoca desenvolvimento mais rápido na criança, e no adulto entre os vinte e vinte cinco anos — ainda produz aumento na altura.

Segundo Boigey, os indivíduos pequenos são os que mais crescem com o exercício.

A partir dos 50 anos a altura começa a diminuir, pelo excesso da curvatura da coluna vertebral, e pelo encaixar das vértebras. Esta redução é em média de 3 centímetros no homem e 3,5 na mulher.

A altura do tronco é tirada do mesmo modo que a precedente, estando, porém, examinando sentado na base do aparelho.

O desenvolvimento do tronco tem grande importância na vida do indivíduo, pois nela



Medida do tronco

estão alojados os principais órgãos da economia, sede dos principais fenômenos fisiológicos.

COEFICIENTE THORACICO — a relação existente entre o comprimento do tronco e a altura, constitui o coeficiente thoracico.

Nos indivíduos normais o coeficiente thoracico deve corresponder à seguinte expressão :

TRONCO

— = 0,53
Alt.

O desenvolvimento do tronco é independente dos membros.

Denominam-se MACROSKELES os individuos que têm o busto curto e os membros inferiores compridos e BRACHYSKELES os que os têm mais curtos.

ENVERGADURA — entende-se por envergadura o comprimento dos braços estendidos.



Medindo a envergadura

Nos individuos normaes este comprimento deve exceder a altura de poucos centímetros.

Esta medida é importante na especialização dos athletas, sendo base para encaminhar os individuos nos sports conforme sua aptidão physiologica.

Para medirmos a envergadura lançámos mão, segundo se vê na gravura A, da regua graduada da toeza.

O individuo coloca-se de braços estendidos sobre o apparelho, lendo-se então o resultado na graduação da mesma.

Ela é igual á somma do comprimento dos braços mais o tronco.

B) — Peso — uma das medidas mais importantes para avaliar o estado de robustez, é sem duvida o peso — seu conhecimento é indispensavel principalmente nos lactantes e nas creanças.

Todo individuo sujeito a exercicios physicos deve ser constantemente pesado, pois pela constancia de seu peso poder-se-á avaliar se as suas despesas são bem compensadas pela receita.

O quadro de QUETELET nos indica os pesos médios nos dois sexos e nas diferentes edades. — O homem adulto pesa em média 65 kilos, e a mulher 55.

Dos 50 annos em deante o peso começa a diminuir.

PIGNET diz que normalmente o homem deve ter seu peso igual á fracção da altura.

GODOY TAVARES observou que o peso dum individuo normal é dado pela formula seguinte:

$$P = \frac{4x + P}{2}$$

P = Peso.

p — Circumferencia do punho

F = Fracção da altura.

Nas observações que fiz na E. S. I. notei que a diferença do peso por PIGNET para o de GODOY TAVARES, é muito pequena. Os dois exprimem bem o estado de robustez dum individuo normalmente desenvolvido.

BOUCHARD determina o typo normal sob o ponto de vista de corpulencia por meio dos SEGMENTOS ANTHROPOMETRICOS.

SEGMENTO ANTHROPOMETRICO é a relação existente entre o peso do corpo e a altura. O peso em kilos e a altura em decímetros.

Representando por O, o SEGMENTO ANTHROPOMETRICO, por P, o peso e H, a altura, temos:

$$O = \frac{P}{H}$$

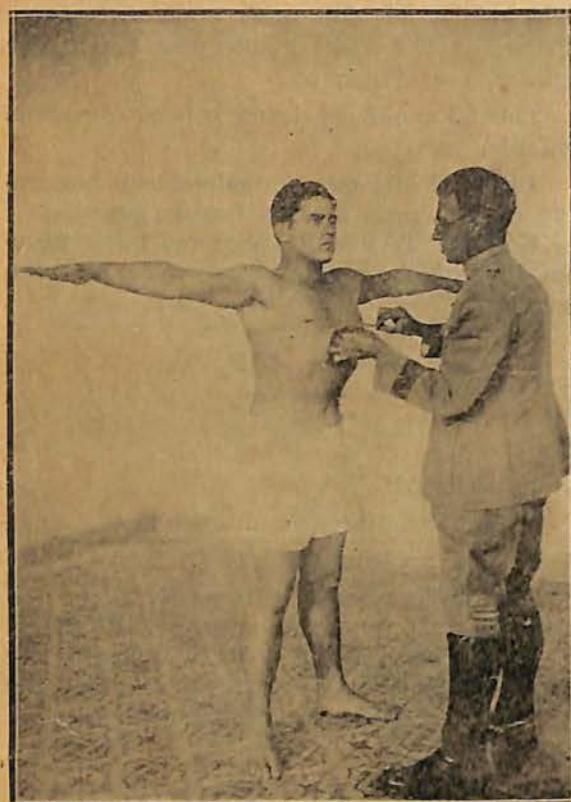
Normalmente: O, = $\begin{cases} \text{á } 3,9 \text{ na mulher} \\ \text{" } 4,0 \text{ no homem} \end{cases}$

O peso deve ser tomado regularmente antes e depois do exercicio.

Na turma que deve iniciar sua cultura physica na Escola de Sargentos pretendemos, sobre este assumpto, fazer minuciosas observações.

MEDIDAS THORACICAS:

As medidas thoracicas são tiradas com varios instrumentos, dos quaes os mais importantes são os seguintes:



Perimetro thoracico em inspiração

1º — A FITA METRICA, o mais simples e de manejo mais commum.

2º — O COMPASSO THORACICO, que é um compasso commum, tendo na extre-

midade dos ramos, um dispositivo com pontas de marfim, collocado de modo a poder determinar os varios diametros do thorax, e medir a extensão dos movimentos nas diferentes phases de respiração.

3º — OS THORACOMETROS, que podem ter 4 ramos, como o THORACOMETRO de DEMENY ou ramos multiplos como o do mesmo autor.

Por meio destes apparelhos tirámos os varios perimetros do thorax.

A gravura B nos mostra a medida do perimetro thoracico tomada por meio da fita metrica.

Com a fita metrica tira-se o perimetro do thorax em inspiração e na expiração. A fita é passada horizontalmente, tendo como ponto de reparo na parte anterior a base do appendice chyfoide.

Para tomarmos a circumferencia do thorax em inspiração devemos fazer o observando dilatar o mais possivel a caixa thoracica nella introduzindo o maximo ar que puder.

Na EXPIRAÇÃO, ao contrario, devemos fazel-o retirar todo o ar contido em seu apparelho respiratorio. — A diferença entre o diametro na INSPIRAÇÃO e na EXPIRAÇÃO constitue a ELASTICIDADE THORACICA que atinge 3 ou 4 centimetros nos homens communs, nos individuos com um pouco de exercicio, 6 a 8, nos athletas 10 centimetros e nos grandes sportmens musculares 15 e mesmo 20 centimetros.

Esta elasticidade está em relação exacta com a capacidade dos pulmões, tomada pelo expirometro.

(Continua)

Nova bomba aerea Norte Americana

The Engineer, de Londres, annuncia que os E. U. construiram uma nova bomba aerea que lançada do avião explode depois de haver penetrado nagauma numa profundidade de cerca de 20 a 30 pés, funcionando como se fôra uma mina. Facil é imaginar o desgosto que isto causará aos encouraçados.

O peso total destas bombas diz-se ser de 4300 libras contendo uma carga de 2000 libras de trotyl, o que corresponde a cerca de 4 vezes a carga das minas navaes e torpedos. Estas bombas têm um diametro de cerca de 2 pés por 14 de altura.

"O generalato é a viga mestra da hierarchia, exigindo qualidades pessoas não communes; é indispensavel accelerar-se a carreira dos que lhe são primordiales: — caracter, intelligencia, cultura technica cultura geral, bôa saude."

"A los Comandos de Regimiento sólo deben llegar los oficiales que con verdadero entusiasmo profesional han hecho de su carrera un sacerdocio por la forma como han comprendido y desempeñado sus deberes militares y sociales.

«Organização e funcionamento da observação nos corpos de tropa»

Pelo Ten. Cel. PANCHAUD

(Director do ensino tático da E. M.)

I — Antes e durante o combate, todo o chefe é obrigado a tomar decisões, que devem ser transferidas em ordens aos seus subordinados, afim de que sejam executadas.

O methodo de raciocinio, que facilita ao chefe tomar decisões rápidas e lógicas baseia-se ao exame da situação, na comprehensão da missão, no estudo do terreno, na exploração das informações que prossegue o inimigo e no emprego judicioso dos recursos de que dispõe.

As informações sobre o inimigo provém de diversas fontes: a espiagem; o estudo dos documentos (jornais, correspondência, photographias); os reconhecimentos da aviação; o interrogatório dos prisioneiros e dos habitantes; finalmente, da observação pela C., antes do combate, e pelas tropas engajadas, durante o combate.

Deixaremos de lado o estudo das condições, nas quais estes diversos recursos de informações são organizados e explorados; e nos limitaremos, tão somente, a estudar aqui — como convém realizar praticamente nas unidades a procura de informações **no correr do combate**.

II — NECESSIDADE DA INFORMAÇÃO — A informação torna-se indispensável porque, no combate, todo o chefe, qualquer que seja a sua graduação, deverá a cada momento, e tanto mais quanto sua unidade for mais fraca, tomar decisões rápidas para attender ás diferentes e sucessivas situações, resultantes do desenvolvimento da acção.

Na execução de uma mesma missão, a situação de uma unidade, por menor que ella seja, se modificará e deverá se modificar, porque a situação das unidades vizinhas, bem como a do inimigo, também se modifica.

Para conduzir o combate é preciso ser constantemente informado. Torna-se necessário, portanto, que a procura de informações funcione antes e durante o mesmo combate.

A esta necessidade de informações, para assegurar a conducta do combate, se acresce a necessidade da procura do inimigo para permitir a conducta do fogo.

Com a polvora sem fumaça e as armas automaticas de tiro rápido e grande alcance, surgiu o que communmente se chama o **vacuo do campo de batalha**. Na guerra moderna o combatente nada vê..... si não sabe observar (no sentido militar da palavra).

Em um combate de encontro, apenas no começo da acção, poderá perceber-se algumas fracções adversas, que não tardam a desaparecer quando o fogo se manifesta.

Em uma situação estabilizada, somente por acaso, após observação longa e muitas vezes perigosa, se poderá perceber uma cabeça

que surge acima de uma trincheira pela abertura de uma janella de espreita.

Em um salto, apenas se distingue as cabeças dos atiradores inimigos fluctuando no parapeito e, sómente quando se chega ás trincheiras, é que se avista o adversário, até então mais ou menos invisível.

Na defensiva, ou o ataque inimigo fracassa e o adversário, após o apparecimento confuso durante alguns minutos, não tarda a desaparecer, ou, então, o ataque progride á frente da posição e, neste caso, o defensor, envolvido pela fumaça, a pó, e sob o ruido dos tiros de A. e armas automaticas, mal poderá executar alguns tiros sem precisão.

Nestas condições, fica bem difícil á infantaria regular seus tiros, executá-los com precisão e adquirir sobre o adversário esta tão falada superioridade de fogo, na qual é baseada toda a tactica actual do combate.

Durante a grande guerra, o problema era quasi sempre resolvido com a renuncia ao tiro preciso e executando o tiro sobre zona. Na impossibilidade em que se encontrava o infante de localizar exactamente seu adversário e principalmente a maldita metralhadora que lhe impedia o movimento, dirigia-se ao artilheiro pedindo o seu auxilio; mas, os tiros de artilharia são sujeitos a uma forte dispersão e assim, para destruir um pequeno ninho de resistencia, era preciso consumir um numero consideravel de projectis; e, muitas vezes, um tal tiro pouco effeito de destruição produzia. Donde o infante era assim conduzido a executar o tiro sobre zona; seus F. M. e suas Mtrs., na falta de objectivos precisos, batiam o terreno onde este objectivo deveria achar-se. Este processo, em rigor, aceitável para o exercito francez ou alemão, onde as frentes de ataque eram relativamente pequenas e onde dispunham de numerosas Metralhadoras, poderá ser applicado ao exercito brasileiro? — Não — Aqui as frentes de ataque são muito grandes, o numero de metralhadoras é reduzido e o remuniciamento quasi sempre difícil, para que semelhante processo se torne aceitável.

Em consequencia, torna-se imprescindível que, no exercito brasileiro, mais ainda que em qualquer outro se aprenda a observar e descobrir o adversário, de forma a adquirir a superioridade do fogo, não pelo recurso brutal e mecanico do tiro sobre zona, que mais bate o terreno que inimigo, porém pelo tiro justo e preciso, exactamente dirigido sobre os pontos do terreno onde se acha o inimigo.

Esta direcção de tiro e esta precisão na conducta do fogo, necessarias para se obter com o menor gasto a indispensável superiori-

dade, só serão possíveis com a prática da conservação desenvolvida em todos os escalões.

III — As informações tornam-se indispensáveis ás decisões e á conducta do fogo.

Assim, é preciso:

- 1º) — procurá-las
- 2º) — explorá-las
- 3º) — transmití-las

A — PROCURA DAS INFORMAÇÕES

I — Acabamos de vér, em rapido resumo, como é difícil observar no combate e, entretanto, como se torna indispensável observar para a condução da tropa e ajustamento de seus fogos.

O vazio do campo de batalha, criado na guerra moderna, foi compensado por um maior desenvolvimento dos meios de investigação? O combatente de hoje acha-se melhor apparelhado que os antigos para descoberta de um adversário cada vez mais invisível?

Considerando-se os recursos e apparelhos, existentes actualmente, a resposta é afirmativa; os binóculos, os telemetros os periscopios, etc.... podem suprir a insuficiencia da vista.

Considerando, porém, o emprego destes apparelhos, a resposta é negativa; actualmente, o combatente fica quasi que cego no campo de batalha, porque não sabe vér, porque não lhe ensinaram a vér.

E' a fraqueza da vista que impede o infante ou o cavallерiano de vér a metralhadora que atira contra si e, em consequencia, lhe interdicta de contrabatel-a vitoriosamente; é a fraqueza de sua vista que o força a avançar ás apalpadellas, em movimento extremamente lento, e lhe faz consumir, quasi sempre em pura perda, quantidade exagerada de munição, para bater uma zona, onde, alguns tiros bem ajustados sobre o ponto preciso em que se acha o adversário, seriam suficientes para resolver a situação e reduzir vitoriosamente a defesa adversa; é a fraqueza de sua vista que força a infantaria a recorrer a todo instante a artilharia, pedindo a destruição ou, pelo menos, a neutralização de resistências que seria capaz de reduzir com os seus próprios recursos.

Embora os regulamentos prescrevam que "A OBSERVAÇÃO, SENDO UM DOS RECURSOS PRINCIPAES DA INFORMAÇÃO DEVE SER PERMANENTEMENTE ORGANIZADA EM TODOS OS ESCALÕES" — parece que a infantaria não se convence de sua insuficiencia de visão e procura aumentar, em numero, qualidade e alcance, os engenhos de que dispõe para vencer o adversário, sem se lembrar que estes engenhos serão inuteis, ou quasi que inuteis, se forem utilizados sem observação. A primeira preocupação do combatente deve ser: vér onde está o inimigo, situá-lo exactamente no terreno, em natureza e quantidade; desse modo, a destruição torna-se facil. O adversário que sabe observar, consegue rapidamente a superioridade do fogo e, em seguida, o sucesso final.

CONCLUSÃO — E' preciso, é mesmo indispensável, que o combatente aprenda a vér,

no campo de batalha; para isso é necessário aprender:

1º) — a maneira de utilizar os diversos instrumentos de óptica;

2º) — a maneira de observar o terreno para descobrir o inimigo.

II — CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE O ACTUAL MATERIAL ÓPTICO — Antes da guerra de 1914-1918, o material óptico tinha principalmente por fim permitir a descoberta do inimigo a grande distância, isto é, a procura de objectivos cujas distâncias os tornavam difficilmente avaliaveis a olho nu. O binóculo era o instrumento quasi que exclusivamente empregado.

Entretanto, no correr da guerra, o combate a pequena distância, a luta de fuzil de trincheira a trincheira, homem contra homem, accarretou o aumento da dotação em binóculos. Assim, não só o Cmt. de Sec., foi dotado de um binóculo, como ainda os Cmts. de G. C. e todos os sargentos.

Mas, a observação com o binóculo obriga o observador a se descobrir e, durante a guerra, um grande numero de officiaes e graduados foi sacrificado, quando observava quer sobre o parapeito, quer através uma seteira de espreita. Dahí, surgiu o periscópio que permite observar abrigado.

E' preciso, pois, que os combatentes sejam dotados:

1º) — de binóculos, para vér ao longe
2º) — de binóculos e periscopios, para observar abrigado e a pequena distância

3º) — de lunetas binoculares e periscopios, para descobrir um órgão de fogo, durante a execução do seu tiro (Mtr.).

De facto, como se executa esta observação?

A descoberta dos objectivos a grande e media distância, é relativamente facil.

— O inimigo acha-se longe e o observador pôde escolher seu posto de observação sem grande preocupação com elle, tornando-se, então o binóculo suficiente.

Nas pequenas distâncias, ao contrario, o observador, dispondendo apenas do binóculo, dificilmente poderá cumprir sua missão sem o risco de ser visto e, portanto, alvejado; donde, é necessário utilizar o periscópio de aumento.

Mas este periscópio não permite descobrir uma Mtr. quasi sempre distante e somente visível quando atira; por outro lado, procurar descobrila com o binóculo quando ella executa o seu fogo é se expor a morte quasi certa; neste ultimo caso, é preciso, portanto, empregar um outro instrumento — a luneta binocular, cujo campo visual e alcance são consideraveis e tornam possível o seu emprego, mesmo durante o fogo.

Assim, torna-se necessário:

1º) — dotar todo o Cmt. de Pel. e Cmt. de G. C. de um binóculo (prismatico ou de Galileu);

2º) — dotar de periscopios pesados dois observadores por Pel.;

3º — dotar de lunetas binoculares (articuladas) as unidades encarregadas da descoberta de metralhadoras inimigas e de destrui-

as ou neutralizá-las; isto é, os Pel. Mtrs. as Sec. P. Acp. e as Cias. Mtr. P. e mixtas.

Uma infanteria, assim equipada, poderá observar, desde que saiba observar.

Resta-nos, assim, estudar o modo de observar, isto é, como se precisa examinar o terreno para descobrir o inimigo.

III — NECESSIDADE DE UM PESSOAL ESPECIALIZADO NA OBSERVAÇÃO — Qualquer pessoa pode observar, mas um homem qualquer nem sempre poderá ser um bom observador. Para si, necessita uma certa acuidade visual, qualidade de sangue frio e inteligencia, sem as quais a observação se torna inefficaz. A artilharia resolveu satisfatoriamente o problema, preparando um pessoal especializado para a observação; convém que a infantaria siga o mesmo caminho e prepare observadores especializados.

Qual será o papel desses observadores?

Terão duas sortes de missões:

1º) — **MISSÕES DE VIGILANCIA**, isto é, movimentos, tiros, trabalhos... efectuados pelo adversário; situação das unidades subordinadas e unidades vizinhas; observação dos signaes feitos pelas unidades subordinadas, pelo Commando ou pela aviação amiga.

2º) — **MISSÕES DE INVESTIGAÇÃO**, isto é, procura dos objectivos, para orientar com precisão a acção dos fogos; procura dos vassios e cheios dos dispositivos inimigos; procura dos caminhos favoraveis, pontos de passagem etc. que facilitem a progressão da manobra; vigilância aérea, para descobrir os aviões inimigos.

Para satisfazer estas missões, é necessário um pessoal especializado e instruído neste sentido. O esclarecedor e a sentinella ordinaria não são mais suficientes; na guerra moderna, é preciso conservar, junto a cada chefe e em todos os escalões, um ou varios observadores encarregados de investigar e procurar informações. No exercito brasileiro, onde são incorporados homens habituados á vida do campo, á observação na floresta, e no sertão, torna-se facil seleccionar observadores que, rapidamente instruídos, ficarão em condições de observar com perfeição.

IV — INSTRUÇÃO ESPECIAL DOS OBSERVADORES — A instrução especial dos observadores comporta:

1º) — uma instrução técnica, destinada a ensinar o observador a se servir dos instrumentos de observação;

2º) — uma instrução tática, que visa o ensino dos processos praticos de observação;

3º) — um treinamento, destinado a desenvolver a aptidão na observação.

INSTRUÇÃO TECHNICA — Manejo dos apparelhos de observação:

— emprego do binocolo (prismatico ou não)

— emprego do micrometro, para a medida das distancias

— emprego do periscopio, ordinario e de aumento

— emprego sumário da bussola

— emprego dos telemetros binocular e monocular (principalmente, para os observadores das Sec. Mtrs. e P. Acp.)

INSTRUÇÃO TACTICA

a) — **Exercícios que desenvolvem a acuidade visual:**

— Observar uma zona do terreno e assinalar o aparecimento de pessoas ou animais

— procura de objectos designados pelo instructor

— procura de objectivos localizados em uma zona definida, mas que não são designados previamente

A dificuldade destes exercícios varia com as distancias, a superficie apparente do objectivo, a cor, a nitidez e, principalmente, a posição, do observador.

E' facil observar de pé e sem empecilhos, é difícil porém, observar deitado e abrigado, dissimulando-se o mais possível das vistas e dos fogos inimigos

b) — **Exercícios e ensinam a observar:**

— conhecimento do terreno, orientação, giro do horizonte;

— designação clara e rápida de um ponto a assinalar no terreno

— modo de participar uma observação

— modo de se localizar para observar, observação frontal, observação lateral;

— escolha de um P. O., atingir este ponto sem ser visto

— mudança de P. O., etc....

c) — **Precauções a tomar para observar a pequena distância** —

— precauções a tomar para observar prolongadamente a olho nú (disfarce da cabeça, observação de flanco)

— precauções a tomar para observar rapidamente (gravar o que foi rapidamente visto, mudar de P. O. para ver o mesmo ponto sobre outro aspecto)

— precauções a tomar para observar prolongadamente, a pequena distância, com o auxilio dos instrumentos: binoculos, periscopios, etc..)

d) — **Modo de investigar o terreno** —

Para se descobrir um adversário disfarçado ou um engenho de facto, não é suficiente correr a vista ou instrumento no campo de observação; é preciso exercer uma investigação methodica e minuciosa do terreno. Os seguintes exercícios poderão ser praticados com proveito

— Observar prolongadamente um panorama; dividir o terreno em partes ou planos successivos; estuda-los cuidadosamente, para conhecer todas as suas particularidades; conhecer os indicios da approximação do inimigo.

— Observar prolongadamente uma posição inimiga: sistema de trincheira ou linha de combate; descobrir os diferentes órgãos de defesa e de fogos; conhecer os indicios de ocupação ou não de uma parte da trincheira ou da organização.

— Procurar a localização de um atirador ou engenho de fogo em acção; conhecer os indicios destas posições; localizar, então, a re-

contrario, o primeiro engajamento acarreta perdas apreciaveis, impõe-se grande habilidade do chefe para manter uma tropa e dar-lhe o entusiasmo sacrificado por uma falsa partida.

Nas unidades em segundo escalão ou em reserva, a missão de vigilancia é progressivamente mais importante á medida que se approxima o momento de sua entrada em accão.

Das informações dadas pelas turmas do Comando, dependerá, em grande parte, o modo vantajoso ou não de engajamento da unidade.

A missão das turmas, no correr do combate offensivo, é tão evidente que não é preciso insistir.

Attingido o resultado, repellido o inimigo, conquistado o objectivo, a manutenção do contacto dependerá, em grande parte, do trabalho das turmas de observação.

Quaesquer que sejam as circunstancias, as informações obtidas, muitas vezes com sacrificio de vidas humanas, deverão ser sempre e imediatamente exploradas quer pelo fogo, quer pelo movimento, ou ainda pela combinação do fogo e do movimento, conforme a situação de momento.

As informações não devem somente ser exploradas pelo chefe junto ao qual funciona a turma que as forneceu, mas tambem, e muitas vezes, com melhor proveito, quer pelas unidades subordinadas, quer pelas unidades vizinhas, quer ainda pelo commando superior.

Para que esta exploração seja possivel e proveitosa, é necessário que as informações sejam transmittidas, e isso rapidamente.

C — TRANSMISSÃO DAS INFORMAÇÕES

I — DESTINOS DAS INFORMAÇÕES — Toda a turma, todo o observador que obtém uma informação, deve transmitti-la imediatamente ao chefe junto ao qual funciona. A missão da turma termina com esta transmissão.

Ao chefe incumbe a exploração da informação e sua transmissão:

— ao seu chefe imediato, sob a forma de parte, a qual será ou não accrescida do pedido de apoio ou recursos necessarios para a exploração da informação;

— a seus subordinados, sob a forma de ordem, que visa, em summa, a exploração da informação;

— aos chefes de unidades vizinhas, sob a forma de informação, afim de tornalos scientes e, se necessário, pedir seu auxilio quer pelo fogo, quer pela manobra, para a exploração da informação.

Todas as informações, assim obtidas, no interior de um R. I. chegam ao Cel. ou melhor ao official de informações do R. I., que as classifica, compara e faz uma rápida synthese, permitindo ter o Cmt. do R. I. uma idéa do conjunto da situação, tão exacta quanto possível.

As informações e a situação do conjunto deduzidas são, em seguida, transmittidas á Bds. I. ou á D. I..

II — SOB QUE FORMA DEVE SER TRANSMITTIDA UMA INFORMAÇÃO? — Em

alguns casos particulares, mas em geral raros, as informações podem ser transmittidas verbalmente. Entretanto, quasi sempre as informações, sob esta forma, são mal transmittidas, acarretando uma maior perda de tempo.

Em consequencia, uma informação deve, sempre que possível, ser transmittida por escripto, sob forma clara, simples e precisa.

A participação deve precisar:

— o local e a hora de onde parte a informação

— os locaes e horas em que foram vistos os factos relatados

— os pontos, tão exactos quanto possiveis, onde foram identificados elementos inimigos (sempre que se dispõe de carta quadriculada, devendo esses pontos ser designados por suas coordenadas)

— a natureza da ação ou do orgão de fogo inimigo descoberto

— a situação deste inimigo (immovel, em marcha, em tal formação e em tal direcção, em vigilancia, em accão pelo fogo, etc..)

Em resumo, torna-se indispensavel que as informações respondam as conhecidas perguntas

— Quem? — Onde? — Quando? — Como?

Toda a informação, salvo os casos de impossibilidade absoluta, deve ser acompanhada de um esboço.

A confecção de um esboço panoramico sumario, é quando se trata principalmente de precisar a localização do inimigo no terreno e de transmittir informações que devem ser exploradas, em seguida, pelo fogo.

Comprehende-se facilmente que si, antes do engajamento for confeccionado em cada Btl. I., um esboço panoramico da zona de ataque de cada unidade, sobre o qual são assinalados os pontos interessantes do terreno, acompanhados, de avaliação de suas distâncias, torna-se facil figurar rapidamente quaequer manifestações inimigas que surjam nesta zona. Desse modo, a exploração immediata poderá ser effectuada pelos fogos de infantaria

Um tal esboço, transmittido pelo Cmt. do Btl. I. ao artilheiro que comanda o Grupo encarregado de apoial-o, permitirá, em seguida, o entendimento de ambos e o desencadeamento immediato dos tiros de A., logo após aos pedidos da I..

Donde, os observadores devem ser preparados para a execução rapida de um esboço panoramico.

III — COMO SE TRANSMITTE AS INFORMAÇÕES — No interior da Cia. a informação é sempre transmittida por estafetas a pé — é o recurso mais simples e mais rapido.

Entre as Cias. e o Cmt. do Btl. I. entre as Cias. e as unidades vizinhas, devem ser empregados, simultaneamente, os seguintes recursos: estafetas a pé — signaes — optica.

As informações chegadas ao Cmt. de Cia. e provenientes, quer de sua propria turma, quer das turmas dos Pel., são sempre transmittidas por todos os recursos disponiveis, afim de que haja segurança de sua chegada ao destino.

Torna-se vantajoso quer a turma de signaleiros da Cia. (signaleiros a braços e optica)

Estudo do Destacamento

Pelo Cap. HEITOR BUSTAMENTE

O COMANDO E A ORGANIZAÇÃO DOS DESTACAMENTOS, PRINCIPALMENTE DESTACAMENTOS MIXTOS.

A decisão de constituir ou formar um destacamento deve corresponder a uma necessidade urgente, a uma missão inadiável. É preciso lembrar-se que constituir um destacamento significa desfalar o grosso ou a reserva, complicar os negócios do comando — tais como as ordens, as ligações e transmissões, etc. Como vimos no decorrer deste trabalho, a missão de um destacamento exprime sempre uma ação subordinada à missão de um grosso. É raro encontrar-se um exemplo que corresponda a uma exceção a esta regra. Os raids muitas vezes consistem num luxo injustificado no emprego das forças; é neste caráter que vamos encontrar muitos exemplos no estudo da Guerra de Secesão. Apesar da eficiência e do brilhantismo na execução, e de certos resultados colhidos, chega-se ao fim perguntando qual teria sido a utilidade real do seu emprego nesta ou naquela emergência?

marche em ligação constante com a turma de observação da Sec. de Com^o. E isso é fácil realizar praticamente porque, em geral os pontos do terreno, onde há possibilidades de vistas sobre o inimigo e, portanto, comumente onde a turma de observação estacionará para funcionar, são as vertentes descendentes para o inimigo; enquanto que as turmas de sinalizadores utilizam a vertente oposta da crista para transmitir à retaguarda as informações colhidas.

Entre o Cmt. do Btl. I. e Cmt. do R. I. — por estafetas, sinaleiros, óptica, T. P. S. e telephones aos quaes, em certos casos se ajuntam os esclarecedores montados.

Entre o Cmt. do Btl. e a A. — Dest. Lig. (sinalheiro, óptica, telephone, etc.) Esta é a ligação normal prescrita pelos regulamentos.

D — CONCLUSÃO

Na guerra, para comandar, torna-se necessário a informação.

Na guerra, é preciso adquirir a superioridade do fogo sobre o adversário e manter esta superioridade, única que permite o movimento.

Para se adquirir a superioridade do fogo é preciso que este fogo seja justo e preciso.

Para que o fogo seja justo e preciso, é necessário localizar o inimigo e apreciar as distâncias; em consequência, é preciso, vel-o.

Para vêr, é preciso instruir desde o tempo de paz, em todos os escalões, órgãos especiais que saibam observar e participar o que observam. Estes órgãos são as turmas de observações.

O pessoal, que entra na composição destas turmas, deverá:

A missão de um destacamento deve ser formalmente prescrita pelo comando superior que o constitue, e chega ao comando do destacamento quer verbalmente, quer de um modo mais normal — mediante documento, instrução ou ordem. A missão inicial pode ter carácter de uma certa duração; mas as circunstâncias em que vai operar o destacamento podem modificar-se radicalmente, dali modificações possíveis na missão.

Quando um destacamento deve agir com iniciativa accentuada, o seu Cmt. deve receber instruções que o habilitem a agir dentro das intenções do chefe; em consequência a missão pode não ter um carácter accentuado de rigidez, pode reflectir as modalidades dessas intenções; mas é necessário que nos lembremos que a missão deve ser dada sempre de um modo claro, nitido, preciso.

A designação do comando de um destacamento — uma incumbência; há as questões de graduação hierárquica, de aptidão moral para a operação que se tem em vista, de ligação moral com a tropa, etc.

- conhecer o mecanismo dos diversos instrumentos
- saber utilizar-los nas diferentes circunstâncias do combate
- Saber observar o terreno, para descobrir o adversário
- saber ler a carta
- saber orientar-se
- saber redigir uma parte
- saber confeccionar rapidamente um esboço panorâmico.

É evidente que o pessoal, assim especializado não poderá ser perfeito em tudo; mas parecemos que se torna preferível obter regulares atiradores, atirando em objectivos nitidamente definidos e precisamente identificados, do que atiradores excellentes atirando ao azar, sem nada vêr.

O ideal é possuir excellentes atiradores guiados por excellentes observadores; para tanto deverá sempre tender a orientação da instrução em particular no exército brasileiro, onde as unidades engajadas, em grandes frentes, ainda insuficientemente providas de armas automáticas estavam, serão juguladas por um municiamento muito precário.

N O T A — Tudo que acaba de ser relatado aplica não somente à I. como ainda, em numerosos casos, à Cav. a pé ou a cavalo. Caso as necessidades financeiras não permitam dotar os corpos de tropa de todo o material necessário à organização das turmas de observação, é indispensável que elas possuam, pelo menos, uma dotação suficiente de bons binóculos e bussolas.

Costuma-se resumir que o commando e a tropa devem perfeitamente se conhecer.

Haverá sempre entre o commando superior e o comando do destacamento um intercâmbio de relações que determina:

1º — a troca de informações nos dois sentidos;

2º — a transmissão de ordens, eventualmente instruções, do commando superior para o commando do destacamento;

3º — a transmissão de partes, pedidos, relatórios do commando do destacamento para o commando superior.

A organização de um destacamento é também muitas vezes uma incumbência difícil. Tivemos ocasião de ver no decorrer deste trabalho as linhas gerais que orientam esta organização: proceder de um modo regular quando é possível ou aconselhável, respeitar os laços táticos, dar commandos adequados, sobretudo saber dosar ou equilibrar os meios.

A composição e o efectivo do destacamento dependem:

— de um modo geral dos meios de que dispõe o commando superior;

— da missão do destacamento, que por sua vez é função da situação tática.

Os destacamentos mixtos de nucleo Inf. devem em princípio conter C. (necessidades de informações, cobertura, ligações, transmissões).

Por sua vez os destacamentos de nucleos C. podem conter Inf. para apoio do destacamento.

Estudando inicialmente a classificação dos destacamentos vimos que os destacamentos mixtos admitem uma graduação de importância. Elles podem ser:

— destacamentos de pequena e de certa importância: constam geralmente de Inf. e C., eventualmente de art. e Enga;

— destacamentos importantes: constam geralmente de elementos de todas as armas, algumas vezes de elementos de órgãos dos serviços;

— destacamentos de grande importância que são grandes e que sahem, fóra das nossas cogitações de momento. Pois bem:

Qualquer que seja a missão geral atribuída a um destacamento mixto (segurança, cobertura, ligação, etc.) a affectação de art. ao destacamento é uma questão de maior importância que obedece a certas condições que indicam a influência das circunstâncias. A art. que pôde ser afecta ao destacamento tem a missão de apoiar a Inf. ou a C. que constitue o nucleo essencial do destacamento, apoio propriamente dito, ou acompanhamento imediato. Nestas condições é preciso convenientemente discernir se o nucleo essencial do destacamento pode vir a requerer, realmente, pela importância do seu efectivo e pelas circunstâncias da situação, um apoio de art.

Diz-se comumente como regra que só se atribue art. na organização de um destacamento quando o efectivo do seu nucleo, Inf. ou C., é da importância de 1 Regimento. Mas esta regra nada tem de absoluto e é possível vel-a infringida em circunstâncias variadas da

guerra. A missão muitas vezes predomina sobre a questão da importância numérica.

Mas o que é necessário é bem saber discernir em cada caso. Cada caso contém em si uma peculiaridade que é intransferível, e portanto é preciso que se saiba justificar convenientemente uma organização que se toma a propósito.

No caso da segurança por exemplo, o emprego da art. na vg. não é regido por nenhuma regra — normal, fixa; depende de muitas condições: maior ou menor proximidade do inimigo — importância que se quer atribuir à vanguarda, a missão — offensiva ou defensiva, a natureza do terreno a atravessar, a distância a que a vg. marcha do grosso, a maior ou menor facilidade do grosso (principalmente sua art.) poder intervir em favor da vg. Então o que é verdade é que o bom senso deve pesar nesta causa toda como elemento de preponderância notável.

Em ultima yse; na questão da organização (composição e dotação) dos destacamentos têm influencia preponderante:

— de um lado a missão que corresponde a uma determinada situação tática possível de modificar-se;

— de outro lado os meios de que se dispõe

Se a missão do destacamento tem relevo accentuado, si o seu efectivo é importante, si elle é organizado para viver vida de iniciativa, com os próprios recursos, bastando-se a si próprio durante tempo maior ou menor prolongado, então é necessário constituí-lo si possível de modo completo, com recursos que sejam capazes de enfrentar as eventualidades no desempenho da missão.

Se a missão tem relevo importante, se o destacamento deve ainda viver vida de iniciativas mas ao contrário o efeito deve ser reduzido em proveito de uma mobilidade accentuada, então sacrifical-a quanto a certos recursos dispensáveis e deixal-o viver a custa da exploração dos recursos locais.

Finalmente se o destacamento deve viver intimamente preso a 1 grosso, se elle pôde ser facilmente reforçado, se elle pôde ter por exemplo o apoio eventual de uma art. que não lhe pertence, se a sua missão é de duração muito limitada — e elle pôde nestas condições sacrificar-se em tempo diminuto, etc., então em todos estes casos é possível também ser parcimonioso, mas que se leve sempre bem em conta a missão e os meios de que se dispõe. Mais uma vez a lembrança de uma das consequências do Princípio da Economia das forças: os meios devem ser proporcionados às missões. As missões que correspondem aos destacamentos são missões secundárias, porque o que é essencial na guerra é o grosso, é a reserva. Mas missões secundárias de desempenho — de execução imprescindível, porque elles colaboram, cooperam no plano geral, e o seu desempenho insuficiente ou a falta de cumprimento podem acarretar consequências desastrosas.

Quando se organiza um destacamento, principalmente quando elle deve affectar uma certa importância é essencial que elle seja convenientemente dotado de meios materiais de trans-

missão, para bem realizar as ligações. O T. S. F. é um dos elementos mais vulgares de utilização.

A CONDUCTA E A VIDA DOS DESTACAMENTOS, PRINCIPALMENTE DOS DESTACAMENTOS MIXTOS

PRECEITOS GERAES

Os nossos principaes Regulamentos, o das Cr. U. e o R. S. C. não personalizam o estudo da conducta dos destacamentos senão em casos especiaes; em outras palavras: elles não fazem referencias peculiares ou restrictivas á conducta dos destacamentos em cada uma das situações possiveis na guerra. De um lado o R. S. C. em principio refere-se á divisão e ás pequenas unidades de armas e orgâos dos serviços que a compõem; quando trata de certas missões, como por exemplo a procura de informações e a segurança, então desce ao estudo de destacamentos especializados, como os de descoberta, as vgs, flanco-guardas, retaguardas etc. De outro lado o Reg. das Cr. U. toma a si a divisão e as unidades maiores, tambem não systematiza o estudo dos destacamentos; e as referencias que ahi se contém sobre os destacamentos, aliás tambem particularizadas a determinadas missões, são apenas, a consequencia das necessidades de conducta e vida das grandes unidades no que se refere a essas missões. Em resumo: os 2 regulamentos apenas cuidam em principio de unidades de organização firmada, estabelecida.

Ora: o estudo systematizado do destacamento, entidade de modo intrinseco — imensoal, não se contém nos regulamentos, do mesmo modo porque ahi não se contém o estudo systematizado de duas outras entidades imensoas: o grosso e a reserva.

Mas, por não haver em taes regulamentos princípios, regras e preceitos especializados, conducta dos destacamentos em todos os casos, não significa que estes com alguns casos (aqueles de que os regulamentos não cogitam) saiam fóra da sua alcada.

Ao contrario: os princípios, regras e preceitos dos 2 citados regulamentos (respeitada a incumbeñcia de applicar-se cada um a grandes e pequenas unidades conforme o caso) adquirem por sua vez um caracter de tal modo imensoal ou adaptavel, que se tornam geraes.

Os regulamentos synthetizam; o que nelles não está contido de modo explicito, o está de modo implicito ou adaptavel, por identidade, semelhança ou analogia.

Assim como vimos no paragrapho anterior, tambem aqui a missão regula de modo quasi que absoluto a conducta dos destacamentos. E' ella que dita em summa agir offensiva ou defensivamente, em relações de espaço e tempo bem determinados. No desempenho da sua missão o destacamento comporta-se como um grosso; regulam-lhe a conducta, portanto, todos os princípios essenciaes:

— de segurança e escalonamento, pois que o seu commando precisa por sua vez garantir a sua liberdade de accão, em consequencia tem de desdobrar-se para cobrir-se e informar-se, e articula-se para viver e manobrar;

— de ligação entre as armas, porque sem ella é impossivel a sua cooperação, a coodernação e a convergência dos esforços, tudo dentro da justa proporção dos effectivos em vista.

A missão exprime a decisão do commando superior sobre a conducta do destacamento; esta decisão surje após um exame completo da situação tactica, no qual entram em jogo principalmente: a missão da unidade superior, as possibilidades do inimigo, os meios disponiveis e o estudo do terreno. Quando se diz missão do destacamento — diz-se portanto um quadro de situação mais ou menos complexa, dentro do qual elle vai agir com determinados intutos. Em consequencia:

O commando do destacamento deve estar sempre perfeitamente ao corrente da situação que lhe respeita:

— situação dos proprios elementos;

— situação do inimigo o quanto possível esclarecida;

— situação da grande unidade a que pertence, ou dentro do ambito para o qual trabalha.

As ordens ou instruções que elle recebe poém-no sempre ao par da idéa de manobra ou plano de accão do commando superior. Elle deve ser orientado sobre o decurso de varios dias, emfim deve poder passar sem ordem durante um certo tempo, poder agir com iniciativa segundo directriz conveniente.

Não é nosso intuito fazer aqui um estudo da tactica dos destacamentos: marcha, estacionamento e combate; roubaria um grande tempo, e tal poderia constituir o assumpto de um prolongamento deste trabalho, si elle nos fosse util. Mas a materia está condensada nos regulamentos quando não de modo especializado ao menos de modo adaptavel.

O que convém fixar aqui como idéa muito importante, é o que dispõe o art. 117 do R. S. C. que foi por mim tanto generalizado:

“Não ha ordem normal de marcha, de estacionamento e combate; os elementos de um destacamento marcham, estacionam e combatem na ordem determinada pelo commando, de accordo com a situação.”

Sob o ponto de vista da satisfação das necessidades de reabastecimento e remuniciamento que affectam a sua vida material, os destacamentos podem vivér:

1º — da exploração dos recursos locaes, quando elles recebem certas missões especiaes, tales como: destacamentos de descoberta na exploração; os raids, etc.;

2º — assimilado á vida das grandes unidades, isto é — dispondo de recursos proprios, que transportam consigo mesmos, mas que — por terem vida limitada, são renovados de quando em quando pela unidade superior mediante pedidos, e fornecimentos feitos em condições determinadas;

3º — na dependencia absoluta das unidades que os constituem.

Passemos finalmente á ultima parte do nosso trabalho.

A GUERRA EM TERRENOS ESPECIAES E A GUERRA IRREGULAR, EM PRINCÍPIO OBRA DOS DESTACAMENTOS, A GUERRA IRREGULAR UMA VARIANTE; SUA SUBORDINAÇÃO A' DOUTRINA.

Quanto á affirmativa concernente á guerra em terrenos especiaes, não é necessário percamo tempo em justifical-a; ella está contida no Regulamento das Cr. U.

Quanto, porém, á affirmativa que concerne á guerra irregular, ella não está contida nos regulamentos e requer um pouco de reflexão.

O que é q' odemos chamar de guerra irregular?

No meu modo de vêr a guerra irregular tem características especialissimas; não é só o terreno de natureza particular que bem a caracteriza, mas dada a insuficiencia de organização, de meios, e a falta de doutrina de um dos belligerantes, este se apresenta sem coordenação na concepção e na actuação, se descentraliza pela inexistencia de unidade de direcção, mais do que pelas imposições proprias do terreno, em consequencia faz a guerra de objectivos incertos, dirigida por chefes que actuam muitas vezes independentes entre si — guiando destacamentos, tribus ou bandos, e utiliza **methodos e processos especiaes** algumas vezes rudimentares ou artificios que não são considerados pelos regulamentos senão de um modo muito incompleto, com processos mesmo de que os regulamentos não cogitam; e a **finta, a negaça, a emboscada e a correria** são tambem caracteristicos dessa guerra.

Nestas condições elle se apresenta como uma variante muito especial. Mas a guerra em si mesma não comporta senão uma concepção: "a luta entre duas vontades; o exterminio ou o anniquilamento de uma, e predominio da outra." O seu fim geral é realizar a vontade propria em detrimento da vontade do inimigo. E isto requer: marchar ao inimigo e, em principio, anniquilalo pela destruição dos proprios meios. Em consequencia, um Paiz mesmo bem organizado e disposto de recursos muito superiores aos do inimigo, tem muitas vezes de amoldar-se á forma especial dessa guerra, e de realizar-a tambem de modo irregular, adaptando-se ás circumstancias da actuação do inimigo, que conduzem a uma certa impossibilidade de coordenação nas operações (á descentralização dos meios, etc., em summa: para que possa comtrapôr á acção — reacção equivalente no aspecto geral (não na exacta correspondencia de meios), esse Paiz á levado a fazer a guerra de destacamentos.

Mas, mesmo assim concebida a guerra irregular não escapa á Doutrina geral. Ella tem o seu desdobramento regulado pelo **Princípio da Economia das forças**: empenhar o que é preciso, tudo o que fôr estritamente necessário, como quando o seja. As questões relativas são es-

tudadas e raciocinadas por um metodo que é absolutamente geral, cujos 3 termos são:

De que se trata? Que é que cumpre fazer?
A missão.

Que é que pôde perturbar ou procurar impedir o cumprimento da missão? Como e quando?

O inimigo, as suas possibilidades.

Com os meios de que dispomos e em presença da vontade do inimigo, como podemos cumprir a missão? Em consequencia,

a Decisão.

Addicionando a tudo os principios, regras e preceitos que regulam, em função dos meios actuaes, os processos de combate em quaisquer situação (regulamentos) e as regras e preceitos que possam surgir da adaptação aos processos especiaes do inimigo, teremos a Doutrina mesma, a sua essencia definida pelos principaes elementos, a que não pa a guerra irregular, a despeito das suas similaridades bem definidas.

Para fazel-a, dadas as características que lhe attribuimos do lado do inimigo, é fazer surgir a reciprocidade na actuação, é mais ou menos imprescindivel a equivalencia dos processos nos dois lados; é preciso que se saiba impôr ao inimigo a propria vontade, restringindo a sua de poder operar larga e impunemente no tempo e no espaço.

Resumindo as nossas considerações sobre a guerra irregular:

Ella é imposta por um inimigo particular, contra o qual os meios regulares devem ser empregados com superioridade; mas mesmo assim é preciso adaptar esses meios ás circumstancias especiaes dessa guerra, em consequencia e necessidade de fazer analogamente a guerra irregular.

A adaptação aos processos irregulares do inimigo conduz a certas modalidades que affetam notadamente:

- a segurança
- a mobilidade
- as comunicações
- a ligação, etc.

Quanto á segurança, oriental-a segundo processos muito especiaes: é necessário desdobral-a porque as direcções perigosas podem ser varias; tornal-a muitas vezes mais descentralizada mais individualizada mais esquadriñadora se assim podemos nos suprimir, principalmente nos terrenos particulares.

Quanto á mobilidade, cuidados especiaes nos deslocamentos. Haverá zonas mais ou menos perigosas; e consequencia: divide-se para melhor transitar, melhor cobrir os deslocamentos de certos nucleos importantes — como art.. comboios, etc. Evitar as longas columnas mixtas nas quais as emboscadas podem produzir panicos irreparaveis.

Quanto ás comunicações é indubitavel que elas devem merecer cuidados tambem muito especiaes. A sua guarda é de interesse vital nas operações.

Quanto á ligação, redobrar nas precauções, etc.

Mas o nosso intuito não é fazer o estudo da

Tres conferencias

Sobre a potencia do fogo e suas consequencias immediatas na tactica das pequenas unidades de infantaria

Pelo Tenente-Coronel BARRAND

(Professor de Tactica de I. na E. E. M.)

TERCEIRA CONFERENCIA

E', entâo, evidente que, em todos os exercitos, a manobra de um regimento que tenha de atacar determinada frente inimiga será dirigida e dictada pelo conjunto das considerações precedentes e que dizem respeito á potencia do fogo, considerações que nos levaram a concluir que a melhor maneira de dar ao fogo a potencia maxima consiste na accão de mais perto e de flanco. O Coronel de tal regimento deverá conceber entâo uma idéa de manobra que consistirá, na maioria das vezes, em combinar um ataque do frente com um ataque de flanco: os dois ataques, como diz o regulamento allemão, forçarão o inimigo a fazer face á duas direções diferentes e a defender-se nessas duas direcções, ajuntando-se a isso o facto do fogo de flanco multiplicar a efficacia dos projectis.

Mas aqui no nosso caso do ataque, a dificuldade resultará da procura de posições de tiro que permittirão acções de flanco, cada vez de mais perto, e na ocupação dessas posições apesar da defesa inimiga.

Ora, um dos caracteristicos da defesa é apresentar na frente a defender, quer se trate de posição principal de resistencia, quer se trate de posição de postos avançados, uma linha continua de fogos. No caso de posição de postos avançados, principalmente quando é possível constituir na sua frente uma combinação intima de fogos de infantaria e de artilharia, o assaltante terá a impressão de uma

guerra irregular, apenas justificar que ella é obra dos destacamentos.

Vamos encerrar o nosso estudo.

CONCLUSÃO

Não foi possivel no ambito de algumas paginas trazer a lume os principios, regras e processos relativos á conducta dos destacamentos nas diferentes situações da guerra, nos periodos de marcha, estacionamento e combate. Como já dissemos, isto poderia constituir o assumpto de um prolongamento deste estudo, se este se nos impuzesse com utilidade. Mas os principios, regras e processos estão contidos nos regulamentos que todos témos lido; o melhor meio de bem assimilalos é continuar a leitura dos regulamentos e concomitantemente resolver e estudar os casos concretos.

defesa seria e julgará que será o caso de executar um ataque em regra, ataque que consumirá tempo; e desse modo o papel dos postos avançados terá sido satisfeito. Na frente de posição principal de resistencia, a linha continua de fogos vae constituir a barreira em que será esmagado o inimigo. Mas se existirem lacunas em uma linha quer de posição principal, quer de postos avançados, lacunas admitidas de caso pensado em virtude de flanqueamentos favoraveis ou lacunas oriundas do terreno ou da grande extensão da frente, não se deve duvidar que os elementos de contacto do inimigo as descubram, se é que, na peor das hypotheses, o combate não as descubra por si mesmo; e desse modo, o assaltante terá, deslogo, a possibilidade de infiltrar-se através dessas lacunas, de deslizar por ahi mais ou menos forças, o que lhe permitirá logo depôr tom de flanco as partes vizinhas. As mesmas vantagens existirão para o ataque se a frente a atacar for nitidamente limitada e sem apoios flancos ou mesmo no caso em que só não seja apoiado; nestas condições, ainda que com pequena superioridade de efectivo, o assaltante terá alguma facilidade para procurar agir contra o flanco do inimigo e isso constituirá então o tipo da manobra de flanco ou de bordante imposta a priori pela situação tactica.

Porém tomemos o caso geral e mais provável: a frente inimiga é defendida com potencia de fogo effectiva real e que actua em toda a frente sem solução de continuidade, potencia de fogo efficaz apesar de manifestar-se lacunas e em frente muito extensa: a passo que o ataque, já o vimos, para ser realizado em condições semelhantes de efficácia deverá ser feito sobre frente estritamente limitada e reduzida e apresentando lacunas ou vãos mais ou menos abertos.

Essa oposição de idéias no que concerne ao modo de realizar-se a potencia de fogo, que na defensiva (frentes muito extensas, linha de fogo sem solução de continuidade), quer na ofensiva (frentes reduzidas ao minimo, linha de ataques com grandes lacunas (*)) nada tem absolutamente de paradoxal. E' mera consequencia do facto de ser o ataque o fogo que marcha e a defesa o fogo que para isto o fogo geralmente collocado no terreno com antecedencia: ataque a potencia de fogo realizada com fogo de frente; na defensiva, não só co-

(*). Comprehende-se sempre vãos ou lacunas de atacantes, mas não de fogos.

as metralhadoras pesadas mas ainda com as leves e ás vezes mesmo com alguns fuzis metralhadores manejados por homens bem instruidos e bem aguerridos, a regra é o tiro em flanqueamento. No ataque, apesar do mais minucioso estudo do terreno feito segundo uma carta se houver uma satisfactoria ou graças ás vistas de um observatorio mais ou menos afastado do terreno da lucta e apesar do maximo cuidado na judiciosa compartimentação do terreno, é forçoso reconhecer-se que o conhecimento que se pôde ter deste e dos menores accidentes do solo favoraveis á execução ou ao rendimento do fogo é muito insufficiente, para não dizer-se quasi illusorio. Ao contrario, em situação defensiva, mesmo que só se disponha de algumas horas para adquiril-o, o conhecimento do terreno [] itte que seja utilizado do melhor modo para aumentar a potencia do fogo, para substituir os fogos de frente por fogos de flanco, para aproveitar de modo mais completo a razancia das trajectorias de toda especie e o maximo de seu alcance; emfim, é esse conhecimento perfeito do terreno que vae permitir realizar sobre frentes extensas uma potencia de fogo efficaz sem solução de continuidade e capaz de combinar-se com uma manobra defensiva executada por tropas escalonadas em profundidade, exactamente como no ataque.

Convencidos desse modo quanto a generalização do caso que vamos estudar, tomemos agora um regimento que vae atacar uma certa frente inimiga. Regimento enquadrado ou não, conforme entenderdes.

Esta ultima circunstancia pouco influe, porque tanto em um como noutro caso, sabemos que elle não pôde ultrapassar uma certa frente de ataque, uma zona de accão determinada em função do numero de armas automaticas, fuzis metralhadores ou metralhadoras, que entram em sua composição. Enquadrado, o regimento teria certa segurança nos flancos, segurança relativa e limitada que não poderia impedir o Coronel de procurar por si mesmo, de modo mais rigoroso e mais absoluto e com os proprios meios realizar uma segurança que, com effeito, deve ser total: "a Infantaria ataca precedida e flanqueada por projectis de toda a especie e de todos os calibres". Não enquadrado, seria mais ou menos a mesma cousa.

Demais, para bem fixar as vossas idéas, é preciso que estejaes perfeitamente convencidos de que, tanto num como noutro caso, é sempre a mesma a maneira de combater de uma tropa: uma unidade da Vanguarda que se empenha para conquistar um ponto de apoio favoravel a cobertura do Grosso ou um observatorio vantajoso para o desenvolvimento do ataque do Grosso, age exactamente como a unidade da mesma ordem desse Grosso e que no decorrer do combate tivesse que atacar o mesmo ponto de apoio ou o mesmo observatorio. Na verdade, a Infantaria só tem uma unica maneira de combater: bate-se completamente, isto é, com todas as suas forças, com todos os seus meios materiaes e moraes reunidos, aproveitando toda a potencia de seu fogo, não ultra-

passando frentes determinadas e cobrindo os seus flancos.

"A Infantaria ataca precedida e flanqueada por projectis de toda a especie e de todos os calibres". E o General DEBENER não establece diferença alguma entre esta ou aquella Infantaria, entre a da Vanguarda e a do Grosso.

— A regra é geral.

Voltemos então para junto do Coronel que deixamos preoccupado em conceber a sua idéa de manobra no ataque a frente inimiga.

A Divisão marcou-lhe uma zona de accão de 3,4,5 ou mais kilometros! Se a extensão da frente não ultrapassar as frentes rasoaveis — quero dizer indicadas pelo regulamento — e corresponder á frente de ataque para um ou dois Batalhões (1500 metros para um batalhão e 3.000 metros para dois batalhões), poderá collocar em primeiro escalão um ou dois batalhões. Com effeito tanto num como noutro caso, encontrará a facilidade em cobrir os flancos respectivamente, e se fôr o caso de dois batalhões em primeiro escalão, constituirá um primeiro escalão de ataque sem a menor lacuna.

No caso contrario, de uma frente de ataque excedendo muito as frentes normaes, frentes de 4.000 metros ou mais, será preciso prever um vazio de atacantes entre os dois batalhões de primeiro escalão e consequentemente cuidar da protecção dos flancos exteriores dos dois batalhões ao mesmo tempo que da protecção dos outros.

Fefito isto, vae elle dividir a zona de ataque do regimento em duas zonas eguaes, para um dos batalhões de primeira escalão?

Certamente, não.

Diz o regulamento allemão: "Raramente é boa" (o que quer dizer, geralmente é má) "uma repartição uniforme dos effectivos durante todo o ataque, tanto no conjunto da frente, tanto no interior dos sectores da frente, tanto no interior dos sectores de combate".

Como base da concepção da manobra do Coronel vamos inicialmente encontrar a idéa dominante de que é preciso, a todo custo, penetrar na frente inimiga, mas que não é possivel fazel-o na totalidade dessa frente, ao menos com eguaes probabilidades de exito. Por outro lado, querer penetrar em força sobre toda extensão da frente será arriscar-se a insuccessos locaes que poderão comprometter seriamente o exito do conjunto. Além do que, quem "muito abarca pouco aperta".

E' necessario, portanto, escolher as partes da frente a atacar mais fortemente do que as outras. Recorramos ainda mais uma vez, ao regulamento.

"E' preciso escolher, diz o regulamento francez, a parte da frente inimiga cuja posse fôr suscetivel de provocar a queda das partes visinhas".

E' preciso, diz o regulamento brasileiro, que o commandante do regimento se capacite de que conseguirá fazer avançar o regimento com a possivel brevidade e o minimo de perdas na direcção geral que lhe fôr imposta: — si o dispositivo tomado lhe permittir atacar com a maior parte dos meios de fogo e de choque de que dispõe, a parte da posição ini-

miga cuja posse offerece probabilidade de provocar *ipso facto*, a evacuação das partes vizinhas;"

Finalmente o regulamento alemão especifica: "que se a conquista de uma porção da linha inimiga offerecer particular vantagem, é para esse lado que deverá ser dirigido o centro de gravidade do ataque".

Ora, Senhores, em consequencia do estudo que fizemos sobre a Potencia do fogo e os meios de tornar essa potencia mais esmagadora, mais efficaz e de resultados mais decisivos, quaes serão as posições que deverão ser escolhidas na linha de defesa inimiga e que corresponderão aos desiderata manifestados pelos diversos regulamentos francez, brasileiro ou alemão ?

Apriori, responderemos de modo indiscutivel: escolheremos as posições que nos permittão imediatamente com os nossos fogos de flanco ou de enfiada as partes vizinhas da frente inimiga.

E' assim que, sendo dada a potencia de nossos fogos de flanco ou de enfiada, teremos a certeza de obter, como diz o regulamento francez, "o abalo ou a queda das partes vizinhas" ou, como diz o regulamento brasileiro, "de ter as probabilidades de provocar, *ipso facto*, a evacuação das partes vizinhas".

O Coronel para assentar a sua manobra, procurará então, antes de mais nada, por meio de estudo do terreno, determinar as partes da frente inimiga que, ocupadas, permittão tomar de flanco as partes vizinhas. Determinadas essas partes da frente e medidas, o Coronel decidirá se devem ser atacadas por um ou dois batalhões, isto é, por um ou dois batalhões, isto é, por um ou dois batalhões em primeiro escalão. Se a frente medida não ultrapassar a frente normal que o regulamento prescreve como susceptivel de ser normalmente atacada por um ou dois batalhões, o ataque far-se-á sem solução de continuidade sobre toda a frente. Se, ao contrario, a frente a atacar excede as capacidades offensivas de um ou dois batalhões, então, poderá haver solução de continuidade na frente de ataque. Se ainda se basear na necessidade de empregar contra a parte mais importante do objectivo escolhido uma unidade inteira (batalhão, para não romper os liames organicos) e que ahi actuará com a maxima potencia de fogos, poderá ser preciso fazer agir a outra unidade sobre o resto da frente (caso de dois batalhões em primeiro escalão), resto da frente que só permite desenvolver uma potencia de fogos menor do que na outra parte.

Então medida da frente a atacar, consequente determinação do numero de unidades a empregar em primeiro escalão, repartição das zonas de acção, eis os elementos basicos da concepção da manobra. O Coronel acrescentará a estes elementos a preocupação de fazer, perpendicularmente a frente a atacar, grande **compartimentagem do terreno** que, topographicamente, deve corresponder, o mais que fôr possível, ás zonas de acção attribuidas ás diversas unidades.

O terreno vae exercer, com efecto, um papel de primeira monta nesse estudo preliminar da manobra do regimento, não sómente pela determinação do objectivo a atacar, como tambem pelos meios que proporcionará ao ataque ou aos diversos elementos do ataque para desenvolverem a sua potencia de fogo. Será preciso, como diz o regulamento brasileiro, que no terreno escolhido para o ataque, o Coronel "possa atacar com todos os meios de fogo e de choque de que dispõe". O ataque desenrolar-se-a numa zona de terreno, onde, como diz o regulamento francez, poderemos desenvolver de modo favoravel o maximo de nossos meios de fogo, ao passo que o inimigo não os poderá empregar em numero tão grande nem em condições tão favoraveis; e onde, como diz o regulamento alemão, teremos para realizar o maximo da potencia de fogo "boa observação, boas concentrações de fogos e, se possivel, uma approximação e installação nos logares convenientes a coberto das vistas do inimigo".

Desse modo, cuida-se primeiramente do estudo do terreno, estudo essencial, que indicará a porta que se procurará abrir na linha inimiga afim de por ella chegar á posição e poder agir do melhor modo possivel contra as partes vizinhas....

E' possivel que se encontrem outras facilidades para penetrar na posição inimiga por porta diferente da que se escolheu, porta aquella mal defendida pelo inimigo devido a varios motivos (terreno pouco proprio ás boas combinações dos fogos de Infantaria e de Artilharia, sem flanqueamentos ou dispositivo erroneo por parte do inimigo). Porém, antes do combate é impossivel determinar a priori dessas portas mais faceis de serem forçadas e apesar de tudo, nada nos pôde dar indicações precisas sobre tal assumpto. De sorte que, como diz o regulamento alemão, para determinar a porta a ser forçada, "em lugar de determinar-a de acordo com o que se crê conhecer do dispositivo inimigo, dispositivo sempre ou geralmente desconhecido, é prudente e é indicado determinar essa porta unica e exclusivamente por considerações de terreno".

Naturalmente, apresentam-se casos, em que o terreno não indica sobre a frente inimiga zonas que correspondam particularmente aos nossos desiderata. E apesar disso, será preciso entrar por qualquer parte, por uma ou outra porta. Nesse caso, quando o terreno não oferece indicação sobre o ponto a escolher para ahi aplicar o centro de gravidade do ataque, como dizem os alemães, é conveniente e necessário atacar com forças repartidas uniformemente sobre toda a frente, de modo a encontrar em algum lugar uma parte fracamente defendida, uma porta prestes a abrir-se; contra essa porta a pressão será então mais forte, mais poderosa de modo a poder penetrar-se por ahi francamente, a abrir brecha e, logo que possível, a alargar esta por sua vez, para ter possibilidades de tomar de flanco ou de enfiada as posições vizinhas. Como, nessas condições e em face de uma porta que cede sem que esteja previsto, vae ser possivel augmentar a pressão do ataque? Isto é uma questão de

concentração de fogos, de reforço dos escalões de fogos, da base de fogo, de appello ás concentrações de fogo da Artilharia, e emprego das reservas se prudentemente, estas tiverem sido mantidas escalonadas de modo mais profundo possível.

Eis como se mostram, Senhores, as possibilidades de manobra de uma frente inimiga que, continua e não tendo flancos que não sejam apoiados, deve ser atacada e deve ser manobrada. Para chegar a estabelecer essas possibilidades, exactamente como o Senhor JOURDAIN que fazia prosa sem o saber, firmámos dois grandes principios tacticos:

1º — o que os regulamentos francez e brasileiro chamam de **princípio do esforço principal** e que tem o seu correspondente no que o regulamento allemão denomina de **Centro de gravidade d'ataque**:

2º — o incipio a que o regulamento francez dá o nome de **acção do forte contra o fraco**, princípio que encontramos explicitamente no regulamento brasileiro quando, expondo as idéas derecrizadas da manobra do Coronel, diz: "si mascarar os pontos fortemente ocupados..." e "si insistir por consequencia nos pontos em que a progressão parece mais facil..." e o qual tambem encontramos no regulamento allemão: "é necessario atacar imediatamente os pontos fracos, lançar por ahí as suas reservas, fazer passar por esse lado as fracções vizinhas que marcham atraç, as quaes poderão em seguida atacar de flanco o sector de combate".

Uma vez, estabelecidos solidamente os dois principios acima, trata-se agora de fazer a sua applicação.

Para applicalos é necessário recordar outros principios já expostos.

A potencia de fogo, isto é, a potencia de ataque de uma unidade de Infantaria ou, em outras palavras, o potencial offensivo dessa unidade, é função do numero de armas automaticas que ella pôde pôr em acção, numero que impõe frente de ataque sem vazio. Em consequencia, se abrimos o regulamento brasileiro encontraremos que a companhia brasileira não pôde agir efficazmente sobre frentes superiores a 400-500 metros (quando se trata d' combater em terreno livre em que o inimigo não teve tempo para se entrincheirar, isto é, caso da guerra de movimento: que o batalhão não pôde fazer sobre frentes superiores a 1.200-1.500 metros em condições identicas, o que corresponde a 3 companhias em 1º escalão: e que o regimento tambem não pôde fazer frente de 2.400 a 3.000 metros, o que corresponde a 2 batalhões em 1º escalão).

O regulamento ainda acrescenta: "neste caso (frentes extremas de 1.200-1.500 metros para o batalhão), como bem se pôde perceber o batalhão só actuará energicamente numa parte de tal frente". Ou, para concluir, em frente a 3.000 metros o regimento atacará sem solução de continuidade e com potencia de fogo effectiva, real, mas só agirá energicamente sobre uma parte de sua frente de ataque, parte esta que será a zona de esforço principal ou a parte em que se apoiará o Centro de gravidade do ataque.

Desse modo, em uma frente de 2.000 metros, o Coronel deverá dar ao batalhão encarregado do esforço principal e collocado em frente da porta a ser aberta, uma frente tão reduzida quanto possível e que pôde descer até 800 metros ou menos ainda (frente de duas companhias), ao passo que o outro batalhão receberá frente maior e que pôde ir até 1.200 metros ou mesmo mais, porem que não pôde exceder a 1.500 metros (frente de 3 companhias).

Porem, se a frente de ataque excede muito de 3.000 metros e vai a 4.000 metros ou mais, seremos forçosamente conduzidos a crear lacunas nessa frente de ataque: o que é consequencia, primeiro, da frente mais reduzida possível que somos obrigados a dar ao batalhão encarregado do esforço principal e que deve agir com a potencia maxima de fogo, segundo da frente em que vai agir o batalhão de esforço secundar qual não pôde ser aumentada alem dos limites fixados pelo regulamento sob pena de transformar a potencia de fogo em simples poeira de fogo. Quando formos obrigados a abrir, desse modo, vazios na frente de ataque, será necessário, em consequencia, tomar todas as medidas para garantir a segurança dos flancos, exteriores e interiores, e isto não sómente para obdecer a formula do General DEBENEY, mas tambem porque os vazios na frente de ataque são sobretudo favoraveis ás acções de flanco do inimigo, acções que procuramos ter em nosso favor e de nossas armas mas contra as quaes devemos nos precatar.

De sorte que, podemos já concluir que a applicação do **princípio do esforço principal** no que diz respeito a duas unidades da mesma categoria se traduz:

Pelo facto de dar-se a essas unidades zonas de acção de largura diferentes, tanto mais estreitas quanto mais consideraveis e mais importante fôr o esforço que queremos produzir (1ª regra).

Consideremos, agora, um batalhão de 1º escalão na zona em que vai actuar. Seu comandante, por sua vez, procurará tambem determinar na parte que lhe incumbe atacar, o trecho em que haverá maior interesse em abrir uma porta pela qual poderá passar afim de tomar de flanco ou de enfiada as partes vizinhas. Contra esta porta elle produzirá tambem um **esforço principal** em relação ao esforço de conjunto que lhe caberá fazer. Se tiver duas companhias a empenhar em 1º escalão, diminuirá a frente daquella oposta directamente á porta a ser aberta e alargará de outro tanto a frente da outra (applicação da regra precedente). Se fôr o caso de um batalhão que devido a extensão da frente tiver tres companhias em 1º escalão, teremos uma solução do seguinte genero: frente dividida em duas partes mais ou menos iguaes; em uma dessas partes em que se fizer o esforço principal serão empenhadas duas companhias e na outra, a do esforço minimo, uma unica companhia. Em consequencia, segunda regra de applicação do **esforço principal**:

Fazer actuar em frentes sensivelmente iguaes, aqui uma unidade de determinada

ordem (batalhão ou companhia) e lá, na zona do esforço principal, duas ou três unidades da mesma ordem (2ª regra).

A consequencia desse modo de proceder (de acordo com a 1ª ou 2ª regra) é que na zona onde vamos fazer o esforço maior teremos ao mesmo tempo um **escalonamento em profundidade mais consideravel** do que naquella onde se fará um esforço menor. E num como outro caso, quer diminuindo a frente da zona de acção, quer augmentando o numero de unidades a empenhar em primeiro escalão, apresenta-se-nos a oportunidade de termos uma **densidade maxima de armas automaticas** em determinada frente, donde a possibilidade de realizar o fogo maximo, capaz de assegurar sobre o inimigo a superioridade immediata de fogo.

De sorte que, quanto menor fôr a frente de ataque para determinada unidade, maior poderá ser o escalonamento em profundidade dessa unidade. Isto constitue consequencia particularmente feliz, porque quando se trata para determinada unidade de realizar um esforço, classificado com propriedade como principal em relação aos que devem ser realizados no restante da frente de ataques, pôde-se dizer que essa unidade deverá empenhar-se a fundo, em esforços penosos, longos e, sem duvida, repetidos. E é justamente o facto della empenhar-se com certo escalonamento em profundidade, que lhe permitirá fazer esforços successivos e duradouros: "O escalonamento em profundidade, diz o regulamento provisório francez, permite a successão de esforços e assegura a duração longa..." "Uma unidade deve ter frente de acção tanto menor e profundidade tanto maior quanto mais consideraveis forem os esforços que tiver de supportar".

Porem, no conjunto de um dispositivo esse escalonamento é ainda mais consideravel: com efecto, o commandante não actua somente com as tropas que empenha a priori em primeiro escalão; age tambem com suas reservas, destinadas não unicamente a parar um imprevisto desagradavel, mas muito ao contrario a serem empregadas, conforme a manobra concebida, na zona em que se busca o resultado decisivo a ser aproveitado, isto é, na zona do esforço principal.

"O emprego das reservas é condicionado pela vontade nitida de empenhal-as na zona em que o inimigo cede", diz o regulamento provisório francez; e o regulamento brasileiro, por seu lado fala: "a collocação das reservas é, por consequencia, a traz das unidades escalonadas em maior profundidade e em face das porções da frente inimiga consideradas como podendo ser as mais fracas".

Finalmente, por outro lado, como as reservas nunca são empenhadas ao mesmo tempo, mas muito ao contrario o são com parcimonia e muitas vezes successivamente e com missão nitida a cumprir em momento fixado, já as temos assim escalonadas em profundidade e tanto mais escalonadas quanto maior fôr a probabilidade de empenhal-as fóra do eixo previsto para o seu emprego e quanto maior fôr a sua importancia.

Ainda, antes de concluir, vamos dizer algumas palavras sobre o principio, denominado **princípio da acção do forte contra o fraco**.

Será que se deva traduzir esse principio pela accumulação das forças disponiveis contra as partes inimigas, supostas ou verificadas fracas e contra as quaes se podem esperar resultados importantes ou ás vezes decisivos? Contra esta parte da frente será logico "lançar batalhões ou regimentos para conquistar uma posição defendida por uma esquadra", como diz o General SERRIGNY em suas "Reflexions sur l'Art de la guerre"?

Indubitablemente, não.

Ainda mais uma vez, será o caso de estabelecer uma proporção entre os meios de acção e os resultados a attingir. Isto nem sempre será facil e, muitas vezes, haverá necessidade de appellar para toda a experiença propria, para todos os recursos da profissão afim de julgar se este ponto de apoio ou aquella parte da frente a atacar pedem uma ou duas companhias ou um batalhão. Eis porque o regulamento é muito prudente e judicioso, quando para orientar a sua applicação, que é a tarefa de todos nós, elle indica os algarismos extremos a attingir mas que muitas vezes será perigoso de serem ultrapassados, tendo tal indicação por fim fixar as nossas idéas a respeito da determinação das frentes que esta ou aquella unidade é capaz de atacar utilmente, isto é, com bom exito. Taes algarismos dão a medida da capacidade offensiva dessas unidades, a medida e seu potencial offensivo (ou defensivo).

O regulamento allemão insiste claramente a propósito dessas idéas: "a titulo de indicação geral no que concerne á largura das zonas de combate: a largura prevista para um batalhão de ataque é de 400 a 800 metros. Este limite assim preciso evita incidir no erro de extensão exagerada da frente e assegura ao mesmo tempo a profundidade necessaria para executar o combate."

Resta talvez dizer ainda algumas palavras sobre a determinação no terreno, dos limites lateraes das zonas de acção das diversas unidades que são empenhadas juxtapostas. Nesta ordem de idéas é preciso reter e annotar que o ponto de partida para a determinação das zonas de acção desta ou daquella unidade reside propriamente na determinação do objectivo a conquistar. Uma vez determinado o objectivo e limitado em largura, tratar-se-á de dar á unidade que o vae atacar uma zona de acção em que possa pôr em scena todos os seus meios de fogo. Os limites desta zona de acção nunca poderão ser linhas rígidas, nem sobre a carta, nem sobre o terreno. Se fôr preciso, entretanto, indicá-las em uma ordem pela carta ou no terreno, será indispensavel attender a reserva entre duas unidades vizinhas e que será sempre possivel a uma unidade penetrar com alguns elementos na zona da vizinha para melhor empregar os seus fogos, sob a unica condição de não prejudicar a ocupante desta zona. Se fôr o caso de um limite exterior, então, este será francamente ul-

trajado se houver necessidade, porque ahí serão as condições de protecção efficaz do flanco descoberto que melhor estabelecerão o limite da zona de acção desse lado.

Em ultima analyse, aqui como lá, o terreno imporá a sua lei, de acordo com a possibilidade que proporcionar ao melhor aproveitamento do fogo em beneficio das unidades encaradas no caso.

Senhores, terminei a exposição do assunto por que me tinha empenhado. As minhas conclusões não serão mais do que a essencia do que acaba de ser dito e caber-vos-á reflectir sobre elas para retirar dahi por si mesmos os ensinos que durante os nossos trabalhos terei o prazer de ver-vos applicar.

De qualquer modo, annotae definitivamente em vossos espiritos:

I — a) A ^ressencia do fogo tornou ainda mais imperativa a mais intangivel a velha formula: "Não se manobra sob o fogo". O ataque então, só pode ser feito por forças collocadas de antemão em frente para os seus objectivos, marchando directamente para esses objectivos e sem que tenham possibilidades de se afastar para a direita ou esquerda. Somente para frente e sempre para a frente.

Finalmente, a Infantaria ataca precedida e flanqueada por projectis de toda a especie e de todos os calibres

b) O ataque da Infantaria consiste em levar o mais para frente possível, tendo em mira o assalto, os meios de fogo da Infantaria, e, se possível nas melhores condições, isto é, permitindo tomar o inimigo de flanco ou de enfiada.

Tal é o objectivo da manobra.

c) Para que a manobra seja possível é necessário que, a priori, se obtenha superioridade sobre o inimigo.

1º) pôr imediatamente em acção um certo numero de armas automaticas em determinada frente;

2º) não ultrapassar certas frentes bem definidas para unidades que vão empenhar-se no combate frentes tanto mais estreitas quanto maiores forem os esforços que tiverem de produzir; o que, desse modo nos conduz á noção do esforço principal.

d) Este esforço terá a sua applicação:

— a priori, contra uma ala do inimigo toda a vez que este tiver um flanco descoberto;

— em regra geral, na parte da frente inimiga em que o terreno indique posições mais favoraveis ás acções dos fogos de flanco ou de enfiada contra as partes vizinhas.

Esse esforço poderá tambem ser exercido — quer seja previsto ou não — contra certas partes fracas do inimigo. E' o principio da acção do forte contra o fraco.

II — Em consequencia, teremos que dar ás nossas unidades para o ataque, um determinado dispositivo que depende intimamente do emprego dessas unidades no sentido do esforço principal e que deverá ser adoptado e collocado previamente em frente dos objectivos a atacar antes de ter sofrido as acções do fogo inimigo (tendo o commandante, para isso, garantido a segurança e a liberdade de acção), dispositivo

esse que, alem disso, não poderá ser modificado desde que se tenha penetrado na zona dos fogos do inimigo.

Semelhante dispositivo não regula apenas a repartição das frentes de ataque ou das partes da frente de ataque entre as unidades encarregadas deste, mas tambem o escalonamento em profundidade de cada um delles.

Elle regula do mesmo modo a collocação das reservas.

Para determinada unidade, pelotão ou companhia (salvo certas restricções — noção de objectivo em lugar da noção de zona de acção), batalhão ou regimento, esse dispositivo traduz a idéa de manobra.

No que diz respeito ás Grandes Unidades, quando o plano de Manobra substitue a idéa de manobra peculiar ás pequenas unidades, o regulamento de Serviço em Campanha francez diz:

"Longe do inimigo, o dispositivo geral é escalonado em largura em profundidade segundo exigencias do ^o de Manobra".

E mais adeante ainda:

"Por occasião de approximar-se da zona de combate" (isto é, da zona em que fica exposto aos tiros da artilharia inimiga de todos os calibres) é conveniente que, salvo impossibilidade absoluta, essa approximação deve tender para collocar as unidades com frente para os seus objectivos, antes que entrem na zona de combate. As tropas encarregadas de um ataque envolvente tomam em tempo util o espaço lateral necessário para não ter que se desenvolver senão directamente em frente de si mesmas".

Podemos a devemos, sem restrição de qualquer especie, applicar ás pequenas unidades para a execução de sua idéa de manobra essas duas prescrições que o regulamento de serviço em Campanha francez edita de modo tão imperativo para as Grandes Unidades e para a execução do Plano de manobra.

E, agora, Senhores, com estas ultimas palavras, não vos parece que, verdadeiramente, ao longo do assumpto exposto, construimos forte e solidamente os fundamentos de toda a tactica racional, de todas a tactica que quer atingir o seu objectivo, isto, é que quer conduzir a tropa no combate para que ahí se imponha ao inimigo ?

Os diversos regulamentos a cujo testemunho recorri, fructos da mais ardua, penosa e fecunda experiença são todos unanimes em proclamar a soberana potencia do fogo sobre o campo de batalha; e estão sensivelmente de acordo quando se trata de retirar da lição dos factos os ensinos para o futuro.

Dahi concluo que taës testemunhos devem deixar em vossos espiritos a impressão muito profunda de que o caminho que temos trilhado juntos é o caminho da verdade, ou pelo menos, se a verdade completa não existir neste mundo, aquelle que della muito se approxima.

Sem duvida alguma, cada um goza do direito de possuir idéas pessoaes. Estive entre os commandantes de pequenas unidades de Infantaria durante a Grande Guerra; tive a honra de commandar tropas de infantaria no inferno dos campos de batalha e de conduzil-as ao ata-

Notas sobre a instrucção de conjunto no quadro do regimento de cavallaria

Pelo Sr. Major COLIN.

Da M. M. F. e professor da E. P. C.

(Continuação do nº 180)

Neste artigo e nos seguintes serão apresentados alguns exemplos dos exercícios entrando na composição dum programma de Instrucción de conjunto de R. C.

Os objectivos destes artigos são os seguintes:

1º) mostrar a applicação das idéas expostas no artigo precedente no que se refere á *preparação*, á *execução* e á *fiscalização* dos exercícios de conjunto;

2º) mostrar a applicação do methodo de reflexão exposto no artigo precedente;

3º) mostrar que estes exercícios podem ser realizados sem um certo *luxo de effectivos*;

4º) salientar, em fim, como assim dirigidos, preparados, conduzidos e fiscalizados estes exercícios permitem alcançar os objectivos da instrucción de conjunto:

— crear quadros promptos para a acção precisa, simples e rapida;

— aperfeiçoar a instrucción individual da tropa;

— no esquadrão e no regimento, uniformizar — doutrina e processos.

1º EXEMPLO

ACÇÃO DE CAVALLARIA EM ESTUDO

A acção de cavallaria em estudo no 1º

que das posições inimigas, como capitão e como commandante de batalhão; tive o sentimento, muitas vezes bem doloroso das responsabilidades que pesam sobre o coração do verdadeiro chefe e que ahi pesam profundamente. Permitti, pois, que vos diga que não creio possam existir, no respeito á tactica de combate das pequenas unidades de Infantaria, idéas diferentes ou pelo menos essencialmente, das que constituem a doutrina decorrente dos nossos regulamentos.

Seja-me ainda permitido, com toda a grande e sincera amizade que tenho pelo exercito brasileiro, desejar ardentemente para cada um de vós no que diz respeito aos **principios da**

exemplo: Vg. de uma tropa de cavallaria pertence ao typo "Reconhecer e cobrir".

I — DETERMINAÇÃO DAS PHASES DO ESTUDO DA VG.

(A EXECUÇÃO DE CADA PHASE DANDO LOGAR UM EXERCICIO DE CONJUNTO)

Ensinamentos a salientar em cada phase

Só ha interesse em estudar a actuação da Vg. perto do inimigo.

Será o caso da Vg. em estudo.

Além disso e nessa situação perto do inimigo a actuação da Vg. varia bastante, de acordo com a distancia em que se encontra o inimigo.

Observam-se duas phases bem nitidas:

1ª phase: antes da descoberta ou segurança afastada haverem informado positivamente;

2ª phase: depois de ter recebido informações positivas da descoberta ou segurança afastada.

A 1ª phase precede a marcha de aproximação, a 2ª phase corresponde mais ou menos a esta marcha.

Cada uma dessas phases comporta, no que se refere á actuação da Vg., um certo numero de ensinamentos.

doutrina, a posse dessa personalidade que consiste em fazer sua, justamente, a impersonalidade dos regulamentos.

Porem, não com os processos, a aplicação dos principios, ah! — ahi, séde vós mesmos; esforçae-vos por serdes vós mesmos. E' applicando os principios com todo o ardor de vossa fé, com todo o ardor de vosso temperamento, com toda a vossa personalidade em uma palavra, que na verdade esses principios terão vida e dar-vos-ão o que dellas tendes o direito de esperar: — isto é, as maiores probabilidades de attingir ao resultado maximo...

Março e Abril de 1928.

ANNO 1

JANEIRO DE 1929

NUM. 9

O CENTURIÃO

— ORGÃO DA —
UNIÃO CATHOLICA MILITAR

Director:
Coronel Jorge Pinheiro

Gerente
1º Tte. Floriano de Menezes

SUMMARIO

Domine, non sum dignus!

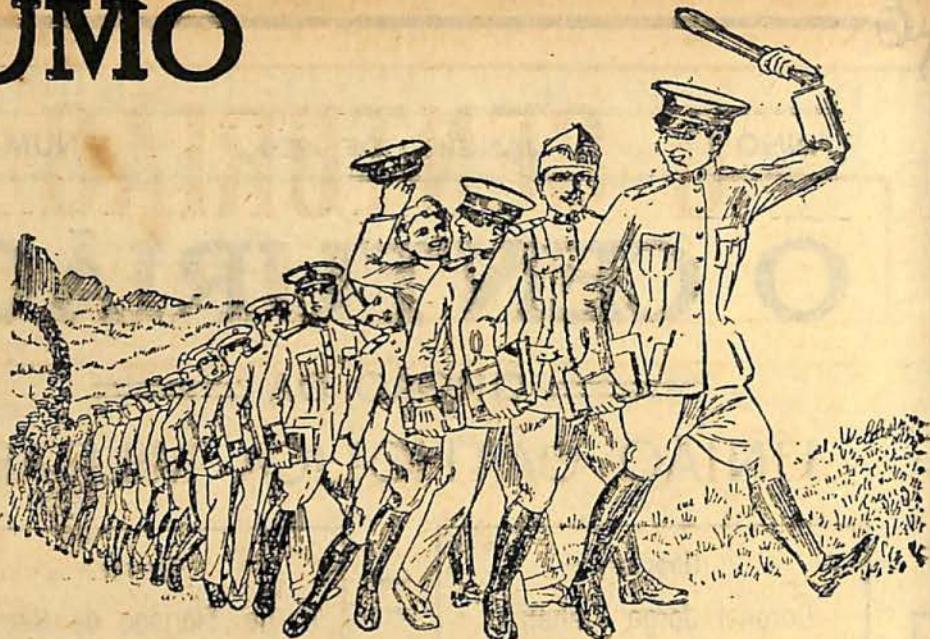
Um militar mereceu ouvir da boca infallivel de Jesus o elogio de sua fé: "Não achei tamanha fé em Israel". E a Egreja fará suas as palavras do militar até o fim dos séculos; "Senhor! Não sou digno que entreis em minha casa, mas dizei uma só palavra e minha alma será salva!"

- Os Magos do Oriente
Pela rechristianização do exercito
Amor fraternal
A' victoria
As estrambolicas aventuras de Bentinho Tincuan
Os primeiros protestantes
Regulamento da União Catholica Militar
A Scienzia e a Fé
Ordem do dia
Topicos
A benção das espadas dos guardas Marinha
Os Monges
A confissão
Escola de desequilíbrio
Correio dos Estados*

"Por Deus e pela Patria"

É grande gloria para os soldados o terem sido os primeiros a confessar a Divindade de Jesus Christo, no Calvario: "Os que estavam de guarda com o Centurião... diziam; Na verdade este era o Filho de Deus!" (Matheus, 27-54)

RUMO



A' COLLEGIAL

UNIFORMES E ENXOVAES PARA TODOS OS COLLEGIOS
A MAIOR CASA EM VESTUARIOS PARA CREANÇAS

Largo de S. Francisco de Paula Ns. 38 e 40
FONE NORTE 3560

AMMONIA IVANY

APPLICAÇÕES:

Para o banho.
Para lavar a cabeça.
Para tirar a caspa.
Para brotoejas.
Para mordidelas
de mosquitos.
Para limpar joias.
Para limpar
escovas e pentes.
Indispensável em todas as casas

da Drogaria Baptista
NAS PHARMACIAS, DROGARIAS
E PERFUMARIAS.

TYPOGRAPHIA

“CELESTE”

Editora do “O CENTURIÃO”

Especialidade em trabalhos de luxo,
livros, revistas, jornaes, etc.

Executa-se qualquer trabalho com
esmero e promptidão

J. L. Anesi

Rua Senhor dos Passos N. 60
Telephone Norte 5288

— RIO DE JANEIRO —

O CENTURIÃO

Orgão da União Católica Militar

Os Magos do Oriente

A vinda de uma criança extraordinária, cuja vida seria um exemplo, e a morte a salvação para a humanidade, criança na qual se condensavam todas as esperanças religiosas e mesmo políticas dos Judeus; a expectativa de um Messias, que viesse reerguer a espécie humana decaída pelo pecado, não estava apenas inscripta no coração da Judéa. A voz autorizada e poderosa dos profetas de Israel, desde milénios ecoando passára além das fronteiras da pequenina nação; reboára mesmo no Egypcio, na Chaldéa, Mesopotamia, na Persia e Arabia Petræa. Dispersos pela vontade de Deus, o povo escolhido havia semeado em toda parte as suas tradições religiosas num sôpro poderoso de fé e de esperança.

Tacito e Suetonio testemunham essas tradições que anunciavam a vinda de homens, partidos da Judéa, para conquistar o mundo, (Pe. Didon).

Todos os corações opprimidos viviam dessa esperança; todas as mentes illustres sonhavam com esse advento sobrenatural e, prescrutando os horizontes dos tempos, aguardavam o iris promissor da redenção.

Em todo o paganismo espiritual se infiltrara o anseio messianico e

“Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo” (Math 2-2).

até a Roma Imperial o apregoava pela voz de seus poetas...

Os sabios, astrologos e sacerdotes do Oriente não podiam, portanto, desconhecer as profecias sobre o Desejado das nações, o Príncipe da Paz.

Sua vinda seria anunciada aos gentios por um phänomeno luminoso: “O povo que andava em trevas viu uma grande luz e aos que estavam á sombra da morte lhes nasceu o dia (Izaias).

Embaixadas reaes lhe trariam dádivas do Egypcio, da Ethyopia, de Tharse e das ilhas, de Séba e de Sabá. (David).

Não podiam também deixar de calcular que as setenta semanas de annos, preditas por Daniel para a vinda do Filho do Homem, estavam a terminar.

“Aquellos homens do Oriente que faziam profissão de Sabedoria e que liam nos livros dos astros os segredos do futuro — os Magos, como eram chamados”, aguardavam com certeza o signal luminoso do Messias, o qual não poderia ser senão a estrella que seu antepassado Balaão dissera ter visto elevar-se de Jacob.

Toda a antiguidade pagã era propensa á astrologia, e os Magos, certamente, de ha muito prescruta-

vam as télas do firmamento, quando a mysteriosa luz appareceu... Muitos viram surgir no céo o astro radiante e logo lhe conheceram a significação mysteriosa; mas só tres dentre elles abandonaram suas terras e familias para adorarem o Messias que nascera na Judéa.

As suas caravanas, guiadas por essa luz estranha, que se deslocava diante dellas, roteando-lhes a marcha, encontraram-se no deserto e marcharam reunidas para Jerusalém.

“O Rei dos Judeus nasceu, dizem elles, nós vimos a sua estrella e vemos adoral-o.”

Essa declaração tão cathegorica commove Jerusalem e inquieta Herodes. O despota convoca os principes dos Sacerdotes e os escribas para que lhe digam onde devia nascer o Christo.

“Em Belém, responderam sem hesitar.”

De facto, a profecia era clara. Mais ou menos 700 annos antes de nossa era, Miquéas predissera: — *E tu, Belem Ephrata, ainda que pequena entre as cidades de Judá, de ti sahirá aquelle que deve reinar em Israel.*

Instruido o tyranno, e cioso de sua realeza, resolveu desfazer-se deste novo rei. Chama em segredo os Magos, indaga do tempo certo em que tinham visto a estrella e manda-os a Belém:

“Ide, lhes disse, procuraes o menino; é lá que elle nasceu. Quando o tiverdes encontrado, avisae-me para que eu, tambem vá adoral-o”.

Partem os Magos confiados. A estrella, que tinha desapparecido quando elles entraram em Jerusalém, de novo reaparece e caminha diante delles até a gruta de Belém, onde uma criança estava deitada sobre palhas.

Elles o adoram e, conforme o uso da época, offerecem-lhe presentes. E tendo sido advertidos em sonhos para não avisarem a Hero-

des, voltaram ás suas terras por um outro caminho.

Sem que talvez se apercebessem, os Magos tinham cooperado para que se realissem as profecias, trazendo ao Rei dos reis mimos reaes da India, do Egypto e da Ethyopia.

Todavia, estes dons tinham uma significação mysteriosa, como tudo que provinha do antigo Oriente cabalistico. O ouro, o incenso e a myrra que haviam depositado aos pés do Rei Infante, symbolisavam a triplice natureza que nelle reconheciam e adoravam. Por uma intuição divina, de que a estrella que os guiara era um symbolo perfeito, elles viram logo, nessa crinaça que tinham encontrado pobre e humilhada como o ultimo dos seres, não o conquistador com quem os Judeus contavam nos seus sonhos ambiciosos; mas o Rei dos seculos futuros, o Pae da Eternidade, o Principe da Paz; enfim, aquelle ungido do Senhor, que vinha curar os contractos de coração, annunciar o Juizo Final e realizar a Redempçao.

Não era outra a significação dos dons mysteriosos, que representavam a magestade, a gloria e o sacrificio; offerecendo-os ao Christo elles reconheciam-lhe, ao mesmo tempo, a realeza, a divindade e essa humanidade passivel e mortal que elle sacrificaria para salvar os seus irmãos.

Elles que vinham de cumprir a antiga, profecia, tambem foram profetas. Assim como a estrella os guiara até Belém tambem elles guiarão a humanidade futura, que trará aos pés do Christo Rei o ouro da caridade, o incenso da oração e a myrra da penitencia.”

O que os Anjos annunciaram aos pastores da Judéa, a estrella anunciou aos povos idolatras que são nossos antepassados. E' pór intermedio desses Magos que Jesus nos convida para a fé. Multidões

inteiros puderam contemplar no céo o astro cuja significação conhecem, mas quão poucos são os que abandonam tudo para seguir a estrela e vir adorar Jesus?... (J. Rousseau S. J.).

Homens do mundo! quantas vezes não ha fulgurado em vossa consciencia a estrella de Belem; não ha ecoado em vossos corações o aviso dos Anjos; os chamados do Amigo que por vós nasceu, viveu e morreu em humildade e angustia?...

Elle apella para vós lá do Sacerdócio, onde se acha, humilhado e prisioneiro nas especies sagradas, como na lapa de Belem, humilde e prisioneiro estava em sua santa humanidade.

Dali vos fala pelos livros santos, jornaes e revistas piedosas; pelos sermones e practicas da Egreja; pelos conselhos de homens justos e prudentes; pela voz de vossa consciencia; pelos reclamos de vosso coração e pelo senso racional de vossa intelligencia.

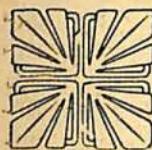
Todavia, alli já não é mais o rei e o Deus que se offerece ás vossas adorações e homenagens, como em

Belém; agora, é a victima, que se immola no Santissimo Sacramento para vos offertar a sua carne e seu sangue, em troca de um pouco de amor e penitencia: *Comei e bebei! este é o meu corpo e o meu sangue! Aquelle que não come a minha carne e não bebe do meu sangue não terá a vida...*

Amigos! Não sejaes como os Judeus que, longe de reconhecerem a divindade de Jesus, manifestada por tantos prodigios que operou na confirmação das profecias, ainda o trocaram por Babás para que fôsse crucificado! Não sejaes como o Judas, que o traiu depois de o ter beijado! Nem como os idolatras que tendo visto a sua estrella e comprehendendo-lhe a significação, deixaram-se ficar indiferentes, sem attender ao seu appello!

Sejamos, porém, como os Tres Reis Magos, que se impuzeram todas as fadigas, vicissitudes e despezas de uma longa viagem para encontrarem a Jesus, verem-no face a face e o adorarem...

Levemos-lhe, portanto, nosso amor a nossa prece, e sofframos com elle e por elle, até mesmo o martyrio!



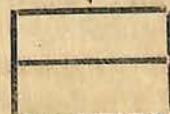
Novo Anno

Aos nossos prestimosos assignantes, collaboradores, correspondentes e amigos desejamos

Feliz Anno de 1929

angurando-lhes, muitas esperanças, abundante bem estar e paz, sob a protecção de

Nossa Senhora do Brasil



Pela Rechristianisação do Exército

No anno commemorativo do primeiro centenario de nossa emancipação politica, logo após tormentosos dias nesta Capital Federal, embarquei com destino ao Norte da Republica em consequencia de minha inopinada nomeação para commandante do 22º Batalhão de Caçadores. Esta unidade de tropa achava-se então acantonada na Capital do Estado de Pernambuco. Ao desembarcar na cidade de Recife, fui alvo de attenciosa consideração por parte dos camaradas do alludido Corpo e do representante do commandanet da 7ª Região militar. Durante quatro dias estive como hospede do referido e cavalheiroso commandante da mencionada região, o qual, diga-se de passagem, muito bem se houve na actuação para definitiva solução do intrincado caso politico da referida cidade.

Ao alvorecer do dia immediato ao de meu desembarque sahi á rua em jejum a procura da decantada egreja de N. S. da Penha, que eu até então só tinha a ventura de conhecer através de informações. Era minha intenção assistir liturgicamente a Santa Missa e commungar na referida egreja pelos motivos seguintes: para não faltar o promettido á minha esposa (neste Templo foi que ella se baptisou) e para invocar o Espírito Santo, pedindo-lhe luzes necessarias ao fiel desempenho da missão que me tinha sido confiada. Na verdade, não ia commandar sómente corpos humanos, porém, espíritos que pensam e são responsaveis dos seus actos.

Inspirado no criterio evangelico queria haurir fortaleza no sacramento eucaristico, como segura

garantia de feliz exito da mencionada missão militar. Tanto mais que me achava longe de meu lar. Sou dos que encaram a communhão sacramental frequente como efficaz antidoto das faltas veniaes e poderosissimo preservativo dos peccados graves.

Como comecei a narrar: sahi cedinho do Quartel General da Região: no topo da escadaria o ajudante de ordens regional gentilmente insistiu que eu tomasse uma chicara de café. Sem saber a crença do alludido official, desculpei-me como pude por não me ser possível aceitar a deliciosa offerta, sem todavia revelar-lhe o verdadeiro porquê da recusa. Diante, porém de sua perseverante gentileza eximi-me de quebrar o jejum declarando positivamente que áquelle hora ia ouvir Missa e receber a sagrada communhão. Ao terminar tão fiel declaração fui abraçado pelo mesmo ajudante de ordens, que sobremodo satisfeito me garantiu ser tambem catholico praticante. Até por signal desse nosso conhecimento, como confrades, ofereceu-me um lindo chromo representativo do Anjo da Guarda, chromo esse que ainda conservo com venerada recordação entre as folhas do meu livro dilecto de orações.

Andei pelas avenidas, pouco movimentadas áquelle hora matinal, até o adro de um Templo, que eu presumia fosse a egreja procurada, mas suas portas estavam fechadas. Por isso, caminhei para outra egreja proxima, na qual o sino punha-se a tocar.

Por fim, assisti a Santa Missa, durante a qual communguei sacramentalmente como era meu arden-

te desejo. Ao retirar-me do Templo relatei um tanto pezaroso a uma mulher que me pedira esmola o meu proposito naquelle dia, mas como o predestinado Templo de N. S. da Penha, estava fechado...

Com agradabilissima surpresa a pobre mendiga retrucou-me que a egreja onde estavamos é que era a de N. S. da Penha. Certifiquei-me dessa boa nova voltando ao Altar mór, onde pude constatar a presença da imagem da Virgem que deu seu nome á referida egreja. Depois sa victoria regressei ao Quartel geral contente pelo providencial acontecido.

Durante os poucos dias de transito em Recife, visitei na invicta cidade de Olinda Dom José Pereira Alves, que acabava de ser nomeado Bispo de minha terra natal — Rio Grande do Norte. Essa figura notavel quando Deão prestou inestimaveis serviços a causa do restabelecimento da paz no Recife. Actualmente, Ex. é bispo de Nictheroy, onde até celebrou missa campal, na praça da Republica da mesma cidade, por occasião da Páscoa dos Militares da alludida guarnição, distribuindo-nos estimativa lembrança da referida solemnidade.

Por entre multidão de povo, conduzi o 22º Batalhão até a Estação ferro-viaria, no Recife. No dia imediato desembarcamos na Capital da Parahyba, onde fomos recebidos pela população com demonstrações de jubilo. Aquartelamos justamente no edificio onde trinta e tres annos antes eu havia assentado praça como cadete. Ainda lá estava em uma das paredes internas o nicho que servira á imagem da Virgem da Conceição, Maria Immaculada, tão venerada pelos soldados daquella época.

Durante as solemnidades commemorativas do Centenario de nossa independencia politica, formou na guarnição da Parahyba

um destacamento sob meu comando, constituído de tropas do Exercito, Marinha, Policia e Esco-teiros. Após a revista regulamentar á Praça 7 de Setembro, que foi nessa occasião inaugurada, acompanhado de toda officialidade saudei o então presidente do mesmo Estado, Doutor Solon de Lucena. Sua Ex. agradeceu a saudação proférindo eloquente discurso, que muito agradou o sentimento religioso dos assistentes.

As ceremonias desse dia de festa nacional e que tão alegremente se realizaram, tiveram inicio por bem concorrida Missa Campal, celebrada pelo Senhor Arcebispo Metropolitano Dom Adauto A. de Miranda Henrique, ao pé do tradicional cruzeiro de S. Francisco. Ao evangelho Mons. Francisco Severiano pronunciou encantadora oração congratulatoria, que foi um hymno de glorias a essa data maior de nossa Patria.

Decorreram-se mezes. Pensava em effectuar a mudança do aquartelamento do batalhão para o seu novo quartel situado no bairro Cruz das Almas, quando fui chamado pelo governo e logo após nomeado para outra commissão em Minas Geraes.

Como uma das evocadoras recordações de minha convivencia no 22º de Caçadores devo relatar o seguinte facto, resultante da força da graça: Entre os officiaes havia um tenente que me fazia allusões á religião, porém, deixava transparecer nas suas palavras duvida ou falta de fé. Dois annos depois eis que recebo uma carta do alludido oficial, já capitão, relatando-me que em momento de attribulada apprehensão recorrera ao Senhor Bom Jesus do Bomfim, na Bahia, sendo attendido em suas supplicas, mostrando-se por isso muito reconhecido ao poder divino; enviou-me até como lembrança desse seu acto um chromo e medida em fita

de seda do milagroso santo.

O tradicional bairro Cruz das Almas, ao qual já me referi, recorda a rendição, em 1817, do heroe republicano, tenente-coronel do Exercito, Peregrino de Carvalho, que tanto pelejou pela liberdade e independencia de sua terra natal. E' certo que esse soldado martyr, um dos precursores do nosso actual regimen politico, só depoz as armas com sua brava gente, por força dos rogos piedosos de seu venerando progenitor, que, indo ao seu

encontro, empunhando um cricifixo, exhortou-o a effectuar a alludida capitulação.

A essas bodas crueltas do norte brasileiro não faltou coragem civica, porém, o bravo soldado parahybano, em face do crucifixo, achou preferivel seguir a inspiração divina — porque ainda não era chegada a hora da Republica!

Rio de Janeiro, 1929.

Coronel Benjamin Fonseca

AMOR FRATERNO

Adoecera Augusto Frederico, irmão do insigne e glorioso literato Visconde de Castilho. Augusto, em estado desesperador, é conduzido ao Funchal, por conselho dos medicos; e o illustre cégo deixa a mulher e um filhinho e acompanha-o e serve-lhe constantemente de enfermeiro.

A proposito, transcreve-se para aqui, das *Memorias de Castilho*, o seguinte, que o Visconde de Castilho, escrevia a sua esposa na noite de Natal, de 1840:

"Desde ás 11 horas, em que o Santos, meu obsequioso secretario, sahiu para ir á Missa do Gallo, na Sé, estive no quarto do doente (Augusto), entretendo-o, por desejo e rogos seus, e com particular gosto e consolação minha, em assumptos piedosos, e rezas que elle ajudava em voz baixa, dirigidas todas a Nossa Senhora. Não ha desgraça que o seja completamente para quem crê e ora.

Os incredulos, minha filha, são os mais miseraveis de todos os miseraveis, porque para elles não ha nem sombra de consolação. Ninguem pôde falar melhor sobre tal materia do que eu, porque tambem houve tempo em que não acreditei (ou, para melhor dizer, desejei não acreditar e cuidei que não acreditava); mas depois, um infortunio bem grande me restituiu ás verdadeiras idéas, e desde, então, fiquei crendo, parece-me tão firmemente como os confessores e martyres. Um atheu, si o ha, é um homem que ainda não conheceu duas coisas: a sua propria razão, e as grandes penas, que, si muitas vezes a offuscam, muitas outras a descobrem.

De todas as occupações uteis e necessarias para um espirito religioso, nenhuma chega á de tratar affectuosamente com a Virgem. A Ladainha e a Salve-Rainha, são duas purissimas orações. A Salve-Rainha, bastaria só por si para mostrar o grande

homem que era S. Bernardo, ainda que mais nada tivesse escrito.

Mas, deixemos isto, que nem é para se tratar de corrida, nem para ti é necessario, que, felizmente, e graças á tua boa mãe, és religiosa; e Deus nos defenda de mulheres que o não sejam; porque, se é verdade que para as penas não ha outro balsamo, tambem não é menos verdade que moral e bons costumes não se podem edificar duraveis sobre outro alicerce".

A 26 de dezembro escrevia o mesmo grande poeta:

"Faze idéa, minha filha, dos tormentos que terei aqui tragado, calado, e pôde-se dizer que só, obrigado não só a presenciar tudo, a ouvir tudo, a saber tudo, mas de mais a mais a ser eu mesmo em grande parte, quem lhe ministre os socorros espirituais ! E estou com saude !

Não é de certo a philosophia que me sustenta, que essa é mais fraca do que o nosso pobre doente; é a Fé, minha querida, que a tenho, e vivissima ! No applicar-lhe estes remedios d'alma, tanto proveito recebo eu, como elle proprio. Uma parte do serão leve-a fazendo-lhe as suas orações de Ave-Marias, Salve-Rainha e Ladainhas de Nossa Senhora, o que muito o contentou, e particularmente, certos passos da Ladainha, em que visivelmente se afervorava, mandando-me que lh'os repetisse dez vezes..."

Disse-me que desejava confessar-se e receber o Viatico; e é d'advertisir, para nossa intima satisfação, que não dizia isto por conhecer, nem sequer, talvez, suspeitar o seu estado, mas por verdadeira e desinteressada devação. Sem lhe falar em perigo, como bem pôdes entender, confirmei-o, naquelle bom desejo e prometti-lhe que no dia seguinte pela manhã, seria satisfeito.

Requeriu-me tambem que lhe arranjasse um Crucifixo, e uma imagem da Senhora, que fossem bem feitos e ajudassem a devação..."

— Família de santos !

As Estrambolicas Aventuras de Bentinho

por Cornelio Pires

De como Nho Joaquim Bentinho virou submarino, e conseguiu al- fim matar gigantesco jahu'

Poitada a canôa em meio de uma correia, que ia morrer num remanso fundo do rio, começamos a lavagem de um 'fato' de porco, uma grande barrigada: tripas, bucho, coração, passarinho, pacuera molle e "figo"...

A gordura rapidamente se espalhou pela flor dagua em que rodavam, meio fluctuantes, as "rendas" que enfeitavam as tripas.

Momentos depois, o rio se encrespava, ondulante ao boiar de dourados de quatro palmos e vellacas piabas e piracanjubas.

Mais era o barulho de peixe que o resultado da pescaria. Peixe que muito boa não cae no anzol...

Pelo meio dia, um ventinho cete, de arrepio sobre as aguas, veio tirar-nos a esperança.

— Garrô a ventá... Adeus, pescaria! Commentou um dos caipiras, na canôa.

— Talvez não esteja tudo perdido. Na pescaria, como no jogo, quando menos se espera vem a sorte...

— E aqui tem pexe morrudo... pêxe dos grande!

— Ayra... se tem! Affirmou o Bentinho. Eu que diga...

Vae fazê agora sete anno que eu c'o defunto Lorianio viemo pescá alli no estirão de baxo, estirão de legua e pôco que era um poço só! Um fundão que vae simbóra; morada de mandy-guassu' mandyjuba, jurupoca, pêxe sapo, jahipeva, pintado, suruvi, e cada jahuzão dos macóta...

— E pegaram alguma coisa? Ageitei o Bentinho para passar o tempo ouvindo-lhe as mentiras.

— Já se sabe...

Nois tava pescano de barranco. De repente um tar peggô no meu anzó e garro passeá, vasseá e foi, foi, foi, e eu: 'tchan!' squiei duro! Ferrei o bicho! Eh!

— Tirou?

— Num deu nem pra ixerga o tar! La se foi... rebentô a linha!

Fui in casa, perpará ótra linha: verdegaes nem corda de piano num guentaro... Truxe arame de marrrá cerca; in veis de isca cum pêxe, isquei um pinto morto que sapequei male-má...

— O jahu tornou a pegar?

— Aquillo foi só: — "fiiu!" Rebentô! ponhei o arame a tres fiu, isquei cum gallinha... ferrô...

— Tirou o bicho!

— Quá... rebentô...

— Oh!

— Defunto Lorianio é testemunha...

Intâoce fui in casa, peguei o meu laço de coro de veado pardo, que tem guentado tôro marruá... fui ao ferrero, mandei fazê um enzolão de dois parmo, incastoei, matei ua leitôa, sapequei cum tripa e tudo, ponhei no anzó, feito isca; marrrei o laço nua arvore e pinchei o anzó no fundão...

Eh! moço! Dali a pôco, vacê vê! O bicho cinchô!

Tá bem ferrado! gritei... Aquillo chacauiva a arve que intê a terra tremia c'o estremecê da raizama!

Compadre Lorianó gritava no barranco:

— E' meió sangrá! O jahu rebenta o laço!

— Vô la!

Passei a mão na faca, firmei a braza no meu tóco de cigarro : puis num dexo de tá pitano na baranca do riu, morde os mosquito e os pirnilongo. Se aperparei e quano o bicho corcoviô e botô o lombo pra fóra, lombão que nem lombo de boi caracu', firmei o pulo e cahi amuntado no pêxe...

— Sangrou?

— Mais ôôôh! Caipora! Quano dei a facada,o bicho furtô o corpo prua banda e inveis de eu finca a faca no mole da junta de osso da cabeça, que é sangradô dos pêxe... a faca resvalô e cortei o laço!

Ah! moço! Eu se contei perdido! Grudei firme nas gaia do jahu e juntei os carcanhá no sovaco de bicho, que saiu, veiaquiano cumigo pro fundo do riu!

Eu só bão cavallêro, mecê sabe!

Compadre Lorianó correu sorta a canôa e veio me accudi... Mais quá... Quano elle veio chegano, o jahu rabejô, fincô um pinote e marguiô otra vêis...

— E mecê?

— Eu? Grudado in riba, campeano o sangradô.

Marguiêmo e garrêmo riu a baxo pro fundo d'aua...

Lá naquelle vorta do riu, meceve, tem ua legua... O bicho, sempre pro fundo, virô e mexeu um eito de tempo, mais de hora, quan eo eu acertei o sangradô. Soquei a faca no molle! O bicho extrebuchô e boiemo os dois junto! Mermo na beradica da canôa!

Se não é o compadre me segui eu acho que morria no boiá... puis já tava custumano vivê no fundo d'aua!

— Mas como poude o Lorianó seguir tanto tempo, voce num rião grande e tão profundo, montado num peixe, e ainda mais, navegando embaixo da agua?

Joaquim Bentinho coçou a cabeça... titubeou... mas, ao tirar o toco de cigarro de traz da orelha, para disfarçar, achou a solução e respondeu triunphante:

— Uéi! Eu não iê contei que tinha acendido o toco do cigarro?

Imquanto o jahu desimbestava cumigo no lombo eu ia pitano... e compadre, na cauôa, me siguiu pra fumaça que ia pipocano na frô d'aua!

Tão caro... so mêmô quem num que vê !

Casa N. S. do Carmo

A que tem maior sortimento de artigos religiosos a preços baratíssimos — Medalhas, estampas, rosarios, livros, manuaes, fitas, diplomas e medalhas para o apostolado e outras associações.

Rua Uruguayaná, 76 - End. Teleg. CARMO

Telephone Central 3323

Rio de Janeiro

APPELLO

"O Centurião", orgão da U. C. M., destina-se a diffundir a instrução religiosa e cívica entre os soldados do Exercito, da Marinha e de todas as corporações militares do paiz. Afim de que elle possa ser distribuído largamente e gratis entre as praças, pedimos arranjar entre vossos amigos algumas assignaturas, a razão de 5\$000 por anno, quantia apenas sufficiente para cobrir as despesas de impressão e porte.

A nos eligião não quer a fé que não seja fundada em boas obras; que todos os catholicos sejam assignantes, sejam propagadores do nosso jornal, que se propõe a ser a alma da nossa obra.

Avante, pois, catholicos militares, mandae-nos desde já a relação dos assignantes que conseguistes!

Desde já, gratos.

TINCUAN

*Das 'Lendas dos Nossos Indios'
de C. Brandenburger*

Teve um chefe n'outro tempo, um filho, que ficou encantado em uma piraiba. Esta piraiba comia a gente que passava pela lagôa. Por isso, os Tapuyas punham diariamente uma criança à piraiba, para que a engolisse e deixasse passar aquelles que iam pescar na lagôa.

Os chefes que viam diariamente uma piraiba. Esta piraiba comia a seram, finalmente:

— Vamos já cortar nambé para fazer uma corda, afim de pescarmos a piraiba.

Fizeram a linha de pescar, e a isca delles foi uma criança bem bonita que atiraram no meio da lagôa. A piraiba pegou no anzol que

elles puxaram, mas como era valente, arrebentou a linha e fugiu. O feiticeiro chamou então os chefes e disse-lhes:

— Meus netos, vocês não pegam a piraiba, porque ella não é boa, é cousa má, é a alma do filho chefe. Façam vocês agora uma linha de pescar com os cabellos de vossas mulheres para a pegarem...

As mulheres imediatamente cortaram os cabelos e fizeram uma linha de pescar bem grossa, puzeram como isca uma criança, e puxaram para fô da lagôa a velha piraiba. Os gés disseram-lhes:

— Vocês matem-na, abram-lhe a barriga e nella acharão um passaro, que é a alma do filho do chefe. Não o deixem fugir ou voar, porque si elle cantar: "Tincuan!" nós todos morreremos.

Acharam o passaro na barriga, mas deixaram-no fugir. O passaro subiu e cantou: "Tincuan! Tincuan!".

O céu ficou completamente escuro, a terra tremeu, a lagôa secou, a gente toda morreu e só ficou no mundo o passaro cantando: "Tincuan!", "Tincuan!".

Entre Gente Honrada

O Duque de Osuna, vice-rei de Napoles, passava revista aos condemnados á galés. Como tinha o direito de libertar a um d'elles, apressavam-se a expôr-lhe a injustiça de que eram victimas, concluindo-se que todos elles eram inocentes. Sómente um permanecera calado, sem se aproximar do vice-rei, que, extranhando tal conducta, lhe perguntou o motivo de achar-se nas galés.

— Senhor, — respondeu o forçado, — estou aqui em justo castigo de minhas faltas.

— Soltem-me imediatamente a este bandido, — disse o Duque, dirigindo-se ao capitão. — Não é justo que entre tanta gente honrada haja um criminoso que a perverte.

Repe-te-se, no Brasil, o Milagre dos Stygmas de S. Francisco de Assis

D“A Noite”, de 14-11-28)

S. PAULO, 14 (A. A.) — Notícias procedentes de Campinas contam um facto que vem causando viva impressão no espirito publico e constitue o thema de commentarios e vasto noticiario dos jornaes locaes.

E' o caso de uma religiosa, de nacionalidade hespanhola, que vem soffrendo, diariamente, em horas diversas, todos os symptomas de estygmatização, caindo depois em profundo extase, durante o qual fala com Jesus Christo e prega a mais linda doutrina catholica, expendendo conhecimento s mui superiores aos seus, que são rudimentares.

O Bispo, Dom Francisco de Campos Barreto, ouvido por um jornalista, disse que o facto já foi levado ao conhecimento do Papa.

A primeira manifestação do extraño phenomeno deu-se na noite de 14 para 15 de agosto. No dia seguinte, manifestou-se o primeiro estygma, semelhante aos de São Francisco de Assis. Nas mãos da religiosa, tanto no dorso como na palma e precisamente nos mesmos pontos em que as mãos de Christo foram varadas pelos pregos da Cruz, abriram-se feridas, gotejantes de sangue, e que se fecharam rapidamente, não deixando nenhum signal, para reaparecer nos pés, nos joelhos, no peito e na fronte, sempre com o caracter de ferida viva, a escorrer sangue quente e borbulhante.

Hontem, o bispo, as irmãs e demais pessoas do Instituto, onde se acha a religiosa, assistiram a pierosa irmã soffrer todo o martyrio da paixão de Jesus Christo.

Os primeiros protestantes

Quem era Theodoro de Béza? — “Quem não se admirará, diz Heschiusius, da incrivel imprudencia d'este monstro, cuja vida infame é conhecida de toda a França, pelos seus epigrammas mais que cynicos?” (Trad. de Flor, pag. 1.048)

Quem era Melanchton? — “Ferido do alto, segundo Schlussemberg, por um espirito de cegueira e de vertigem, não fez senão cahir de erro em erro e acabou por não-saber mais o que devia crêr”.

(Theol. calv., t. II, pag. 91).

Quem era Aecolampadio? — Segundo Luthero: “o diabo de que Oecolampadio, se servia o estrangulou de noite no seu leito”. “Foi esse bom mestre, acrescenta elle, que lhe ensinára que na Escriptura havia contradições. Eis a que reduz Satanaz, os homens sabios.” (De Mis. priv.).

Quem era Ochino? — “Elle tornou-se, diz Béza, um scelerado, um devasso autor dos Arianos, um zombador de Christo e de sua Igreja”. (Florins, pag. 296).

Quem eram os doutores calvinistas em geral? — Segundo Schlussemberg: “eram uns infieis, uns impios, blasphemos, charlatães, hereticos, incredulos, homens feridos de cegueira, descarados e sem pudor, monstros turbulentos e intruções de Satanaz”. (Theol. Calv., Transf., 1.592).

O proprio Calvin não é menos severo para com os seus.

Releva notar que quem julga assim os chefes do protestantismo são os proprios protestantes.

Eis ahi a familia de Luthero, e d'essa raça descendem os “biblias” que nos invadem o Brasil... para converter-nos, e salvar a civilisação!...

Mandemol-os pregar a outra freguezia...

CASA MATTIY

Grande Fabrica de carimbos de borracha

Placas de metal, Gravuras em ouro, Prata e quaesquer outros metaes.

Almofadas e tintas para carimbos

R. DA QUITANDA 97 - TEL. NORTE 0006-

Caixa Postal 842

RIO DE JANEIRO

Regulamento da União Catholica Militar U. C.

(Continuação)

"Por Deus e pela Patria"

CONSELHOS DE GUARNIÇÃO

Art. 27 — Os Conselhos de Guarnição compor-se-ão de uma Mesa, com presidente, um ou mais vice-presidentes, secretario, tesoureiro e mais os presidentes e vice-presidentes dos Nucleos subordinados e Conselheiros.

a) A escolha dos cargos far-se-á como para os Nucleos.

Art. 28 — Estes Conselhos reunir-se-ão, ordinariamente, uma vez por mez para tratar:

a) Dos assumptos de coordenação de seus Nucleos.

b) Das obras especiaes da Guarnição.

c) Das festas de carácter geral.

d) Das relações com os Conselhos de alçada superior e com as Uniões catholicas de outras classes, na mesma Guarnição.

Art. 29 — As reuniões extraordinarias terão lugar:

a) Sempre que houver mistér, convocadas á ordem do presidente.

NOTA — Os Conselhos das F. P. e Corpos de Bombeiros terão a designação — Conselho Director da U. C. de F. P.

CONSELHOS DE DIVISÃO

Art. 30 — Installar-se-ão os Conselhos de Divisão para coordenar as obras das grandes Unidades. Compor-se-ão de um presidente, um o umais vice-presidentes, secretario, tesoureiro e mais os pre-

sidentes e vice-presidentes dos Conselhos e Nucleos directamente subordinados, e Conselheiros.

Art. 31 — A eleição dos cargos far-se-á como para os Conselhos de Guarnição.

Art. 32 — Os Conselhos de Divisão terão pelo mês uma reunião mensal ordinaria para tratar:

a) da propagação dos Nucleos.

b) Da coordenação dos Conselhos e Nucleos subordinados e de sua ligação com o Conselho Nacional.

c) Das instrucções, ordens, informações, etc. decorrentes de sua missão.

d) Das relações com as obras de acção catholica de outras classes.

e) Das festas de carácter geral, conferencias, romarias, etc.

CONSELHO NACIONAL

Art. 33 — O Conselho Nacional com séde no Rio de Janeiro, é o orgão da direcção geral da U. C. M. e da acção catholica no seio das organizações militares de terra e mar.

Art. 34 — Constituição do Conselho: presidente (official general, capitão de mar e guerra ou coronel), vice-presidente (o quanto possível officiaes superiores), secretario geral, sub-secretarios geraes, tesoureiro, conselheiros e presidentes dos Conselhos e Nucleos directamente subordinados.

a) Fará parte do Conselho Nacional, como seu presidente de Honra, o Exmo. Arcebispo do Rio de Janeiro.

Art. 35 — Escolha dos cargos:

a) A escolha do presidente do Conselho Nacional recahirá sobre um associado militante de reconhecida piedade, rectidão e amor á classe, eleito pelo Conselho, com audiencia previa do Exmo. presidente de Honra, após as conversações preliminares, consultas aos Conselhos e preces ao Espírito Santo.

b) Os demais cargos preenchidos a juizo do presidente, mediante previa consulta, em particular, aos membros do Conselho.

c) Um sacerdote nomeado pelo Exmo. Presidente de Honra será o capellão do C. N. e seu director espiritual.

Art. 36 — O Conselho Nacional reunir-se-á ordinariamente uma vez ao mês para tratar:

a) Da direcção geral da Associação e da acção católica nas Classes Armadas.

b) Dos meios de propagar a Associação e a acção católica, nas Classes Armadas.

c) Da filiação de novos Conselhos e Núcleos, expedindo as respectivas cartas.

d) Das instruções, ordens e informações attinentes á direcção geral da U. C. M. e da acção católica.

e) Das relações da U. C. M. com os órgãos de acção católica das demais classes.

f) Das relações com as obras congêneres das Classes Armadas das Nações amigas.

Art. 37 — As sessões extraordinárias terão lugar:

a) Para eleição e posse do presidente.

b) Para assembléas gerais.

c) Por outros motivos, á ordem do presidente.

Art. 39 — A Secretaria Geral tomará um ou mais dias por semana para attender a correspondência, pedidos, informações, expediente em geral.

DAS SESSOES EM GERAL

Art. 39 — Os assumptos a estudar em sessões não serão discutidos enquanto não forem bem esplanados fóra, para evitar debates acalorados, sempre prejudiciaes.

a) Salvo motivo de urgencia, a juizo da Mesa, as propostas serão apresentadas previamente á Secretaria Geral para serem examinadas e julgadas na proxima sessão, já devidamente estudadas.

b) Cada associado, em sessão, falará por sua vez, quando o presidente lhe der a palavra.

c) O Conselho resolverá quando os assumptos das propostas devam ser apresentadas ao juizo do Exmo. presidente de Honra, antes da sessão de votação.

Art. 40) As sessões serão abertas com uma prece ao Espírito Santo, A. M. e invocações ao S. Coração de Jesus, N. S. das Victorias, Mauricio e Orago particular; far-se-á o encerramento com a oração do soldado, oração pela Patria e as quatro invocações acima.

a) Em lugar das orações, os Núcleos poderão entoar uma ou duas estrofes de "A nós decei" ou "Vem Creador Espírito", etc., no começo, e do hymno do Apostolado, de Queremos Deus, etc., no fim.

b) As orações poderão ser feitas em pé, attitude correcta, braços cruzados.

FESTAS DA U. C. M.

A Paschoa dos Militares

Art. 41) A U. C. M. fará uma grande festividade geral e obrigatoria para todos os Núcleos e Conselhos, em commun, na mesma Guarnição: A PASCHOA DOS MILITARES.

a) A data assinalada para essa solennidade é o dia 3 de maio, em commemoração á descoberta

do Brasil e da Santa Cruz.

b) Os Conselhos enviarão circulares, com grande antecedencia para que no dia designado, ás horas, em templo ou local previamente fixado, todas as Guarnições do Brasil solemnisem a communhão geral dos militares.

c) Os nucleos, tendo em vista o ensino permanente da doutrina, prepararão os néo-commungantes, interessando vivamente os associados, ensaiando canticos, etc.

d) T a que esta commemoração corrente o brilhantismo que lhe é peculiar, serão previstos todos os seus detalhes e organizado um programma correspondente.

e) No dia 21 de Abril, em homenagem a Tiradentes, o soldado martyr, haverá sessão em todos os Conselhos e Nucleos, afim de serem ultimadas as providencias da festividade, balanceados os effectivos, escolhido o local, publicados os programmas e instruções, iniciados os aprestos e ensaios, com o conhecimento das Autoridades Ecclesiastica e Militar.

f) Durante a missa, os associados se disporão em perfeita ordem, com dispositivo estudado e ensaiado previamente e, nessa forma, tomarão as diversas posições de ajoelhar, levantar, sentar, etc., conforme avisos convencionados.

g) Os associados seguirão para a mesa eucaristica e de lá regressarão a seus logares, de braços cruzados, em fileiras bem ordenadas, conforme o itinerario prescrito no interior do templo.

h) Será distribuida aos commungantes, após a missa, uma lembrança allusiva ao acto, segundo o modelo da Paschoa de 1924.

Art. 42) Além da Paschoa dos Militares, os Cons. e Nucl. isoladamente ou não, celebrarão ainda a festa "Adeus ao reservista" e mensalmente uma festa eucaristica commemorativas dos Santos militares do mez e datas nacionaes.

a) Janeiro — S. Sebastião, etc.
b) Fevereiro — S. Cornelio, S. Theodoro, etc.

c) Março — (mez de S. José) S. Marino, São João de Deus, S. Longuinhos, etc.

d) Abril — S. Jorge, S. Especto, (homenagem a Tiradentes), etc.

e) Maio — Mez de Maria. Paschoa dos Militares, S. Victor, São Fernando, Sta. Joanna d'Arc, São Floriano, etc.

f) Junho — Festa em honra de S. S. Coração de Jesus, S. Bazílio, etc.

g) Julho — S. Ignacio, etc.
h) Agosto — S. Luiz (rei-soldado). Festa do soldado, homenagem a Caxias, etc.

i) Setembro — S. Mauricio, S. Miguel, homenagem aos martyres da Independencia, etc.

j) Outubro — Festa do rosario, S. Marcello, etc.

k) Novembro — S. Martinho, S. Theodoro, S. Serapião, etc.

l) Dezembro — Natal do soldado. S. Theophilo, etc. Para esta significativa solemnidade do Natal do Soldado, a 25 de Dezembro cada Nucleo deverá interessar toda a sua unidade, providenciando obras de bem, soltura de presos, reconciliação de camaradas, Arvores de Natal com sorteios de brindes e outras invenções em beneficio de familias de camaradas pobres e orphãos de militares. Nesse dia distribuirão lembranças aos camaradas presos, doentes e asylados e promoverão communhões geraes de creanças de familias de militares.

m) "Adeus ao Reservista" é a festa de despedida aos camaradas excluidos na época da desincorporação.

Após a missa, reunir-se-á, em sessão especial, no Quartel (mediante permissão), afim de homenagear todos os camaradas que nesse

dia regressem á vida civil, distribuindo-lhes uma lembrança allusiva.

Art. 43 — Todas as festividades promovidas pela U. C. M. serão revestidas de ordem, correcção e piedade e terminarão com as pre-

ces Pró-Patria, pelas intenções da Igreja e pela U. C. M.

NOTA — O Conselho Nacional, com séde provisoria no Circulo Católico, a rua Rodrigo Silva, 3, reune-se aos primeiros sabbados de cada mez.

A Scienzia e a Fé

VII

As sciencias maravilhosas de ondade deviam surgir, como num conto das Mil e Uma Noites, os phantasticos effeitos e os prodigios assombrosos da luz, do calor, da electricidade e do radio, cujos phenomenos se especializaram modernamente de tal modo que entreabriram a porta da sobrehumana esperança de uma correspondencia interplanetaria; as sciencias physicas e chimicas continuarão a dizer-nos, pela bocca consagrada de seus investigadores mais illustres, de seus mais infatigaveis experimentadores, como elles aceitam a ideia de um Deus Criador; elles nos vão repetir por essas vozes, não só no seu limitado dominio respeitadas como na universalidade das sciencias, se Deus é para ellas um rival ou um amigo, um concorrente ou um Senhor.

Vamos ouvir mais alguns de seus próceres illustres, depois de ter citado Volta, Ampére e Faraday, os paes da electricidade.

ROBERTO MAYER — Tyndall dizia desse sabio physico que o seculo XIX não vira genio maior do que o delle. Seus trabalhos mais notaveis são: *Observações sobre o equivalente mecanico do calor*, o *Vacuo de Torricelli* e a *Mecanica do Calor*.

Eis o que disse elle em um discurso no Congresso Scientifico de Innspruch, depois de recordar que

Hirn, Joule, Colding, Holtzmann e Helmholtz, os mestres da nova sciencia, a Thermodynamica, eram espiritualistas:

“O que é bem pensado subjecticamente tambem é verdade objectivamente. Sem esta harmonia, eternamente preestabelecida por Deus entre o subjectivo e o objectivo, seriam infructuosos todos os nossos esforços intellectuaes...”

“Deixa-me, pois, concluir. De todo o meu coração o digo bem alto: uma sã Philisophia não podem deve ser outra causa mais que uma propedeutica ao christianismo.”

Como declara o padre Deschands no trabalho que seguimos nestes artigos, Mayer era adversario declarado do Darwinismo, que combateu até o fim:

“Como? Nós nada sabemos dos phenomenos mais ordinarios de que somos testemunhas todos os dias na vida animal e vegetal, e esse bom do Darwino, qual outro Senhor Deus, imagina explicar-nos de repente e completamente como nasceram os organismos sobre o nosso planeta! E' o caso de repetir a palavra de S. Paulo: Se algum de vós se julga sabio... Mas os Darwinistas são lutadores ardorosos. Se a sua causa achou tantos adeptos na Alemanha é unicamente porque pode ser utilisada facilmente em favor do Atheismo.

Essa declaração tão cathegorica de um homem como Mayer nos

permite generalisar a todas as theorias e doutrinas subversivas o que elle disse do Darwinismo: todas elles são bem aceitas e proclamadas porque ferem a Deus em suas prerrogativas, porque derrocaram as crenças dos justos. Ellas têm o sabor da rebeldia, não podem deixar de saber bem aos rebeldes... Todos os que protestam, todos os que se revoltam, todos os que se desviam, todos os que abandonam o caminho que Jesus Christo trilhou e nos incita a seguir, todos os que por seu orgulho, por suas paixões não podem encontrar satisfação na verdadeira casa de Deus são os que fornecem mais adeptos a essas doutrinas e theorias. Algumas, para se fazerem mais apresentaveis, mascaram-se com um certo espiritualismo; muitas, ostentam descaradamente a sua impiedade, enquanto outras, hypocritamente se insinuam favoráveis ao catolicismo quando é certo que são condenadas pela Egreja.

WILLIAM THOMSON — Durante toda a sua vida de sabio, W. Thomson, depois Lord Kelvin, foi considerado o primeiro physico do mundo.

Eis algumas de suas afirmações:

"As provas de uma finalidade que tudo governa com sabedoria e bondade, nos cercam de todos os lados... elles nos mostram na natureza o influxo de uma vontade livre e ensinam-nos que tudo que vive depende de um Criador e Legislador cuja acção é incessante."

No fim de sua gloriosa carreira, já em 1903, acrescentava:

"Não posso deixar de dizer que no tocante á origem da vida, a sciencia não affirma nem néga a força criadora. A sciencia exige positivamente esta força. É uma conclusão á qual não podemos fugir ao estudarmos a physica e a dynamica tanto da materia viva como

da materia morta. A sciencia nos obriga absolutamente á admittir um poder que tudo conduz, um influxo distinto das forças physicas, dynamicas, chimicas. Não ha meio termo entre a fé absoluta e scientifica em uma força criadora e a adhesão á theoria do encontro fortuito dos atomos..."

"Não receieis ser pensadores independentes. Si pensardes com bastante força, a sciencia vos imporá a fé em Deus, fé que é a base de toda a religião, e vereis que a sciencia é, *não adversaria, mas auxiliar da religião*

Para que continuar? Basta citar os nomes respeitaveis de FRESNEL, amigo de Arago, que tanto se distinguiu nos seus trabalhos sobre a difracção e dupla refracção de quasi todos os christaes e sobretudo pela gloriosa theoria das ondulações; de GALVANI, cuja descoberta immortalizou o seu nome; de COULOMB, cujo nome tambem se perpetuou nas suas descobertas nos dominios da electricidade e do magnetismo; de OERSTED, que descobriu a acção da electricidade sobre o fluido magnético. Eis como este ultimo manifesta a sua fé:

"Todo o estudo aprofundado da natureza, leva a Deus. Tudo o que existe é obra incessante de Deus. obra em que a infinita perfeição de sua sabedoria imutável imprimiu seu sello. E' esta acção perpetua da divina sabedoria e sua eterna identidade consigo mesma que a observação scientifica baptisa com o nome de leis da natureza... A contemplação do mundo estrellado nos deve ensinar que nada somos diante de Deus, mas que somos alguma por sua bondade."

Citemos ainda os nomes de Ohm, Grove, Rumford, Davy, De-sains, Despretz, Ketteler, Babinet, Jolly, Kroenig, de cada um dos quais podemos affirmar as crenças religiosas, manifestadas publicamente em profissões de fé mais

ou menos formosas como a seguinte de Davy;

"O verdadeiro chimico vê a Deus em todas as formas diversas do mundo exterior... seu coração deveria sempre se abrir aos sentimentos da devoção. E assim, ao passo que contemplar a variedade e a beleza do mundo exterior e lhe penetrar as maravilhas científicas, saberá sempre se elevar até a Sabedoria Infinita, cuja bondade lhe permitte provar as alegrias da sciencia; tornar-se-á melhor ao mesmo tempo que mais sabio. A influencia da religião sobrevive a todas as alegrias terrestres; fortifica-se ao passo que nossos órgãos se enfraquecem e o nosso corpo se dissolve; ella surge como a brilhante estrella da tarde no horizonte da nossa vida e temos a certeza de que ser-nos-á um dia a estrella da manhã, cujo resplendor

illuminará as sombras da morte."

Como é consoladora a fé que nos permite contemplar no crepúsculo da vida essa estrella radiosa que enleva e encanta os nossos velhos dias com a esperança de que ella será também a estrella d'alva do dia seguinte ao dia da vida!...

CEL. JORGE PINHEIRO

SYMBOLO E CODIGO PROTESTANTES

Não ha ponto de moral christã, que o protestantissimo possa afirmar que é necessário crér-se, devendo-se-lhe submeter a razão; visto como o seu symbolo se reduz a este só artigo: **Creio tudo que me parece verdadeiro**; como o seu codigo de moral se reduz a est'outro artigo: **Devo praticar tudo que me parece bom**, — formula de moral com que todo o homem, quaesquer que fossem suas paixões, poderia contentar-se, como se contentaria, quaesquer que fossem seus erros, com a formula de fé, que lhe corresponde.

LAVAL.

Ordem do Dia

Era commandante das forças federaes no Estado do Maranhão, em 1896, o Coronel Pedro Antonino Nery, e muito o honra a **Ordem do dia**, que baixou, pela Semana Santa, da qual bastará, para amostra, reproduzirem-se aqui os seguinte bellissimos periodos:

Relembra-nos o dia de amanhã, Sexta-feira Santa, o maior dos crimes, o maior dos saerilegios praticados pelas gerações de 19 séculos passados, o sacrificio da morte do Deus humano, o amado Filho do Deus dos exercitos; d'Aquelle que baixou ao mundo para nos trazer a luz e revelar-nos as grandes reformas da liberdade, igualdade e fraternidade.

O soldado sem crenças é um soldado sem valor e indiferente ás alegrias e sofrimentos da Patria.

O militar, mais que nenhum outro cidadão, tem o rigoroso dever de prezar os dias de gloria de sua Patria e lamentar os seus infortunios, como tambem de conservar no

santuário do seu coração as gloriosas tradições de sua fé, recebida dos seus progenitores.

Não basta o sentimento intimo de dôr que ora nos dilacera a alma; devemos, também, dar uma prova externa do nosso lucto e pezar: pelo que, determino que de hoje, do meio-dia em diante cessem todas as tocatas de musica; que os instrumentos bellicos toquem a surdina; as guardas se rendam sem ruído; se conservem nos postos militares ás bandeiras e armas em funeral até que, no sabbado, seja dado o signal, no templo sagrado, da Alleluia, para o que se devem achar as bandas de musica, corneteiros e tambores, formados em frente ao quartel, para na hora competente de ser anunciada a boa nova, tocarem alvorada e em seguida percorrerem as principaes ruas da cidade.

Determino mais que, em homenagem á commemoração de tão inolvidavel acontecimento, cessem todas as penas disciplinares, postos em liberdade todos os presos á ordem d'este commando.

TOPICOS

Napoleão no seu retiro forçado de Santa Helena, uma occasião palestrando no circulo de seus companheiros de odysséa, confessara que considerava o dia mais feliz de sua vida, o de sua primeira comunhão.

O general de Sonis, o heroe da adversidade que desencadeou sobre França em 1870, era um exento catholico e proclamava continuamente que a salvação estava em a mesma voltar ao seu espirito de religiosidade.

Luiz de Lima e Silva, o intemerrato Duque de Caxias, a figura mais completa de general americano, quando, para compensar seus innumeros triumphos, quizeram seus amigos lhe erigir uma estatua, conseguiu que os mesmos destinassesem os fundos acumulados para aquelle fim, para a reconstrucção da egreja de S. Francisco Xavier do Engenho Velho.

Em os nossos dias vimos na grande guerra o general Gallieni, o heroico defensor de Paris, manifestar-se continuamente como o crente.

O general Foch, a suprema cabeça que venceu a guerra, quando convidado pelo Tigre (Clemenceau) para commandante em chefe recordou que era catholico e irmão de jesuita.

O general de Castelnau com a sua velhice honrosa, quando os politicos radicaes numa louca injustiça quizeram reavivar a perseguição religiosa na França, commandou alguns milhões de catholicos decididos e venceu este novo surto de impiedade.

Agora mesmo a politica francesa se agita em torno da questão das congregações religiosas e a justiça vem amparar estas, pela voz

do general Liautey, que com a sua experiença de residente em Marrocos bem como commandante militar na Argelia, poude verificar os beneficios que as congregações espalhavam na zona de sua influencia.

Eis, ligeiros episodios da vida de militares de interesse para o nosso programma "christianização das classes armadas".

MAURICIO

O DEFUNTO PAE

Uma pobre velha esteve a ponto de ser esmagada por um cruzeiro que caiu de velho. Quando levantaram um novo em substituição do anterior, foi a devota fazer sua oração, como de costume, mas ajoelhando-se a respeitável distancia e exclamando:

— Perdoai-me, Deus meu, si não me approximo mais: é que quasi já fui esmagada por vosso defuneto pai.

Casa Sucena

Uma das mais importantes casas de modas e a primeira em artigos religiosos, imagens, paramentos e vestes ecclesiasticas.

Harmonios dos melhores fabricantes

Av. Rio Branco, 76 a 86

Rio de Janeiro

A Bênção das Espadas dos Guardas-Marinha

Quantas vezes ao atravessar a immensidão verde do oceano, o marinheiro sente-se como só em meio do deserto infinito das aguas... Profunda nostalgia lhe invade a alma. E a saudade da terra distante, onde ficaram paes estremosos, irmãs carinhosas, noivas amadas, lhe inunda o coração. Então o marujo olha o céo, e o céo azul lhe infunde confiança! E assim, céo e mar identificam-se com a vida do marinheiro!

... Profunda e commovente foi a bênção das espadas dos aspirantes de marinha, num domingo de dezembro, na Egreja da Candelaria.

Elles, cuja sorte está tão estreitamente ligada ao mar pelos laços de sua nobre carreira, foram, unidos pelo espirito de camaradagem que lhes é tão peculiar, levar suas espadas para receberem as bênçãos do céo... não já do céo azul que a nossa vista divisa, amigo do mar, antes, porém, do verdadeiro céo mysticamente fallando, amigo dos homens!

E foi bella e vibrante a cerimônia! Estava repleta a egreja. Tudo respirava alegria, encantamento!

Enorme e magestosa, a cathedral engalanava-se com toda a pompa! Um profundo respeito, uma grande contemplação por tudo que é santo e bello arrebatava-nos insensivelmente. Muitas flores, muita luz... Cirios acêlos illuminavam a imagem da Virgem Maria, symbolizando nossa fé. Nos pés do altar um grupo de jovens aspirantes, cheios de vida, mocidade e entusiasmo aguardava a mais solenne e commovente das ceremonias — Bênção das espadas!

... Echoou de subito, vibrante, magestoso e sonoro o hymno na-

cional. Quem poderá descrever a profunda commoção, o grande arrebamento ao sentir o amor da patria identificado assim ao amor de Deus, sem o qual honras, glórias, galões dourados, espadas reluzentes, não são mais que pó e miseria!

E ainda ao som dos ultimos acordes do nosso hymno tão bello e empolgante, o primeiro aspirante apresentou sua espada para ser abençoada. Havia um que de divino nesta cerimonia. A creatura forte, joven, intelligente, curvando-se diante a magestade do seu Criador... E successivamente ainda ao som de novas musicas, suaves, lindas, verdadeiras elegias seguiram-se os outros aspirantes que apresentavam garbosas as nobres durindanas, destinadas a lutarem tão somente pelas causas justas e generosas.

... Então, ao ver as mãos do sr. Bispo que num gesto sacerdotal as abençoava, pensei naquellas santas palavras de Jesus Christo:

“O que abençoardes na terra, será abençoado no céo”.

Janeiro de 1929.

ROSA MARIA

MARINHA - EXERCITO

*Funcionarios publicos-Pensionistas
do Thesouro-Corpo de Bombeiros
Brigada Policial.*

Visitem a **Associação Militar do Brasil**, à rua Sete de Setembro n. 195, 1. and. Telephone Central 3973 — **Secção Financeira**, emprestimos, cartas de fiança.

Secção Cooperativa - Alfaiataria Civil e Militar e Mercadorias, pagamento em 12 meses.

Secção de Assistencia - Serviços médicos.

A CONDUCTORA

O imperador Miguel Paleologo, tendo recebido a surprehendente noticia da tomada de Constantinopla por suas tropas, para lá promptamente se dirigiu e fez sua entra triumphal.

A exemplo de um de seus predecessores, em vez de elle proprio collocar-se sobre o carro de triunpho, minhou a pé, sem galas imperi, e mandou carregar diante de si a imagem da SS. Virgem, chamada a "Conductora" que se dizia pintada por S. Lucas. Expôl-a á veneração dos fieis no mosteiro de Stadius; depois, montando a cavalo, foi á egreja de Santa Sophia render graças a Deus pelo grande acontecimento.

A SS. Virgem foi e será sempre o vehiculo por onde alcançamos as graças de Deus. Recorramos a ella, e meçamos o nosso reconhecimento por seus benefícios.

BARTHOLOMEU BANDRANE, S. J.

OS MONGES

Feliz da terra, os monges não
 (maldigas;
 Do que em Deus confiou não es-
 (carneças!
 Folgando segue a trilha, que ha
 (juncado,
 Para teus pés, de flores a fortuna,
 E sobre a morta crença em paz
 descança.
 Que mal te faz, que gozo vai rou-
 (bar-te
 O que ensanguenta os pés nas bra-
 (vas urzes,
 E sobre a fria pedra encosta a
 fronte?

Que mal te faz uma oração erguida,
 Nas solidões, por vos sumida e
 (frouxa,
 E que, subindo aos céos, só Deus
 (escuta?
 Oh, não insultes lagrimas alheias,
 E deixa a fé ao que não tem mais
 nada!...

ALEXANDRE HERCULANO

Revistas e jornaes

Recebemos e agradecemos os seguintes:

"Revista de cultura", publicada mensalmente nesta capital.

"Correio Catholico", orgão oficial da Diocese de Uberaba, publicação semanal.

"O Operario", publicação mensal do Centro Operario Catholico da Capital de S. Paulo.

"Mensageiro do Santo Rosario", revista mensal do Convento dos Dominicanos — Uberaba, Minas.

"Estrella do Mar", orgão oficial das Congregações Marianas do Brasil, revista mensal.

"O Apostolo do Santissimo Sacramento", boletim oficial da Adoração Perpetua, mensal.

"Lar Catholico", publicação semanal editada em Juiz de Fóra, Minas.

Uma Pagina Contemporânea da "Lenda Dourada"

Por Afranio Peixoto

(da Academia Brasileira de Letras)

D'A Cruz", de 11-12-28.

Desde que ha memoria conservada de homem que é constante ver e ouvir deploar o presente, em favor do passado. A humanidade é como um homem que viveu muito,

e acaba, fatalmente, saudosa, "laudator temporis acti". "No meu tempo..." dizem os velhos. Entretanto, hoje vale bem outr'ora.

Um exemplo só, para maravilha. Quem escreve estas linhas falou, no Carmelo de Lisieux, com a superiora do convento, madre Agnés de Jesus, aquella que foi Paulina no seculo, irmã e mãe de criação de Therezinha. Os braços que a acalentaram criança erguem-se agora para honrá-la no altar... Não é um prodigo, unico, na história sagrada? E de nosso tempo.

A adorável santinha das rosas, que as esfolhava sobre o corpo nu' e martyr do Crucificado, para acariciá-lo, na revisão de sua morte, no desejo de bem fazer, declarou que passaria o seu céu, fazendo o bem sobre a terra", e, symbolicamente concluiu: "farei cahir uma chuva de rosas". Essa chuva de incontaveis milagres, a todos os afflictos que a invocam, continua a cahir.

Ha porém, um facto, concreto e testemunhado, que já ouvi de varios, e acaba de me ser confirmado. De todos os Carmelos da Europa affluiram, a Roma, rosas para se enfeitar a Basilica de São Pedro, na festa da canonização, a 17 de maio de 1925. A multidão enchia a immensa nave e tocava o altar; em postos distintos, o Sacro Collegio, a alta prelazia, o corpo diplomático. No momento em que, ao pé do altar, o Santo Padre lê o decreto de canonização, e proclama "Santa Thereza do Menino Jesus", desprendem-se, do alto, rosas, que cäem aos pés do Papa... Não as havia em cima, ninguem as jogara, mas elles choveram, as rosas promettidas pela santinha de Lisieux.

O facto me foi referido, realmente, por Magalhães de Azevedo, nosso embaixador junto á Santa Sé, que o testemunhou com os seus olhos e a sua razão, dotados de es-

pirito critico.

Mas ha mais. A santinha era alegre, mas alegre, mais para alegrar os outros, que por vao contentamento. Nunca passou diante do Menino Jesus sem lhe sorrir. Recommendava alegria ás noviças, porque, neste mundo triste, os conventos deviam dar, ao menos, ao Senhor, um repouso de alegria. A uma noviçinha emotiva, que via chorando, emprehendeu aliviar, e da maneira mais graciosa. Apanhou uma conchazinha e pôs-se a aparar as lagrimas que corriam. A freirinha não pôude deixar de sorrir, a este expediente. E não chorou mais, ou chorou menos porque a pequena mestra lhe ordenou que só chorasse aparando as lágrimas na conchinha... Nas vespertas de sua morte, da santinha, a noviça veio vê-la, de olhos vermelhos. A santa notando-o, como que suspendeu os seus soffrimentos, para perguntar-lhe, graciosamente:

— Você chorou... Foi na conchinha ?

Fez á outra prometter cumprir a recommendação; mas, pensando na sua morte proxima, que ia dar motivo de pesar, concluiu:

— Permitto-lhe chorar os primeiros dias; mas, depois, terá de tornar á conchinha...

Pôde a piedade tocar-se de encanto mais gracioso? Pois bem, a mesma noviça depoz: No dia seguinte ao da morte da santa estava ella chorando e ocupada em fazer, pelo corpo de Therezinha, tocar objectos de piedade, para os guardar como reliquias. Mas um rosario se embaraçou entre os dedos da santa, e ficou preso. Tentou tirá-lo, com delicadeza, devoção, mas sem exito. Nisto lhe veio, á soror Maria da Santissima Trindade, como que uma voz interior, a da santa que lhe dizia: "Em quanto não me sorrides, não t'o entregarei." A freira respondeu: "Não, te-

nho muito pezar, não posso sorrir... Os minutos se escoavam, já se perguntava, além da grade, do que havia entre a viva e a morta. A santa não deixava o rosario. Por fim, a freira se decidiu a sorrir, e os dedos mortos deixaram cahir o rosario...

Isto foi testemunhado, deposto, e está no processo de canonização. O maravilhoso é contemporaneo de todos os tempos.

Não uma pagina da *Lenda Dourada*? Entretanto, é de hoje, e os que a assistiram vivem. Vivem ainda os que a viram passar nas ruas de Lisieux, a menina predestinada, e são os mesmos que a vêem nos al-

tares de todas as igrejas, e por todas as igrejas, e por todo o mundo, Santa Thereza do Menino Jesus.

E em roda de nós, nos nossos dias viveram e vivem, outras como ella, que lá vão tambem caminho do altar, que lhes continua o caminho de perfeição na vida... São Gemma Galgani, Benigna Consolata Ferrero, na Italia; Maria Antonieta Geuser, a ardente "Consummata", Maria Celina da Apresentação, Elisabeth Trindade, Maria Angelica de Jesus, Clara de Jesus... em França; Margarida Sinclair, na Escossia... e ~~1~~ ¹as, tantas outras, divinas flores ~~dos~~ conventos, cuja santidade ainda os homens, ignoram, mas Deus sabe, Deus que fez chover essas rosas sobre a terra...

A CONFISSÃO

(A Mons. Confucio de Amorim)

Sê bom, meu filho, diz o padre quando
Piedosamente no confessionario,
Ao peccador humilde confessando
D'alma perfuma o ethereo relicario

Sê nobre e puro, sê contracto e brando
Procura ser do bem um visionario,
De Deus o excelso nome pronunciando,
Conta por conta, resa o teu rosario.

Do pensamento teu foge o internuncio,
Entre tua alma e o Padre sempiterno,
Até da morte vires o prenuncio.

Porque, ao morreres, te salvar quem hade
Se máo - terás eternamente o inferno,
Se bom - o céo por toda a eternidade!

Correio dos Estados

PINDAMONHANGABA — Nucleo Santo Expedito do II batalhão do 5º R. S. “Os militares do IIº Batalhão do 5º Regimento de Infantaria, aquartelado em Pindamonhangaba, tomado para si a bandeira sacrosanta de “Deus e Patria da União Catholica do Exercito”, realizaram em 24 proximo findo, solememente, a fundação do Nucleo Santo Expedito, naquelle batalhão, com a Paschoa dos Militares. Enthusiasmados e decididos, encontraram nos bem formados corações dos Exmos. Senhores Major Manoel Collares Chaves, commandante daquella unidade, Capitão Orlando de Assis Baptista, Commandante da 5ª Companhia do referido Batalhão e do illustre e virtuoso Vigario da Parochia, Revmo. Padre João José de Azevedo, o incançavel, que nunca lhes negou um só auxilio, aplauso, solidariedade e guarda aos seus ideaes, entusiastas de jovens catholicos. Assim é que foi preparada a mais bella apotheose que presençou a culta população da cidade real de Pindamonhangaba e talvez de todo o Brasil, digna de registro especial. Vencendo grandes e innumeros obstaculos, organisaram explendido programma que foi o seguinte:

Dias 21, 22 e 23, triduo solemne de preparação, com sermão pelo preclaro orador sacro, joven e eruditissimo Revmo. Padre Antonio de Almeida Moraes, sendo o côro ocupado sómente por militares, com 8 instrumentos, auxiliados pelo competente maestro sr. João Antonio Romão, que executou lindos trechos de musica sacra.

Dia 23, desde ás 20 horas até ás 23, 5 sacerdotes estiveram confessando sómente militares.

A PASCHOA — No dia 24 de Maio, inesquecivel para todos que tiveram a felicidade de assistir, ás 5 horas da madrugada, a população foi despertada pelo som festivo e significativo da alvorada pela banda de cornetas e tambores e reboar de girandolas, que anunciam um acontecimento militar notavel. Era o Deus dos Exercitos que desceria ao coração do soldado brasileiro.

A's 6 horas, na Egreja Matriz, o esforçado Vigario da Parochia realizava 6 casamentos de militares, tendo o Exmo Sr. Bispo de Taubaté, o Magnanimo, concedido immunidade e provisão especial.

A's 7 1/2 horas já os sinos e foguetes anunciam o spectaculo magnifico e o povo tão catholico quão hospitaleiro, corria em massa, pressuroso, ao Templo.

Com a presença das altas autoridades, representantes da União Catholica do Exercito do Nucleo de Caçapava, era então iniciada a Santa Missa pelo Revmo. Vigario da Parochia, acolytado por sargentos, tendo o côro e orchestra militares, executado bellissimos numeros de musicas e canticos sacros.

A Elevação, em profundo silencio, o eximio maestro, Sr. João Antonio, executou entusiasmadamente o Hymno Nacional. Feita a preparação para a Santa Communhão, pelo Sr. Tenente Cyro Perdigão, e entoado hymnos eucaristicos, chegaram-se 154 militares á Santa Meza, entre officiaes e subalternos, sargentos e praças. Spectaculo magnifico, deslumbrante; uma verdadeira apotheose! Soldados da Patria querida, que empunham no campo da luta, a bayoneta ou manobram a metralha em defesa da Patria, ajoelhados, agora, aquelles bravos e heroes, diante do Altar de Deus, contractos e humildes, lembrando os ensinamentos que receberam dos labios puros e santos de suas mães, ainda nos braços, homenageando e recebendo o Deus dos Fortes, dos Bravos, dos Justos, dos Heroes e dos Bons.

Senhoras e Senhoritas, pela delicadeza de seus corações piedosos de mães e irmãs, não deixaram de interpretar o sentir do coração da Mãe Patria, derramando lagrimas de alegria. Depois, 44 soldados intrepidos, garbosamente ostentando nos braços seus laços de fita branca com os dizeres dourados “POR DEUS E PELA PATRIA” offertados pelas paranympas do acto, receberam, pela 1ª vez, em seus corações de heroes e fortes o Rei dos Reis — Jesus Hostia, elles que no lar não tinham cumprido esse dever cumpriam agora no Exercito. E a caserna para elles se transformou num grande lar bemdito!

E aquelles que no quartel elevam suas vozes em honra da Patria extremercida elevam-n'a agora em honra, em louvor do Senhor, do Creador, do Doador, dessa immensa e grande Patria Brasileira—DEUS. E entre lagrimas e alegrias, Jesus Christo Nosso Senhor entrou vitorioso pela 1ª vez em 44 corações de homens fortes, heroes, desde o rustico soldado sorteado de 23 annos ao graduado de 35 annos. Tudo por Deus e pelo Brasil.

Logo após a Santa Missa, falou o seu celebrante, o Revmo. Padre Vigario da Parochia, o esforçado, e amigo dos soldados, que com suas palavras sabias, enalteceu o soldado brasileiro. Depois dirigiram-se em ordem para a casa parochial, onde virtuosas e distintas senhoritas da Pia União das Filhas de Maria, offertaram e serviram uma lauta mesa de café e finissimos doces. A's 12

horas na casa parochial, foi ainda oferecido pelas senhoras catholicas um lauto banquete aos soldados visitantes da U. C. M., de Caçapava, sendo servido por senhoritas da alta sociedade, tendo falado os srs. tenente Cyro Perdigão e Revdmo. Padre João José de Azevedo. Às 13 e 1/2 horas chegavam ao Club Literario os primeiros automoveis conduzindo as autoridades e familias convidadas. Às 14 1/2 horas, no Salão Nobre, ornamentoado por distinctas senhoritas, era iniciada a sessão solemne, tendo o Revdmo. Padre Vigario da Parochia dado posse, entre palmas e aclamações, ao Exmo. Sr. Major Collares Chaves, Commandante do IIº Batalhão, como Presidente de Honra esua Exma. Sra. D. Erna Collares, Paranympha da União seguinte directoria: Autoridade Eclesiastica, Padre João José de Azevedo, Presidente de Honra, Major Ma noel Collares Chaves, Presidente, Cap. Orlando de Assis Baptista, 1º Vice Presidente, Cap. Ademar Alves de Brito, 2º Vice-Presidente, sargento Rubens Bennaton Vieira, 1º Secretario, sargento Benedicto Ludgero Machado, 2º Secretario, sargento José Spessoto, Thesoureiro, sargento Luciano Ribeiro da Luz. Ao Sr. representante do Exmo. Sr. Bispo de Taubaté foi dado o logar de honra na meza e assentaram-se ao redor da mesma os Srs. representantes do Sr. General Commandante da 4ª Brigada I, do Sr. Commandante do 5º R. I., da Municipalidade e da U. C. M., de Caçapava, Aberta a sessão, falaram: em nome dos associados do novo nucleo o sargento pharmaceutico Ludgero Machado; pela Municipalidade e pelo Povo da Cidade de Pindamonhangaba, o Deputado Dr. Alfredo Machado, D. D. Presidente da Camara; pela U. C. M., o Tenente Cyro Perdigão de Souza Silveira; pelo Exmo. Sr. Bispo de Taubaté, o Revmo. Padre Antonio A. Moraes. Todos os oradores foram muito applaudidos pela culta assistencia. O harmonioso "Jazz-band" do II Bat. executou bellos trechos de musica de seu optimo repertorio. Por fim falou o Sr. Cap. Orlando de Assis Baptista, Presidente, que visivelmente commovido agradeceu a presença honrosa de todos e encerrando a sessão. Depois foram distribuidas com os presentes lindas lembranças da festa e, quando se palestrava amistosamente no salão, um grupo trefego de gentis senhoritas invadiu o salão distribuindo banderinhas nacionaes de lembrança da festa em beneficio da Egreja do Rosario. Às 17 horas entre o reboar das girondolas e badalar dos sinos veteranos da Matriz formava-se imponente procissão, tendo á frente as associações religiosas

da parochia, como que fazendo ala ao cortejo deslumbrante. Precedidos pelos escoteiros catholicos vinham em filas, garbosas 160 soldados e os 44 da 1ª communhão, ostentando os seus laços de fita branca nos braços, que indicava a pureza das suas almas naquelle santo dia. Três andores artisticamente ornamentados pela Pia União das Filhas de Maria e Apostolado da Oração, eram conduzidos por militares: o 1º, de S. Sebastião, o Capitão Romano, era levado pela U. C. M., de Caçapava; o 2º de Santo Expedito, o Patrono do Nucleo, era conduzido por soldados do novo nucleo e o de N. S. do Socorro, a Padroeira do II Batalhão, era conduzido por sargentos com seus uniformes primeiros; o pallio, conduziam officiaes do Exercito e da Armada, com seus bellos uniformes de gala. Acompanhavam o pallio, o Major Comandante do Batalhão, Presidente da Camara, Juiz de Direito da Comarca, Delegado de Policia, Prefeito da Cidade, Deputado Dr. Alfredo Machado e muitos outros officiaes. A Banda Musical do 5º R. I., acompanhava o prestito executando bellissimos numeros de musica, bem dirigida pelo seu eximio maestro sargento Bevilacqua. Vozes fortes dos soldados da Patria erguiam-se em canticos entusiasticos louvando ao Deus dos Exercitos. E o povo em massa admirava a apotheose sublime que á Religião de Christo offerecia á Patria.

A entrada da procissão, o templo estava repleto, pregando o eruditio orador sacro Revdmo. Padre Antonio Moraes, Professor do Gymnasio Diocesano. Cantada a Ladainha, após o Sermão, pelo optimo côro militar, todos os militares presentes á um signal, elevaram suas mãos direitas em signal de juramento, e deante da Bandeira Nacional, que se achava junto ao altar, e do S. S. Sacramento, de pé, todos, foi feito o compromisso solemne, que exigem os Estatutos.

Depois seguiu-se o Tantum Ergo e Bençam do S. S. Sacramento. Espectáculo commovedor! Lagrimas de alegria e satisfação se poderam contar. Na hora precisa da Bençam, a optima Banda do 5º R. I., rompeu o Hymno Nacional e enquanto lá fôra uma salva de 21 tiros reboava; as cornetas pareciam annunciar que aquella era o Rei dos Reis que o Brasil saudava e curvava-se porque "a Patria Brasileira só se humilha a Deus" (D. Aquino Corrêa). Logo após cantaram os hymnos á Mãe de Deus. As madrinhas distribuiram lembranças ao pessoal da 1ª communhão. Após a resa, houve grande Kermesse no jardim publico,

em beneficio da Egreja do 5º R. I., gentilmente cedida, sendo delirantemente aplaudido. E assim terminou a bella apotheose "POR DEUS E PELA PÁTRIA". Queira Deus e a Virgem Santíssima abençoar este Brasil querido para que factos como esse se reproduzam na Terra de Santa Cruz, porque assim será grande pela grandeza moral de seus filhos.

Pindamonhangaba, 26-5-1928."

PINDAMONHANGABA — "Realizaram-se, as festas do "Adeus ao Reservista", promovidas pelo "Nucleo Santo Expedito", da União Catholica do Exercito, do Batalhão do 5º R. I., conforme o programma abaixo:

**NUCLEO SANTO EXPEDITO DA
UNIÃO CATHOLICA MILITAR DO**

II BATALHÃO DO 5º R. I.

PINDAMONANGABA

DEUS E PATRIA

"A sombra da Cruz e da Religião Católica formou-se a nossa nacionalidade, conquistou-se a nossa Independência, firmou-se a grandeza de nossa Pátria. Crime, pois, de lesa patriotismo seria querer divorciar o soldado brasileiro — garantia da grandeza e integridade da Pátria — da Religião Divina, que foi a dos nossos maiores, é a nossa e será a dos nossos posteriores".

Devidamente autorizada, a Directoria do Nucleo tem a honra de convidar a nobre e hospitaliera familia pindense a tomar parte em todas as solemnidades do ADEUS AO RESERVISTA da 2ª e 3ª turmas de 1928, apresentando o seguinte programma:

PARTE RELIGIOSA

Dia 31 de outubro — Na Egreja Matriz — A's 19 horas. Ladainha e Bençam do SS. Sacramento. Logo após a resa, confissão dos Reservistas e militares em geral.

A U. C. M. convida os atiradores do Tiro de Guerra da Escola de Pharmacia a tomar parte na Communhão Geral e todas as solemnidades do programma uniformisados.

Dia 1º de Novembro — Na Egreja Matriz — A's 6 horas, Missa com Communhão Geral dos Reservistas. Atiradores e militares em geral, em Acção de Graças.

Todos aos pés do Senhor Deus dos Exercitos!

PARTE CIVICA

Dia 1º — No Quartel — A's 13 horas e meia, após a parte militar, por gentileza do Exmo. Sr. Commandante, será realizada, no salão nobre do IIº Batalhão, a sessão solene abrilhantada pelas distintas e preclaras alumnas da Escola Normal Livre, desta cidade, por especial deferencia de sua digna directora Exma. Sra. D. Elvira Moura Bastos, por gentis senhoritas e jovens estudantes. Tocará nessa solemnidade o Jazz-Band do Batalhão.

A' todos que tanto tem contribuido pela gloria de Deus, grandeza do Brasil, nobreza moral do Exercito com o progresso da U. C. E. — nossa gratidão e homenagem.

Tudo por Deus pela Pátria!

Pindamonhangaba, em 30 de outubro de 1928.

A directoria

Visto — Padre João José Azevedo, assistente eclesiastico.

"A Religião de Christo faz do patriotsimo uma lei: não ha christão perfeito que não seja patriota perfeito. — C. MERCIER.

"O dever cumprido, como a victoria, é tanto mais glorioso quanto mais custou."

JUIZ DE FO'RA — A U. C. M., recebeu do 2º tenente Americo Rodrigues Dias, presidente do Nucleo São Luiz do 10º R. I. o relatorio do anno findo.

As sessões semanais do mesmo Nucleo, foram realizadas com pontualidade, embora tendo tido pequena frequencia.

Durante a solemnidade da Paschoa dos Militares da alludida guarnição, 25 praças e sargentos prestaram compromisso de novos associados.

O Nucleo tem em deposito na agencia do Banco do Brasil a quantia de 1:022\$, não incluindo juros, sendo sua idéa no futuro construir uma capella, que se denominará São Láz, á rua General Gomes Carneiro, proxima do quartel do mencionado regimento.

O alludido relatorio foi inserido em acta da União Catholica Militar.

NUCLEO S. LUIZ DO 10º R. I.

(Séde: rua General Gomes Carneiro, 43)

Fronteira ao quartel do 10º R. I.

RELATORIO

I — Durante o anno de mil novecentos e vinte e oito, reuniu-se o Nucleo com toda a regularidade, nos dias determinados, embora a frequencia dos novos associados seja diminuta, justificada alias pela obrigaçāo regulamentar de frequentem as aulas da Escola Regimentoal quaeas, coincidem com a hora das reuniões do Nucleo.

II — actualmente não é possivel remover este obstaculo, visto não ser possivel reunir-se o Nucleo aos domingos e mesmo aos sabbados, máo grado as tentativas já feitas nesse sentido.

A existencia do Nucleo vem sendo mantida com a ajuda de Deus, que tem dispensados aos seus componentes a graça de fazel-os comprehendender os deveres de associados conscos de que devem cumprir o compromisso assumido de serem os zeladores dos irmãos d'armas que vemi a caserna aprender a defender a Patria, para que não se esqueçam tambem de continuarem a prestar o culto devido a nossa sagrada Religião. Estes associados fundadores do Nucleo, onde alguns delles tem sido incansaveis, des-

tacando-se Manoel Graciano Rosa e Euclides Joaquim Ferino.

III — Os assistentes ecclesiasticos tem sido verdadeiros pharões que illumina a nossa estrada religiosa. O venerando ancião, Reverendissimo Padre Vicente Zeiis, tem devotado o melhor dos seus esforços para que nas reunões não nos falte o representante da nossa igreja catholica. Ainda este mez tivemos o prazer de ouvir os seus conselhos sabios e as palavras de conforto que nos distinguiu, appellando para os nossos sentimentos para não deixarnos extinguir o Nucleo, criado com as mais intenções.

IV — A Paschoa dos Militares foi commemorada com as solemnidades do estylo, deixando bem patente a boa vontade de todos os elementos para o brillantismo alcançado. Vinte cinco praças e sargentos prometeram o compromisso, abraçando com carinho a bandeira do Nucleo.

VI — O Nucleo tem actualmente no Banco do Brasil a quantia de 1.022\$000 e em poder do thesoureiro 30\$000. Nessas importancias não estão incluidos os juros do anno corrente.

VII — Em resumo: a situação do Nucleo é bôa. Sómente falta prestigio que os nossos humildes nomes não poderão emprestar, porém, a boa vontade para o engrandecimento do Nucleo, continua de pé.

Juiz de Fóra, 31 de dezembro de 1928.
José Miguel, secretario.

Visto — Americo Rodrigues Dias, presidente.

Uma Lição de Anchieta

A escola dos Indios. Aos muros, painéis religiosos; em toda a extensão da sala, troncos deitados de arvores, servindo de bancos. Anchieta ocupa uma cadeira, e escreve, na areia de um taboleiro, as letras do alfabeto, que os discípulos repetem em voz alta. Depois da ultima suspensendo o romo florido, com que as traçara, diz

ANCHIETA

— Agora, vamos, filhos,
Findar nossa lição,
Primeiro é o trabalho
Depois a refeição.

O A, B, C, da carta
Sabeis a me encantar;
Passastes adeante...
Ja ides soletrar.

As letras conhеendo,
Juntal-as bem é ler:
Começa por um nome
Que vos deveis saber.

Por que tanto arruido?
Silencio, filhos meus!
Escrevo e dicto as letras:
D—E—U—S...

OS INDIOS:

--DEUS!

Mello Moraes Filho

QUEBRA CABEÇA

II.—Logogripho.

- Aos ares solta este "grito" — 6, 2, 5,
6^a, 8
Que percorre o "mundo inteiro" — 9,
1, 6 e 4.
Actu'a pelo infinito — 3, 7, 5, 6 e 9.
Em tempo curto e ligeiro — 6, 8, 2,
3 e 7.

Conceito:

- Reflexo de luz.
Ou de calor;
Brilho indirecto.
Resplendor.

Charadas

- 1—Somos a vanguarda illustre — 3.
Deste monarca e guerreiro — 3.
Com 25 soldados
Conquistou o mundo inteiro.
2—O tempo corre dias e annos e não
se sente! — 2-2.
3—Alto! Salta e instrue — 2-2.
4—Pior si se move e corre — 2-2.
5—Meia pipa de vinho Madeira — 1-1.

AOS TRES REIS MAGOS

Palavras Cruzadas

Chave vertical.

- 1—Cidade antiga.
2—Erguem á prumo, levantam.
3—Debruadas.
4—Sem ar não faz rodar.
5—Trocou o seu direito por comidas.
6—Um dos tres.
7—Póes marca nova.
8—Frutas que amarram.
9—Assim começa o nome de uma dança americana.
10—Rei em Hespanha.
11—Ruido algumas vezes agradavel.
12—Nome de mulher.
13—O segundo dos Trez.
14—Kzar da Russia (invertido).
15—Abbadé celebre em pillulas.
16—Nome de homem (invertido).
17—Varão da Biblia.
18—"Combat entre deux adversaires".
19 O principio de gigante.
20—Urucubaca miudinha.
21—Berço do sol.
22—Angustias.
23—Presagios.
24—Nome de mulher (invertido).

- 25—Cidade brazileira.
26—Côres e armas.
27—Agua que ninguem bebe.
28—Imperatriz.
29—Assim começa Cleopatra (invertido).
30—O desejado das crianças.
31—Vinho em pillulas...
32—Apparelho de tecer.
33—Arvore do Brasil.
34—O chefe da banda de cornetas.

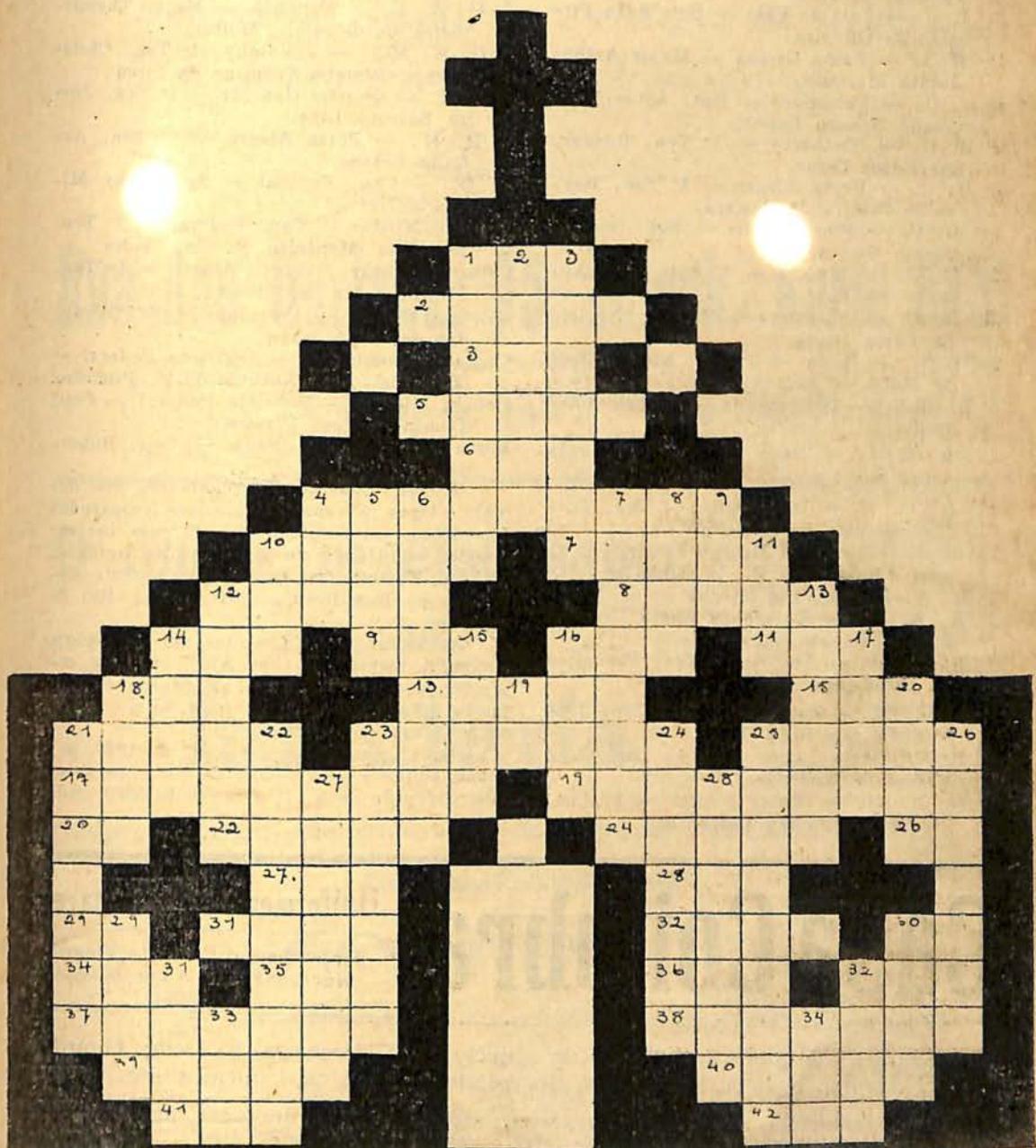
Chave horizontal

- 1—Reino de Deus.
2—Reino do homem.
3—Sílano cortado ao meio.
4—Relembra.
5—Pastor.
6—Vermelho para inglez ver...
7—Lanças que vôam.
8—Terra de Gog segundo Ezequiel.
9—Soldados catholicos.
10—Cor de rosa.
11—Rainha nas lendas inglezas.
12—Capacete do "Fura bolos".
13—Logar hespanhol.
14—Heroe Napoleónico.
15—Tine.
16—Imitação de pancada, interjeição.
17—Guiados por uma estrella.
18—Filho de Jacob.
19—Rei de Babylonia.
20—Pronome francez.
21—Escutava.
22—Orae (invertido).
23—Nome de mulher (invertido).
24—Cabeças de gado (invertido).
25—Uma vogal entre consoantes.
26—Animal.
27—O grande brasileiro.
28—Casa de bebidas.
29—Aperta.
30—Segura.
31—Mulher bíblica.
32—Assim faz D. Ratão...
33—Superficie.
34—Possessivo.
35—Boi selvagem.
36—Arroz francez.
37—Inspiradoras de poetas românticos.
38—Do terceiro reino.
39—Apto.
40—Como Manoel acaba...
41—Sessão suspensa no meio...
42—Trez quartos de Arte.

NOTA — Esta secção aceita colaboração de trabalhos interessantes.

Problema Palavras Cruzadas

Aos tres réis magos



Chave na pagina 28

REPRESENTANTES DO "O CENTURIÃO"

- 2º R. I.—Villa Militar — 1º Ten. Claudio de Paula Duarte.
 3º R. I.— Praia Vermelha — 1º Ten. Waldemar Alves de Souza.
 5º R. I.— II B. M.— Pinda — Cap. Orlando de Assis Baptista.
 7º R. I.— Santa Maria — Cel. Arnaldo Paes de Andrade.
 12º R. I.— Juiz de Fóra — Sgt. João Firmino de Oliveira.
 13º R. I.— Ponta Grossa — Major Arthur Jovino Marques.
 1º B. C.— Petropolis — Sgt. Ajte. Raymundo Nonato Lopes.
 2º B. C.— Niteroy — 1º Ten. Boanerges Lopes Cesar.
 7º B. C.— Porto Alegre — 1º Ten. Reynaldo Pereira da Camara.
 14º B. C.— Florianopolis — Sgt. Gercino Gerson Gomes.
 20º B. C.— Maceió — 1º Sgt. José Augusto dos Santos.
 23º B. C.— Fortaleza — 1º Sgt. Agricio de Paula Dias.
 26º B. C.— Belém — 3º Sgt. Alfredo José de Mello.
 5º R. C. I.— Uruguaiana — 1º Ten. Carlos Analio.
 12º R. C. I.— Bagé — Cap. Epiphonio Alves Pequeno.
 14º R. C. I.— D. Pedrito — Ten. Col. José Antonio de Medeiros.
 15º R. C. I.— Villa Militar — Major Manoel Alexandrino F. da Cunha.
 1º R. A. M.— Villa Militar.
 2º R. A. M.— Curado de Santa Cruz — 2º Ten. Jayme Lemos.
 4º R. A. M.— Itu' — 1º Ten. Francisco de Paula Azevedo Pondé.
 5º R. A. M.— Santa Maria — Cap. José Faustino da Silva Filho.
 6º R. A. M.— Cruz Alta — Cap. José Ferraz de Andrade.
 8º R. A. M.— Pouso Alegre — 1º Ten. Frederico Adolpho Fassheber.
- 1º G. I. A. P.— S. Christovam — 1º Ten. João Fragoso Coimbra.
 1ª B. I. A. C.— Forte de Copacabana — 2º Ten. Moysés da Fontoura Pinto.
 4ª B. I. A. C.— Forte da Lage — 1º Ten. Dr. Ary Duarte Nunes.
 1º G. A. C.— Fortaleza de Santa Cruz — 1º Ten. João da Costa Braga.
 4º G. A. C.— Obidos — Ten. Raul Antonio dos Santos.
 5º G. A. C.— Coimbra — Major Themistocles Cordeiro de Mello.
 2º G. A. Mh.— Jundiah — 1º Ten. Christovam Colombo Faustino da Silva.
 2º B. I.— Quartel General — 1º Ten. Jorge Barreto Lins.
 3º R. M.— Porto Alegre — 1º Ten. Arlindo Seixas.
 D. G.— Cap. Federal — Sgt. Levy Miranda Neves.
 Collegio Militar — Cap. Federal — 1º Ten. Maurilio Monteiro P. da Cunha.
 Collegio Militar — Porto Alegre — 1º Ten. Nestor Souto de Oliveira.
 Collegio Militar — Fortaleza — Sr. Euclides da Silva Novo.
 Corpo de Bombeiros — Districto Federal — Ten. Cel. José Antonio de P. Pinheiro.
 Policia Militar — Districto Federal — Cap. Domingos José Pereira.
 Força Pública — S. Paulo — Cap. Roberval de Menezes.

Necessitámos dê representantes nos demais corpos e repartições; aos camaradas que desejarem nos honrar com essa incumbência, solicitamos se dirigirem ao Gerente:
 1º Ten. Floriano de Menezes — Circulo Catolico — Rua Rodrigo Silva n. 3, Rio de Janeiro.

As assignaturas tomadas até Dezembro, corrente, terminarão em Abril, p. f.; remetteremos a todos que o solicitarem os numeros atrazados, com excepção do n. 1, que se acha esgotado.

Os assignantes para o anno de 1929, poderão adquirir os numeros do corrente anno, com excepção do n. 1, a razão de \$500, cada um.

Casa Coimbra -

Uniformes civis e militares

Kepis para o Exercito, Guarda Nacional e mais corporações armadas

Tem sempre completo sortimento de objectos para Armada, Exercito, Guarda Nacional, Policia, Bombeiros, Sociedade de Musica, Collegios, etc.

Sortimento completo de bandas, capacetes, espadas, talins, dragonas, bonets para marinha, para estrada de ferro e para collegaes, etc., etc.

Portella & Coimbra

Rua da Constituição 39 - Teleph. Central 6164
 RIO DE JANEIRO

M. Castro d'Almeida & Cia.

Machinas e Accessorios, Material Electrico, Automoveis e Accessorios, Artigos de Lona e Borracha, Tintas, Vernizes etc.

Rua dos Ourives, 95 - Teleph. Norte 0431

Caixa Postal n. 847 - Rio de Janeiro

O que é preciso saber

— DA —

Infantaria

Traducção e adaptação ao Exercito Brasileiro do valioso livro do

Coronel ABBADIE

PELO

Cap. DERMEVAL PEIXOTO

Preço 6\$000 (I vol.); pelo correio mais \$600

A VENDA NA

LIVRARIA CATHOLICA

Rua Rodrigo Silva, 7 - Rio

ADULTOS E CRIANÇAS

A SAUDE E ROBUSTEZ CONSTITUEM UM COMEÇO DE FORTUNA

CORAÇÃO

ARTERIOSCLEROSE

VELHICE

RHEUMATISMO



I O D A L B

Iodo organico combinado com albumina de leite. Deve-se tomar annos a eito

VERMINOSSES

OPILAÇÃO

SOLITARIAS



O P I L I N A

5 capsulas gelatinosas de tetrachloreto de carbono—chenopodio—scamonéa acompanhadas de pilulas pepto-arsenico-ferruginosas. (não tem gosto).

DOR-GRIPPE RESFRIADOS



G U A R A I N A

Comprimidos — enveloppes e tubos.
Não deprimem.

FRAQUEZA

MAGREZA



G U A R A N I L

(TONICO CONCENTRADO)

guaraná-iodo kola-glycero phosphatos-arrhenal,
nucleinato de sodio e vitaminas (gosto agradavel).

OBESIDADE

GORDURA



E M A G R I N A

Triodo lithinado e thyroide

NUTRICÃO

CONVALESCÊNCIA



N U T R A M I N A

Farinha Polyvitaminosa e fresca

TUBERCULOSE

FRAQUEZA pulmonar

BACHITISMO

CARIE DENTARIA



NEO-AMINAZIN

Calcio-phosphoro e vitaminas
(o mais energico recalcifieante)

(Todos os nossos productos trazem nos rotulos as respectivas
formulas e limitadas indicações)

LABORATORIO NUTROTHERAPICO

DR. RAUL LEITE & CIA.

— R I O —

Um exercicio de conjunto abrangendo a execução dessas duas phases traria confusão no espirito dos quadros, pelo numero exagerado de ensinamentos diferentes.

A fim de evitar essa confusão, o estudo

da Vg. perto do inimigo deu lugar a dois exercícios de conjunto, correspondendo cada um a uma destas duas phases e comportando um numero limitado de ensinamentos:

PHASES	AMBIENTE	ENSINAMENTOS
<p>1^a Phase: Antes da descoberta ou segurança afastada haverem informado positivamente. (Objecto de exercicio de conjunto n. 1)</p>	<p><i>Inimigo:</i> Segurança relativa com a possibilidade, entretanto, de encontrar elementos leigos de cavalaria inimiga. Possibilidade de encontrar elementos mais fortes se as informações são obtidas ou transmitidas tardivamente pela descoberta ou segurança afastada.</p> <p><i>Tropa amiga:</i> Marcha em columna utilizando-se das estradas.</p>	<p>Pôr em luz a missão da Vg.: 1º) A Vg. reconhece a estrada de marcha e as suas imediações. 2º) A Vg. sobre, isto é, assegura na frente de marcha a posse dos pontos de terreno donde o inimigo pode inquietar a columna. 3º) Se as informações da descoberta ou da segurança afastada são obtidas ou transmitidas tarde, a Vg. anda na frente da marcha o tempo durante o tempo necessário a que o Grosso possa sair da estrada e tomar um dispositivo de combate. A Vg., em columna, actua fraccionada em 3 escalões: ponta — testa — grosso.</p>
<p>2^a Phase: Depois de ter recebido informações positivas da descoberta ou segurança afastada. (Objecto do exercicio de conjunto n. 2).</p>	<p><i>Inimigo:</i> Do facto da distancia relativamente curta em que para frente opera a descoberta ou a segurança afastada; do facto também do tempo necessário para a transmissão das suas informações; do facto, de algumas vezes marchar o inimigo no encontro da descoberta ou segurança afastada decorre a conclusão de que o inimigo está muito perto.</p> <p><i>Tropa amiga:</i> Progride, a partir deste momento, num dispositivo de approximação, função da idéia de manobra do chefe</p>	<p>Pôr em luz a missão da Vg.: 1º) Se houver necessidade, retardar o inimigo durante o tempo necessário para que o grosso possa sair da estrada e tomar um dispositivo de combate. 2º) Assegurar na frente a posse dos pontos de terreno que são necessários ao desenvolvimento da ação do grosso. 3º) Reconhecer o inimigo, isto é, determinar o contorno apparente efectivo do inimigo. A Vg., desenvolvida na frente de marcha do Grosso, constitue o 1º esc. do dispositivo.</p>

II — PREPARAÇÃO DOS EXERCÍCIOS

A) — PREPARAÇÃO INTELLECTUAL

a) *Meios próprios para salientar os ensinamentos que comporta cada exercicio e tornal-o typico e demonstrativo.*

Escolha da situação das tropas amigas e inimigas — Um thema simples estabelecido pelo coronel enquadra e acciona a marcha da Vg.

Em cada exercicio, a situação das tropas amigas e inimigas está fixada de modo tal que a Vg. se encontre no ambiente particular á phase estudada (veja os ambientes fixados no quadro acima, assim como os themes dos exercícios de conjunto n. 1 e n. 2).

Escolha do terreno — Fixados os ensinamentos que quer salientar, o coronel esco-

lhe para actuação da Vg. e para cada phase, o terreno que melhor salientará estes ensinamentos. Por exemplo:

Exercício n. 1
(1^a phase)

Um terreno plano, não permitirá pôr a luz de modo claro demonstrativo e indisputável o papel dos diferentes escalões da Vg. (ponta — testa — grosso). Ao contrario, um terreno tal como o que foi escolhido, apresentando uma sucessão de cristas e de desfiladeiros permite fazer uma boa demonstração da marcha da Vg. e torna, pois, o exercicio aproveitável.

Exercicio n. 2
(2ª phase)

A presença do arroio Sarapuhy (só transponível em algumas pontes dominado a O. e a E. por cristas, permite dar uma demonstração típica da missão de cobertura da Vg. (1º e 2º dos ensinamentos do exercícios n. 2 — Veja quadro acima).

A presença do M.º de S. Bento e da cota 60 ao N. deste morro permitte, alem disso, um bom apoio pelo fogo durante a tomada de contacto.

E' bom lembrar aqui, embora isso não tenha sido possível para os exercícios em estudo, que o coronel tambem deve escolher o terreno de modo a tornar *possível a execução, com tiros reaes que ellas comportem, de certas fases dos exercícios.*

Determinação da actuação das tropas inimigas — O inimigo, á disposição do coronel permite, pela sua actuação. Salientar tal

ou qual dos ensinamentos que este ultimo tem em mira.

No exercicio n. 1, a actuação do inimigo pareceu inutil para a demonstração do problema.

No exercicio n. 2, ao contrario, o coronel desejando salientar os ensinamentos 1º, 3º e sobretudo 2º da 2ª phase (veja quadro acima) faz:

1º) intervir ás 9h,10 uma informação pela qual o inimigo pode atingir o arroio Sarapuhy ao mesmo tempo que a Vg.;

2º) ocupar pela descoberta inimiga as cristas O. do arroio Sarapuhy.

Essa actuação do inimigo permittiu salientar os ensinamentos 1º e 2º, principiar a tomada de contacto e mostrar assim os principios dessa fase do combate.

b) *Condições de execução do exercicio.*

Constituição da tropa de manobra — A Vg. em estudo está composta de 2 esquadrões e 1 P. M.

Seria evidentemente melhor operar com este efectivo. Entretanto não é elle indispensável para fazer um trabalho proveitoso.

Com efeito,

O trabalho interessante é fornecido:
— pelo pelotão testa-ponta.
— pelo pelotão encarregado da segurança dos flancos.
O grosso da Vg. não executa senão uma marcha e basta represental-o em sua profundidade por meio de bandeirolas e do P. M.
Essa representação é necessaria para fazer funcionar o balisamento.
Quanto ao grosso da Bda. é tambem necessário represental-o pela sua testa (bandeirolas) e assegurar o balisamento entre elle e o grosso da Vg.

No exercicio n. 1.

Conclusão . . .	Tropa necessaria: 1 Pel. (testa-ponta). 1 Pel. (segurança dos flancos). Grupo de commando do Cmt. Vg. 1 esquadra (balisadores). 6 bandeirolas (1 por pel. 2 por P. M.). 1 esquadra (balisadores) 2 ou 4 bandeirolas . . .	2 Pels. e 1/2. 1 grupo de comando P. M. 10 cavalleiros com bandeirolas . . .
-----------------	---	--

Seria tambem melhor operar com a Vg. completa (2 esquadrões e P. M.). Entretanto, neste exercicio, a Vg., desenvolvida actua por esquadrões tambem desenvolvidos e juxtapostos, para, no fim do exercicio tomar o contacto de elementos de cavalaria inimiga a O. do arroio Sarapuhy.
Cada esquadrão age numa zona, o P. M. marcha na esteira do esquadrão da direita. E' de toda evidencia que um e outro esquadrão agirão de modo identico.
E' possível por conseguinte reduzir o exercicio ao estudo da operação do esquadrão da direita (1º Esq.) e do P. M. o outro esquadrão sendo representado.

Conclusão . . .	Tropa necessaria: 1 Esq. completo (1º Esq.). P. M. 1 Pel. de descoberta ao contacto. Grupo de commando do Cmt. Vg. 4 bandeirolas (1 por pel.) (2º Esq.).	1 Esq. — 1 Pel. 1 P. M. 1 Gr. de Cmdo. (Cmt. da Vg.). 4 cavalleiros com bandeirolas . . .
-----------------	---	--

No exercicio n. 2.

— *Ligações da tropa de manobra com o escalão superior (Bda.) e as unidades vizinhas (coberturas dos flancos).*

Realizadas pelas ordens dadas pelo Coronel, que representa o escalão superior e as unidades vizinhas.

— Constituição da tropa inimiga:

Também é aqui possível trabalhar com poucos efectivos.

No exercício n.º 1 - nenhuma actuação inimiga.

No exercício n.º 2 { Dado que o exercício fica limitado ao estudo da operação do 1º Esq. e P. M., basta fazer intervir o efectivo de cavalaria inimiga que age na zona desse esquadro: 1 ou 2 Pelas.

— Phase do exercício: já determinadas.

— Instruções previstas: nenhuma.

— Convenções a respeito do terreno e do inimigo:

Nenhuma convenção a respeito do terreno senão no que se refere às possibilidades de transposição do arroio Sarapuhy (veja tema do exercício n.º 2).

Nenhuma convenção a respeito do inimigo senão que no exercício n.º 2 no inicio da tomada de contacto, o 2º Esq. fica detido nas orlas O. N. O. de BANGÚ por elementos inimigos estabelecidos nas passagens do arroio SARAPUHY e na cota 60 (O. de BANGÚ). Estes elementos devem ser supostos.

B) — PREPARAÇÃO MATERIAL

Objectivo: permitir ou facilitar a execução do exercício e sua fiscalização.

— representação das manifestações da actividade inimiga: Nenhuma no exercício n.º 1.

No exercício n.º 2, o inimigo está representado. Ele actua por fogos de festim.

— representação das manifestações da actividade amiga.

A tropa amiga actua por fogos de festim.

— signaes — toques — a fixar pelo director do exercício (Cel.):

para o fim do exercício por exemplo (toque: Retirada).

— organização do serviço de arbitragem. Nada a prever para o exercício n.º 1.

Para o exercício n.º 2, prever um oficial com cada Pel. do 1º Esq.

Estes officiaes julgarão dos efeitos dos fogos (inimigos e amigos) assim como dos da progressão dos diferentes pelas do esquadro.

— Uniforme — munição — Fixado pelo Cel. para tropa de manobra e o plastrão.

III — EXECUÇÃO DOS EXERCÍCIOS

Essa execução deve ser conduzida visando alcançar os fins da instrução de conjunto:

1º) Preparação dos quadros para acção precisa e rápida.

a) da execução desses exercícios não deve resultar confusão alguma no espírito dos quadros.

Para isso:

— os exercícios apresentados foram estudados antes na carta e no terreno sem tropa.

— cada exercício abrange uma única fase que comporta um número limitado de ensinamentos (veja acima).

— foram repassados os exercícios mal executados.

b) a execução destes exercícios deve obrigar cada chefe ao trabalho efectivo e rápido correspondente à realidade.

O Coronel representa o escalão superior (Bda.), representa e dirige o inimigo. Suas ordens e informações dos incidentes que desencadeia, suscitam da parte dos chefes executantes novas ordens, que devem ser fiscalizadas.

2º) Desenvolvimento da idéia de convergência dos esforços em vista do objectivo commun.

— cada exercício é executado em conjunto (1/2 R. C. — P. M.), e criticado.

— cada esquadro depois, estuda o exercício no mesmo terreno levando em consideração as críticas (exercício de conjunto de esquadro).

— os pormenores do exercício são executados pelas pequenas unidades (pelotões) no correr das sessões de instrução de pelotão.

— cada exercício é enfim executado de novo em conjunto.

3º) Desenvolvimento no R. C. e no Esquadro da unidade de doutrina e de processos.

Realizada pela unidade de direcção (coronel).

IV — FISCALIZAÇÃO DOS EXERCÍCIOS*Objectivos:*

a) Salientando os erros commetidos alcançar os fins fixados para a instrução tática dos quadros e prática da tropa.

Quadros:

Mostrar concretamente as consequencias dos erros. Tomemos alguns exemplos:

	ERROS COMMETTIDOS	INCIDENTES PROPRIOS PARA SALIENTAR AS CONSEQUENCIAS DOS ERROS
No exercicio n. 1.	<p>Falta de rapidez na execução do serviço da Vg.</p> <p>Deficiencia do reconhecimento nos flancos.</p> <p>A's 9h,10 o coronel director do exercicio dá ao Cmt. da Vg. a ordem do Gen. de Bda. (veja exercicio n. 2).</p> <p>A's 9h,30, por causa de lentidões (ordens-execução), os elementos avançados dos esquadrões ainda não attingiram o Mº. de S. Bento.</p>	<p>Chegada do grosso da Bda.</p> <p>Desencadeamentos de tiros inimigos partindo das regiões não reconhecidas.</p> <p>Afim de ressaltar a necessidade imperiosa para a Vg. de operar rapidamente, o coronel dá ordem:</p> <ul style="list-style-type: none"> — à descoberta amiga de se retirar para Leste; — à descoberta inimiga de saltar sobre as alturas E. do Sarapuh.
No exercicio n. 2.	<p>Ao descer as vertentes N. O. do Mº. de S. Bento a ponta (do 1º Pel. do 1º Esq.) foi recebida a tiros de 1 A. A. collocado na cota 60 (1 km. S. E. do Mº. do Retiro).</p> <p>Sob o pretesto de ganhar tempo, o Cmt. do Pel. desce com todo seu pelotão a cavalo as mesmas vertentes sob os fogos inimigos.</p>	<p>Neutralização da metade do Pel. para salientar que a rapidez não significa imprudência.</p>

Tropa — Os erros observados são assinalados depois de cada exercício.

São corrigidos no correr dos exercícios de detalhes.

Os resultados são fiscalizados pela repetição em conjunto do mesmo exercício.

b) Diffundir no R. C. e no esquadrão a unidade de doutrina e de processo.

Boletim tático depois de cada exercício para resumir os ensinamentos e assinalar os erros.

(Veja o exemplo dado por occasião do exercício n. 2).

(Continua).

A Alemanha e a Turquia de 1914

"A Alemanha, diz von Sonders, tinha antes da guerra fundado esperanças quanto ao desenvolvimento da Turquia e, sob certos pontos de vista tinha por isso lhe emprestado seu concurso. Estas esperanças eram exageradas mas realisaveis no entanto.

O que a Alemanha pediu á Turquia durante a guerra não ponde receber satisfação no dominio economico. No dominio militar, o que se esperava era irrealisavel para os Turcos cujos meios eram insuficientes. Não tinha a Turquia somente de defender os estreitos e suas fronteiras de prodigiosa extensão: — ella deveria ainda conquistar o Egypto, sublevar a Persia, preparar a fundação de estados independentes na Transcaucasia afim de poder em seguida ameaçar as Indias e o Afghanistan; e finalmente cooperar nos theatros de guerra europeus. Sua responsabilidade é completa por não ter comprehendido a necessidade de harmonizar os objectivos com os meios desproporcionais, no que concerne a direcção das operações."

As primeiras metralhadoras

Em 1869, o Imperador dos Francezes e o Marechal Niel, esperavam uma guerra com a Prussia: elles conheciam os armamentos cada vez mais poderosos apóis Sadowa.

Fallava-se muito de uma arma nova, as metralhadoras de que se esperavam maravilhas e que estavam sendo construidas em Meudon.

Por outro lado, dizia-se não haver ahi se não segredo de Polichinellos, porque as famosas experiencias de Meudon eram conhecidas em todos os paizes.

Para dar conhecimento ao publico do valor da nova arma a imprensa descrevia, não o que se fazia em Meudon mas uma metralhadora belga. Esta era intitulada artilharia a braço.

Um só homem transportava a peça e 750 cartuchos. Apesar das maravilhas dos novos regadores da morte, ainda em 1914, em Liége, a artilharia a braço, prestou serviços.

O tiro da Artilharia da Costa

(TRADUÇÃO)

Pelo Cap. ARY L. M. SILVEIRA

INTRODUÇÃO

As baterias de costas exigem, para serem eficientes, instalações de órgãos especiais de direcção do tiro, i. e., instalações de fire control.

As condições de grande mobilidade dos objectivos marítimos, e em geral a sua constante visibilidade, e o facto do movimento destes mesmos objectivos se efectuar praticamente sobre um piso de cota constante, fizeram com que a técnica do tiro de costa se revestisse de um carácter particular, com profundas diferenças de métodos de preparação dos adoptados pela Artilharia de Campanha.

Na Artilharia de Costa, por exemplo, não se pôde judiciosamente separar as duas fases do ajustamento do tiro: a preparação e a regulação, ou admitir que estas duas fases sejam sempre sucessivas. O que ali deve haver é, durante toda a execução do tiro, a coexistência daquelas duas fases. Uma preparação continuamente renovada e melhorada pela observação dos tiros constitui hoje a essência da sua técnica de tiro, e isto é possível graças a órgãos especiais: telemetros, traçadores de derrota dos objectivos, artifícios de correção ballística etc. etc.

Assim, é indispensável para as baterias de costa (ahi compreendidas as baterias móveis da Artilharia Pesada empregada na Defesa dos Portos) (1) a instalação destes órgãos, sem os quais os scusos tiros serão inefficazes.

Facto analogo se verifica no tiro naval e anti-aéreo, embora com modificações decorrentes da diversidade das condições do tiro.

Dada a supremacia actual dos E. U. na organização de sua Defesa de Costa, é sempre útil a apreciação dos sistemas lá adoptados.

Esta questão já foi perfeitamente ventilada, de modo geral, pelo Capitão (hoje Cel.) Alexandre Bueno e 1º Ten. (hoje Cel.) Marcolino Fagundes, que tiveram a feliz oportunidade de observar "in loco".

Porém, apesar dos princípios fundamentais permanecerem os mesmos têm sido realizados progressos muito importantes, principalmente após a grande guerra.

O assunto deve portanto continuar a despertar interesse, razões porque julguei opportuno traduzir uma publicação recente o — Guenney for Heavy Artillery (2).

Suprimi as partes e capítulos já estudados no nossa Instrução Geral Para o Tiro de Ar-

(1) As baterias móveis em trilhos dispõem nos E. U. de vagões onde existem instalações completas de fire control.

(2) Posteriormente pretendemos publicar também as importantes modificações apresentadas em uma publicação da The Coast Artillery School, feita sob a direcção do Chefe da Artilharia de Costa norte-americana. — Nota do tradutor.

tilharia, e illustrei algumas partes com notas e figuras explicativas fóra do texto.

Esmerei-me o quanto pude na tradução que não foi facil devido, principalmente, a falta de termos técnicos correspondentes em Portuguez: e não a julgo isenta de erros.

Apresentando este modesto trabalho ao acolhimento e benevolente apreciação dos meus camaradas de arma, e a quantos se interessarem pela matéria, o faço com satisfação de ter cumprido o importante objectivo de despertar a atenção de outros mais competentes, e autorizados, para a solução de um problema, que urge ser resolvido entre nós.

PARTE I

CAPITULO IV

Correcções Para Desvios do Alcance e Direcção Devidas A Rotação da Terra.

Até aqui todos os cálculos das tabellas de tiro têm sido baseados na hypothese de que a translação da terra não causasse nenhum efeito relativo ao percurso do projétil. (3)

CAPITULO V

Correcções Para Desvios Devidos A Diferença De Altitude Entre o Canhão E O Objectivo.

Para canhões de reparo fixo as tabellas de tiro têm sido usadas como dados básicos sólamente, pois são calculadas tabellas de elevação para cada canhão.

Nestas últimas tabellas os ângulos de tiro, dados nas tabellas de tiro, já estão corrigidos da altura de sitio, curvatura da terra, e ângulo de vibração vertical da peça. Para morteiros, geralmente, todas estas correcções são pequenas, e não é costume calcular tabellas de elevação.

O valor da correcção, para compensar a curvatura da terra e altura de sitio, é dado pela formula

$$\epsilon = \tan^{-1} \frac{(H+K)}{3R}$$

na qual ϵ é a depressão angular do objectivo a partir do plano-horizonte que passa pela peça, H é a altitude do canhão em pés acima da baiamar média, K é a curvatura da terra em pés,

(3) Na Artilharia de Costa, nos tiros às grandes distâncias, levam-se em conta estas correcções por meio de curvas ballísticas na prancheta de correcções do alcance. — Nota do tradutor.

e R é o alcance em jardas. K, curvatura da terra em pés, é determinado pela formula

$$\log. K = (3.33326 \cdot 10) + 2 \log. R.$$

No tiro contra objectivos navaes, o objectivo estará necessariamente abaixo do plano horizontal que passa pela peça. O afastamento angular, a partir deste plano, é por isso sempre uma depressão, e tem sempre signal negativo.

As escalas de alcances dos canhões fixos são graduadas com duas especies de graduações: Uma em angulos de elevação e outra em alcances, corrigidos como já foi indicado. Assim, quando um alcance é registrado na peça, já se leva em conta as correções de altura de sitio, curvatura e angulo de vibração vertical.

A superficie do oceano é sujeita ás marés, e a diferença da altitude entre a peça e o objectivo é, portanto variavel. A altura de sitio, usada conforme acima ficou dito, é a altura dos munhões acima da baixamar média (média das baixameres mais baixas nas possessões insulares do Pacifico), portanto, deve ser feita uma correção para as variações na altura de sitio causadas pela maré. Esta correção é feita sobre a prancheta de alcances.

Para reparos móveis, empregados na defesa de costa, a correção total para diferença de altitude pode ser feita numa prancheta de alcances, apropriadamente construída, ou num outro artificio mecanico ou graphico de correção do alcance.

As correções para erros, commettidos na applicação da theoria da rigidez da trajectoria, não são levadas em considerações no calculo das tabellas. Isto pode ser feito sem erro material, devido ao facto de que, para taes alturas de sitio, conforme encontramos nas nossas fortificações de costa, os erros são insignificantes.

A CORRECCÃO PARA O ANGULO DE VIBRAÇÃO VERTICAL, acima mencionado, é incorporada aos angulos de elevação dados em todas as tabellas para reparos móveis, e tambem não precisa ser considerada em taes casos. A correção para o angulo de vibração lateral é combinada com a derivação, nas tabellas para canhões fixos e móveis, e não é portanto nunca levada em consideração.

As correções para o angulo de vibração vertical e lateral são incluidas nos angulos, de elevação e derivação, em todas as novas tabellas-tipo.

CAPITULO VI

Correcções Para Desvios A Uma Velocidade Inicial Differente da Velocidade Inicial Typo.

As tabellas de alcances são calculadas para uma velocidade-inicial-typo. Cada lote de polvora, fornecido para o serviço, é submettido a uma prova de tiro e, do resultado, é então calculado, o peso da polvora, necessário para dar a velocidade-inicial-typo, nas condições typo. A polvora é então decomposta em cargas, cada uma com este peso.

As velocidades iniciaes obtidas no serviço podem variar da velocidade padrão quando —

(a) a temperatura da polvora não é a temperatura typo (70° F)

(b) o carregamento do projectil não é o carregamento typo.

(c) o canhão não é novo é gasto

(d) o peso do projectil não é o peso-typo.

(e) foram commettidos erros na determinação do peso da polvora que deveria produzir a velocidade inicial-typo nas condições-typo, ou as cargas não foram correctamente pesadas.

Em complemento ás considerações supra, a velocidade inicial pode diferir da velocidade inicial-typo quando

(a) a polvora absorveu humidade do ar, ou por uma razão qualquer contém uma porção de humidade diferentes da que possuia na prova de tiro;

(b) a polvora modifícouse nas suas condições physicas ou chimicas, devido á volatização do dissolvente usado na sua manufatura, etc., isto é, quando ella se deteriorou.

Há alguns outros factores que podem causar modificações na velocidade inicial, desenvolvida por uma polvora, de um dia para outro, ou que podem fazer com que a velocidade inicial varie ligeiramente, de um tiro para outro. Todos estes factores, sem duvida, terão pequenas influencias, e presentemente não são corrigidos. Elles não serão considerados.

(Continúa).

E Defesa Nacional

COMO A VÊ O DR. CARLOS SAMPAIO

— “A defesa nacional — disse, de inicio, o ex-prefeito — é o assumpto que mais me tem feito pensar nestes ultimos meses. O Brasil tem descurado desse grave problema, quando em todo o mundo a attenção geral se concentra precisamente na questão do preparo militar. A nossa Marinha, sobretudo, necessita de uma remodelação completa que a modernize collocando-a á altura da sua missão”.

Ponderamos que, depois do pacto Kellogg e do recente caso do Chaco, parecia-nos o momento improprio para preparativos bellicos, pois era de esperar-se que o espirito pacifista desabrochasse na superficie da Terra.

— “Venho de Paris — atalhou o Sr. Carlos Sampaio — onde foi assignado o pacto Kellogg e trago a convicção de que, apesar disso, as nações não caminham para a implantação da paz, pois, se todos concordam que é preciso o desarmamento, este fica subordinado á necessidade de cada uma para a sua defesa. E o limite desta necessidade — veja bem — fica ao criterio de cada qual”.

(De “O Jornal”, de 19-1-97)

Em torno da lei do ensino

"E' proprio dos organismos vivos reagir immediata e espontaneamente contra qualquer lesão e trabalhar espontaneamente para normalisar suas funcções".

ARTE DE COMMANDAR — A. GAVET.

Evidentemente a reforma do ensino que ora se opéra manifesta o inicio de uma phase nova, verdadeiramente reconstrutora, como em nossas paginas já havemos assinalado. Dado o grande retardo soffrido em nossa evolução e o acumulo de maus detictos encrustados no organismo, naturalissimo é que encontre mais tenazes, variadas e vulgarizadas reacções. Notad' ente aquellas disposições que incidem direcamente sobre os commodos habitos e sobre a commoda mentalidade que pareciam dar fóros de direito á ignorancia dos deveres profissionaes e á nenhuma obrigaçao de prestar logicos serviços, hão de encontrar fortissimas oposições, resistencias passivas e activas a vencer.

E' que ha em jogo dois instictos de defesa que lutam desesperadamente, como é proprio ao instincto de conservação — o mais energico dos pendores egoistas — por dominar e implantar-se.

De um lado, apresentam-se os legitimos interesses do Exercito; de outro, os interesses individuaes onde o commodismo e a nenhuma vontade de effectuar esforços novos tomam vulto dominante.

Dado o largo tempo em que interpretações viciosas e habitos improprios resultantes de uma mentalidade inadequada, inculta e sem vivacidade, têm enfraquecido o organismo do Exercito impedido-lhe todo progresso real, methodico e continuo, facil é avaliar-se a grandeza formidavel do esforço que será preciso despender para libertal-o de taes impropriedades. Ha a vencer resistencias tenazes, fortificadas por uma longa duração de predomínio quasi absoluto, enormemente generalizadas e escudadas numa incomprehensão formidavel dos phenomenos.

Contivesse a lei de ensino só alguns dispositivos mudando, apenas a forma do que existe, abrindo esperanças de logares novos e commodos, esperanças amparadas pelos habitos aqui predominantes de desprezo pelas mais explicitas disposições regulamentares e pelo costume de interpretar e sophismar, certos elementos se alvorocariam emqueanto outros levantariam apenas os hombros em ar septico e tom de desprezo.

A nova lei do ensino, porem, fugindo a regra das reformas inertes, traz em si disposições capazes de bem executadas, de logica e dignamente executadas, iniciarem uma vida nova para o Exercito e transformarem sua mentalidade.

Verdade é que algumas de taes disposições deviam ser mais completas. A promoção mesmo por antiguidade aos que não têm os cursos inherentes ao posto, conservada pela nova lei

mantem o mau habito de admittir-se o direito á ignorancia.

A regra de que para ser promovido por merecimento é preciso ter curso de aperfeiçoamento é incompleta, por que nenhuma prova de saber se exige para a promoção por antiguidade.

E' um passo, ainda fraco, de pouca amplitude mas seguro, no entanto.

Em substancia, a lei do ensino, que a nosso ver deveria ser completa e radical, é realmente progresso porque em seu espirito — a unica cousa que vale nas leis — encerra a idéa salutar da necessidade da instrucción permanente, seriada, sucessiva e gradativa dos quadros e esboça com mais precisão a idéa lançada aqui praticamente por Mallet de que ao official é necessaria cultura profissional comprovada para progredir na hierarchia.

Certo este ultimo conceito é ainda timidamente expresso. E' que preciso seria força gigantesca para afirmar e fazer adoptar as regras praticas que condiccionassem no Brasil a progressão nos quadros e mesmo sua permanencia nelles mediante provas continuas de um valor minimo a realizar. Ha uma falsa noção de direito e uma falsa interpretação das convniencias que embaraçam todas as realizações.

Nossa mentalidade não conseguiu ainda destinguir que para garantia da independencia individual no exercicio da função publica, quer seja civil quer seja militar, o direito individual, necessário á efficacia do exercicio de taes funções, é restricto a segurança na estabilidade das situações individuaes. Ninguem tem direito á progredir pelo facto de se haver engajado numa carreira qualquer. Só o merito progride. Si nem todos podem ascender sem valor pessoal ás culminancias dos officios liberaes, porque assegurar esse direito nas funções publicas?

Seja como fôr, a nova lei do ensino envereda em sua orientação geral por este sadio modo de ver, embora não vá alem de leve tangencia.

Acerca-se da porta de entrada. A regulamentação que se vai seguir e da qual muito dependem os fructos que se vão colher, é de esperar mantenha, accentue, desenvolva,clarega, reaffirme o grande espirito da lei.

* * *

O artigo segundo da lei diz que o ensino é gradual e sucessivo e tão completo quanto possivel.

Este artigo define, portanto, qual é o criterio que vai ser seguido na regulamentação do ensino, na subdivisão dos cursos, nas exi-

gencias a serem feitas de culturas geral e profissional, nos diversos cursos. Depreende-se tambem d'ahi que haverá uma seriação dos cursos não só relativa ao destino especial de cada um, como á situação intellectual, de idade, de função, dos que os devem frequentar.

De um modo geral pode-se ver a Escola Militar, onde só devem ingressar jovens, formando officiaes dos primeiros postos, subalternos; e escolas relativas á formação do capitães, officiaes superiores e generaes. Nellas uma cultura geral progressivamente desenvolvida e uma cultura profissional constantemente adaptada ao grão do official.

E' lógico e acaba com o absurdo de se pretender na Escola Militar fornecer todos os elementos intellectualmente necessarios ao percurso de toda escala hierarchica.

Pela regra prescripta na lei do ensino, artigo segundo, a cultura geral a administrar na Escola Militar deveria ser essencialmente constituida das noções fundamentaes, das noções scientificas que formam o arcabouço lógico e util de qualquer cultura intellectual sâmente orientada. Mas que extensão deverá ter essa cultura? Ao par das noções das sciencias fundamentaes, desde a mathematica até a biologia, incontroversas e independentes de credos religiosos, reduzidas em seus programmas ás noções sufficientes para terem valor educativo e formarem uma base que habilite o individuo ao entendimento dos phenomenos que o envolvem ou sobre os quaes terá de actuar, preciso, será fornecer noções de cultura geral directamente ligadas á profissão do official moderno. Nesse particular onde ainda ha divergência interpretativa conforme as crenças religiosas e os credos philosophicos, preciso será, mais que em relação ao resto, detalhar os programma de modo e evitarem-se as divergências inuteis e a assegurar a posse dos conhecimentos indispensaveis á vida prática.

Não é difícil de atinar quaes sejam taes conhecimentos:

— o official actual agé sobre homens e exerce um papel de educador.

— a função do militar é uma função social e politica; visa a actuação na guerra e o trato de sua preparação..

De facto, sob a forma actual, o official vive essencialmente para o caso de guerra, de cuja conveniente preparação elle é o technico natural; e o homem é quem faz a guerra.

Sua cultura geral deve, portanto, habilitá-lo a tratar com o homem physico e moral, e a agir de acordo com as condições do meio, nacional e universal. Ha, portanto, duas ordens de conhecimentos que representam parte importantissima em sua cultura geral: — os que se referem ao homem (physico; physiologia e hygiene; ao homem moral; as leis da psychologia; — e os que se referem ao mundo e á sociedade humana (geographia, em sua acepção moderna e historica notadamente da America e do Brasil).

Em qualquer hypothese tal instrução não visa tornar eruditos os officiaes. Tal preocupa-

ção deveria ser taxativamente banida dos programmas.

Em geographia, por exemplo, o que mais importa saber são as leis de formação do mundo physico, os valores economicos actuaes e suas tendencias. Em historia a evolução dos povos, a filiação dos phenomenos para a conveniente comprehensão do momento actual do mundo e de suas tendencias.

Tal cultura nasce naturalmente na Escola Militar mas onde dada a natureza dos alumnos deve ser reduzida a um minimo, o quanto baste á formação de uma base mental, convenientemente preparada.

Essa base estabelecida o desenvolvimento dos conhecimentos effectuar-se-a com o tempo e seriam feitas exigencias mais completas na E. E. M. e do alto comando.

+ + +

Outro ponto que fere a attenção é o da questão da organização a ser dada a E. E. M.

Não é possivel fazer uma E. de E. M. em tempo de paz. Mas é possivel, ao par do preparo das E. M. para campanha que requer quasi exclusivamente o estudo acurado de Tactica e Estrategia, cultivar os conhecimentos geraes que o officiaes de E. M. e o official general devem ter para agir na guerra e na paz.

E. M. em tempo de paz é todo um trabalho de applicação, maleavel, modificável e adaptável a circumstancias particulares. E. M. em tempo de paz é obra pura de intelligencia e de imaginação positiva, regrada, esculada em solidos conhecimentos do meio e perfeita assimilação de uma doutrina de guerra e dos processos tacticos de acção, em summa, das necessidades da guerra.

Para não haver perda de tempo, melhorar a selecção; os concursos de entradas na E. E. M. deveriam exigir uma solida e suficiente cultura geral.

Um tal rigor não pode porem, sem prejuizo, ser exigido, pelo menos, nestes cinco annos mais proximos, em vista das condições do meio. E' preciso, então que as deficiencias sejam supridas nos próprios cursos da E. E. M. embora se haja de os alongar um pouco.

Mas uma rigorosa selecção deve sempre ser mantida para as matriculas. Tal selecção cuidadosa em extremo é o elemento primordial da desejada efficacia do curso, e della deve ser o livre concurso sempre exigencia imprescindivel.

+ + +

Em todas as escolas a cultura profissional terá que ser predominante, como condição primeira e base moral do sucesso. As escolas, porem, de capitães e de officiaes superiores, devem tê-las em conta absorvente. Ahi sobre tudo — o que não quer dizer que desprezemos o carácter pratico das outras — o ensino deverá ser puramente objectivo.

São estas escolas puramente de cultura profissional, de experimentação, de observação,

de exercicio dos diversos commandos de unidades.

Ao sahir dessas escolas, cuja, frequencia deveria ter um caracter obrigatorio, o official de acordo com o que ahi revelasse sobre suas qualidades e seu valor profissional teria marcado em sua carreira uma influencia ponderavel: os mais distinctos, entre limites que se fixasem, veriam sua carreira accelerada; os que se revelassem incapazes vel-a-ham naturalmente encerrada. O official — nunca sera demais repetir — deve prehencher sempre um certo numero de condicões minimas que os deveres das funcções exigem para que se não torne um elemento perturbador do progresso.

E nos organismos vivos, da natureza dos Exercitos, onde tudo é accão e vibratilidade, aquelles que não agem por si, que deixaram de vibrar em ser espellidos sob pena de comprometerem o equilibrio geral.

* * *

Em duas escolas o successo do que pretendem realisar depende em muito da materia prima que deve ser nellas trabalhada: a Escola Militar e a Escola de Estado Maior.

Uma, visa fornecer ao Exercito os elementos de carreira, aquelles que atrahidos, não pelos mínguados proventos materiaes, o que atestaria sua mediocridade, mas pela seducao das responsabilidades e da natureza da vida militar, a ella resolvem desde jovens, tudo consagraro.

Outra, tem em vista seleccionar na grande massa dos officiaes aquelles que têm qualidades moraes, intellectuaes e physicas para conduzir a preparação da guerra e preparar os elementos de decisão dos chefes; e tambem apurar a instrucção destes conforme a ultima lei de ensino, de que nos occupamos. O recrutamento

para tales escolas deve merecer cuidados especiales.

Não serão, portanto, estranhaveis os rigores de regulamentação, exigente, minuciosa, completa que a tal respeito seja feita.

Todo cuidado deve haver em tal assumpto para fazer preponderar de modo absoluto as questões de qualidade sobre as de numero. O numero sem qualidade é mais perturbador do que util. O numero é sempre dissolvente.

E' muito preferivel, em caso de necessidade absoluta appellar para as substituições ad hoc do que affrouxar o mechanismo normal entravando-o por muito tempo com peças mal preparadas e mal acabadas.

Na phase actual de nosso Exercito em que se inicia a reforma de mentalidade convém por todos os modos e meios accentuar as caracteristicas.

* * *

Sejam quaes forem, porem, as excellencias da lei e dos regulamentos consequentes, nada será feito realmente se não forem observados, se forem interpretados e sophismados...

Do mesmo modo quasi a totalidade de seus beneficios será perdida se os homens entrarem a argumentar com erros anteriores e sobre elles quererem fundar falsas equidades, não se vexando de, para não prejudicar este ou aquele individuo, prejudicar a collectividade, o Exercito, a Nação.

A mentalidade nova, que se pretende inaugurar agora, exige que a piedade seja banida das escolas, que os cursos sejam rigorosos, que os resultados dos exames sejam traduções de realidades.

E' necessário que todas as conductas realmente se dignifiquem pelo cumprimento do dever, sem temer desagradar e sem aspirar aplausos, sem temer révanches nem aspirar recompensas.

Nada de pensar-se que o Exercito se deve crucificar no silencio de sua vida profissional e quedar-se indiferente á sorte administrativa e politica da sociedade brasileira. Seria, então, a maior deshonra vestir o uniforme de um tal Exercito.

Paiz novo como somos, o nosso Exercito pôde e deve continuar a intervir, como sempre, na vida da Nação. Apenas, os methodos e processos é que pôdem e devem ser outros."

"Ninguem deve chegar aos altos postos sem que possua capacidade criadora. Faz-se necessário, estudar a fundo as possibilidades de nossos officiaes a esse respeito, de procurar desenvolver-a em tempo util, isto é, fazendo-se, nos postos intermediarios, as selecções necessarias".

(Gen. Serrigny)

A Importância de Manobras de Cavallaria

N. R. — O que abaixo se lê constitue a conclusão de excellentes artigos aparecidos na "Revue de Cavalerie", no anno ultimo e assignados por Cel. X...

Os referidos artigos estudam Une division légère aux manœuvres de Lorraine, em 1927, onde de cada phase das manobras (o trabalho da descoberta, engajamento das vgs., etc.) são tirados os mais interessantes ensinamentos. Em tales artigos, há também preciosas informações sobre a organização da arbitragem, que é de importância relevante para o rendimento dos exercícios.

As manobras da Lorena, como as das 1^a e 3^a DC, em 1927, mostraram claramente sua utilidade.

As tropas, aquarteladas mais de 6 meses durante a instrução individual ou de pequenas unidades, verdadeiro trabalho de Penelope, não têm em suas guarnições nem tempo nem meios de fazer trabalhar seriamente as unidades superiores ao esquadrão.

O terreno de manobras permite por em jogo o mecanismo do meio regimento, mas não se faz aí senão trabalho convencional. Mesmo a estadia nos campos é insuficiente para acabar a instrução das grandes unidades de cavallaria. Aí, podem-se fazer excellentes exercícios de combate, onde nada deve ser deixado ao *improviso* e onde é preciso enquadrar estritamente a acção para que ella se desenrole sobre o terreno de que se dispõe. É impossível pôr aí em jogo os destacamentos de descoberta e de segurança da cavallaria, e permitir a esta arma as manobras que lhe são peculiares, oriundas de sua propriedade essencial, a *mobilitade*.

Torna-se, portanto, indispensável cada ano fazer trabalhar as grandes unidades de cavallaria *em terreno variado*. Aí somente, a articulação própria da segurança, as manobras conforme as circunstâncias, a transmissão das informações e das ordens, a decisão do chefe, em vista dos acontecimentos e do terreno produzem-se em condições de dificuldades normais, permitindo à tropa e ao comando, de todos os escalões, aperfeiçoarem-se.

Em terreno variado, a tropa faz um verdadeiro *trabalho de applicação*: os chefes têm realmente de manejar-a utilizando o terreno.

O reorganizador do exército alemão depois da guerra, general von Seeckt, manifesta o mesmo modo de ver em seu artigo do *Militär-Wochenblatt* de 11 de Agosto de 1927:

"Se as instalações dos diversos campos, diz elle, satisfazem a instrução do combate,

o estudo das operações de cavallaria em ligação com as tropas motorizadas, com a aviação, empregando meios modernos de transmissão, só se pode fazer em *terreno variado*."

Não obstante, em manobras, as tropas devem *continuar sua instrução*. O dever de todo oficial é de aproveitar esta ocasião rara para fazer *trabalho enquadrado por tropas reaes*, em terreno de todos desconhecido. Os *planos de fogo* devem ser cuidadosamente estabelecidos e realizados. Somente sob estas condições uma tropa que venha de manobras estará apta a fazer a guerra, *a ir ao fogo*.

Ao contrário, não é motivo para felicitações como se dá muitas vezes, ver figurar nas fileiras, cavalleiros não tendo senão dois meses e meio de instrução (40 ou 50 secções de instrução a cavalo).

Certamente, o exercício a que assistem é para elles um escrupulo vivido que facilitará sua instrução ulterior. Não se os deveu, porém considerar como combatentes. Elles fazem numero, elles acompanham os outros, são *guarda-cavallos*, o que é tudo o que se lhes pode pedir... e é já alguma coisa.

O modo de arbitragem usado nas manobras da Lorena visou evitar os inconvenientes dos sistemas até agora empregados, os quais procuram regular a progressão da manobra, seja por *limites lineares*, seja mediante *horários*, sistemas cujo resultado certo é o de desencorajar rapidamente todas as bônus vontades.

Limites lineares ou horários não permitem, com efeito, aos árbitros deixar desenvolver uma manobra bem concebida, apoiada pelo fogo, bem realizada; e, ao contrário, deixam progredir as tropas que manobram mal. Este sistema é inconveniente para a instrução e permite somente aos *directores de manobras*, num quadro restrito, ver *erros de pormenores*, consequentes muitas vezes da necessidade de se regular por um rythmo geral.

Nas manobras da Lorena, a arbitragem deixou aos executantes toda liberdade de acção, limitando-se a evitar as *inverosimilhanças*, causadas as mais das vezes pela falta de representação dos fogos.

Este sistema novo de arbitragem consiste em *ligar parte dos arbitros ao terreno* e parte ás tropas em movimento.

Fixavam-se *zonas de arbitragem* por uma ordem de operações diaria. Em cada zona, um certo numero de arbitros trabalhava em torno de um *chefe de grupo*, dispondo de um posto de comando, com telephone.

De outro lado, *arbitros moveis* adstrictos ás tropas serviam os elementos interessantes (destacamentos de descoberta, vanguardas, artilharia, columna automovel). Estabelecido o contacto, os *arbitros moveis* passavam ás ordens do chefe de grupo dos de terreno.

Os *arbitros de artilharia*, destacados junto dos commandos de grandes unidades, davam a conhecer os *planos de fogo*, adoptados pelos dois partidos, aos arbitros do terreno, para lhes permitir arbitrar com conhecimento de causa.

Uma *arbitragem especial* era incumbida da verosimilhança das operações aereas.

Emfim, um *arbitrio de commando* sobrevoava todos os dias as tropas em operações, para verificar se as disposições para escapar ás *vistas e fogos aereos* eram realmente tomadas.

Todos estes arbitros, por meio de uma *rêde telephonica de arbitragem* (aperfeiçoada, com ramaes onde numerosas derivações eram preparadas) ou de T S F, enviavam frequentemente informações á direcção de Arbitragem juxtaposta á Direcção de Manobras.

Os *arbitros de terrenos* ou os *moveis* não intervinham senão para se oppôr ás *inverosimilhanças*. O papel essencial delles era informar os executantes sobre os effeitos dos fogos do adversario e sobre o apoio do fogo amigo.

Elles diziam ao executante:

"Vós sois detidos por... até que tenhaes tomado as medidas (ou as provocado) que vos permittam retomar a progressão (destruição ou neutralização dos órgãos de fogo inimigos, ou utilização do terreno).

Depois:

"Em vista das disposições que tomastes, podeis continuar a progressão".

As *decisões arbitraes* eram escriptas e assinaladas, sendo uma copia enviada á Direcção.

O Director só intervinha, quando se fazia necessário para continuar a manobra, com uma *decisão de ordem geral*. Quando se aproximou a phase final, elle transportou seu posto de commando para o ponto onde se desenrolava a acção principal, afim de ficar ao alcance immediato de seus *commandantes de grupo*.

Uma *carta de arbitragem* era mantida em dia, por meio das informações prestadas *todas as horas pelo arbitros*.

A transmissão das informações se fazia, além do telephone e T S F, por meio de motocyclistas, pombos, etc.

O *sistema de arbitragem* empregado parece ter dado bom resultado, pelo menos, não provocou o mau humor dos executantes... *executados*.

E' possivel, porém, melhorá-lo sobre tres pontos:

1.º Libertar os arbitros das estradas, melhorando seus meios de locomoção;

2.º Melhorar as transmissões, formando para cada grupo de arbitros um centro de transmissões;

3.º Fazer a representação dos fogos, sobre tudo automaticos, usando os meios mais simples, *bandeiolas dando a direcção* (2 de cōres differentes) do fogo da arma automatica etc.

■■■■■

"Os direitos adquiridos pelos individuos cessam no momento em que os do Exercito e da Nação começam a ser prejudicados".

*

"A antiguidade é, sem duvida, titulo dos mais respeitaveis, mas não é o mais respeitável dos titulos. Os Exercitos em que se tem concedido demasiada importancia ao principio da antiguidade, têm sido sempre batidos. Aquelles em que o principio do merecimento não se tem subordinado á importancia relativa da antiguidade, têm sido sempre vitoriosos".

De Brack.

Parallelismo na linha de fogo

Pelo 1.^º Ten. OLIVIO BASTOS

Quem passou pelo commando de linha de fogo, sabe quão simples são os problemas que alli se apresentam, e que, apesar disso, muitas vezes os resultados não correspondem as expectativas.

Está regulado que a formação do feixe, isto é, o acordo das direcções das peças de uma bateria deva ser assegurado, antes do tiro, de maneira tão perfeita quanto possível.

Para conseguir um conjunto paralelo, com os quatro tubos podem-se utilizar um dos methodos de collocação em vigilancia: a) visadas reciprocas, b) ponto de pontaria commum e visada na alma.

Esse methodo exigem tempo maior ou menor para o seu emprego. Não ha duvida que o terceiro é o mais exacto, evita os erros dos apparelhos de pontaria e seus supports, mas só é exequivel em demorada preparação.

Os processos a) e b) se applicam mais amiudo, gastam tempo relativamente curto e são as vezes os unicos compativeis com a pressa do commandante da bateria da atirar.

Mas, as baterias de 75 possuem, em geral, um só goniometro, que quasi sempre está com o Capitão; o Tenente de tiro que deve estabelecer o feixe paralelo, não dispõe de ordinario de instrumentos para isso, de modo que o vemos constantemente, valer-se das variantes mais expeditas dos modos de operar indicados, para a primeira orientação em parallelismo que é feita logo após a entrada dos canhões na posição.

Como variantes temos:

1^a visadas reciprocas sobre P₁,

2^a referencias successivas e

3^a pontos de pontaria commum (bia com intervallos regulares).

A 1^a consta do velho regulamento de exercícios, para com ella obter boa solução se aconselha não ter as peças muito proximas (menos de 20 metros) e reiterar as operações.

A 2^a se encontra na I. G. T. A., consiste em tendo P₁, mais ou menos dirigida, na zona de acção, estacionar uma haste (h) no prolongamento do plano de visada Pn P₁, a 50 metros no minimo da bateria, e referir P₁ sobre h; o angulo lido servirá para Pn apontar visando h.

A 3^a é mais rapida que as anteriores e quicá preferivel, o seu mecanismo é assaz conhecido.

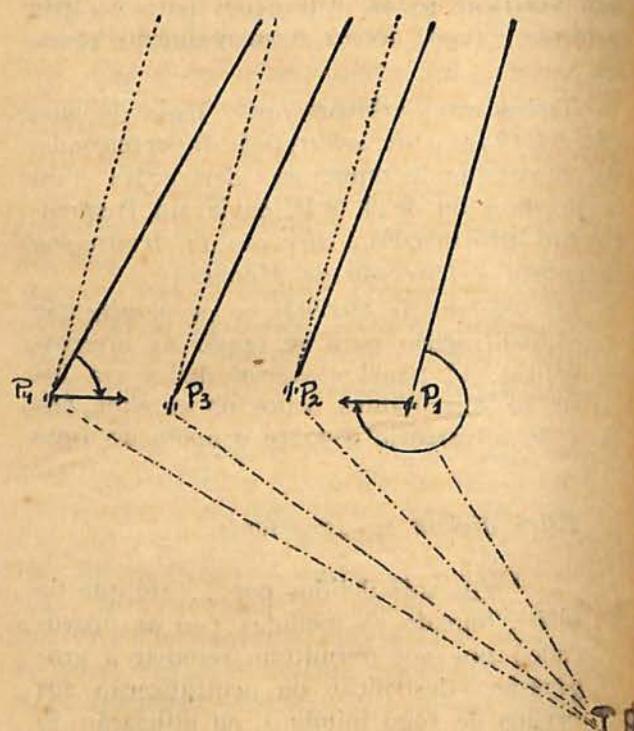
Organizado o feixe é natural que o commandante da linha de fogo o queira verificar, repete seu trabalho ou emprega um processo diferente, de exactidão comparavel ou superior si puder, de modo a fazer sobresair as faltas porventura commettidas, ou mostrar pela concordancia dos resultados a precisão que conseguiu.

Qualquer que seja o methodo utilizado, o Tenente pode fazer um exame do feixe: collocando-se atraç da P₁, tomar na sua direcção um ponto bastante afastado como referencia, conforme a orientação da P₁ avaliar as das outras peças, que depois de verificadas igualmente, permittem ajuizar si elles se cruzam ou não. E' um meio facil, mas não é seguro.

Quando se constitue o feixe paralelo por ponto de pontaria, com escalonamento regular, na falta de um ponto lateral ou sufficentemente distante, o erro maior em que se cae é consequente de enganos praticados na determinação grosseira da parallaxe da frente de secção. Pode-se corrigil-o da maneira seguinte:

Fazem-se referencias reciprocas com as 1^a e 4^a peças que si tiverem as direcções paralelas e bons apparelhos de pontaria, as leituras devem differir de 3200 M (quando os instrumentos são graduados de 0 a 6400), mas comumente não é essa diferença, devido a approximação ou afastamento do plano de tiro da 4^a peça em relação ao da 1^a. A divergência é assinalada no angulo medido pela 4^a peça que indica o erro global no feixe, não levando em conta os dos apparelhos de pontaria, que comportam um estudo especial.

Esse erro será ractificado da seguinte forma: Exemplo,



A gymnastica funcional no apparelho locomotor

(Pelo 1º Ten. Veterinario CASTRO FRETZ)

Baseado no conhecido principio de Lamarck — "a função faz o orgão" — creou-se, em zootechnia, a gymnastica funcional, que nada mais é do que um methodo de desenvolvimento physiologico de um orgão ou um grupo de orgãos.

Tres são as principaes funções physiologicas, ou aptidões economicas, dos animaes domesticos, que melhores se prestam á accão da gymnas' funcional: a digestiva, a muscular e a secreção lactea.

As modificações organicas, que ella produz, obedecem ás leis naturaes, tanto como as modificações que se conseguem pela hybridação e cruzamento.

Ninguem ignora o desenvolvimento que adquire o braço do ferreiro, a perna do dançarino, pelo exercicio constante dos musculos.

Todos nós sabemos que a actividade dos elementos anatomicos é proporcional á propriedade de elaboração dos centros nervosos, bem como, a de transmissão das excitações pelos nervos.

Quanto maior fôr o exercicio que causa um orgão, maior tambem será o trabalho de assimilação ou de reparação dos elementos gastos e é pelo excesso de assimilação que se explica o crescimento anormal de um orgão submettido á gymnastica.

Quando um orgão cansado não tiver elementos nutritivos necessarios ás reparações, tenderá inevitavelmente a se atrophiar.

A "lei das compensações", enunciada por Darwin, explica, ainda, os phenomenos da

gymnastica funcional. Nas flores, o aumento das petalas é devido á diminuição dos stames. Nas frutas, quando o mesocarro aumenta, as sementes diminuem.

A gymnastica funcional do apparelho locomotor applica-se, em geral, aos nossos equideos de cavallaria e de corrida. E' por meio della que se consegue o desenvolvimento maximo dos ossos e dos musculos. O coração e o pulmão adquirem melhor funcionamento e o sistema nervoso torna-se, enfim, mais excitável.

Pela gymnastica funcional, isto é, o aumento gradativo da velocidade das marchas, conseguimos activar a nutrição dos musculos motores e tornar mais intensa a oxygenação do sangue nos pulmões. Por meio della, vae, o animal, ainda, pouco a pouco, se habituando a respirar livremente nas andaduras rápidas. Podemos dizer que a duração do exercicio depende do desenvolvimento gradual da respiração do animal. Assim, o cavallo que tem a respiração curta, é, em via de regra, improprio para a cavallaria e para a corrida.

E' preciso notar, aqui, que os pensos e as massagens servem, da mesma forma, para excitar os nervos (vasos-motores das regiões musculares) fatigados por exercicios prolongados.

As fricções e as massagens activam a corrente sanguínea pelos capillares e eliminam, segundo Ranke, os resíduos que se acumulam nos musculos cansados, desaparecendo, assim, a sensação da fadiga. Eis, ahi, a importancia que têm, em Veterinaria, as massagens, tão despresadas entre nós, pelos nossos tratadores de animaes, que julgam restaurar os musculos cansados de um cavallo, depois do trabalho, com uma ração de milho ou alfafa.

As duchas, nos nossos cavallos do Exercito, depois dos exercicios e marchas penosas, eu as tenho empregado em minha clinica, com optimos resultados. Mesmo em repouso, as duchas e as massagens devem ser empregadas.

Os arabes, desde muito cedo, acostumavam os seus jovens cavallos ás marchas pequenas, fazendo-os montar por meninos, afim de preparal-os, mais tarde, para as grandes

Cdo: 1^a e 4^a peça, referencia reciproca!

1 ^a peça: deriva de referencia	38.57
4 ^a " " "	6.35
32.22	

O feixe está cruzado, 22 M a 4^a peça.

Quando a diferença entre as duas referencias é maior do que 3200 o feixe está cruzado; quando menor, aberto.

Como o escalonamento foi regular (ou nullo) é de suppor que o erro foi tomado 1,2 e 3 vezes para os peças 2^a, 3^a e 4^a respectivamente.

D'onde, $22 \div 3 = 8$ M (app.), é a correção a fazer, dando o signal conveniente.

Cdo: Bateria! deriva, escalar de mais 8!

O fogo na defensiva

Pelo 1.º Ten. NILO GUERREIRO LIMA

Se actualmente toda a questão sobre o campo de batalha é essencialmente um problema de fogo, na defesa do terreno o sucesso repousa, mais do que em qualquer outra acção, na efficacia e na superioridade desse fogo.

Não trataremos aqui da defesa do terreno em paradas de curta duração, verdadeiras pausas da progressão offensiva nas quaes se trata apenas de conservar o terreno conquistado, adoptando-se as disposições necessarias para garantir a sua posse contra qualquer *contra-ataque* ou retorno offensivo do inimigo, mas do caso mais geral, isto é, da defesa de uma Posição organizada com antecedencia e sobre a qual o Commando resolveu deter o ataque inimigo.

Em qualquer caso, porém, "a defesa é o fogo que detém".

Diz o Reg. Francez (2.ª parte) no seu art. 270: "E' sempre pelo fogo que a defesa detém o ataque. Jamais se contra-ataca um inimigo que não esteja immobilizado pelo fogo".

Vejamos, pois, a organização dos fogos na defensiva.

marchas e ás eventualidades das penosas campanhas.

Não só o cavallo, mas o burro, o boi, o camello, o bufalo, podem adquirir, pela gymnastica funcional do apparelho locomotor, por mais pesados que sejam, a celeridade das marchas dos animaes de sella e de corrida.

No Archipelago Indico o zebú é empregado como animal de sella em substituição aos cavallos marchadores. Diz o Dr. Morice, que na Cochinchina, fizeram do boi um excelente trotador, utilizado nos serviços de transportes rápidos.

O camello africano, pelo exercicio funcional, desdobrou-se em dois typos bastante diversos. Ambos sendo da mesma especie — "*Camellus dromedarius*" — um foi applicado ao transporte de carga, ao passo lento. (é o Djemel), enquanto o outro (o Mehari), foi adaptado ao serviço de sella.

Disto resultou que o Mehari adquiriu as pernas longas e secas e o corpo pequeno, comparação esta diametralmente opposta á do Djemel, fazendo marchas no deserto, na razão

FOGOS DE INFANTARIA

1.º) UMA CONCENTRAÇÃO MAXIMA na frente da orla exterior da Posição de Resistencia constituindo uma barreira densa, profunda e continua, afim de quebrar o ataque inimigo e na qual participam todas as armas, no cumprimento de suas missões normaes.

O limite curto dessa barreira de fogos deve ficar no minimo a 200 metros da linha de resistencia. O limite longo poderá variar até um maximo de 1.200 metros sem, contudo, dever ser menor que 500 metros.

2.º) FOGOS NO INTERIOR DA POSIÇÃO: visando impedir que o inimigo tome pé no interior da posição ou explore algum sucesso local. Estes fogos comprehendem:

a) — DIVERSAS BARREIRAS INTERNORES: constituidas pelos orgãos de fogo dos elementos de 2.º escalão e reservados.

b) DIAGONAES DE FOGO: geralmente realizadas pelas Metralhadoras que fazem o flanqueamento afastado (missões eventuaes).

3.º) FOGOS LONGINQUOS: executados

de 8 kilometros por hora, enquanto este faz, em geral, 4 kilometros, no mesmo espaço de tempo.

O cavallo inglez de corrida não é mais do que o producto da gymnastica funcional. A gymnastica alongou-lhe as pernas, e deu-lhe uma garupa horizontal, suspendendo as partes posteriores do coxal.

E' bom dizer, aqui, que a egua britanica escolhida para mãe deste typo não devia ter sido da raça *commum ingleza*. O primeiro cruzamento feito com o "*Darley — Arabian*", deu-se no seculo XVIII; mas, quatro seculos antes, no seculo XIV, já os Normandos haviam ali instituido o "*turf*" para a corrida de cavallos.

A gymnastica funcional tem conquistado, em nossos dias, um logar proeminente entre os providenciaes recursos da zootechnia moderna.

Podemos dizer que ella não é mais do que o complemento de todos os melhoramentos de uma raça.

pelas Metralhadoras Pesadas e em alguns casos pelos canhões 37 e morteiros Stokes para a frente da barreira principal, sobre pontos particularmente importantes (zonas de provável instalação de Observatórios e Bases de fogo inimigos, pontos de passagem obrigatórios, etc.).

4º) FOGOS DE COBERTURA: constituídos pela cortina de fogos dos elementos que constituem o Escalão dos Postos Avançados.

5º) FOGOS CONTRA AVIÕES: entregues vantajosamente ás Metralhadoras reservas das Secções que serão grupadas para este fim, afim das nossas Secções não serem reveladas, e portanto neutralizadas, pelo inimigo na ocasião do ataque.

FOGOS DE ARTILHARIA

Os fogos de Artilharia são empregados para reforçar os fogos da Infantaria e por essa razão elles superpõem a estes, porque se houver uma destruição de órgãos de fogo da Infantaria, isto não acarretará uma brecha aberta na defesa e sim apenas uma diminuição de forças. Com o fim, pois, de manter a continuidade dos fogos de Artilharia nunca serão empregados em juxtaposição aos de Infantaria.

Antes do inimigo desencadear o ataque, a Artilharia pôde fazer TIROS DE INTERDICÇÃO E INQUIETAÇÃO para perturbar o movimento de suas reservas, os seus reabastecimentos e evacuações, difficultando assim o seu mecanismo de vida e *tiros de destruição* sobre os órgãos de Commando inimigos: P. C. e Observatórios.

No momento do ataque, ella poderá executar os seguintes tiros:

1º) — FOGOS DE DETER DEANTE DA POSIÇÃO DE RESISTÊNCIA — desencadeados juntamente com a barreira principal de fogos da Infantaria, a qual reforçam tornando-se assim uma barreira de fogos mixta (Inf. e Art.)

2º) — FOGOS DE DETER NO INTERIOR DA POSIÇÃO DE RESISTÊNCIA.

3º) — FOGOS DE DETER DEANTE OU NOS INTERVALLOS DA POSIÇÃO DE POSTOS AVANÇADOS.

4º) — TIROS EVENTUAES DE APOIO AOS CONTRA-ATAQUES. Esses tres ultimos tiros serão desencadeados por um signal convencionado.

Não falaremos na contra preparação que desencadeada sómente por ordem do Cmt.

da D. I. e de cujo emprego opportuno depende o seu successo.

Sendo, portanto, o fogo o elemento principal de acção da defesa, vejamos agora as idéas básicas que não podem deixar de passar ao "reflexo" no cerebro de cada chefe, sob pena de não se obter desses fogos o seu rendimento maximo. Estas idéas são de um modo geral:

1º) — Determinar pelo seu reconhecimento onde quer fogos (Inf. e Art.), isto é, locar a sua barreira principal, esforçando-se em aproveitar os obstáculos, se existem, ou de creal-os em caso contrario.

2º) — Em função da ossatura de seu plano de fogo, adoptar um dispositivo apropriado, repartindo as missões com seus diversos elementos (missões normaes).

3º) — Precisar as zonas onde precisa de tiros longínquos, determinar as barreiras interiores e as diagonais de fogo (missões eventuais a serem repartidas entre as fracções).

4º) — Os diversos tiros a pedir á Art.

5º) — Fogos de ligação com os vizinhos.

6º) — Fogos com vizinhos com que pôde contar.

7º) — Assegurar o desencadeamento instantâneo e seguro da sua barreira principal. Para isto é preciso:

a) Assegurar a observação, a ligação e as transmissões.

b) Código de signaes para o desencadeamento dos fogos de dia e de noite.

c) Preparação e amarração dos tiros.

d) Assegurar o remuniciamento.

e) Consignes de tiro (regime, consumo, duração dos tiros, como cessam, etc.).

f) tratar das medidas de protecção do pessoal e material.

8º) — Completar, nos maiores detalhes, a rede de fogos no interior da posição.

9º) — Compartimentar o terreno pelas suas linhas naturaes, dando limites bem nítidos ás suas unidades.

10º) — Jamais esquecer que é sempre o terreno quem commanda o emprego dos órgãos de fogo.

11º) — Obedecer a regra: em cada compartimento uma mesma unidade e um único chefe.

12º) — Lembrar-se que o maior rendimento das Metralhadoras Pesadas e Leves é obtido pelo seu emprego em flanqueamento.

Baseado nestas idéas, o Chefe toma a sua decisão, que nada mais é do que a combinação que pretende realizar com meios de fogos diversos dotados de propriedades diferentes,

Subsídios para os Quadros de reserva

SEÇÃO DE ENGENHARIA

PELO MAJOR A. PAMPHIRO

IX

Continuando o estudo da organização defensiva e do papel que em a mesma cada arma desempenha, vamos hoje ver como nestas condições actúa a ARTILHARIA.

Vimos em os nossos artigos anteriores que "O plano de defesa é o documento de que se serve o chefe para fazer conhecer o modo porque entende conduzir a batalha defensiva e os meios que conta empregar para tal fim" (R. O. T. — Cap. I — 1^a Parte).

O plano de defesa traduz portanto a maneira como o chefe vai empregar os seus recursos em tropa e material, casando-os com o terreno, arma poderosa posta em suas mãos, com o fim de anniquilar o inimigo.

O plano de defesa exige assim um — Plano de organização defensiva — em o qual se establece minuciosamente as varias obras e compartimentos a executar no terreno, bem como o emprego da tropa. Tudo isto visa — aproveitar o terreno para crear toda a sorte de dificuldades possíveis ao accesso do inimigo ás posições e á sua progressão ulterior em seu interior, enquanto que abrigando o defensor lhe permitte um optimo emprego de suas armas de fogo.

Formar á frente da posição uma barreira de fogo intransponivel ao inimigo — eis um dos objectivos sínão o principal, a attingir.

Tal se consegue com a organização minuciosa dos:

- Plano de fogo da infantaria.
- Plano de emprego da artilharia.

Já sabemos em que consiste o primeiro, faltava-nos algo dizer sobre o segundo. Não vamos aliás dizer aqui como se organiza um plano

afim de tirar delles o maximo de efficacia. A organização da defesa é, pois, antes de tudo, uma organização de fogos.

O chefe expressa a sua idéa de manobra, elaborando o seu plano de fogo. Essa organização acarreta para o dispositivo um sistema de fogos em profundidade que offerece as seguintes vantagens:

- a) diminue a vulnerabilidade do dispositivo;
- b) facilita o fogo dos contra-ataques;
- c) assegura a continuidade das barreiras interiores;
- d) permite um "fogo generalizado", fornecido pelas armas de 1º escalão e um "fogo de manobra" conservado na mão do chefe e fornecido pelas armas de 2º escalão.

de emprego da Artilharia; tal assumpto foge aos limites naturaes desta secção. Temos em vista apenas dar uma idéa de como age a Artilharia, com seus fogos, de forma a quebrar o dispositivo do inimigo, quer antes do ataque, quer no momento em que elle se desencadeia.

No que vae seguir adoptamos a orientação do Coronel Tréguier, um dos mestres no assumpto, autor do bem reputado livro "O que deve a Infantaria conhecer da Artilharia". De um modo geral compete á Artilharia na defensiva:

- 1º — Impedir a preparação e desencadeamento do ataque;
- 2º — Desencadeado um ataque impedir o seu proseguimento.

A execução do primeiro desideratum importa no estabelecimento das seguintes missões preventivas:

- 1º — Destruição e contrabateria.
- 2º — Interdição.
- 3º — Contra-preparação propriamente dita.

As duas primeiras missões são desempenhadas no geral dias antes do ataque. Pela primeira a artilharia bate os locaes onde a observação revelar a presença de baterias inimigas, depositos de munições, etc. E' bem provavel que, em se tratando de um ataque de grande envergadura, o inimigo dias antes de desencadeal-o procure si não ocupar as posições das baterias, pelo menos approximar-se dellas e bem assim em tais pontos organizar os seus depositos de munições. E' no intuito de impedir tal acção que a artilharia de defesa fará os seus fogos de contrabateria e destruição de depositos de munições.

Por outro lado a execução de um ataque exige para o defensor a approximação de tropas e recursos de toda a ordem (munições, víveres, ambulancias, etc.) muito antes do dia

Concluâmos, pois: — A preocupação de todo chefe na defesa, é:

1.º) Desencadear os seus fogos no momento e no ponto desejado em função da progressão do inimigo.

2.º) Assegurar a este fogo uma densidade suficiente em todas as partes da frente

3.º) Evitar que o fogo da defesa jamais possa ser neutralizado pelo fogo do assaltante.

A defensiva corresponde a uma manobra de fogos. Como o terreno commanda sempre o emprego dos orgãos de fogo, podemos considerar meios essenciaes dessa manobra o terreno e os fogos.

O movimento intervém apenas nos contra-ataques, isto é, quando o fogo não mais satisfaz o seu papel.

aprazado. Tal approximação se fará fatalmente por certos e determinados caminhos. Taes caminhos apresentarão pontos particularmente notaveis por serem portos de passagem obrigada, como — pontes, encruzilhadas, desfiladeiros, etc.

Compete então á Artilharia da defesa impedir ou pelo menos difficultar a passagem nestes pontos das tropas e comboios inimigos. Tal a missão de — interdição — que lhe é imposta.

Bem se pôde comprehender entretanto que estas acções longinquas poderão quando muito retardar, mas nunca impedir a preparação de um ataque inimigo e chega finalmente o dia do seu desencadeamento.

Nossos agentes e órgãos de observação de nunciam ao Commando a iminencia do ataque, revelado por um movimento mais intenso de tropas, tomada de posição por baterias etc. Urge então uma attenção toda particular para desencadear por toda a Artilharia um fog. lento, que, no momento em que as primeiras tropas inimigas sahiam de sua base de partida, envolva em uma chuva de aço, não só as tropas de assalto, como os observatorios, P. C., locaes de reuniões de tropas de reforço, etc. Isto é — a contra-preparação visa fazer abortar o ataque inimigo. E coisa notavel, muito embora o inimigo faça preceder algumas vezes a hora H de uma violenta preparação, cumpre a artilharia da defesa não contrabater a artilharia do ataque, mas sim concentrar todos os seus fogos sobre a Infantaria inimiga, órgãos de commando e observatorio, visando impedir-lhe o surto do ataque.

Si tal não consegue entra então a artilharia da defesa na execução da segunda missão geral — FOGOS DE DETER.

Estes fogos, como aliás os primeiros são preparados cuidadosamente, quando se organiza o plano de defesa.

Para sua execução efficiente exige-se um perfeito consorcio entre elles e os da Infantaria.

Neste particular a artilharia vem com seus fogos bater aquellas zonas obrigatorias de progressão do inimigo, que o não podem ser ou o são incompletamente batidas pelas armas automaticas da Infantaria.

Isto é, a artilharia vem completar e reforçar a barreira de fogo que a Infantaria oferece á frente de suas posições, tudo visando impedir o proseguimento do ataque, que a contra-preparação não conseguiu fazer abortar.

Esses fogos de deter se apresentam sobre a fórmula de barragens ou concentrações de fogos em pontos particularmente notaveis da frente a defender.

Para a sua execução é necessário uma intima ligação entre a Infantaria e a Artilharia; por isto fracções desta (grupamento de apoio directos) são destacadas para operar em ligação com fracções daquella.

Entretanto ao par da missão de deter, desempenhada por grupamento especialmente a ella destinada, outras missões ha, chamadas — missões de conjunto, — desempenhadas por outros grupamentos:

contra-baterias, interdições, enjaulamento, etc.

Em resumo compete á Artilharia:

1º — Impedir o desencadear de um ataque (contra-preparação).

2º — Impedir o proseguimento do ataque (missão de deter).

3º — Auxiliar a execução dos contra-ataques.

Neste ultimo caso actua como o faz na ofensiva.

X

TRINCHEIRA E SAPA. COMMUNICAÇÕES ENTERRADAS

Ao iniciar esta secção um unico desejo nos animava: fornecer aos quadros da reserva noções succintas de organização do terreno, dár-lhes uma idéa do que vem a ser um terreno organizado defensivamente e como se procede para tal conseguir.

Tendo em mira tal objectivo não organizamos préviamente um programma, antes resolvemos adoptar um já organizado e officializado, procurando apenas desenvolvê-lo e adaptá-lo melhor ao caso dos quadros da reserva. Foi assim pensando que tomamos por programma a sériação contida no nosso R. O. T. e temos vindo explanando os seus assumptos. Ha nisto grande vantagem: divulgamos os conhecimentos essenciais da organização do terreno sem nos afastarmos da doutrina adoptada.

Assim é que continuando a respigar o Capítulo III — Definições — do Titulo II de R. O. T. 1ª Parte, cabe-nos agora tratar dos assumptos cujos nomes servem de título ao nosso artigo X.

Diz o R. O. T. — "Denomina-se trincheira um fosso organizado para o tiro; sapa, um fosso escavado para permitir a circulação ao abrigo das vistas e, tanto quanto possível dos tiros do inimigo.

A organização de um grupo de combate reclama, pois, uma parte de trincheiras e outra de sapas; é desnecessario crear trincheiras fora dos locaes de tiro dos grupos de combate e das metralhadoras".

De um modo geral — trincheira é o lugar onde se combate; sapa um lugar por onde se caminha abrigado.

A instalação de um G. C. exige — trincheira para o F. M. e seus muniçadores; trincheiras para os volteadores; situados de tal forma que flanqueiem e protejam o F. M. sapas para ligar entre si as trincheiras anteriores.

Com relação ás comunicações enterradas diz o R. O. T. "As comunicações enterradas têm por fim permitir a circulação, convenientemente abrigada, dos diversos elementos da defesa; em principio, são feitas em sapa, e denominam-se PARALELAS, quando asseguram as comunicações paralelas á frente;

Normaes, quando protegem as comunicações perpendiculares á frente.

E' normal, para facilitar as ordens e informações, dar ás paralelas as denominações seguintes:

"Paralela de vigilancia" — A que liga os órgãos de vigilancia;

"Paralela principal" — A que liga os

órgãos de fogo da linha exterior da posição; "Paralelas de apoio". As paralelas sucessivas que ligam no interior da posição, os diversos órgãos de fogo. A ultima dellas (algumas vezes chamada parallela dos reductos) apresenta importancia particular, porque constitue a ultima organização que permite á defesa man-

ter-se na posição e conservar a possibilidade de desencadear um contra-ataque de conjunto.

Convém lembrar que o traçado das paralelas, simples órgãos de comunicação, é independente do traçado dos obstáculos, e que o que principalmente tem importancia é a collocação dos órgãos de fogo".

PRINCIPIOS E IDÉAS GERAES QUE REGEM OS PROCESSOS DE COMBATE DA INFANTARIA (Notas para os alumnos do C. A. O. R.)

PELO CAP. TRISTÃO ARARIPE

Antes de tratar propriamente do combate da Infantaria é util indicar os principios e idéas geraes immutaveis e que regem os processos de execução do combate. Estes processos, ao contrario dos principios, são constantemente variaveis com os aperfeiçoamentos do material, a qualidate da tropa, o meio, etc.

PRINCIPIOS E IDÉAS	A SURPRESA E A SEGURANÇA	
	Acção e plenitude do fogo	
	Coordenação do fogo e movimento	
	Profundidade do dispositivo que assegure a continuidade do esforço	
	Profundidade do dispositivo para permitir a manobra (fogo e movimento)	
	A MANOBRA	
	A DISPERSÃO	
	O TERRENO	
	A NOITE, A NEBLINA E OS GAZES	

Característica Meios de obtel-a	A SURPRESA E A SEGURANÇA	
	Agente de desmoralização e de desordem, a empregar contra o inimigo e a evitar para nós.	
	Proporciona, para quem a realiza, vantagens que compensam a inferioridade de material e pessoal.	
	Rapidez de execução	
	Segredo dos preparativos	
	Concentração forte de meios revelada inopinadamente	
Como realizar o segredo	A MANOBRA	
	Disciplina do segredo	
	Precauções e astucia contra os meios de informações e principalmente espionagem do inimigo.	
Como se evita a surpresa	Pela segurança (protecção da tropa e liberdade de acção do commando	
	Pelo serviço de informações	

Característica	A MANOBRA	
	Economia de meios empregados	
	Combinação de esforços para attingir determinado objectivo. Na Infantaria, ella é principalmente manobra de fogos, com o fim de realizar sempre fogos cada vez mais poderosos, mais efficazes e mais decisivos.	
	O movimento é inicialmente mais um meio de realizar a manobra de fogos do que um meio de acção da Infantaria. Porém no assalto, no choque final elle surge como meio de acção decisivo.	
	No combate offensivo a manobra tem por fim permittir a progressão mesmo contra a vontade do inimigo.	
	No combate defensivo tem por fim impedir a progressão do inimigo.	

ACÇÃO E PLENITUDE DO FOGO

- Caracteristica { A Infantaria ataca protegida e flanqueada por toda especie de projectis de todos os calibres.
No campo de batalha o fogo é omnipotente.
 A potencia do fogo da Infantaria resulta da potencia do fogo de suas armas automaticas.
- Como realizar a plenitude de fogo { Cada unidade empregará na sua zona de acção o maximo de orgãos de fogo (em principio armas automaticas) de que poderá dispor.
- Como a efficacia de cada arma automatica só tem valor apreciavel até uma frente de acção limitada (50 ms. para cada arma automatica no ataque), é imperioso que cada unidade tenha zonas de acção limitadas, para que ahi produzam uma potencia de fogo real e capaz de dominar o fogo adverso.

COORDENAÇÃO DO FOGO E MOVIMENTO

- Como se b- tém a coordenação { Para que se realize o deslocamento dos orgãos de fogo para novas posições de fogo é preciso que haja *permanencia de fogos*, durante os deslocamentos. Essa permanencia é obtida alternando o tiro de um orgão com o movimento de um outro ou fazendo atirar durante maior tempo orgãos que se deslocam com menos frequencia (metralhadoras, petrechos, artilharia).
 Essa coordenação deve ser prevista e preparada com antecedencia e em todos os pormenores.

PROFOUNDIDADE DO DISPOSITIVO QUE ASSEGURE A CONTINUIDADE DO ESFORÇO

- Vantagem { Com elementos collocados em segundo escalão o comandante da unidade poderá substituir os elementos destruidos do primeiro e concentrar com mais facilidade os fogos sobre um determinado ponto da frente inimiga.

PROFOUNDIDADE DO DISPOSITIVO PARA PERMITTIR A MANOBRA (FOGO E MOVIMENTO)

- Vantagem { Os elementos em 2º e 3º escalões, não empenhados, podem ser utilizados:
 para continuar a progressão em direcção onde o fogo inimigo é menos intenso ou não existe;
 para corrigir um desvio de direcção dos elementos de primeiro escalão;
 para executar um contra-ataque, na defensiva, etc., isto é, são reservas, com que o chefe conta para fazer sentir sua vontade durante o desenrolar da luta.

A DISPERSÃO

- Vantagem { A tropa se apresenta no campo de acção bastante disseminada, e nunca em ordem unida. A dispersão diminui a vulnerabilidade, dificulta a observação inimiga e facilita o emprego das armas automaticas.
 Na offensiva, a formação tipo é a pequena columna (por 2 ou por 1) separada por largo intervallo da vizinha.
 Na defensiva também ella se caracteriza por pequenos grupos reunidos em torno de uma arma automatica.

O TERRENO

- Limite Sua acção { O terreno influe sobre a escolha das zonas de ataque ou de defesa.
 Favorece de modo desigual o ataque e a defesa e as vantagens que oferece em cada caso contribuem para o exito na medida da forma porque foi utilizado ou organizado.
 E' limitada pela necessidade de commando, de ligação e de fogo.

A NOITE, A NEBLINA E OS GAZES

- Sua acção { A diminuição de visão dificulta o tiro, o movimento e a ligação em todas as tres situações, de modo que os processos empregados durante o dia sofram ligeira modificação.

B I B L I O G R A P H I A

R E V I S T A S

Recebemos e agradecemos:

A) NACIONAES

Liga Maritima Brasileira (n. 258 de Dezembro ultimo).

Do sumario: — A situação economica e financeira do Brasil — Elementos de Hygiene Militar — Para salvar os submarinos — Aproveitamento das ondas do mar como força motriz.

A bandeira (n. 14 de Janeiro).

Do sumario: — Perfil de Floriano — Liberalismo triumphante.

Moeda e Credito (n. 12 de Dezembro de 1928 e n. 1 de Janeiro de 1929).

Dos sumarios: — Politica Rodoviaria — Projecto de um Banco Nacional — Cooperativismo — Rendas Federaes — Produção Agrícola do Rio Grande do Sul de 1927-28 — O gado no Rio Grande — A prosperidade da Argentina — População do Rio de Janeiro em 1927 — O saldo orçamentario.

Boletim do Museu Nacional (n. 3 — VIV — Setembro).

Do sumario: — Os Etruscos na America — L'Antropologie (Paul Rivet).

B) — ESTRANGEIRAS

PERU'

Revista del Circulo Militar del Perú (ns. 8, 9, 10 e 11 de 1928).

Do sumario: — A Batalha do Marne — A Arma Chimica — Nossa rede de estradas e a defesa Nacional — A aviação na guerra de Montanha — As grandes manobras aereas de Paris — Emprego do canhão de 75 como canhão de acompanhamento — As manobras alemanas de 1927 — Ligeiro commentario sobre a ampliação das sociedades mutualistas das forças armadas do Peru.

PORUGAL

Revista Militar (ns. 11 e 12 de 1928).

A política naval na época presente e os pactos contra a guerra — A situação da China — Os caminhos de ferro na Grande Guerra — A regulamentação da Educação Physica no Exercito — Carros de Combate.

MEXICO

El Intendente (ns. 10 e 11 de 1928).

Dos sumarios: — Praticas sobre o sistema decimal applicada aos archivos — A America e a Guerra Mundial.

Revista del Ejercito y de la Marina (n. 10).

Do sumario: — A responsabilidade de Tannenberg — O E. M. antes da Batalha — O novo Regulamento Francez de Infantaria — Organização da Artilharia.

El soldado (n. 10 de 1928).

“PROPHYL”

de SILVA ARAUJO

DEFEZA EFFICAZ CONTRA AS DOENÇAS VENEREAS

O Prophyl representa para grande parte da nossa juventude, uma verdadeira salvação preservando-a de terríveis enfermidades que podem ser evitadas, com incalculaveis beneficios para o individuo, a familia e a sociedade. Eis porque não hesitamos em propagar sua efficacia, certos de fazermos propaganda benemerita, saudavel e humanitaria.

Os medicos, principalmente, na sua faina de protectores da saúde, receberão o Prophyl com a sympathia que deve merecer, recomendando-o sempre como um seguro preventivo contra molestias venereas.

BEXIGA-RINS
ACIDO URICO-RHEUMATISM
ARTHITISMO
BI-UROL
SILVA ARAUJO

Educação do soldado — Porque quero ser militar.

HESPAÑHA

Le Guerra y su Preparacion (ns. 3 e 4 de 1928).

Do sumário: — O recrutamento em França — Os transportes automoveis na Guerra — A estandardização do material sanitario.

Revista de las Hespanhas (n. 26 de 1928).

Do sumário: — Evolução e crises da doutrina de Monroe — O ideal da paz e o

Memorial Infantaria (n. 203 de 1928 — Toledo)

Do sumário: — A solução do problema de renunciamento da infantaria — Orientação geral sobre a instrucção do pessoal de transmissões dos cargos.

BELGICA

La Conquête de l'Air (n. 12 de 1928 e n. 1 de 1929).

Dos sumários: — A aviação em 1928 — O material da aviação militar — A cooperação nacional entre os differentes meios de transporte.

FRANÇA

Revue de Cavalerie (ns. de Novembro e Dezembro de 1928 — 4ª Série).

A acção retardadora da Cavalaria — Uma opinião allemã sobre a motorização da cavalaria.

La Revue Nautique (n. de Dezembro de 1928).

Do sumário: A agitação do mar.

CHILE

Memorial del Ejercito del Chile (n. de Dezembro de 1928).

Do sumário: — A Cavalaria Franceza na Guerra Mundial — Estabelecimento do Plano de Operações — A Escola de West Point.

BOLIVIA

Revista Militar (ns. 83 e 84 de 1928).

Do sumário: — A Radiogonometria — A importancia das operações da cavalaria.

COLOMBIA

Revista Militar del Ejercito (n. 195 de 1928).

Do sumário: — A infantaria — O cavalo de sella.

Curem-se pela Homœopathia, fazendo uso dos nossos afamados específicos

Antipapyrus — o melhor, o mais poderoso remédio para curar a gripe — um vidro 2\$000.

Antiferinus — Cura Coqueluche em 15 dias e preserva as creanças desse mal — 1 vidro 2\$000.

Angusturium — o grande remédio das infecções intestinais de carácter grave — 1 vidro 2\$000.

Arsenico Iodado Composto — O melhor e o maior fortificante da homœopathia — 1 vidro 3\$000.

Vitirus — Cura as tosses e as bronchites — vidro 2\$000.

Cardusmajus — Poderoso remédio para curar as doenças do fígado — 1 vidro 2\$000.

Cepyl — Cura o corysa, os resfriados — 1 vidro 2\$000.

Purgina — Ideal combinação contra a prisão de ventre — 1 vidro 2\$000.

Selurius — Cura diarréias das creanças e dos adultos — 1 vidro 2\$000.

Phosphorina — **Faria** — O melhor remédio para as creanças. Facilita a dentição — 1 vidro 3\$000.

Rhus composto — Cura o rheumatismo — 1 vidro 2\$000.

Matifolium — Indicado nas doenças do estômago — azia, dyspepsia, gastralgia — vidro 3\$000.

Ourenbenzol — Contra a syphilis e suas manifestações — um vidro em tablettes 5\$000.

Urinaco — Poderoso medicamento para combater o ácido urico, as affecções dos rins e da bexiga, o artritismo e o rheumatismo — vidro em tablettes 3\$000.

Creme Medicinal de Hamamelis — Preparação científica para o embellecimento da pele, sem substância gordurosa, indicado nas espinhas, rugas, pannos e manchas de pele. Pote pequeno 4\$000 — grande 7\$000.

Sabonete de Hamamelis — um 2\$000 — duzia 20\$000.

Guia de Medicina Homœopathica do Dr. Nilo Cairo

A maior parte destes remédios existe também em globulos.

Enviamos pelo correio qualquer medicamento, mediante a remessa da importância por vale postal.

Locião Curativa de Hamamelis — Feridas, doenças da pele, queda dos cabellos, etc. — Vidro 4\$500.

CORTONICO — Indicado nas doenças do coração — Vidro 5\$000.

Hemœovermil — A mais completa e inofensiva preparação, contra todas as variedades de vermes, oxiuros, ascaridas, necator e outros. — 1 vidro em tablettes, 4\$000 — Duzia 45\$000.

DE FARIA & C.

R. S. José, 75 — Tel. C. 2247 — C. Postal 2564 — Rio de Janeiro.

S. SALVADOR

Revista del Círculo Militar (n. de Maio—Junho de 1928). R

Do sumário — Os estudos do Alto Comando.

EQUADOR

El Ejercito Nacional (n. 41 de 1928).

El Servicio Geographico Militar.

URUGUAY

Revista Militar y Naval (n. 100 de 1928).

Do sumário: — O problema da aeronautica em nosso paiz — A descarga de um fuzil photographada.

LIVROS E FOLHETOS

Poul la Vérité — por Seinon Planas Suarez Caracas — Litrographia e Typographia Vargas 1927.

Recebemos e agradecemos.

A Imperatriz Leopoldina — por Amilcar Salgado dos Santos.

Recebemos e agradecemos este interessante trabalho sobre a 1^a Imperatriz do Brasil a jovem princesa austriaca que tão bem soube fazer-se brasileira e que tão fortemente contribuiu, com seus meritos de mulher intelligente e culta e de esposa exemplar, para nossa emancipação politica.

A EQUITATIVA

offerece as melhores condições para seguro de vida — Liquidações rapidas — Liquidações em vida do segurado — Sorteios trimestraes em dinheiro

ASSEGURE O FUTURO DOS SEUS, SEGURANDO A VIDA NA

A EQUITATIVA

SÉDE:

Avenida Rio Branco, 125

EDIFÍCIO PRÓPRIO

Agencias em todos os estados do Brasil

Companhia Paulista de Material Electrico

FABRICA "VOLT-AMPÉRE"

Teleph. C. 3682.

End. Teleg. "Eletrorio"

Rio de Janeiro

MATRIZ: RUA SÃO JOSÉ, 74 / 76

Importadores em grande escala de material electrico em geral.

Fabricantes de fios e cabos nus e isolados, chaves-facais, para-raios, bobinas de self, transformadores e diversos.

ENCARREGAM-SE DE ORÇAMENTOS E INSTALAÇÕES DE LUZ E FORÇA

PREÇOS UNICOS

Representantes em todos os Estados do Paiz. Filial em Juiz de Fora — Rua Halfeld, 365
Agentes em Belo Horizonte — Moreira & Cia, em São Paulo — Soc. Tech. "Bremensis" Lta.

EXPEDIENTE

"A' Direcção de A DEFESA NACIONAL cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos Estatutos.)

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção preparamos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á colaboração, sugestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importâncias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazel-o ao *Director*.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

1) As guias de remessa da revista devem ser devolvidas como signal de que foi recebida a expedição. N'elas deverão vir anotadas as alterações sobre os assignantes.

2) Pede-se aos Srs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da séde da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferencia devem propor um official, para substitui-lo definitivamente na representação.

AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados colaboradores o seguinte:

- apresentar os originaes sempre legíveis e se possível dactylographados;
- só escrever em uma das páginas das folhas do papel que utilizem;

— se se tratar de assumpto technico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais *regras prescriptas pelo R. S. C.* (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Fazemos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes têm que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos tóca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresentá-los em condições.

ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000
Avulso	2\$000

Permanecem em vigor as reduções para alunos da E. M. e Sargentos. (5\$000 por semestre).

As assignaturas terminam nos meses de Junho e Dezembro, podendo ser iniciadas em qualquer época; neste caso o assignante pagará os meses restantes do semestre a razão de 1\$500 por mez.

Os pedidos de numeros atrasados devem ser acompanhados da importância respectiva, isto é, 2\$000 por exemplar. (Preço de venda avulsa).

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Os annuncios e quaequer outras publicações pagas, tratam-se com o Director de Publicidade: *Odilon de Queiros Jucá*.

Telephone: Norte 5818.

Toda a correspondencia para a Caixa Postal 1602 ou rua do Ouvidor 164.

ATTENÇÃO!

Para evitar faltas que inúmeras vezes nos têm sido reclamadas, pedimos tanto aos *nossos representantes* como aos *nossos assignantes* não olvidarem de nos comunicar sempre oportunamente as mudanças de endereço.

Tal participação deve ser feita ao Gerente.

A dupla comunicação minora as possibilidades de esquecimento e serve de controle.

Conforme havemos verificado a quasi totalidade das faltas na remessa tem fundamento no facto do assignante haver mudado de endereço sem que a Gerença tenha tido conhecimento.

Soares de Sampaio & Cia. Ltd.

Avenida Rio Branco n. 63 - 2^o and.

Rio de Janeiro

Teleg. — GUIRIRY

Teleph. { N. 7971
N. 5559

REPRESENTANTES NA EUROPA:

Sté. Anón, Soares de Sampaio & Cie.

4, Rue Pasquier — PARIS

**Material fixo e rodante para
Estradas de Ferro**

P O N T E S

Estructuras Metálicas

TUBOS PARA AGUA -- GAZ -- ESGOTOS

CONSTRUCCÕES NAVAES

Carga - Passageiros

NAVIOS DE GUERRA